

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



CORRESPONDÊNCIA POLÍTICA

**MANUEL ALFREDO TITO DE MORAIS E
FRANCISCO RAMOS DA COSTA (1962-1965)**

LUÍS GONÇALO GOMES RODRIGUES

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Carlos
Guardado da Silva, especialmente elaborada para a
obtenção do grau de Mestre em Ciências da
Documentação e Informação

2024

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



CORRESPONDÊNCIA POLÍTICA

**MANUEL ALFREDO TITO DE MORAIS E
FRANCISCO RAMOS DA COSTA (1962-1965)**

LUÍS GONÇALO GOMES RODRIGUES

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Carlos
Guardado da Silva, especialmente elaborada para a
obtenção do grau de Mestre em Ciências da
Documentação e Informação

2024

FICHA TÉCNICA

Modalidade do trabalho: Dissertação de Mestrado

Título: Correspondência Política. Manuel Alfredo Tito de Moraes e Francisco Ramos da Costa (1962-1965)

Autor: Luís Gonçalo Gomes Rodrigues

Orientador: Professor Doutor Carlos Guardado da Silva

Identificação do curso: Mestrado em Ciências da Documentação e Informação

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ano: 2024

N.º de páginas: 311

Esta comunicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UIDB/00019/2020

RESUMO

Durante o período da ditadura do Estado Novo implementada em Portugal, várias foram as redes de resistência que, de forma clandestina, fizeram oposição ao regime ditatorial português. Tendo em conta a pertinência de encontrar novas fontes de memórias para diversificar os instrumentos de análise da Revolução de Abril, este trabalho incide sobre a correspondência epistolar trocada entre Manuel Alfredo Tito de Morais e Francisco Ramos da Costa, dois dos fundadores do Partido Socialista. Partindo da questão *Como Organizar e Representar a Correspondência trocada entre Manuel Alfredo Tito de Morais e Francisco Ramos da Costa tendo em vista a sua edição?*, esta investigação debruçou-se, utilizando a investigação documental (e a análise de conteúdo que decorre deste método), no estudo da escrita de cartas e o seu papel na organização política, bem como na sua função relativa à construção de memória. De modo a organizar e representar a correspondência de forma criteriosa, foi desenvolvido um procedimento metodológico próprio (seguido nesta investigação) baseado na análise crítica de obras já publicadas e que pretende ser uma proposta de Organização de Edições de Correspondência para trabalhos seguintes na área da Epistolografia. Na sequência deste estudo, são de notar os progressos feitos na obtenção de resultados derivados do desenvolvimento de uma proposta metodológica própria de organização de correspondência que, por sua vez, contribui para uma análise da escrita enquanto construção de memória(s), tendo por base a informação recolhida para a revisão da literatura.

PALAVRAS-CHAVE

Epistolografia; Manuel Alfredo Tito de Morais; Francisco Ramos da Costa; Memória; Organização e Representação da Informação; Acção Socialista Portuguesa; Partido Socialista

Abstract:

During the epoch of the dictatorship of Estado Novo implemented in Portugal, various clandestine resistance webs opposed the Portuguese dictatorial regime. Taking into account the pertinence of finding new resources of memories to diversify the analysis instruments of Abril's Revolution, this master's dissertation focuses on the epistolary correspondence exchanged between Manuel Alfredo Tito de Morais and Francisco Ramos da Costa, two of the founders of the Portuguese Socialist Party. Based on the question How to Organize and Represent the Correspondence exchanged between Manuel Alfredo Tito de Morais and Francisco Ramos da Costa with the purpose of its edition?, this research focuses, on using the documentary analysis (and the analysis content that derives from this method), on the study of letter writing and its role on political organization, as well as on its function in the construction of memory. To organize and represent the correspondence with criteria, this study developed a new methodological procedure (followed in this research) based on the critical analysis of published works that aims to be a proposal for the Organization of Correspondence Editions for works in the area of Epistolography. In the sequence of this study, the progress derived from the development of a new methodological procedure to organize correspondence contributed to an analysis of writing as memory construction, based on the information retrieved for the state of the art.

KEYWORDS

Epistolography; Manuel Alfredo Tito de Morais; Francisco Ramos da Costa; Memory; Organization and Representation of Information; Acção Socialista Portuguesa; Partido Socialista

DEDICATÓRIA

“Nenhuma ideia de pertencer a um todo apagaria a ideia de pertencer a mim mesmo”

- Afonso Reis Cabral

“Pontas soltas, isso é comigo
E por isso queres também ser assim
Pontas soltas, isso é comigo
P’ra estragar um disco tenho-me a mim”

- Tomás Wallenstein, Capitão Fausto

Para os meus pais,
Que deram tudo de si para que eu pudesse dar tudo de mim

AGRADECIMENTOS

Todo o percurso que culminou na realização deste estudo foi apenas possível devido à ajuda de algumas pessoas e Instituições. Começo por agradecer, desde já, ao Professor Doutor Carlos Guardado da Silva, orientador desta dissertação final, que me lançou este desafio num momento em que precisei da motivação certa para continuar. Pela generosa partilha de conhecimento, por me ter ensinado o ofício da investigação académica e por me ter mostrado que um investigador é muito mais do que alguém que está sentado numa secretária por si só. Aprendi, com o Professor, que a Academia é também feita de muito trabalho de equipa e confiança nas pessoas que nos auxiliam, recordando sempre que a boa disposição, o bom humor e as brincadeiras saudáveis são aquilo que cria laços entre colegas e amigos. Foi, para mim, um autêntico Mestre.

Agradeço ainda à Associação Tito de Morais na pessoa do seu Presidente, o Engenheiro Manuel Tito de Morais. A sua disponibilidade e vontade de contribuir para este trabalho foram decisivas para o resultado final e para todos os trabalhos que decorreram dos materiais disponibilizados. Esta colaboração foi mais um exemplo de como a sociedade civil e a Academia, juntas, podem contribuir para o avanço científico da sociedade no geral.

Tenho ainda de prestar tributo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É a minha casa académica há já alguns anos e foi a base de vários projetos que empreendi na Faculdade. Aqui conheci a minha companheira, os meus melhores amigos e Professores que ficarão para sempre na minha memória pelo exemplo que deram dentro e fora da sala de aula. A FLUL mudou a minha vida e estarei para sempre grato.

Deixo ainda uma palavra de muito apreço ao Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa na pessoa do seu Diretor, o Professor Doutor Rodrigo Furtado, de quem tive o prazer de ser aluno e aprender, para além da matéria, o rigor, a dedicação e a entrega que são necessárias para fazer parte da Universidade de Lisboa. Agradeço também pela bolsa de investigação que o Centro disponibilizou – foi indispensável para o trabalho desenvolvido. Estendo, ainda, neste âmbito, o meu agradecimento à Fundação para a Ciência e Tecnologia, instituição sem a qual esta bolsa não existiria. O investimento na Ciência constitui parte fulcral numa sociedade que se

quer virada para o conhecimento e o apoio aos investigadores faz parte desta missão coletiva.

Aos meus amigos João e Afonso deixo aqui uma nota de muito apreço e um caloroso obrigado pelos momentos de descontração, pelos passeios, almoços, jantares, pelas trocas de ideias e preocupações. Crescemos juntos.

À minha companheira de todas as horas, a Júlia, que sempre me apoiou em tudo – nesta dissertação, mas também nas crónicas que fui escrevendo para jornais, nos projetos que fui aceitando e desenvolvendo, na vida em geral. Nos momentos mais difíceis, não me deixou quebrar. Deu-me tudo sem pedir nada em troca. Ensinou-me tanto, por vezes sem sequer se aperceber, e mostrou-me como se constrói uma casa. O seu amor foi uma força luminosa.

Não podia deixar de mencionar os meus padrinhos e deixar aqui um registo de profunda gratidão. Desde pequeno, habituei-me à sua tremenda generosidade em todos os níveis. Levo comigo todos os momentos de grande afeto sempre acompanhados de muitos sorrisos. A lição “uma casa não se constrói pelo telhado”, tantas vezes exemplificada pelo meu padrinho com um baralho de cartas e a sua caixa de cigarros acompanha-me em tudo: na vida, na investigação, na escrita. Não fossem também eles uma das minhas casas.

Deixo a minha maior e mais importante palavra de agradecimento aos meus pais, a quem dedico este trabalho. Desde sempre me incentivaram a seguir os meus sonhos sem nunca me intimidarem com lições de pragmatismo excessivo ou desencorajamento. Fizeram-me acreditar que tudo era possível com muito trabalho e esforço. Incutiram em mim a ideia de que eu podia ser o quisesse. Deram-me tudo o que tinham e não tinham para eu chegar aqui. Ensinaram-me que a integridade e a honestidade são valores que devemos carregar e colocar em tudo o que fazemos. Foram e são a base de tudo. São casa.

Corri como consegui. Às vezes coxeando, por causa das naturais fragilidades de um jovem investigador, outras vezes em *sprint*, mais pela ajuda de todas estas pessoas que me deram tanto espaço para correr do que exclusivamente por qualquer habilidade que eu tenha. Esta é mais uma etapa. A corrida é longa e há que chegar longe.

SUMÁRIO

RESUMO.....	i
ABSTRACT.....	ii
DEDICATÓRIA.....	iii
AGRADECIMENTOS.....	iv
SUMÁRIO.....	vi
LISTA DE SIGLAS.....	vii
INTRODUÇÃO.....	1
1. REVISÃO DA LITERATURA.....	3
1.1. Escrita, política, memória: “um piano que produz sons ao toque das mãos”..	3
1.2. Na organização e representação está a história por contar.....	11
2. METODOLOGIA.....	16
3. UM CONJUNTO DOCUMENTAL SOCIALISTA.....	22
4. ASP: AS CARTAS SOCIALISTAS PARA A FUNDAÇÃO DE UM PARTIDO.	29
5. ESBOÇOS BIOGRÁFICOS.....	39
5.1. Tito de Moraes: esboço biográfico do ideólogo da Acção Socialista Portuguesa.....	39
5.2. Ramos da Costa: esboço biográfico do marxista no terreno da Acção Socialista Portuguesa.....	43
CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES.....	57
Apêndice 1.....	58
ÍNDICE REMISSIVO.....	306

LISTA DE SIGLAS

ASP – Acção Socialista Portuguesa

CUF – Companhia União Fabril

FAP – Frente de Acção Patriótica

FPLN – Frente Patriótica de Libertação Nacional

JAP – Junta de Acção Patriótica

JRP – Junta Revolucionária Portuguesa

MAR – Movimento de Acção Revolucionária

OAS – Organização Armada Secreta

ONU – Organização das Nações Unidas

PC/PCP – Partido Comunista Português

PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado

PS – Partido Socialista

PSI – Partido Socialista Italiano

RR/RRS – Resistência Republicana

UDP – Unidade Democrática Portuguesa

INTRODUÇÃO

A escrita de cartas, apesar de, à primeira vista – e tendo em conta o tipo de utilização a que a correspondência tem sido sujeita – aparentar ser um instrumento de análise de cariz biográfico (Gaustad & Costa, 2017) – o que é correto –, limitar a Epistolografia ao domínio biográfico não só é redutor, como, efetivamente, é uma utilização da carta que fica aquém daquilo que as epístolas oferecem. Desde revelar a necessidade de comunicação inerente ao Humano (Rocha, 2013; Bateza, 2023), à capacidade de carregarem em si “o corpo ausente, a memória” (Stallybrass, 2008, p. 26) dos missivistas, até à descrição de uma realidade subjetiva que acrescenta uma fonte diversificada à interpretação de determinado evento (Almeida, 2017; Martins, 2019; Ladeira, 2020), a escrita de cartas revela ser um método eficaz para fugir às políticas securitárias e limitadoras da liberdade de expressão (Franco, 2020) características de regimes ditatoriais, de como é exemplo o Estado Novo. Por ser transmissora de narrativas (Leite, 2017), a correspondência comporta em si várias memórias e, para a Ciência da Informação, a preservação destes documentos constitui uma camada de processos que, não sendo neutra (Brown & Brown, 1998), está limitada à partida devido à seleção prévia não só da documentação em si, mas dos conteúdos e das próprias intenções dos historiadores (Le Goff, 2013) e dos próprios arquivos (Brown & Brown, 1998). É também por este motivo que Traverso (2012) alerta para o caráter qualitativo da memória, precisamente por ser uma construção com influência da mão humana, não fosse a memória, bem como o arquivo, algo suscetível a organizações e reorganizações (Nora, 2012; Silva, 2020) consoante a vontade do(s) agente(s) de reconstruir, desconstruir, significar ou resignificar a imagem de alguém ou algo (Ribeiro, 1998). Traverso (2019) definiu as perspetivas do passado e a tarefa de pensar o futuro como “o difícil trabalho do presente”. Esta investigação enveredou por esta tarefa ao transcrever e organizar a correspondência trocada entre Manuel Alfredo Tito de Morais e Francisco Ramos da Costa durante os anos de 1962 e 1974, ainda que, para este trabalho, apenas se apresente as cento e quarenta e duas missivas situadas entre os anos de 1962 e 1965 – os anos em que Tito de Morais e Ramos da Costa pensaram num Partido Socialista para Portugal e fundaram e estabeleceram a Ação Socialista Portuguesa (ASP).

O processo de transcrição, organização e representação da correspondência foi baseada numa proposta de Organização de Edições de Correspondência desenvolvida para servir de procedimento metodológico neste trabalho, embora o objetivo seja o de que estas

linhas guiadoras sirvam para futuros trabalhos na área da correspondência e da Epistolografia, sempre tendo em mente que cada tema, tipos de cartas, características dos missivistas devem ser fatores a ter em consideração antes de adotar, em toda a linha, uma abordagem metodológica que, afinal de contas, pode não servir para fazer frente a todas as necessidades que cada autor tiver. Este itinerário surgiu após uma análise crítica de várias edições de correspondência, visto que este tema – o da Epistolografia enquanto área teórica e não apenas prática – não é profusamente estudado e, então, havia uma carência de bases e critérios para definir opções. Tendo sido desenvolvida esta proposta, as escolhas feitas tiveram como desígnio a tentativa de organizar e representar as cartas de uma forma que respeitasse a escrita dos missivistas – ou seja, a transcrição foi feita com a ortografia original, mantendo os erros, os sublinhados, a gíria utilizada – e uma organização lógica: começando pela metodologia utilizada e critérios, seguida de uma nota sobre o conjunto documental trabalhado, respectiva teorização da correspondência e organização e representação da informação cronologicamente ou por fases.

Todo este trabalho foi sustentado pelas ferramentas que a Investigação Documental (Silva, 2021) oferece para trabalhar documentos como informação, incluindo a análise de conteúdo. Dessa análise de conteúdo destacaram-se as ideias pioneiras de Tito de Moraes para um Partido Socialista, já no ano de 1962 (a ter em mente que o Partido Socialista como o conhecemos hoje foi apenas oficialmente criado em 1973, embora tenha sido precedido pelo que é possível ter em consideração como uma primeira fase do PS, a ASP), pela fundação da ASP e as normais dificuldades de estabelecer um movimento político na clandestinidade, nomeadamente discordâncias, erros de interpretação de intenções e dificuldades de comunicação.

1. REVISÃO DA LITERATURA

1.1 Escrita, política, memória: "um piano que produz sons ao toque das mãos"

Tal como afirma Mathias (2019), “a correspondência é um monólogo a dois” (p. 27). Na mesma linha, Ramos (2017) argumenta algo semelhante, invocando Proclo, ao escrever que “uma carta (...) é uma conversa entre duas pessoas separadas pela distância, ainda que, na imaginação de quem escreve, essa pessoa esteja à sua frente” (p. 31) – que, para além de servir, no contexto académico, como “source material for decades in many fields of historical research, from studies of private life to political and intellectual history” (Heymann & Moreli, 2021, p. 1525), serve, paralelamente, uma necessidade profundamente humana de comunicação com o seu semelhante: “(...) the way letters can be offered not only to address material needs but in ways that reinforce the mutuality and reciprocity needed between human beings in a relationship, political or otherwise” (Bateza, 2023, p. 3).

Gaustad e Costa (2017), por sua vez, afirmam que “cartas são objetos biográficos” (p. 15), importando, porém, sublinhar que este carácter pessoalizado se materializa numa troca de comunicação com o outro. O estudo da correspondência almeja exatamente compreender a multitude de aspetos partilhados entre interlocutores de que é exemplo o conjunto de cartas e cartões trocados entre Salazar e Caetano, que permitem compreender a relação política e humana entre ambos (Antunes, 1993, p. 7).

Como explica Rocha (2013), a motivação para comunicar “corresponde a uma necessidade profunda do ser humano” (p. 13). Esta necessidade está relacionada com uma das faculdades da troca de correspondência: a criação de “ligações afetivas” (Gaustad & Costa, 2017, p. 18). Por comportar em si elementos indispensáveis à sua própria funcionalidade e por ter a capacidade de ser um objeto pessoal, a carta oferece a possibilidade de criação de uma ligação entre correspondentes: “(...) letters offered the chance to cut through the noise and make a personal connection (...)”. (Freeman, 2018, p. 213)

Stallybrass (2008) escreve, teorizando sobre a representação da utilização de determinadas indumentárias, que “a roupa (...) é capaz de carregar o corpo ausente, a memória, a genealogia, bem como o valor material literal” (p. 26). O mesmo se pode dizer

sobre a correspondência, uma vez que uma carta é capaz de “carregar” exatamente o mesmo.

É neste sentido que a carta, enquanto objeto que inscreve em si a subjetividade da experiência do(s) missivista(s), desempenha também o papel de representar a “força das narrativas em primeira pessoa” (Heymann & Moreli, 2021, p. 1528) e daí surge a capacidade de olhar para um conjunto documental como o “desenhar de uma paisagem textual onde tomam lugar os autores e as obras” (Martins, 2019, p. 33).

Por esse motivo, e por serem produzidas por um certo indivíduo num determinado contexto histórico, as cartas são detentoras dessas mesmas narrativas: “Pela sua função comunicativa, [a carta] possui elementos narrativos intrínsecos e, por conta disso, também pode ser comparada a uma forma narrativa” (Ladeira, 2020, p. 30).

Consequentemente, por se valorizarem estas narrativas, “as cartas pessoais são as mais evocativas, pois constituem escritas ordinárias do foro privado que revelam aspectos íntimos” (Leite, 2017, p. 357), permitindo, assim, cortar com a “história vista de cima” (Leite, 2017, p. 359), que privilegia narrativas dominantes.

Acontece que esta narrativa pode apenas ser construída de forma íntegra se o nome do destinatário for conhecido. A utilização de alcunhas impercetíveis ou nomes não identificáveis coloca a escrita presente na carta em causa, visto que uma porção do que está inscrito nela pode ser perdido ou deixar de fazer sentido se, efetivamente, não for possível identificar a quem se dirige o missivista:

(...) é tão importante, para nós, conhecer, embora só de nome, o destinatário, que quando, por qualquer motivo, é abstractamente representado por um irritante «Senhor N.», a obliteração da identidade torna letra-morta parte dos dizeres. Porque, em epistolografia, é de homens que se trata, não de símbolos. (Rocha, 2013, p. 19)

No mesmo sentido – o de valorizar o conhecimento acerca do destinatário –, urge estipular que “a carta é um objeto assinado” (Rocha, 2013, p. 19). Esta assinatura supera a forma estabelecida – as regras – de como se escreve uma carta (estrutura epistolar); a assinatura “responsabiliza jurídica, moral e literariamente quem faz uso dela” (Rocha, 2013, p. 19). Em aparente contraste com a ideia de responsabilização por via da assinatura da carta – o que pressupõe, numa fase posterior, a divulgação da mesma (com a respetiva coleção, caso exista) – pode parecer que a vertente secreta é quebrada. De facto, a carta “segue normalmente selada com lacre ou obreia, ou, modernamente, dentro de envelope fechado.

Esse aspeto material está intimamente ligado a uma das características intrínsecas do género: o aspecto confidencial ou secreto da mensagem” (Rocha, 2013, p. 20). Contudo, no processo de averiguação relativa à publicação póstuma, tem-se em consideração alguns critérios. Como argumenta Rocha (2013), é prática comum que, numa sociedade funcional, um indivíduo conhecedor das boas regras de convivência e civismo não abra correspondência alheia, correspondência que não lhe é dirigida. No contexto *post mortem*, há questões que se levantam: “Em virtude de que direito ou prescrição se sumiu o tabu da inconfidência? Como se explica que penetremos agora (...) no mundo íntimo revelado pelo artista?” (Rocha, 2013, p. 21).

Rocha (2013) sugere (ainda que explicitamente não considere esta afirmação como solução a seguir) que seja tido em conta o equilíbrio entre a figura que o público conhece através dos feitos realizados em vida e aquilo que as suas cartas podem, eventualmente, revelar – se as cartas colocarem o indivíduo em causa num plano inferior àquele em que estava quando morreu, a publicação deve ser repensada: “Resta determinar se essa tendência é benéfica ou se, pelo contrário, avilta e banaliza o homem superior. Se, por outras palavras, “é desejável que as relações entre escritor e leitor não passem das que o primeiro estabeleceu voluntariamente (...)” (Rocha, 2013, p. 22).

O estudo da correspondência – “prática social da cultura escrita que se generaliza e populariza ao mesmo tempo em que uma parcela maior da população é alfabetizada e são criados sistemas escolares” (Gastaud & Costa, 2019, p. 13) – permite entender, a partir do ponto de vista do missivista, as dinâmicas sociais e culturais vividas num certo ponto da História, visto que a carta representa um ponto no espaço e no tempo, uma produção efetuada num ambiente cultural interpretado aos olhos de um contexto específico (Gastaud & Costa, 2019, p. 14). Para além disso, permite compreender a “evolução das suas ideias [missivista], das suas doutrinas estéticas, das suas preocupações dominantes” (Rocha, 2013, p. 24) relativas a uma determinada época, o que possibilita reconstituir um traço de pensamento paralelo ao sistema vigente em que o indivíduo se insere.

É precisamente neste sentido de “memória de época” que Almeida (2017) vai mais longe e assume a correspondência, nomeadamente no que diz respeito a cartas, como uma via para melhor perceber o passado a partir de uma abordagem de redescoberta e reinterpretação da História que ainda não chegou aos contemporâneos: “As cartas, missivas, documentos, constituem uma espécie de “*WikiLeaks* do passado”, com informações que podem modificar a própria interpretação da história” (p. 167).

Esta comunicação acontece porque, em princípio, a distância impõe-se entre os interlocutores: “Em regra, ninguém escreve a amigos de ao pé da porta” (Rocha, 2019, p. 14). Tendo, portanto, que circular para chegar ao seu destino, a carta é uma marca não só do missivista e das condições em que escreveu a carta, como também do local onde o mesmo se encontra(va), a data em que lá está(va) e o assunto sobre o qual versa(/ou):

A materialidade da escritura tem implicações – o papel, o envelope, a pena/caneta – os instrumentos da escrita; o lugar de escrever, a distribuição do escrito na página; a ordem em que os assuntos aparecem; o estilo adotado; os espaços deixados em branco; as normas epistolares (...), tudo isso provoca efeitos sobre os missivistas (...). (Gastaud & Costa, 2019, p. 21)

Daí o produto resultante da escrita de cartas nunca ser neutro:

O (...) escritor/leitor são seres situados num tempo histórico, num espaço geográfico; pertencem a uma comunidade, a um grupo e por isso carregam crenças, valores culturais, sociais, enfim a ideologia do grupo, da comunidade de que fazem parte. Essas crenças, ideologias são veiculadas, isto é, aparecem nos discursos. É por isso que dizemos que não há discurso neutro. (Brandão, 2014, pp. 2 e 3)

Como resultado destas duas facetas – uma material (ou materialista) e outra inserida no plano emocional –, vários teóricos propuseram criar um conjunto de definições que ajudariam a rotular as funções das cartas. Porém, as categorias criadas não alcançaram um consenso.

A título de exemplo, serão aqui contrapostas as ideias de Ceccarelli (2013) e Trapp (2003). Por um lado, numa tentativa de definir o *corpus* epistolar, Ceccarelli propõe uma divisão em três grupos diferentes de cartas: “(...) personal (or private, or documentary) letters having a specific, practical purpose; literary letters (...); and official (or diplomatic, royal, imperial) letters” (Ceccarelli, 2013, pp. 6 e 7).

Acontece que – e a própria investigadora acaba por reconhecer esta dificuldade –, o cruzamento entre, por exemplo, cartas privadas escritas por figuras históricas que, posteriormente, para motivos de publicação, podem ser recolhidas, compiladas e tornadas públicas; ou até mesmo cartas privadas que toquem em assuntos de importância

económica ou financeira de uma certa instituição ou pessoa individual e que podem vir a ter uma preponderância que ultrapasse a privacidade ou intimidade (Ladeira, 2020, p. 39). Discordando desta tentativa de categorização, Trapp (2003) recorre à complexidade temática, interpretativa e às múltiplas funções que uma só carta pode ter (ou poderá vir a ter) para argumentar que as cartas servem múltiplos propósitos que vão além dos meramente comunicacionais de um ponto de vista utilitário:

The writing and Reading of letters, as the preceding survey has made clear, bulked large in the ancient world, not only as a medium of communication, but also as a means of creating and sustaining personal, social or political relationships (...)
(Trapp, 2003, p. 34)

Trapp (2003) sustenta ainda que inserir uma carta numa determinada categoria fechada ignora algo que vai ao encontro do que foi acima sublinhado acerca da influência do contexto histórico no escritor e no leitor da carta, bem como na própria materialidade da carta: “Um contraste muito brusco entre “real” e “ficcional”, exemplifica o autor, ignora o fato de que nenhuma carta é simples ou direta transcrição da realidade; isto para não dizer que todas as cartas são de fato ficcionais” (Ladeira, 2020, p. 41).

As tentativas de propor uma tabela de classificação para inserir cartas num género, ou numa categoria são múltiplas e vão para além das propostas de Ceccarelli (2013) ou das refutações de Trapp (2003). A título de exemplo, vejam-se as categorias enunciadas por Real (2019) (almejando definir critérios para “cartas portuguesas”): “«Cartas civilizacionais»; «cartas de guerra»; «cartas sobre a saudade»; «cartas espirituais»; «cartas de amor»; «cartas sobre o passado português»” (p. 15). Como já aqui foi explanado, a correspondência pode servir muitos propósitos: privados, diplomáticos, literários, económicos, históricos, entre outros. Naturalmente, o campo político não destoa desta tendência.

Quando acresce à correspondência uma vertente política, a subjetividade e essa “escrita de si” (Heymann & Moreli, 2021) – tendo como base de compreensão que “a carta é um todo pois constitui uma finalidade em si mesma” (Mathis, 2019, p. 28) – evidencia a motivação que levou o autor a redigir determinada carta:

Political correspondence requires at every stage, from the earliest stirrings about the issues that need to be addressed, through the letter's composition by an author and its reception by the reader. (Bateza, 2023, p. 4)

Se for ainda tomada em conta a privacidade que a carta confere ao que o autor pretende manifestar, a correspondência apresenta-se como meio de liberdade de expressão – ou até mesmo enquanto resistência a um determinado regime que condicione os direitos individuais dos cidadãos, nomeadamente os direitos políticos – e canal seguro para comunicar:

(...) aspecto a reter das palavras de Luiz Pacheco: a epistolografia é o único género livre e independente, numa sociedade onde vigora a opressão da censura obrigatória ou da censura tácita. A carta, desde que selada com o valor exigido, escapa às malhas da inquirição política ou moral, por mais cerradas ou subtis que sejam as suas voltas. (Franco, 2020, p. 15)

A troca de correspondência entre indivíduos que partilham uma ideologia comum ou, ainda, que possuam ideologias diferentes, tenham pontos em comum, não só serve o objetivo de desenvolver um sentido de camaradagem ou irmandade perante uma mesma luta política, como também o de, com isto, galvanizar movimentos políticos que, numa fase de organização posterior, sirvam para esclarecer, clarificar e educar apoiantes da causa partilhada (Freeman, 2018).

Mas antes de chegar às massas, o conteúdo versado nas cartas está, em primeira instância, focado no(s) recetor(es) e na sua missão. Dando o exemplo das abolicionistas americanas, Freeman (2018) explica que as cartas, ao quebrarem a barreira geográfica e, por vezes, ideológica, que se impunha naquela época às ideias consideradas radicais no que dizia respeito à libertação dos escravos nos Estados Unidos da América por via da censura legal ou social, constituíam uma forma de organização do movimento, de apoio até moral aos vários membros integrados, de partilha de materiais de propaganda e leitura (Freeman, 2018, p. 183).

Paradoxalmente, se é verdade que as cartas são uma ferramenta útil na disseminação de ideias, na agregação, na organização e na união de movimentos políticos e na instrução dos membros integrados (White, 1983), é também passível de ser verificado que um crescimento rápido e insustentável baseado em troca de correspondência pode ser

prejudicial para a causa política. Ainda assim, e dando novamente o exemplo das abolicionistas, Freeman (2018) argumenta que estas fizeram uso das cartas para solucionar esse problema através de contactos mais pessoais e privados, singularizando e personalizando o conteúdo das cartas.

A correspondência por carta serve também a necessidade de discrição, anonimato e secretismo – é, à sua maneira, um sinal de resistência (Franco, 2020).

Para a Ciência da Informação, a preservação de documentos – como cartas – apresenta-se como o meio para “guardar materialmente a memória de um povo, de uma cidade, de um país” (Monteiro et al., 2008, p. 1). Porém, tal como defende Le Goff (2013), o que é preservado não constitui a totalidade do que foi o passado, mas sim uma seleção cuja triagem envolveu “forças que operam no desenvolvimento temporal e do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado [...], os historiadores” (p. 485). Quer, portanto, isto dizer que, a memória, precisamente por ter no seu raio de estudo uma delimitação *a priori*, é fabricada:

[...] we may say that archives are the manufacturers of memory and not merely the guardians of it. [...] As soon as we accept that any process of perception and representation is a process of constructing reality from a given observer's social position and point of view, then there are more potential truths than there is possible data ultimately to confirm any of them. (Brown & Brown, 1998, p. 22)

Por essa razão – por ser fabricada (Brown & Brown, 1998) –, o estudo da memória requer o entendimento de que a “memória é uma construção” (Traverso, 2012, p. 23) qualitativa – isto é, que depreende a noção patente de múltiplas verdades e realidades – não-consensual, colocada constantemente à prova pelos contemporâneos (Traverso, 2012). Como, aliás, argumenta Nora (2012), “a memória [...] está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações” (p. 9), por vezes até causadas pelo próprio indivíduo que constrói o seu arquivo com a motivação de ser lembrado de uma certa forma – não fossem os arquivos alvo de uma “organização e [...] reorganização constante da informação” (Silva, 2020, p. 104), que permitem moldar o passado a uma imagética reconstruída deliberadamente –, fazendo assim uma “coleção de si” (Ribeiro, 1998, p. 35); ou causada, por outro lado, pela “dimensão política da memória” (Traverso, 2012, p. 19) – no sentido das políticas de memória implementadas a nível governamental,

do “uso público do passado” (Traverso, 2012, p. 19), isto é, da recordação nacional de certo evento, acontecimento, pessoa, monumento, feito, reforçando assim uma “national identity and shape the image of the nation” (Schmidtke, 2023, p. 4) –, assim como escreve Manucci (2020): “It is possible to argue that, for Western Europe, 1945 represents the ‘year zero’ of collective memory and democracy and the fascist past is a critical juncture for the development of democratic ideals in Europe” (p. 49).

É possível, contudo, que a própria recepção da representação da memória por parte dos cidadãos – “há já hoje um calendário e um ritmo da vida pública que são marcados pelas grandes comemorações, onde a memória se concilia com pedagogia, mensagens políticas e rituais identitários” (Guerreiro, 2019, p. 32) – altere o significado da representação celebrada, abrindo caminho para uma espécie de contra-memória (Foucault, 1977), materializada por vozes colocadas de parte pela narrativa oficial de certo Estado, em determinada altura: “The *Democratic Memory Law* has also given voice to marginalized communities and brought recognition to victims of past injustices who have thus far been largely denied recognition in the collective memory of the nation. (Schmidtke, 2023, p. 4).

Interpretar a História através do ponto de vista da memória significa, portanto, “reintroduzir o indivíduo, o agente, o ponto de vista, a experiência” (Hartog & Guerreiro, 2019, p. 43), querendo isto dizer que a contestação da memória é um “instrumento presentista” (Hartog & Guerreiro, 2019, p. 40) usado pelos vivos para redefinir o passado no presente, por via da sua condição: “Seja como for, a memória é tocada pelas circunstâncias, como o piano que “produz” sons ao toque das mãos. Ela é sentido do outro” (de Certeau, 2023, p. 152).

E este outro coloca a memória num plano futuro. Cole (1993), no âmbito da Psicologia, utiliza o argumento de Ingvar (1985) para afirmar que “memory of the future” triggered the idea for this chapter, summarized evidence that plans, ambitions, and “sets” are normally remembered in great detail (...)” (p. 249). É passível de ser feita, após o que já aqui foi defendido, uma integração deste conceito de Cole (1993) numa dimensão histórica, alargando a noção de *memory of the future* para uma memória produzida para se enquadrar nos novos padrões sociais como pensados pelo contemporâneos que não se revêm na memória oficial de certo Estado, de modo a acomodar novas formas de pensar o passado a partir do presente com uma intenção de, como escreveu Geoghegan (1990), “recordar o futuro” (p. 54). As “novas circunstâncias” (de Certeau, 2023, p. 153) – definidas enquanto momentos de nova reflexão sobre o passado – são somente prova

daquilo que Traverso (2019) escreveu: “O luto do passado e a invenção do futuro são uma e a mesma coisa: o difícil trabalho do presente” (p. 78).

1.2. Na organização e representação está a história por contar

Após a análise de oito obras distintas (Simões, 1982; Antunes, 1985; Matos, 1995; Rodrigues e Ferreira, 1999; Feijó, 2004; Nogueira e Azevedo, 2012; Pontes, 2019; Franco, 2020) relativas à organização e representação de correspondência, é possível verificar que, antes de mais, cada modelo deve ser adaptado ao conjunto de cartas e missivas que estão a ser trabalhadas. A natureza – isto é, o conteúdo, a substância e a matéria – das cartas deve ser tida em conta com o objetivo de não adulterar ou, de certo modo, demudar aquilo que a carta contém por culpa de uma organização que não se adequa aos missivistas, ao seu contexto, à sua escrita, e às suas causas.

Um exemplo desta metamorfose mais frágil, esta mutação que retira valor às cartas, é passível de ser observado na obra de Simões (1982) em que o tratamento dado às cartas de Fernando Pessoa segue uma linha de “modernização da ortografia original das cartas” (Simões, 1982, p. 24) que, por via da influência literária de Pessoa no paradigma cultural português, é difícil de defender. É verosímil conceber que a vontade de tornar a obra mais apelativa ou, porventura, mais acessível tenha sido a ideia-chave para seguir esta prática. Contudo, olhando para a figura do missivista e a sua ação concreta enquanto vivo – escritor, poeta – a ortografia utilizada pelo mesmo devia ter sido mantida, até no âmbito da própria perspectiva de estudo literário crítico da sua obra, que poderia ver nesta edição uma continuação dos seus escritos. Porém, dada a “modernização da ortografia”, isso não acontece. Aquelas palavras não são, verdadeiramente, as de Pessoa, mas sim as de Pessoa com intervenção editorial, facto que retira algum do valor histórico-literário das cartas, artificializando o texto, pelo menos em termos visuais.

Para além disso, esta obra contém, em excesso, artigos do editor, João Gaspar Simões, que retiram o foco às missivas de Pessoa. Por outro lado, o contexto dado pelo editor acerca das cartas enquadra-se numa tentativa muito declarada de juntar a história de Pessoa à de João Gaspar Simões – e, como resultado, o destaque de Pessoa vai-se esbatendo – e o índice sem as datas das cartas dificulta a consulta do leitor.

Paralelamente, a obra de Antunes (1985) começa com uma nota de cariz metodológico que pouco diz sobre as escolhas de representação e organização da correspondência. O autor afirma que o critério de escolha das cartas foi “subjetivo” (Antunes, 1985) e que a

“a ortografia foi respeitada, excepto quando havia erro ou desactualização” (Antunes, 1985, p. 10). O porquê da escolha de certas figuras, a totalidade ou não das suas cartas, os critérios de transcrição não foram pontos abordados. O que é verificado é uma ordenação das cartas por ordem alfabética dos missivistas que trocaram cartas com Marcelo Caetano e a numeração em cada uma (remissão facilitada no índice).

No que diz respeito à edição organizada por Manuela Nogueira e Maria da Conceição Azevedo (2012), as primeiras páginas que dissertam sobre o confronto entre vida íntima, privacidade e popularidade são de uma pertinência particular para o caso de Pessoa e Ofélia, visto que uma das partes – a do poeta – tornou-se emblemática e o estudo da sua vida pessoal parte integrante da interpretação da sua obra. Este tipo de teorização sobre matérias adjacentes à epistolografia é raro, mas também observável em Rodrigues e Ferreira (1999), Pontes (2019), Franco (2020), Matos (1995) – quatro obras que adiante serão mencionadas como exemplares, a seguir.

Quanto à organização da edição, as autoras separaram as cartas por “fases” (Nogueira e Azevedo, 2012); essas fases correspondem às duas situações amorosas dos missivistas: a de pré-namoro e a de namoro. Numa nota menos positiva, esta edição não contém epílogo, nem nota final, nem referências.

Por sua vez, Feijó (2004) aborda a organização da edição de correspondência de uma forma muito prática, no sentido em que a suas escolhas nada se distanciam do convencional: uma primeira parte relativa ao contexto da relação estabelecida entre Feijó e Magalhães (amizade pessoal) e um retrato (ou apresentação/breve biografia de Feijó) pessoal e profissional; e uma segunda com a correspondência separada por anos, seguindo, deste modo, um critério cronológico.

Não deixa de ser relevante mencionar que, de forma a não obstruir a leitura das cartas, o editor optou por deixar o que seria consuetudinário aparecer como “notas de rodapé” ou “notas de editor” na sequência das cartas para o fim da edição. A decisão foi deliberada, visto que foi mencionada pelo editor.

A partir de agora, serão aqui discutidas edições consideradas como exemplos a seguir, recordando que nenhum modelo deve ser copiado na íntegra pelos motivos já assinalados no primeiro parágrafo deste capítulo.

A obra de Rodrigues e Ferreira (1999), que contém cartas inéditas de M. Teixeira Gomes (ex-Presidente da República) enviadas a Afonso Lopes Vieira (escritor e poeta), começa por fazer uma nota crítica acerca dos métodos de preservação de missivas: “(...) porém, pelo menos, garantiu a sua existência, o que sempre é de louvar num país em que a

“memória” é tão frágil como a matéria de suporte em que assenta a epistolografia” (p. 11). Após esta nota, segue-se o prefácio, onde é explanada a relação entre os missivistas, para depois apresentar a correspondência por ordem cronológica – todas as cartas são seguidas de “nota dos editores”, onde são explicadas referências, feitas pequenas biografias de indivíduos mencionados (incluindo até fotos ou retratos).

Outro bom exemplo de organização da correspondência está presente na obra de Matos (1995), onde logo na introdução é feita uma breve glosa a respeito dos acervos estudados: “o primeiro, constituído por 391 cartas escritas entre 1885, ano do noivado, e 1900, ano da morte de Eça de Queiroz (...), o segundo acervo é constituído por quarenta e sete missivas depositadas na Biblioteca Nacional.” (p. 11). No seguimento desta nota, Matos (1995) alude também às fragilidades da correspondência: “Nada mais susceptível de extravio ou aniquilamento, todavia. Mudanças de casa, viagens, partilhas, estranhas vicissitudes e, quantas vezes, o desejo de radical defesa da privacidade dos protagonistas levam os seus herdeiros a destruí-las” (p.11). Consequentemente, o editor discorre sobre o que concerne à importância de mostrar os dois lados: “(...) para melhor podermos avaliar o outro lado imprescindível desse busto à double face que é a correspondência epistolar, e termos desse modo uma visão mais correcta e aproximada da realidade” (Matos, 1995, p. 12).

Esta teorização sobre Epistolografia é elemento comum às obras aqui tidas em consideração como epistolograficamente completas.

Após a introdução, o editor, no capítulo “Sobre a organização desta Edição”, aponta quatro pontos que seguiu:

- Atualização da grafia; (ponto discutível pelas mesmas razões já debatidas na obra que contém as cartas de Pessoa);
- Esclarecimento de que faltam cartas no acervo;
- Explica que a colocação de notas biográficas nos índices de nomes pretendeu não sobrecarregar as notas de rodapé;
- Apresentação da árvore genealógica de Eça (esclarecimento).

A correspondência epistolar está organizada por ordem cronológica.

Pontes (2019), na sua obra *Sinais de Vida: Cartas da Guerra 1961-1974*, começa por fixar de imediato que “respeita a grafia original da correspondência transcrita, mesmo quando esta contém erros ortográficos”, fator que, do ponto de vista epistológico, faz

todo o sentido, tendo em conta o contexto de baixíssimos níveis de literacia e de escolaridade de muitas das pessoas envolvidas nesta troca de missivas, podendo o simples erro ortográfico ser representativo de uma realidade socioeconómica.

Mais adiante, Pontes (2019), no capítulo “Sobre as palavras escritas no papel e em almas”, faz um breve contexto da Guerra Colonial, mas produz sobretudo um “ensaio” sobre Memória e características das cartas em acervo: tipos de letra, desenhos, tipos de papel, erros ortográficos.

Para além disso, no capítulo “Só as Cartas são o meu Diário”, Pontes (2019) incorre num exercício historiográfico que François Hartog e Guerreiro (Hartog & Guerreiro, 2019) encontram como corrente seguida a partir da Segunda Guerra Mundial: a opção de dar voz aos atores presentes nos acontecimentos. A partir das cartas dos militares destacados, organizadas cronologicamente, a autora tenta reconstruir uma História da Guerra Colonial.

Por fim, após leitura da obra de Franco (2020), onde são organizadas e representadas as cartas de Luiz Pacheco a João Raposo Nunes, é possível inferir que, mais uma vez, a teorização sobre Epistolografia acrescenta valor à obra; neste caso, ainda mais, visto que o capítulo “Sobre a Epistolografia de Luiz Pacheco” explicita o critério de edição seguido – cartas e grafia original, sublinhados, maiúsculas e “letras grandes” mantidas.

Posteriormente a este capítulo, Franco (2020) desenha um roteiro cronológico das vidas de Pacheco e Raposo e só depois vem o capítulo onde se encontra a correspondência, organizada por sequência cronológica e com notas no fim de cada carta.

Após versarmos acerca da literatura científica em torno do tema proposto, apresentam-se algumas conclusões retiradas.

Tem sentido que, neste último ponto da Revisão da Literatura, seja passível de reconhecimento que a correspondência ultrapassa o desígnio de objeto meramente biográfico, visto que pode servir outros propósitos: compreender relações afetivas; caracterização de movimentos políticos; caracterização de uma época/regime político; instrumento de memória (perspetivas e memórias) (Gaustad & Costa, 2017; Antunes, 1993; Rocha, 2013; Ladeira, 2020).

Concomitantemente, o estudo da correspondência está limitado à prática da cultura escrita, porém a análise dos silêncios e do esquecimento através dos estudos da memória permite interpretar aquilo que determina o contexto dos Arquivos.

Talvez, também por essa razão, os vários propósitos que a correspondência pode servir e a sua importância no estudo dos silêncios estruturais nos arquivos –, a tentativa categorizar correspondência por temas é uma tarefa não-consensual entre especialistas devido às características multifacetadas das cartas (Ceccarelli, 2013; Trapp, 2003).

Aquando da sua entrada na dimensão política, a correspondência pode servir propósitos organizacionais, de luta política clandestina, de liberdade de expressão (Franco, 2020; White, 1983; Freeman, 2018).

Ainda sobre correspondência, pode ser argumentado que este tipo de documento, enquanto fonte de informação e instrumento de memória, pode enquadrar-se na teorização acerca da Memória de Traverso (2012); Nora (2012); Le Goff (2013).

Após a análise crítica de várias edições de correspondência, chegou-se a uma Proposta Geral de Organização e Representação da Correspondência em Edição que pretende fornecer quatro pontos base para futuras edições de correspondência, lembrando sempre que cada conjunto documental tem de ser visto à luz das suas próprias características:

- 1- Metodologia e critérios de transcrição;
- 2- Nota de contexto sobre o conjunto documental trabalhado objeto de análise: dimensão, proveniência, missivistas;
- 3- Teorização sobre Epistolografia e Correspondência enquanto fonte de informação e memória;
- 4- Organização e Representação da Correspondência cronologicamente E/OU por fases

2. METODOLOGIA

O estudo da correspondência – a Epistolografia –, quando trabalhado tendo em vista a edição e a publicação de cartas trocadas entre missivistas, tem resultado em formulações de organização que se limitam a critérios de cariz básico ou, noutros casos, não fazendo uso de critério algum. São poucos os casos em que as obras seguem um procedimento metodológico que sustenta a correspondência apresentada. Como foi abordado neste trabalho ora como base exploratória para melhor depreender a área a estudar, ora para analisar criticamente o que já foi publicado, será possível perceber que, quando apresentam algum tipo de critério, as edições de correspondência materializam-se em breves contextos biográficos dos missivistas e/ou uma breve abordagem acerca do conjunto documental que precedem a representação da correspondência. Isto, claro, quando é perceptível uma escolha deliberada de organização. Tendo por base esta análise, este estudo definiu o contexto em que apresenta a sua problemática na perspetiva de discutir também – mas não exclusivamente – critérios para a organização e a representação em edição.

Esta dissertação é um estudo em Ciência da Informação, de natureza qualitativa, tendo como foco principal a Organização e a Representação da Informação. Identificada a problemática, definiu-se a seguinte questão de investigação: *Como Organizar e Representar a Correspondência trocada entre Manuel Alfredo Tito de Morais e Francisco Ramos da Costa tendo em vista a sua edição?*

De modo a responder à questão de investigação, foram definidos os seguintes objetivos gerais e específicos, que orientam o estudo:

Objetivos gerais:

- A) conhecer a problemática da correspondência e da sua edição (crítica);
- B) compreender o lugar da correspondência como fonte de informação e invenção da memória.

Objetivos específicos:

- A) apreender o lugar da epistolografia como género e na compreensão dos diversos contextos;
- B) efetuar uma revisão da literatura científica em Portugal acerca da correspondência política;

C) transcrever, organizar e representar (dimensão crítica da edição) a correspondência trocada entre Manuel Alfredo Tito de Morais e Francisco Ramos da Costa;

D) analisar as cartas como instrumento de construção de memória.

De modo a responder à questão de investigação e a atingir os objetivos definidos, optou-se por ancorar o percurso investigativo no método Investigação Documental (Silva, 2021), visto que, como argumenta Bowen (2009):

Documents that may be used for systematic evaluation as part of a study take a variety of forms. They include advertisements; agendas, attendance registers, and minutes of meetings; manuals; background papers; books and brochures; diaries and journals; event programs (i.e., printed outlines); letters and memoranda (...)
(p. 27)

É de sublinhar, para melhor entender esta escolha, que o “conceito de documento alargou-se, [encontrando-se] intrinsecamente ligado ao de fonte de informação” (Silva, 2021, p. 107), e, por essa mesma razão, por exemplo, o objetivo geral B) – na sua primeira parte – foi pensado dessa forma.

A Investigação Documental, principalmente quando utilizada num conjunto documental da natureza daquele que aqui é apresentado (vasto, com referências a múltiplos nomes – por vezes nomes de código –, de natureza ideológica e política, e por isso subjetiva), traz vantagens, entre elas: “efficient method; availability; cost-effectiveness; lack of obstruiveness and reactivity; stability; exatcness; coverage” (Bowen, 2009, p. 31).

Importa realçar, apesar da pertinência de todos os pontos fortes sublinhados, aqueles que se destacam nesta dissertação. O método aplicado mostra-se, de facto, eficiente, facilitador de disponibilidade e eficiente em termos de custo, pois a documentação aqui transcrita foi previamente tratada pela Associação Tito de Morais no âmbito de dois estágios de antigos alunos do mestrado em Ciências da Documentação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que digitalizaram e separaram por pastas a documentação relativa à correspondência do Tito de Morais e Ramos da Costa, o que facilitou em grande parte o acesso, até do ponto de vista das deslocações e do custo das

mesmas, das permissões ou até da identificação da informação – todos estes problemas não se colocaram no decorrer desta investigação.

Por outro lado, dentre as desvantagens propostas por Bowen (2009), a única que se apresentou patente a toda a análise de conteúdo foi a parcialidade dos autores (Silva, 2021; Bowen, 2009). Porém, esta dificuldade é intrínseca à própria natureza da informação analisada – correspondência –, não fosse a escrita (ou qualquer discurso, em *senso lato*) de cartas um processo subjetivo, não-neutro e enviesado, não só pela perspectiva do missivista acerca de determinado assunto, como o seu contexto, os seus valores – culturais, políticos, cívicos – ou até a própria noção das sensibilidades dos diferentes destinatários (Heymann & Moreli, 2021; Almeida, 2017; Brandão, 2014; Rocha, 2013; Leite, 2017). Ainda assim, esta dificuldade seria facilmente ultrapassável porque o próprio método pressupõe que haja uma crítica das fontes (Silva, 2021) para que seja possível na análise de conteúdo, operação intrínseca à investigação documental (Silva, 2021, p. 112)), evitar leituras excessivamente lineares e ter um “critical eye and be cautious in using documents in their studies. Documents should not be treated as necessarily precise, accurate, or complete recordings of events that have occurred” (Bowen, 2009, p. 33).

A necessidade de ter uma análise de conteúdo na Investigação Documental prende-se com as vantagens enumeradas e explanadas por Campenhoudt, Marquet e Quivy (2019), entre elas a noção de que os métodos de análise de conteúdo permitem ao investigador “manter uma grande distância em relação a interpretações espontâneas e, em particular, às suas próprias” (p. 328) e assegurar um controlo da utilização da informação porque o objeto trabalhado é consultável e fixado no tempo (Campenhoudt, Marquet, & Quivy, 2019); Bowen (2009).

Aliado a este método, foi ainda escolhido o paradigma interpretativo. Como argumenta Coutinho (2015), “investigar implica interpretar ações de quem é também intérprete, envolve interpretações de interpretações” (p. 18), visto que a “interpretação da parte depende da do todo, mas o todo depende das partes” (p. 18). Este paradigma demonstrou ser o mais adequado, visto que a própria índole da parte empírica deste trabalho trata, precisamente, das perspetivas dos missivistas acerca da realidade política de Portugal e da Europa, de opiniões ideológicas ou até mesmo da sua própria vida – e como esta afeta a sua visão do mundo. A premissa relativista (Coutinho, 2015) deste paradigma permite fazer um escrutínio das “múltiplas realidades que existem sob a forma de construções

mentais social e experiencialmente localizadas” (p. 17) amplamente descritas pela escrita de Tito de Moraes e Ramos da Costa.

De modo a consubstanciar as decisões tomadas – nomeadamente no que diz respeito à organização da correspondência e à sua respetiva representação –, foi desenvolvida, antes de mais, uma leitura crítica de oito obras acerca desta mesma temática, com o objetivo de entender os vários tipos de critérios (organização, transcrição, edição, notas explicativas) utilizados por diferentes autores, designadamente, Antunes (1985), Feijó (2004), Franco, (2020), Matos (1995), Nogueira e Azevedo (2012), Pontes (2019), Rodrigues e Ferreira (1999), e Simões (1982). Ou seja, não existindo estudos substanciais sobre o tópico, partiu-se de uma análise dos produtos para uma reflexão acerca de requisitos/critérios para a Organização e Representação da Correspondência, dadas as especificidades deste tipo de Informação.

A partir das obras consultas, foi redigida, no capítulo II, intitulado *Na organização e representação está a história por contar*, da Revisão de Literatura uma análise dos critérios e práticas tidos em consideração nas obras já nomeadas, tecendo, em simultâneo, uma interpretação específica – ponto a ponto – acerca das escolhas dos autores, com vista a elaborar uma proposta de Organização de Edições de Correspondência, que é seguida neste estudo.

Importa ainda, no seguimento da invocação do método e do paradigma utilizados para analisar e interpretar o conteúdo do conjunto documental, realçar os critérios de transcrição da correspondência (cuja decisão partiu da análise feita no já mencionado capítulo II da Revisão de Literatura):

- Organização e representação pela sequência cronológica das cartas;
- Transcrição da ortografia original, incluindo a acentuação, mesmo quando contém erros dactilográficos identificados com [sic] ou ortográficos, segundo as regras atuais;
- Manutenção dos sublinhados e de particularidades da utilização de letras maiúsculas ou minúsculas propositadamente;
- Juntaram-se ou separaram-se palavras, de acordo com as normas ortográficas atuais.

Relativamente à pesquisa de informação que resultou nas referências recolhidas, optou-se pela base de dados SCOPUS. Devido ao facto de a Epistolografia/Correspondência ser uma área de estudos pouco teorizada – o que existe, em larga medida, está associado a estudos de ordem historiográfica e não sobre Epistolografia enquanto área de estudo por si só –, o critério de pesquisa teve, necessariamente, de ser abrangente, daí várias das fontes consultadas não serem somente referentes a correspondência ou correspondência política.

Para além disso, é relevante mencionar que parte da bibliografia utilizada foi encontrada nas referências – e, posteriormente, nas próprias referências dessas referências – citadas em artigos e livros sugeridos por especialistas na área, nomeadamente o orientador desta dissertação, o Professor Doutor Carlos Guardado da Silva, como leitura inicial, tendo sido sempre prioridade a utilização de fontes primárias. O período de pesquisa decorreu entre março de 2023 e novembro do mesmo ano, tendo sido utilizados, na base de dados SCOPUS, os seguintes termos e operador booleano:

Em português: “Epistolografia”; “Correspondência Política”; “Cartas políticas”; “Correspondência”; “Política AND Memória”.

Em inglês: “Epistolography”; “Political correspondence”; “Political letters”; “Correspondence”; “Memory Politics”.

Os resultados recuperados foram os seguintes:

“Epistolografia”: 9 resultados;

“Correspondência”: 511 resultados;

“Correspondência AND política”: 11 resultados;

“Cartas AND Política”: 14 documentos;

“Memory Politics”: 684 documentos;

“Política AND Memória”: 143 documentos;

“Epistolography”: 279 documentos;

“Political letters”: 32 documentos.

Os resultados que não foram utilizados para desenvolver a revisão de literatura serviram, em primeira instância, para denotar as áreas em que a correspondência é trabalhada e o tipo de uso e, conseqüentemente, melhor perceber o estado do estudo da correspondência. Por outro lado, alguns resultados serviram como leituras que, apesar de não entrarem para a revisão de literatura, foram elucidativas no que diz respeito ao conhecimento geral da Epistolografia; outros resultados não foram utilizados por não serem relevantes para a pesquisa.

3. Um conjunto documental socialista

O conjunto documental aqui estudado é apenas parte de um conjunto maior constituído por um total de 358 cartas trocadas entre Tito de Moraes e Ramos da Costa entre os anos de 1962 e 1974 que foram já transcritas e organizadas no âmbito deste projeto. Estas cartas fazem parte do espólio da Associação Tito de Moraes que, já em colaborações prévias com o mestrado em Ciências da Documentação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, iniciou um processo extenso de digitalização e organização de documentação em sua posse, tendo em vista a sua integração no Arquivo Nacional Torre do Tombo.

A amostra analisada nesta investigação é constituída por 142 missivas trocadas entre os anos de 1962 e 1965, perfazendo assim um período que engloba as primeiras ideias de Tito de Moraes relacionadas com a necessidade de criar um Partido Socialista, que corporizaria a Resistência Republicana (movimento integrante da Frente Patriótica Nacional de Libertação), a fundação da Acção Socialista Portuguesa, as discussões e troca de argumentos sobre o que fazer deste novo movimento político dissidente da FPLN (ainda que não opositor ou antagónico).

Destas 142 cartas, Tito de Moraes escreveu 77 e Ramos da Costa, por sua vez, 65. O ano de 1965, de entre os quatro anos estudados, foi o de mais intensa troca epistolar entre os missivistas – a recente fundação da ASP, a redefinição do xadrez político clandestino e o assassinato de Humberto Delgado podem ter levado a este ímpeto de particular afínco na escrita. No que diz respeito à troca de cartas nos outros anos, em 1962 foram trocadas 19 cartas, em 1963, 34 e, em 1964, único ano em que Ramos da Costa escreveu mais do que Tito de Moraes, 43.

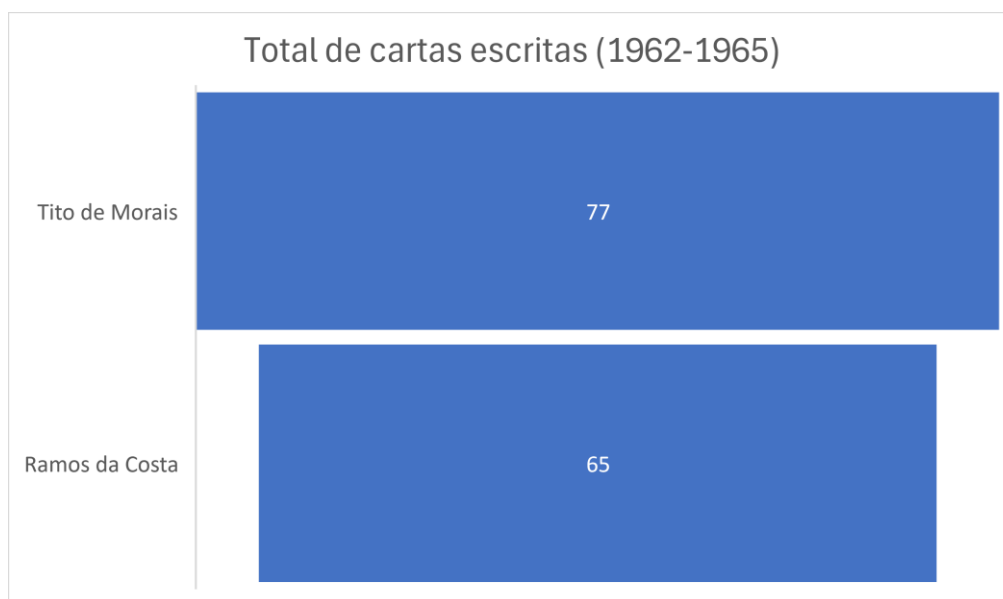


Figura 1. Gráfico correspondente ao número total de cartas escritas por cada missivista entre os anos de 1962 e 1965

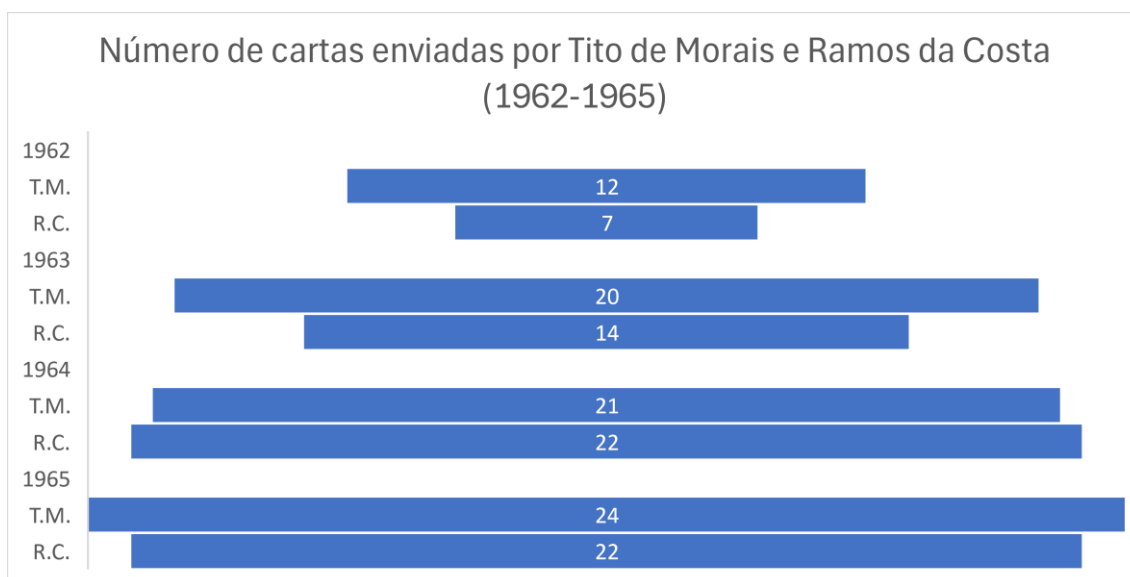


Figura 2. Gráfico correspondente ao número de cartas enviadas por Tito de Moraes e Ramos da Costa

Os locais de escrita, do lado de Tito de Moraes, foram vários, dado o seu estatuto de exilado e as consequências pessoais e laborais que isso acarreta. Escreveu a partir de São Paulo (8 cartas), o primeiro local de residência onde encontramos Tito nas cartas, depois Alger (47 cartas), onde se estabeleceu de 1962 até 1966, ano em que se muda para Roma e onde permanece até 1974. Há cartas que, ocasionalmente, são escritas em Genebra (porém, dentro do período aqui estudado, apenas uma tem a localização declaradamente

assente na missiva (carta de 19 de Junho de 1965)) por via das deslocações que fazia até às reuniões com os seus camaradas Ramos da Costa e Mário Soares. É possível assumir que as 21 cartas que não apresentam o local de escrita foram escritas a partir de Alger. Ramos da Costa escreveu a partir de Paris, o seu local de residência e trabalho.



Figura 3. Gráfico representativo dos locais de escrita de Manuel Alfredo Tito de Morais

Como é possível denotar pelos locais de escrita de cada um, verifica-se, com objetiva clareza, que Tito de Morais encontrou refúgio político em mais regiões do globo em comparação a Ramos da Costa, também ele exilado em França depois do seu envolvimento na tentativa de golpe de Estado em Beja, em 1961. Em Fevereiro de 1952, Tito de Morais mudou-se para Angola (Martins, 2013) devido à impossibilidade de “arranjar emprego em Portugal em consequência do seu envolvimento político no MUD e na campanha presidencial de 1949” (Martins, 2013, p. 73). No ano de 1961, foi preso pela PIDE (Martins, 2013) e “trazido para Portugal” (Martins, 2013, p. 73). Fugiu da polícia política e dirigiu-se para França no mesmo ano (Martins, 2013). Em 1962, nas cartas estudadas nesta dissertação, já se encontra no Brasil, mais precisamente em São Paulo de onde acaba por sair por culpa do “intricado exílio brasileiro” (Martins, 2013, p. 138). No mesmo ano, desloca-se para Argel (região em que a FPLN tinha a sua sede (Martins, 2005)) “onde representava a Resistência Republicana na Frente Patriótica de Libertação Nacional” (Avillez & Soares, 1996, p. 137), numa altura em que essa região era um “palco privilegiado para o aprofundamento das relações com os movimentos

nacionalistas das colónias portuguesas” (Martins, 2013, p. 4) e que, portanto, dava o contexto político que Tito de Moraes procurava para intensificar a sua militância (Martins, 2013). Mas esta militância, para Tito de Moraes, como é possível ver já nas suas cartas de 1962 (no capítulo seguinte este tópico é abordado), tinha de se enquadrar numa perspetiva partidária, longe dos inférteis movimentos de exilados já existentes (Martins, 2005, p. 98). Com esta ideia da fundação de um partido a edificar-se no plano das ideias de Tito e as “lutas que tiveram sobretudo lugar em Argel” (Avillez & Soares, 1996, p. 141), que separaram Humberto Delgado de uma parte considerável dos integrantes da FPLN – fator que revelou a “incapacidade da oposição conduzir a movimentação de massas e derrubar o regime” (Martins, 2005, p. 95) –, a criação de uma via autónoma fora dos quadros da Resistência Republicana (pertencente à FPLN) começa a ser pensada em 1962/1963 (visível logo nas missivas de Tito de Moraes e Ramos da Costa dos anos de 1962 e 1963), mas eram precisos auxílios de ordem material e financeira para erguer um novo movimento que pudesse ter real impacto no interior:

Como vimos, é uma alteração que vinha sendo traçada pelo menos desde 1962/1963, ainda no quadro da RR, e que não se concretizará imediatamente. Isso apenas acontecerá dois ou três anos mais tarde, depois de firmados os apoios indispensáveis. (Martins, 2005, p. 97)

Até 1966, Tito de Moraes mantém-se em Argel, saindo, ainda nesse ano, rumo à Itália (Roma) já com intenções de organizar estruturalmente a ASP (sempre com intensa colaboração de Ramos da Costa quer por via das cartas trocadas, quer pelas reuniões secretas que ambos tinham com Mário Soares), entretanto criada no ano de 1964. O apoio do Partido Socialista Italiano foi o “empurrão final” (Martins, 2005, p. 100) decisivo para consubstanciar os planos da ASP no que tocava à sua “estratégia de definição de um espaço político próprio” (Martins, 2005, p. 101).

Entre os vários tópicos mencionados nas cartas, há certos temas que dominaram os assuntos que Tito de Moraes e Ramos da Costa debatiam. É de realçar as 117 menções que fazem à Resistência Republicana – com especial incidência nos anos de 1962, 1963 e 1964, em virtude das discussões relacionadas com a criação de um novo movimento, o que isso implicava, e as incertezas em relação à ASP que Tito de Moraes reservava – e as 79 menções aos termos “socialismo/socialista” ao longo de todo o período estudado. Como seria também de esperar, o Partido Comunista Português foi central nas conversas dos dois socialistas durante estes anos, tendo sido mencionado 65 vezes. Mais vezes até,

diga-se, do que a própria ASP, mencionada 63 vezes (sobretudo no de 1965, quando, pela primeira vez, no conjunto documental estudado, Tito de Moraes menciona este movimento, com desconfiança e muitas dúvidas), e a FPLN, 46, outro tópico constante, tal como o do PCP. Ainda sobre a ASP, por conta da indefinição e cacofonia entrópica a que por vezes a escrita de cartas é suscetível, foi sendo referida, inicialmente, por Tito de Moraes sobretudo – que, pelo que é possível ler nas cartas, estava menos a par do projeto do que Ramos da Costa ou Mário Soares –, como partido (a 11 de Janeiro de 1965, Tito utiliza “do A.S.P” (doc. n.º 98)). A par da falta de informações objetivas acerca deste novo movimento – e não partido por força da proibição legal da existência de partidos em Portugal, como de resto explica Mário Soares, afirmando que “os partidos estavam proibidos por lei, uma associação colocava-nos fora dessa alçada” (Avillez & Soares, 1996, p. 138) – e as reticências que tinha Tito de Moraes, desde 1962 com intenções claras de formar um partido e, por isso, à tentativa de perceber a génese deste movimento esteve subjacente uma vontade de organização partidária.

Nenhum destes temas poderia ser abordado sem o contexto em que se inseriam: o Estado Novo, a clandestinidade, as prisões políticas, as perseguições. O ditador Oliveira Salazar foi mencionado 42 vezes nas missivas, e a PIDE, 18 vezes, ambos lado a lado, de mão dada, por vezes em subtexto, outras vezes de forma clara, de 1962 a 1965, como assuntos indissociáveis de tudo o que era feito.



Figura 4. Gráfico que ilustra o número de vezes que determinado tópico foi mencionado nas cartas

Feita a análise das características quantitativas do conjunto documental, o próximo capítulo trata de fazer a análise de conteúdo prevista no método escolhido para este trabalho. Importa apenas, antes de passar ao próximo capítulo, fazer uma breve reflexão acerca dos moldes em que essa análise vai ser feita.

Tendo em conta que a Investigação Documental requer a análise de conteúdo precisamente para evitar uma dependência excessiva da narrativa construída no conjunto documental estudado, urge que sejam clarificados os pressupostos em que assentou a dita análise, de modo que se perceba a forma como a memória foi trabalhada a partir das cartas e daí se poder concluir que são documentos de informação e construção de memória.

A memória, por inerência subjetiva, como de resto já foi estabelecido em capítulos anteriores, padece de uma construção assente na invenção de uma narrativa a partir de documentos, no caso deste estudo, cartas. Também a carta, tal como a memória – e aqui parece haver um cruzamento teórico nestas áreas –, pode ser vista como um “processo de “narratizar” a experiência da temporalidade e subjectividade” (Costa, 2003, p. 17). Tempo, essa coisa também tão ligada ao conceito de memória, basta lembrar Marc Bloch e a sua tentativa de definir o presente, “mal falei, mal agi e as minhas palavras e meus atos naufragam no reino de Memória” (2002, p. 60). O que é a Epistolografia senão, precisamente, uma tentativa de agarrar o tempo e colocá-lo, de forma à partida perpétua (se a carta for bem conservada), ao dispor do futuro? Um caminhar entre dois tempos separados pelo tempo em si, agregados pelo “elemento aglutinador” (Costa, 2003, p. 18) da memória através da escrita. Se o “tempo em que se escreve é o selo eterno da nossa temporalidade vivida no espaço” (Costa, 2003, p. 78), a carta é o suporte em que se cola esse selo. Através deste caminhar, “presente e passado iluminam-se com luz recíproca” (Braudel, 2009, p. 57). Como escreveu Walter Benjamin (2017), “articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo «tal como ele foi». Significa apoderarmo-nos de uma recordação quando ela surge” (p. 11). Estas cartas – e a correspondência, no geral – são um perfeito exemplo desta apoderar de uma recordação, não para interpretar o passado “como ele foi”, mas sim como os intervenientes que verteram a sua experiência na escrita de cartas a viram e viveram.

“A memória mítica” (Mattoso, 2019, p. 181) ou a “memória, sobretudo, das ações dos grandes e dos chefes” deixa de prevalecer quando se entende que a “história é objecto de uma construção cujo lugar é constituído não por um tempo vazio e homogéneo” (Benjamin, 2019, p. 17), mas por experiências *in loco* de agentes históricos que têm a sua perspectiva única dos vários “Agora” (Benjamin, 2019) daquilo que experienciaram. A análise de conteúdo feita no capítulo a seguir pretende ser uma explicitação da visão de Tito de Moraes e Ramos da Costa acerca dos tópicos que abordaram, de modo a dar uma nova perspectiva da análise dos acontecimentos referidos, para que o passado e presente possam “formar uma constelação” (Benjamin, 2019, p. 163) que dê outra luz perante as hipóteses históricas colocadas.

4. **ASP: as cartas socialistas para a fundação de um partido**

Começando esta análise de conteúdo por cartas que remontam ao ano de 1962, importa, em primeiro lugar, contextualizar o Portugal do ano de 1961, destacando, à partida, três acontecimentos que definiram o tecido político não só do regime autoritário português governado por Oliveira de Salazar, mas também da resistência, que, aos poucos, foi-se apercebendo da fragilidade que corroía paulatinamente a ditadura a partir do seu cerne (Castaño, 2023) – o caso do sequestro do navio Santa Maria logo no começo da guerra em Angola, uma tentativa de golpe de Estado (Abrilada de 1961) e a perda de apoio político dos Estados Unidos da América com a presidência de John Kennedy, que defendia a descolonização de África (Sánchez, 2005). Ainda assim, já em 1957 o Partido Comunista Português, no seu V Congresso, aprovou um programa político que consistia num “conjunto de ideias (...) para segundo os comunistas) serem aceites e defendidas por todos os adversários do Salazarismo e desta forma unirem a Oposição” (Martins, 2000, p. 262), contudo, estas expectativas foram goradas pelas “convulsões” (Rosas, 1994) que foram sucedendo e pelos “graves golpes policiais” de que foram alvo. De modo que “a nova geração de opositoristas” (Castaño, 2023, p. 1) necessitava de encontrar uma casa política não-comunista que combatesse aquilo que Sánchez (2017) descreveu como “uma ilha parada no tempo, com escassos sinais de modernização e situações de pobreza impróprias do século XX” (p. 98). É neste contexto que “voluntariosos activistas” (Sánchez, 2017, p. 98), alguns deles já vindouros da Resistência Republicana e, consequentemente da Frente Patriótica de Libertação Nacional (Castaño, 2023, p. 1), tomam parte na “redefinição geral para a esquerda das oposições ao regime” (Rosas, 1994, p. 542), de forma independente destas organizações, por motivos visíveis nas cartas aqui estudadas. Estes “voluntariosos” foram Manuel Alfredo Tito de Moraes, Francisco Ramos da Costa e Mário Soares. Juntos criaram a ASP – Acção Socialista Portuguesa, consensualmente definido por “embrião” (Rosas, 1994; Machado, 2009) ou “antepassada direita” (Castaño, 2023) do Partido Socialista. Foi este “pequeno grupo da oposição ao Estado Novo” (Castaño, 2023, p. 1) que “procurou e obteve apoio político, ajuda material e referências programáticas e ideológicas nas poderosas organizações socialistas” de França, Alemanha e Reino Unido (Sánchez, 2017, p. 93) e possibilitou a “vitória (...) que se opôs ao processo em curso de instauração de um regime filo-comunista” (p. 93). Esta força “polarizadora do campo não-comunista” (Rosas, 1994, p. 542) começa a nascer na mente de Manuel Alfredo Tito de Moraes a partir da ideia de que era necessário criar uma

força política enquadrada dentro do espectro da esquerda socialista que fosse capaz de albergar todas as pessoas que, para além de terem intenções de derrubar a ditadura de Salazar, seguissem uma filosofia política que as distinguisse dos ideais seguidos pelo Partido Comunista Português, tal como escreve numa carta de 8 de Junho de 1962:

Considero muito importante não só para a luta atual como para o futuro que se estruture um partido político – com cabeça, tronco e membros – que reúna todas as forças socialistas de esquerda em Portugal, que por esta ou aquela razão não estão integradas no P.C. (Morais, 1962, doc. n.º 8 do Apêndice n.º 1¹)

O receio das soluções pós-revolução sempre preocuparam Tito de Moraes. O medo de que o poder governativo pudesse vir “a cair nas mãos duma direita reacionária” (Morais, 1962) era uma das motivações para que a união fosse fundamentada “em torno dum partido socialista – mesmo Marxista-Leninista – do que em torno do PC, como tem acontecido até aqui” (Morais, 1962). Apesar do pouco receio em utilizar termos como “marxista-leninista”, o pragmatismo, a partir do que se pode ler nas cartas, parecia ser colocado sempre em primeiro lugar:

As garantias de criação dum futuro regime parlamentar, tipo democracia burguesa, seriam mais “tranquilizadoras” para as forças da burguesia se dadas por um partido socialista, devidamente estruturado. A mim não me custa admitir no interior a “coexistência pacífica” tal como a advogo no exterior. (Morais, 1962, doc. n.º 8)

Essa estrutura de que Tito de Moraes fala foi, nesta mesma carta de 8 de junho de 1962, esboçada:

Vou dar-te a seguir um esquema breve de como penso que este partido poderia ser organizado. Seria em princípio formado por: Comissão Central, que funcionava em Portugal; Comissão Diretiva, com membros em Portugal e no Estrangeiro que compreenderia um Secretariado Geral, parte em Portugal, parte no estrangeiro; Comissões Regionais, em Portugal; Comissões nos locais de trabalho, em Portugal; Células, em Portugal; Delegados, no estrangeiro. (Morais, 1962, doc. n.º 8)

¹ A numeração dos documentos utilizados neste capítulo é referente ao Apêndice nº 1.

Para além disso, Morais escreveu ainda sobre a necessidade de organizar “o mais rapidamente possível o I Congresso do Partido” (1962) já com militantes e objetivos definidos:

1) Aprovar um Programa Político, ideológico, que abrangesse a política interna, a colonial, e a estrangeira. 2) Aprovar um “Apelo” à luta entrosada na ação das JAp’s, abordando aspetos particulares da luta e propondo, um Programa Mínimo para o 1.º Governo Provisório da II República. 3) Aprovar um “Apelo” notificando a constituição do Partido e convidar a massa operária, camponesa, sindical, funcionários, e intelectuais a ingressarem no Partido. 4) Eleger a Comissão Central. 5) Eleger a Comissão Diretiva. (Morais, 1962, doc. n.º 8)

E como meios para atingir os fins, Morais propunha já um plano de ação, naturalmente assente na clandestinidade, “o que implicava o uso de pseudónimos e toda uma rede de ligações clandestinas” (1962, doc. n.º 8), como acontecia com os militantes do PC, mas que ultrapassava o trabalho feito em Portugal. Um dos grandes objetivos da criação das designadas redes era obter “um largo apoio financeiro no estrangeiro que deveria ser procurado não só junto dos organismos internacionais como também junto de Governos” (Morais, 1962, doc. n.º 8) que, aliado a “uma larga campanha de propaganda no País através da Rádio e da Imprensa clandestina” (Morais, 1962, doc. n.º 8), pudesse ter impacto nas massas.

A 15 de Junho de 1962, Francisco Ramos da Costa, em resposta a estes planos de Tito de Morais, “fala” do que Pietro Nenni, membro do Partido Socialista Italiano, lhe tinha dito quando esteve em Portugal e resume aquilo que, para ele, tem de ser a linha mestra da ação de ambos para que o Partido Socialista se forme:

E concluiu: existe uma lacuna no naipe político português que é preciso preencher: a constituição dum partido socialista de esquerda, marxista, que estabeleça laços de colaboração com o PC mas mantenha uma capacidade de manobra que lhe permita mobilizar grande parte dos políticos que se encontram em crise de partido, isto é, que não pertencem a nenhum ou já tenham pertencido e hoje se encontram indecisos, porque além do PC nada existe que valha, pelo seu mérito orgânico, tal nome. (Costa, 1962, doc. n.º 9)

Mais do que de acordo em relação à necessidade da existência de um Partido Socialista, Morais e Costa concordavam que este Partido que queriam fundar – a proposta de nome

de Moraes era “Partido Socialista Unificado” (Moraes, 1962, doc. n.º 10) – não deveria ser um inimigo do Partido Comunista, mas sim um aliado:

Quanto ao assunto principal estamos – como seria de esperar – inteiramente de acordo. Eu entendo o Partido Socialista – que se poderia chamar “Partido Socialista Unificado” como um aliado do PC e não um concorrente. (Moraes, 1962, doc. n.º 10)

Neste Partido Socialista Unificado, deveriam estar pessoas que Moraes define, numa carta de 23 de junho de 1962, como “idóneas”, e afirma que este projeto contaria já com “um valioso apoio da parte de muitos partidos e organizações estrangeiras que poderão resolver alguns dos nossos atuais problemas, essenciais à luta” (Moraes, 1962, doc. n.º 11). Porém, ao mesmo tempo, alerta que a ação partidária é facilmente desvirtuada e era essencial não se “criarem alas esquerdas, direitas, ou de centro e preservar a sua unidade baseada numa identidade ideológica” (Moraes, 1962, doc. n.º 11).

Apesar desta força inicial apresentada em 1962, a verdade é que, nos anos seguintes, a execução demonstrou ser de difícil prática. Os movimentos políticos em que tanto Moraes como Costa estavam envolvidos – Resistência Republicana e Frente Patriótica de Libertação Nacional –, pelo que descreve Moraes, tinham os seus próprios planos e a intriga consumia alguns dos seus membros:

Pretendeu lançar-me uma bisca sobre a ampliação da RRS dizendo-me que era isso do grande partido socialista que estávamos a querer criar no interior. Meti-me em copas e não lhe deu [sic] quaisquer elementos sobre a carta que recebera do Carlos a tratar desta matéria [sic] (Moraes, 1963, doc. n.º 95)

Com a ideia de fundar um Partido Socialista, mas ciente de que a presença da Resistência Republicana na Frente Patriótica Nacional era uma base política importante, Moraes, ao início, viu a fundação da Acção Socialista Portuguesa (ASP) com maus olhos, tanto que, apesar de fundada em 1964, só menciona esta força política nas suas cartas com Costa a 11 de Janeiro de 1965:

Confesso-te que não percebo o que os nossos amigos andam a fazer. A ideia do A.S.P tem para mim aspectos deveras derivativos que vem anular todo o trabalho que já se tenha

feito, tanto mais que se adia a oficiliazação [sic] para as eleições que são em Novembro!
Que quere [sic] isto dizer? (Morais, 1965, doc. n.º 98)

Importa ver que Moraes trata a ASP como “do A.S.P” (Morais, 1965), provavelmente pensado que se tratava já de um novo partido e não uma “acção” ou movimento.

A 11 de Março de 1965, Moraes volta a referir a ASP para se queixar a Costa de que não sabe sequer da linha de atuação deste movimento:

ASP – Dizes-me que te tens deslocado a varios sítios, procuras outros encontros e eu fico sabendo que falas com pessoas muito importantes, mas não faço ideia da linha de actuação, sequer. (Morais, 1965, doc. n.º 105)

Reitera ainda na mesma carta que o punham a par de mais informações sobre a ASP: “Peço-te que me digas se posso pôr o Sertorio² ao corrente do pouco que sei sobre a ASP” (Morais, 1965, doc. n.º 105). Costa, numa carta de 4 de Maio de 1965, dá uma resposta direta a estes pedidos de Moraes e envia-lhe um documento com um esboço da Declaração de Princípios da ASP, pedindo opiniões, mesmo sabendo a opinião do seu camarada acerca desta nova força política:

Como verás pela carta extraviou-se um exemplar da Declaração da ASP de que te enviei um exemplar e ainda presente os odores da tua opinião sobre o papel, se puderes no entanto agradecia-te quando lhe escreves, lhe dares prèviamente a tua opinião. (Costa, 1965, doc. n.º 114)

A 26 de Maio de 1965, Costa escreve a Moraes e enumera em detalhe o tipo de colaborações que a ASP e envolvidos têm em mente. Contrariamente àquilo que Moraes pensava nesta altura, a ASP não via como essencial a integração na FPLN, embora estivessem disponíveis para colaborar:

² Manuel Sertório de Carvalho Marques da Silva. Nasceu em Lisboa, no ano de 1926, exerceu a profissão de advogado e fez parte da resistência antifascista portuguesa, integrando movimentos como a FPLN e até no PCP, embora tenha, posteriormente, saído do partido. Colaborou com vários jornais antifascistas da sua época como o *Diário Popular*, *República* e *Combate Operário*. Faleceu em 1985 (Rosas & Brito, 1996, citado por Centro de Documentação 25 de Abril).

Conforme já te disse a RReS deixou de existir como entidade política independente fundido-se [sic] na ASP; esta organização não ostiliza [sic] a FPLN, não tomará quaisquer posições contra ela, mas a maioria determinou-se pela não participação na orgânica na Frente, embora admitam a colaboração e aliança para a acção. (Costa, 1965, doc. n.º 115)

Daí a resposta de Morais a esta carta, a 27 de Maio de 1965, refletir aquilo que era, antes de mais, a importância que dava à FPLN (que não era pouca) e, ao mesmo tempo, o que achava da intriga que rondava nas bases desse movimento: “Quando me enviaste o projecto da ASP tornou-se-me evidente, conforme te disse, que se tratava de uma manobrasita para uns tantos saírem da FPLN sem se sujarem muito” (Morais, 1965, doc. n.º 116). É, então, possível afirmar que, nos dias primeiros de existência da ASP, Morais não estava convencido com o projeto. Considerava, antes de mais, que era uma aventura peregrina que apenas faria com que o foco político da esquerda não-PC se desviasse para mais um agrupamento de pessoas que não seria levado a sério e que, por isso, sabotava todo o trabalho feito em prol das eleições de 1965 pela Resistência Republicana que, com a fundação da ASP, tal como argumentava Costa, tinha deixado de existir de forma independente. Para além de uma desculpa para alguns, Morais começou por ver este movimento político como um aglomerado de dissidentes da FPLN e não propriamente um conjunto de pessoas que ali estaria pelos motivos certos.

Ainda assim, Costa insistia na viabilidade do projeto e apresentava provas a Morais, na sua carta de 31 de Maio de 1965, de que a recém-criada força de esquerda já estava a ter impacto em Portugal:

A organização da ASP que ao que parece tem feito progressos e se está implantando organicamente em todo o país, assenta em homens de formação ideológica vária, aceitando todos uma solução socialista para o país, que será aquela os elementos mais dinâmicos sejam capazes de formular. (Costa, 1965, doc. n.º 117)

Costa afirma ainda nesta mesma carta que a ASP, ainda que não o declare publicamente e de forma clara, tinha o objetivo de continuar a herança do Partido Socialista Português, fundado no século XIX: “Prentede [sic] ser, embora o não tenha declarado desde logo, o núcleo embrionário do PSP da segunda república” (Costa, 1965, doc. n.º 117).

É ainda possível ler nas palavras de Francisco Ramos da Costa que a ASP não era um projeto “a longo prazo” (Costa, 1965), mas que se iam apresentar dessa forma aos católicos de esquerda e pretendiam unir forças durante a campanha eleitoral³, não excluindo das suas listas membros do PC:

(...) no decorrer da futura campanha eleitoral, intuito êste em que estão entendidos com os católicos do “Tempo e Modo” e organizações laicas do catolicismo, que por sua vez também querem forçar o reconhecimento dum partido democrático-cristão⁴ ou coisa que o valha. (...) Não têm a intenção de excluir o PC das listas (...) (Costa, 1965, doc. n.º 117)

Estas informações que Costa dava a Morais vinham também, em boa parte, de Mário Soares sob o pseudónimo de “Carlos”. Tanto que, mais adiante, Costa escreve: “Estas foram em resumo as informações que me trouxe o Carlos, quanto à atitude futura da ASP” (Costa, 1965, doc. n.º 117).

Apesar de estar mais convencido do que Morais acerca do potencial da ASP, Costa não tinha uma atitude ingénua para com a perceção alheia daquilo que estava a acontecer. Era evidente que a transição da FPLN para a ASP sem uma integração da última na primeira não era vista com bons olhos por alguns militantes:

Claro que aqui surge o caso da nossa situação pessoal, tua e minha, que não pode deixar de constituir um engulho para os que definem para a ASP uma estratégia política oportunista com vista a colher vantagens dos ventos do ocidente, porque assim se lhe afigura o caminho mais rápido para derrubar o fascismo salazarista. (Costa, 1965, doc. n.º 117)

³ Esta onda política do “humanismo cristão renovado” (Revez, 2009, p. 56) seguidora de um “humanismo interventor” (Revez, 2009, p. 58), que já encontrava bases na Revista *O Tempo e o Modo* (Revez, 2009) encontrou um *common ground* com a Acção Socialista Portuguesa por via de um objetivo comum: quebrar com o regime ditatorial salazarista.

⁴ Nestas intenções configuravam-se já, no plano das ideias, os partidos que depois inauguraram o regime democrático português de 1974. Este “partido democrático-cristão” encontrou forma no CDS – Centro Democrático Social e o Directório Democrato-Social e as listas sociais-democratas apresentadas em 1965 foram base para aquilo que veio a ser o PPD/PSD- Partido Popular Democrático/Partido Social-Democrata. É possível, assim, afirmar que, nos anos 60, os partidos fundadores da democracia portuguesa davam os primeiros passos em movimentos ideológicos oposicionistas.

Ainda não convencido, Morais resiste à ideia de acabar com a Resistência Republicana e pretende renovar a imagem desta: “Eu tenciono e julgo poder contar com a tua ajuda eficiente como sempre, renovar a bandeira RR e procurar dar-lhe uma projeção maior. É no fundo uma ajuda indirecta à ASP” (Morais, S. d., doc. n.º 120). Contudo, já não havia muito para renovar. A RR, tal como explica Costa na carta que escreve a 12 de julho de 1965, já só existe para manter uma frente devido à reputação que foi recolhendo. Mas a transição total para a ideia, conceito e estrutura ASP era inevitável:

Sobre a colaboração que me pedes “para arvorar a bandeira da RR” acho que não estás a ver o tipo de utilização que devemos fazer da RR neste período interimário [sic] em que ela existe no exterior para efeito da manutenção do statu aquo existente [sic] com a Frente, mas no interior de facto, fundiu-se na ASP, aliás o núcleo da RR é dentro da ASP o elemento moto e em grande parte o cérebro. (Costa, 1965, doc. n.º 122)

Por esta altura, a rede de contactos estabelecida por Costa já estava a par da criação da ASP, visto que o mesmo, nas reuniões e contactos que fazia, já falava em nome da Acção Socialista Portuguesa e não da Resistência Republicana. Também por esta razão, Costa alerta Morais para a possível confusão que os parceiros e simpatizantes políticos poderiam fazer caso este continuasse a tratar de assuntos sob o signo da RR:

Eu por meu lado nas relações que mantenho e se estão desenvolvendo deixei de falar dela, porque fá-lo em nome da ASP, e é óbvio que se o fizesse como dizes, suscitaria dúvidas em quem não conhece os nossos embróglis [sic] políticos. (Costa, 1965, doc. n.º 122)

Em resposta a esta carta, no dia 13 de julho de 1965, Morais carrega ainda mais no seu tom incisivo. Pelo que escreve, percebe-se que, ao que tudo indica, interpretou as informações que lhe tinham dado de forma diferente em relação a quem as tinha escrito. Achava que Costa estava do seu lado e concordava que a FPLN era um instrumento importante “na mão e que seria criminoso destruir” (Morais, 1965, doc. n.º 123). Mas não. E a reação ilustra esse mal-entendido:

Mais uma vez te interpretei mal pois consideras que aa [sic] Frente é a “Frente de Argel”, que nos entretemos a fazer renda, explicas com enfase masgestática [sic] a tactica do PC e nós burros como aqui em Alger lhes facilitamos a tarefa com uma submissãõ [sic]

exemplar. Não quero deixar de te agradecer pela parte que me toca. (Morais, 1965, doc. n.º 123)

A ideia de Moraes sempre foi criar um partido. É isso que diz nas suas cartas de 1962 a 1965, de forma muito clara, estruturando até um plano interno de ideologia e ação para um futuro partido socialista. A criação de um novo movimento, ainda para mais feito à margem da Resistência Republicana, deixou Moraes numa posição de incerteza, tal como era, como o próprio escreve, a posição da ASP:

Estou de acordo contigo em não acreditar num entusiasmo delirante [sic], até verificarem o falhanço da iniciativa da ASP que quer ser partido mas não é partido, que quer ser legal ou tolerado por condescendência do fascismo e aceite internacionalmente como partido sem ser partido, etc, etc. (1965, doc. n.º 123)

No dia 24 de outubro de 1965, Moraes escreve a Costa e aborda o tópico das eleições⁵. Devido a algumas dificuldades da ASP constatadas por Moraes por via da candidatura eleitoral surgir “sob a inspiração da ADS⁶ (Morais, 1965) (a ADS, como explica Martins (2013), juntava uma parte da oposição tanto liberal, como conservadora (p. 31)), Moraes viu confirmadas as suas hesitações:

(...) o que me faz crer que a ideia de se apresentar a ASP não foi por diante [sic] e que regressaremos à única hipótese viável que é a do partido clandestino deixando de pensar em utopias. (Morais, 1965, doc. n.º 133)

Quando viu as suas preocupações em relação à ASP tornarem-se realidade, insistiu – como sempre fez desde 1962 – na criação de um partido socialista:

Isto agora claro que vai ser uma nova trapalhada que só se esclacera [sic] de vez com a formação dum partido que se chame Partido. Ele alíás [sic] mostrou-se disposto em

⁵ Essas eleições eram invocadas, apesar do foco na repressão salazarista para a dimensão associativa, partidária e de militância, importando sublinhar que uma das bases do regime era o discurso afeto aos sentimentos “anti-políticos”, “anti-partidários”, “anti-parlamentaristas”, aproveitando ainda as reminiscências do período infértil da I República (Rosas, 2012, p. 29).

⁶ Como afirma Martins (2013), a ADS era “formada pela mesma altura, a RR é constituída maioritariamente por elementos em rutura mais ou menos recente com o PCP, como Mário Soares, Piteira Santos ou Ramos da Costa, procurando um espaço alternativo entre o que apelidavam de “dogmatismo comunista” e a oposição conservadora” (p. 31).

conversa como Sertório a ajudar à formação dum Partido Socialista mesmo no estrangeiro mas entendia indispensavel a presnça [sic] operária e aqui Gervásio⁷ poderia ser util. (Morais, 1965, doc. n.º 133)

A vontade de fundar um partido, porventura, até aumentou, porque, como escreveu Morais no dia 30 de outubro de 1965, “a confusão que arranjam com ASP e RRS é uma coisa triste” (Morais, 1965). Mas é nesta mesma carta que a maré parece mudar para Morais. Os primeiros sinais de aceitação começam a surgir quando é possível ler:

No corrente pedem a qualidade dos delegados, penso que debes dizer que tu presides a delegação e nós seremos somente delegados da ASP. Como vês, vou fazer das tripas coração e vou! (...) Tomei nota das sugestões para a intervenção e para a ordem de trabalhos da reunião da ASP. (Morais, 1965, doc. n.º 135)

Nos anos posteriores, Tito de Morais assumiu um papel de organização da ASP, mantendo a rede dos militantes ativa e o trabalho político em andamento. Desde a ASP, ao jornal *Portugal Socialista* e à fundação do Partido Socialista em 1973, Tito de Morais, apesar de não ter tido o mediatismo de, por exemplo, Mário Soares, foi a figura por detrás do pensamento político e estrutural seguido.

⁷ Eleutério Gervásio integrou a comissão política do *Portugal Socialista*, e foi citado algumas vezes na correspondência trocada entre Tito de Morais e Ramos da Costa.

5. ESBOÇOS BIOGRÁFICOS

5.1 Tito de Morais: esboço biográfico do ideólogo da Acção Socialista Portuguesa

Manuel Alfredo Tito de Morais, filho de Tito Augusto de Morais e Carolina Loureira de Macedo de Morais, nasceu em Lisboa no dia 28 de junho de 1910, no mesmo ano da Implantação da República em Portugal, em que o seu pai, um destacado oficial da Marinha, participa diretamente, já que a 5 de Outubro de 1910 estava no comando do cruzador São Rafael, que acabou por forçar a saída da família real para Mafra ao bombardear o Palácio das Necessidades (Comissão Executiva das Comemorações do Centenário de Tito de Morais 2010, p. 6).

A primeira ação vincadamente política de que tomou conta Manuel Tito de Morais deu-se aos 16 anos de idade, enquanto era aluno do Liceu Camões e participou numa greve estudantil: “A minha acção política começou aos 16 anos, quando levei a primeira chanfalhada de um soldado de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana que invadiu o Liceu Camões (...)” (Comissão Executiva das Comemorações do Centenário de Tito de Morais 2010, p. 7). Passou pelo Colégio Militar e pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Após deter os requisitos necessários, Tito de Morais tenta ingressar na Escola Naval, mas o acesso é-lhe negado por “razões políticas”. Como consequência, segue para a Bélgica, onde se forma em Engenharia Electrotécnica, em 1934 (Comissão Executiva das Comemorações do Centenário de Tito de Morais 2010, p. 7).

No ano de 1945, junta-se ao Movimento de Unidade Democrática, chegando até à posição de membro da Comissão Central, o que se materializou numa participação na campanha do General Norton de Matos (1948/1949). (Comissão Executiva das Comemorações do Centenário de Tito de Morais 2010, p. 9-10)

Em 1951, na sequência de duas prisões, viaja até Angola com o objetivo de arranjar emprego, visto que, em Portugal, dada a sua posição política, tal era impossível (Assembleia da República, 2021, p. 298). Já em Luanda, tornou-se presidente da Sociedade Cultural de Angola, fazendo assim parte da “oposição local” (Assembleia da República, 2021, p. 298), fator que o conduziu à Cadeia de Luanda (1961), onde “sofreu maus-tratos” (Assembleia da República, 2021, p. 298). Em 1961, é novamente preso dada a nova conjuntura política – início da Guerra Colonial em Angola – e é trazido para Lisboa sob prisão. Entretanto, percebendo que não tinha condições para se manter em território português continental, viaja para França, Alemanha e Brasil, entre 1961 e 1963 (Comissão Executiva das Comemorações do Centenário de Tito de Morais 2010, pp. 9-10).

Em 1963, é criada, em Roma, a Frente Patriótica de Libertação Nacional (FPLN), cuja sede Tito de Morais defende que seja na Argélia. Durante o ano de 1966, fixa-se em Roma e é a partir de lá

que mantém relações próximas com o Partido Socialista Italiano, que propõe à Internacional Socialista a adesão da ASP. É também por esta altura que Tito de Morais confraterniza com socialistas históricos como Willy Brandt⁸, Olof Palme⁹ e Mitterrand¹⁰. Fazendo uso dos seus contactos no Partido Socialista Italiano, Tito de Morais fundou o jornal *Portugal Socialista*, em 1967 (Comissão Executiva das Comemorações do Centenário de Tito de Morais 2010, p. 11). Em 1973, a ASP torna-se “Partido Socialista”, num congresso presidido por Fernando Valle e com participação de militantes da Alemanha, Bélgica, França, Inglaterra, Itália, Suécia e Suíça. Tito de Morais torna-se, desta forma, o primeiro Secretário Nacional do Partido Socialista até ao ano da Revolução dos Cravos, 1974 (Comissão Executiva das Comemorações do Centenário de Tito de Morais 2010, p. 12). Apesar de 1973 ser “o ano fundacional oficial”, a vontade de Tito de Morais de formar um Partido Socialista vinha já desde, pelo menos, 1962, quando escreve, a 8 de junho, a seguinte afirmação:

Considero muito importante não só para a luta atual como para o futuro que se estruture um partido político – com cabeça, tronco e membros – que reúna todas as forças socialistas de esquerda em Portugal, que por esta ou aquela razão não estão integradas no P.C. (Tito de Morais, 1962, doc. n.º 8)

Não por acaso, na Declaração de Princípios da ASP publicada no ano de 1970, ficou explícita esta ideia, tal como Tito de Morais a apresentou no ano de 1962 a Ramos da Costa: “A ASP é o movimento político do Portugueses que encontram nos ideais socialistas a resposta para os problemas do nosso tempo. (...) A ASP pretende ser o núcleo polarizador do futuro Partido Socialista Português” (ASP, 1970, p. 7).

A preocupação resiliente com a urgência de formar quadros de esquerda que pudessem tomar as rédeas do socialismo democrático em Portugal era vigente na sua escrita, até porque um dos seus receios era, efetivamente, o de Portugal conquistar a liberdade e não ter um partido político capaz de garantir as condições de governabilidade exigidas por um período tão volátil como seria o período pós-revolucionário:

⁸ Foi líder do Partido Social-Democrata Alemão de 1964 a 1987, tendo sido eleito pelo povo germânico Chanceler em 1969 e manteve-se no cargo até 1974. Em 1971, ganhou o Prémio Nobel da Paz. Faleceu a 8 de Outubro de 1992.

⁹ Líder histórico do Partido Social-Democrata Sueco, foi primeiro-ministro de 1969-1976 e 1982-1986, ano em que foi assassinado enquanto ainda detinha o cargo ministerial.

¹⁰ Foi eleito secretário-geral do Partido Socialista Francês em 1971 e, dez anos depois, em 1981, é eleito Presidente da República Francesa e manteve o cargo até 1995. Foi o primeiro socialista a conseguir ser eleito para o cargo, tornando-se assim uma figura histórica da esquerda francesa. Faleceu a 8 de Janeiro de 1996.

“As garantias de criação dum futuro regime parlamentar, tipo democracia burguesa, seriam mais “tranquilizadoras” para as forças da burguesia se dadas por um partido socialista, devidamente estruturado. A mim não me custa admitir no interior a “coexistência pacífica” tal como a advogo no exterior.

Este partido seria assim o elemento de aglutinação [sic] que tem faltado para que a Unidade com U grande se mantenha e lute com rendimento.” (Tito de Moraes, 1962, doc. n.º 8)

Após a queda do regime autoritário do Estado Novo, em tempo de liberdade, Tito de Moraes assumiu vários cargos políticos da maior importância tais como: deputado constituinte (1975), Secretário de Estado do Emprego do VI Governo Provisório (1975- 76), Secretário de Estado da População e Emprego (1976-1978), Vice-Presidente da Assembleia da República (1978), Presidente da Assembleia da República (1983) (Comissão Executiva das Comemorações do Centenário de Tito de Moraes 2010, p. 24). Em 1985, foi condecorado como Grande Colar da Ordem de Cristo e com o Grande Colar da Liberdade pelo Presidente da República, Ramalho Eanes (Assembleia da República, 2021, p. 299). Faleceu no dia 14 de Dezembro de 1999, com 89 anos de idade (Assembleia da República, 2021, p. 299).

A sua vida pessoal confunde-se com a vida política e partidária que levava. A condição de exilado demonstra bem isso: a barreira geográfica imposta à sua pessoa por motivos políticos não deixou de afetar a vida pessoal, colocando dificuldades rigorosas ao seio familiar: “Entretanto, se me for possível, avistar-me-ei com o teu homónimo, mas a vida está difícil porque não há massas” (Tito de Moraes, 1963, doc. nº29). As queixas que fazia a Ramos da Costa nas suas cartas eram raras, mas os desabafos, aqui e ali, aparecem como confidência ao seu camarada e amigo:

“Tu não teras paciência para me responderes a esta carta ponto por ponto, mas eu apesar de não ter tempo para me coçar, vou escrevendo. E uma maneira, a única, de desabafar!” (Tito de Moraes, 1965, doc. nº 105)7

Esta relação de amizade entre ambos foi, em grande parte, a chama que manteve acesa a possibilidade de existir um partido socialista, em Portugal, tal como o conhecemos. A obsessão militante de Tito de Moraes com a organização e a ideologia e Ramos da Costa com o seu trabalho de terreno e contactos pela Europa fora – ingredientes indispensáveis para a fundação do Partido Socialista. Ao olho menos treinado nas matérias da história política portuguesa da oposição ou até mesmo na Epistolografia (a leitura das cartas requer um olhar atento e informado), a veemência de Tito de Moraes na sua ação pode ser confundida com arrogância, possivelmente até

com um excessivo desejo de dar ordens e mandar nas estruturas em que estava envolvido. Não era o caso. A partilha de informações com Ramos da Costa e Mário Soares, os constantes pedidos de ajuda e de colaboração em prol da oposição e as difíceis condições a que se submeteu a si e à sua família para se poder dedicar com a sua energia característica são provas visíveis na escrita das suas cartas: “A minha situação é, como calculas difícil e será talvez ainda mais difícil no futuro” (Tito de Moraes, 1962, doc. n.º 32), escreveu Tito de Moraes no dia 11 de Agosto de 1963. De situações consecutivamente difíceis fez o que o próprio considerava impossível – organizar tanta gente (um autêntico movimento), em tantos momentos, através da escrita de cartas:

É muito difícil como sabes, preparar uma coisa desta responsabilidade assim por carta. É mesmo impossível. Mas arranca-me esses homens se não é a catástrofe. Tem de ser como tu dizes substancial, mas é preciso que eles percebam isto e que vejam o trabalho enorme que esta feito, as conquistas reais alcançadas, as perspectivas [sic] que se abriram e o risco ou melhor a certeza de tudo se perder se neste momento falham. Os líricos vão mandar muita gente com vários nomes e nós ficaremos sem fala se não quiserem vir. (Tito de Moraes, 1964, doc. n.º 87)

Ao mesmo tempo que percebeu a importância de uma militância ativa e da estratégia a longo prazo no terreno, não deixou de dar valor à propaganda e à comunicação, dois vetores que foram essenciais para o crescimento e posterior estabilização da ASP no interior:

Através dum jornal a editar no estrangeiro ou em Portugal (mais difícil) poderiam ser dadas as principais consignas que para Portugal – estou a falar-te só no início de atividades – seriam a de distribuir a imprensa e possivelmente a recolha de contribuições. A “palavra de ordem” seria a de se formarem células partidárias, nos locais de trabalho, entre amigos e conhecidos, ect [sic], sem necessidade absoluta de se ligarem entre si. (Tito de Moraes, 1962, doc. n.º 11)

É por estes motivos que considerar Tito de Moraes o “ideólogo da ASP” parece ser algo passível de consenso. Idealizou um Partido Socialista português em plena ditadura enquanto estava exilado, apesar de se reconhecer as dificuldades que isso implicava. Se a ASP foi o embrião do PS, Tito de Moraes foi um dos pais do Partido.

5.2. Ramos da Costa: esboço biográfico do marxista no terreno da Acção Socialista Portuguesa

Francisco Ramos da Costa nasceu no dia 10 de Setembro ano de 1913 (PIDE, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, liv. 7, registo n.º 1202), em Alfarelos, mas cedo se mudou para Lisboa para trabalhar como moço de recados no Restaurante Leão de Ouro (Avillez & Soares, 1996), tendo posteriormente ingressado na Escola Comercial (com lições de preparação para o exame de admissão pagas pelo próprio com o dinheiro que poupou enquanto trabalhava como paquete (Avillez & Soares, 1996)) e, mais tarde, no Instituto Comercial, onde se formou em Ciências Económico-Financeiras e, paralelamente, no mesmo período, chegou a diretor do Hotel Avis (Fundação Mário Soares, 2013). Durante este período da sua vida, ao mesmo tempo que estudava, ia absorvendo “um bom conhecimento da natureza humana, conhecendo muita gente importante de meios elegantes, artísticos, intelectuais, políticos” (Avillez & Soares, 1996, p. 145), experiência que o tornou um “homem extraordinário, simpatiquíssimo, de rara qualidade humana” (Avillez & Soares, 1996, p. 145) que, através dos seus próprios meios e esforço, “se fizera a si próprio” (Avillez e Soares, 1996, p. 145).

Dois anos depois, junta-se a um grupo de comunistas, composto por nomes como Álvaro Cunhal, Mário Dionísio e Vasco de Magalhães, denominado “Grupo de Amigos que contribuía para o Jornal “Liberdade” numa tónica “mais radical e de cariz marxista” (Fundação Mário Soares, 2013); tónica essa que levou consigo para os projetos políticos em que esteve envolvido posteriormente, tendo sido ele defensor de alianças com o PC, assumindo por vezes até papel de dialogar com os quadros comunistas: “Julgo, meu caro Xico, que o esclarecimento de posições, que a realização deste primeiro encontro, depende hoje quase exclusivamente da tua ação aí e na medida em que ligares as coisas com o PC” (Tito de Moraes, 1962, doc. n.º 3).

Como disse Mário Soares, Ramos da Costa foi “companheiro de juventude” de Cunhal (Avillez & Soares, 1996, p. 145), sendo frequentador assíduo da casa do pai do seu amigo (Avillez & Soares, 1996, p. 145). Ao mesmo tempo que era um resistente clandestino, foi “senhor doutor, director do Avenida Palace e, depois, do Hotel Aviz” (Avillez & Soares, 1996, p. 146). Esta capacidade de caminhar por dois mundos totalmente diferentes fazia dele “um homem de convicções, muito empenhado na luta política” (Avillez & Soares,

1996, p. 146) que não descurava o “espírito aventureiro” nem a “curiosidade insaciável” (Avillez e Soares, 1996, p. 146).

Ramos da Costa pertenceu ao quadro do Partido Comunista Português (chegando mesmo a membro do Comité Central no ano de 1941, uma passagem curta devido à “reorganização de 1941” (Avillez & Soares, 1996, p. 145)), militância que lhe trouxe vários momentos de prisão, nomeadamente nos anos de 1935 (primeira vez), 1947, 1948 e em 1949 (Fundação Mário Soares, 2013). Acerca das suas prisões, a PIDE escreveu o seguinte na sua ficha de detenção:

(...) motivo comunista. Transferido para a Cadeia do Aljube em 15-6-1935. Restituído à liberdade em 19-8-35. Preso por esta Directoria em 13-2-947, para averiguação. Tendo escolhido a Cadeia do Aljube (...) Transferido para o Depósito de Presos de Caxias em 5-5-1947. Preso por esta Policia em 1/5/48 na Ericeira. (...) Preso por esta Directoria em 15/2/49 para averiguações (...). (PIDE, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, liv. 7, registo n.º 1202)

Mário Soares relata a coragem de Francisco Ramos da Costa da seguinte forma: “Francisco Ramos da Cota portou-se como um leão, negou tudo, mesmo nas diversas acareações a que foi sujeito” (Avillez & Soares, 1996, p. 146).

Apesar de militante do PC, “nunca se deixou dominar totalmente pelo Partido” (Avillez & Soares, 1996, p. 146).

Em 1949, é preso por participar diretamente na campanha do general Norton de Matos – Tito de Morais também participou – por via das intervenções que ia fazendo (Fundação Mário Soares, 2013).

Em 1951, o Comité Central do Partido Comunista decide suspender a militância de Ramos da Costa e, por essa razão, o mesmo saiu do Partido, fazendo o mesmo Mário Soares. A par de Tito de Morais, pertenceu à já referida Frente Patriótica de Libertação Nacional enquanto representante da Resistência Republicana. Sempre em contacto com Mário Soares e Tito de Morais, é um dos fundadores da Acção Socialista Portuguesa, em 1964, em que teve um papel preponderante na inclusão do movimento na Internacional Socialista, uma adesão politicamente importante dado o apoio simbólico que representava e o apoio material requerido (Fundação Mário Soares, 2013). Foi, para além disso, quem garantiu a Tito de Morais, por inúmeras vezes, dada a desconfiança inicial do seu

camarada, que a ASP era um projeto político promissor e que, desde a sua fundação, apresentava perspectivas com futuro:

A organização da ASP que ao que parece tem feito progressos e se está implantando organicamente em todo o país, assenta em homens de formação ideológica vária, aceitando todos uma solução socialista para o país, que será aquela os elementos mais dinâmicos sejam capazes de formular (Ramos da Costa, 1965, doc. n.º 117)

Fez também parte da transformação da ASP em PS – Partido Socialista. Depois de 1974, acompanhou Tito de Morais e Mário Soares no “comboio da liberdade”, “foi deputado, por Coimbra, na Constituinte” (Avillez & Soares, 1996, p. 147). Mais tarde, desempenhou o cargo de Embaixador de Portugal na Jugoslávia e na Dinamarca (Fundação Mário Soares, 2013). Porventura, “teria gostado de ser Ministro das Finanças, após a Revolução” (Avillez & Soares, 1996, p. 147).

Apesar da inexistência de trabalhos biográficos feitos com foco em Ramos da Costa, os relatos que chegaram até ao dia de hoje, bem como a escrita transportada nas suas cartas mostram as várias facetas de um homem que subiu na vida a pulso, com muito trabalho, mas também boa disposição e energia contagiante. Nas cartas que trocou com Tito de Morais, é evidente a sua dedicação à luta clandestina, que galvanizou uma amizade cúmplice entre os dois que extravasou o âmbito meramente político. Não poucas vezes Tito de Morais recorreu à ajuda de Ramos da Costa – ajuda financeira inclusive para fazer face às dificuldades sentidas na sua vida pessoal – para manter o trabalho político em andamento, o que revela apenas a generosidade deste “bon vivant” (Avillez & Soares, 1996, p. 146). No dia 26 de Maio de 1965, Ramos da Costa escreveu a Tito de Morais o seguinte: “E eu que não creio em Deus, apesar de tudo acredito no [sic] homens.” (Ramos da Costa, 1965, doc. n.º 115). Esta crença nos Homens foi a sua grande marca. Acreditou na ASP mesmo quando Tito de Morais ainda desconfiava da viabilidade política deste movimento, acreditou nas ideias do seu camarada e de tudo fez para que, através dos seus contactos, tivessem impacto real no paradigma político da oposição ao Estado Novo e acreditou, sobretudo, que Portugal tinha de virar a página da ditadura: “O segredo de que se revestem todos os atos do Governo da ditadura coloca-nos numa posição difícil para podermos descer ao fundo do problema, o que alíás [sic] só o futuro governo democrático

português poderá fazer” (Ramos da Costa, 1962, doc. n.º 12). Faleceu em Lisboa, a 4 de setembro de 1982.

CONCLUSÃO

Ainda que a tendência, no que diz respeito ao estudo de correspondência, seja a de tornar as cartas num objeto meramente biográfico (transformando-as em equivalentes a trabalhos de natureza biográfica), esta dissertação incorreu num outro caminho suportado por autores como Heymann e Moreli (2021), Martins (2019), Leite (2017), Rocha (2013), Almeida (2017), Trapp (2003), Bateza (2023), que entendem a Epistolografia como uma área de estudo de uma complexidade tal que encontram nas missivas material para compreender a necessidade humana de comunicar com o outro; a subjetividade própria das temáticas escolhidas pelos missivistas que revelam, pelas suas opções, valores, princípios, ideias; a análise histórica de um determinado período no tempo; as memória(s) que a escrita inscreve no papel e a forma como são construídas; e, é claro, os traços de personalidade adjacentes à escrita que é, afinal, o meio através do qual se faz a Epistolografia. Neste trabalho, este âmbito interdisciplinar foi crucial para trabalhar a vertente política que as cartas trocadas entre Tito de Morais e Ramos da Costa carregam. Não só pela liberdade que a própria troca e existência das mesmas representa – a escrita enquanto escapatória a uma censura ditatorial (Franco, 2020) – mas também pelo seu conteúdo disruptivo pela democracia que defendia quando visto pela perspetiva de um *Portugal amordaçado* (Soares, 1974). As memórias que as cartas aqui apresentadas constituem uma nova narrativa (Leite, 2017) – subjetiva e qualitativa, claro, como todas as memórias (Traverso, 2012) e facilmente alvo das típicas mutações e reorganizações que afetam qualquer conjunto documental (Nora, 1998; Silva, 2020) – pertinente pelo seu papel fundador do Partido Socialista, um dos partidos fundadores da democracia portuguesa. Mas também pertinente por romper com a noção geral de que existiu, em Portugal, apenas um partido organizado contra o regime, o Partido Comunista Português. É certo que a ASP se autoproclamava uma “ação” e não um partido, apesar de, na primeira vez que soube sobre este movimento, Tito de Morais ter achado que era já um partido. Partido esse que já era pensado por ele desde, pelo menos, 1962. É aqui que a introdução das memórias de um sujeito histórico – isto é, que viveu a História – apresenta uma nova perspetiva que permite, no presente, fazer novas avaliações com novos olhares (Hartog & Guerreiro, 2019). Naturalmente que, partindo apenas da análise destas cartas para construir uma nova narrativa, aquilo que Le Goff (2013) aponta como uma História feita com as limitações das escolhas feitas num passado por agentes históricos com os seus valores, as suas necessidades e as próprias hierarquias de interesse perpetuam-se. Porém,

como todos os arquivos, coleções e conjuntos documentais estão sujeitos a este exercício de poder derivativo de opções ideológicas (Brown & Brown, 1998). Deste modo, torna-se relevante ter em mente que nenhum exercício de memória é neutro (Traverso, 2012) como nenhum discurso é neutro (Brandão, 2014), muito menos o discurso político que Tito de Morais e Ramos da Costa carregavam consigo.

Apesar de partilharem a mesma luta, Tito Morais e Ramos da Costa, nas suas cartas, partilha(va)m também as suas realidades, a sua visão dos eventos, das missões, dos objetivos e das necessidades que tinham pessoal e politicamente. É possível, assim, afirmar que, embora este trabalho trate de um conjunto documental de cartas trocadas entre dois indivíduos da mesma cor política, tratou também duas realidades diferentes, de interpretações distintas e vontades nem sempre coincidentes. Os sinais de resistência (Franco, 2020) que as suas cartas evocam são também sons (de Certeau, 2023) que retratam memórias de duas pessoas políticas, separadas geograficamente, que rompiam a distância através da escrita de cartas (Freeman, 2018).

Esta distância batida pela palavra escrita permitiu a Tito de Morais e Ramos da Costa pensarem um Partido Socialista para Portugal que pudesse ser o grande aglomerado da esquerda democrática, da República democrática (não tivesse Tito de Morais um grande defensor da Resistência Republicana), das bandeiras da descolonização e da justiça social e económica, que, pela génese marxista do pensamento político destes dois socialistas, andavam de mãos dadas.

O período entre 1962 e 1965 foi de intensa produção epistolar. Estas missivas contêm planos políticos, de intervenção no terreno e, sobretudo, de organização e definição de uma frente comum que pudesse despertar a atenção de outros partidos socialistas e da Internacional Socialista.

A partir da organização e da representação das cento e quarenta e duas cartas aqui transcritas respeitando a ortografia original, os erros, os sublinhados e as particularidades das expressões utilizadas, foi possível desenvolver e colocar em prática a proposta de Organização de Edições de Correspondência – que permitiu desenhar uma estrutura de trabalho para o estudo da correspondência –, ao mesmo tempo que foi feita uma análise de conteúdo decorrente da Investigação Documental (2021) com base nos termos “ASP” e “Partido Socialista”, que viabilizou a descoberta de várias referências que tanto Tito de

Morais como Ramos da Costa fizeram nestas cartas à fundação da Acção Socialista Portuguesa e de um Partido Socialista.

Desta forma, deu-se assim resposta, antes de mais, à pergunta de partida – *Como Organizar e Representar a Correspondência trocada entre Manuel Alfredo Tito de Morais e Francisco Ramos da Costa tendo em vista a sua edição?* – que serviu de mote ao desenvolvimento desta dissertação final. A resposta a esta questão envolveu uma série de procedimentos teóricos que precederam a parte mais técnica do trabalho com missivas, isto é, a transcrição, a organização e a representação. Como foi referido neste estudo, a leitura e a análise crítica de edições de correspondência publicadas constituíram os primeiros passos para melhor compreender de que forma a Epistolografia era estudada em Portugal. Desta análise foi retirada a conclusão de que a Epistolografia é um género utilizado, em grande parte, como base para suportar ramificações biográficas de trabalhos metodologicamente pouco explícitos, com opções tomadas, por vezes, de forma inconsequente, já que uma parte significativa das obras consultadas não seguiu nenhum tipo de método claramente designado ou explanado aos leitor no que toca à transcrição, organização, representação, análise de conjunto documental ou análise de conteúdo das cartas. Com vista a remar noutra maré para não naufragar nos mesmos erros cometidos em tais obras, este trabalho começou por pegar nas notas críticas feitas no período de leituras para desenvolver uma proposta metodológica que tivesse a capacidade de estruturar não só a presente dissertação, como trabalhos futuros na área da Epistolografia, quaisquer que sejam os panos de fundo em que os ou as missivistas se encontrem: política, literatura, música, cinema, teatro, entre outros. Ficou assim desenhada a Proposta geral de Organização e Representação da Correspondência em Edição, que dá quatro pontos basilares para pesquisar e analisar correspondência: 1) metodologia e critérios de transcrição; 2) nota de contexto sobre o conjunto documental trabalhado: dimensão, proveniência, missivistas; 3) teorização sobre Epistolografia e Correspondência enquanto fonte de informação e memória; 4) organização e representação da correspondência. Ou seja, ainda que a correspondência seja, naturalmente, o cerne deste tipo de trabalhos, a teorização acerca das mesmas deve ser feita para que o estudo não se fique pela mera constatação, mas vá além, até ao plano da interpretação, da crítica, do pensamento. Apenas assim é possível fazer avançar a Epistolografia para um caminho interdisciplinar, capaz de albergar a Ciência da Informação, a Filosofia da História, a Sociologia, os Estudos de Cultura e outras áreas que possam ser complementares entre si.

Na sequência da pergunta de partida, foram enunciados os objetivos gerais – a) conhecer a problemática da correspondência e da sua edição (crítica); b) compreender o lugar da correspondência como fonte de informação e invenção da memória – que foram, desde logo, respondidos através da leitura e estudo da literatura existente acerca da área da Epistolografia, culminando, respetivamente, na revisão de literatura produzida que suportou teoricamente os elementos basilares deste trabalho. Portanto, o conhecimento da problemática da correspondência e da sua edição, tal como a compreensão do lugar da correspondência como fonte de informação e invenção da memória foram atingidos através da resposta dada aos objetivos específicos, desenhados precisamente para este propósito.

Começando pelos primeiros dois objetivos específicos – (a) apreender o lugar da epistolografia como género e na compreensão dos diversos contextos; b) efetuar uma revisão da literatura científica em Portugal acerca da correspondência política – urge realçar as conclusões retiradas deste estudo que permitiram aferir que a Epistolografia não está circunscrita ao género biográfico ou a uma componente diarista que remete para uma ramificação da natureza biográfica. A escrita de cartas e o seu estudo permitem ir mais longe. Tão longe quanto, por exemplo, analisar a relação pessoal entre dois missivistas; analisar o conteúdo das cartas para efeitos dos estudos da memória e assim apresentar uma nova narrativa de variados eventos; evidenciar a uma determinada visão social de uma época histórica aos olhos de um agente histórico inserido num determinado contexto social ou até tratar de temas de cariz político. Mas ainda mais hipóteses existem. Tanto que, outra das conclusões apresentadas, é a de que inserir correspondência em categorias de pouco serve para as trabalhar: são um objeto demasiado complexo e repleto de características próprias dos seus autores, não fosse a escrita de cartas uma tentativa dos autores de colocarem em papel a sua visão do mundo, articulando assim a linguagem com a sua perceção da realidade, do tempo e das pessoas que as rodeiam. Este espaço histórico em que os missivistas existem (Brandão, 2014) prolonga-se até ao presente através das suas epístolas, que assim traçam um contínuo entre passado e presente através da sua memória.

Tudo isto só é possível com a transcrição, a organização e a representação da correspondência, tarefas aqui desenvolvidas, avançando até com uma proposta de Organização da Informação relativa a Correspondência com o propósito da sua edição. Só após esta organização é possível analisar as cartas e perceber o seu papel na construção da memória. E assim se edificou a resposta aos restantes dois objetivos específicos – c)

transcrever, organizar e representar (dimensão crítica da edição) a correspondência trocada entre Manuel Alfredo Tito de Moraes e Francisco Ramos da Costa; d) analisar as cartas como instrumento de construção de memória. A transcrição em anexo neste trabalho dá resposta ao objetivo c). Os traços metodológicos em que assenta baseiam-se na já explicada Proposta Geral de Organização e Representação da Correspondência em Edição, uma tentativa de dar coesão a um processo por vezes apresentado sem o fundamento necessário para justificar as suas opções. Esta coesão contribui não só para uma melhor organização e representação das missivas, como também facilita o processo de análise de conteúdo, principalmente atendendo à necessidade de estudar a(s) memória(s). A construção destas memórias feita a partir das cartas de Manuel Alfredo Tito de Moraes e Francisco Ramos da Costa comprovou a pluralidade de interpretações e convicções face a situações comuns entre duas pessoas. Esta introdução do agente histórico (Hartog & Guerreiro, 2019) e da sua experiência na narrativa histórico-política estudada permitiu trazer para cima da mesa uma nova invenção de retratos do passado enquadrados pela luz do presente e ajustados à necessidade de olhar para novas narrativas que complementem os acontecimentos relacionados com a oposição clandestina ao Estado Novo. No caso concreto desta dissertação, o foco incidiu sobre o período entre 1962 e 1965, anos fundacionais para o que viria a ser o Partido Socialista fundador da democracia portuguesa. Desde as ideias estruturantes de Tito de Moraes para um partido socialista que servisse de charneira para a esquerda não afeta ao PCP, aos trabalhos na Resistência Republicana (e FPLN), até à turbulência que foi a fundação da ASP, estas cartas demonstram que a fundação de um movimento político oposicionista em tempo de ditadura foi uma empreitada confusa – pela diferença de opiniões, inicialmente, acerca da viabilidade política da ASP, tendo em conta o trabalho que tinha sido desenvolvido sob o signo da RR e o que a saída da FPLN significava – mas levada a cabo muito por causa da relação pessoal entre Tito de Moraes, Ramos da Costa e Mário Soares.

Ao longo deste estudo, apresentaram-se algumas limitações de carácter técnico e que afetam qualquer conjunto documental, dado o próprio material em que se sustenta: papel e tinta. Algumas cartas tinham a tinta muito gasta, o que dificultou ou impossibilitou mesmo a leitura de algumas palavras e frases, dificuldade que se estende à própria escrita dos missivistas, por vezes impercetível, dada a sua letra que, em determinadas circunstâncias, era de difícil leitura. No entanto, para além disso, não se verificaram limitações significativas e impeditivas.

No futuro – componente tão presente nas cartas de Tito de Moraes e Ramos da Costa – será possível alargar este estudo, começando até pela análise do restante conjunto documental já transcrito no processo de desenvolvimento desta dissertação. Ficarà ainda em aberto a possibilidade de utilizar as cartas e outros elementos de cariz biográfico para fazer uma biografia de Francisco Ramos da Costa, um estudo que seria da maior relevância para melhor compreender o papel do mesmo na formação do Partido Socialista e da democracia em Portugal, mesmo até do ponto de vista dos contactos que estabeleceu no estrangeiro.

REFERÊNCIAS

- Almeida, S. C. de. (2017). Um espelho invertido da República: A correspondência dos diplomatas franceses no Brasil como objeto histórico (1892-1910). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 67, 165. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i67p165-183>
- Antunes, J. F. (Ed.). (1985). *Cartas Particulares a Marcello Caetano (1968-1974)—1º Volume*. Publicações Dom Quixote.
- Bateza, A. (2023). The precarious power of a strongly worded letter: Political correspondence, Lutheran theology, and civic participation. *Dialog*, dial.12807. <https://doi.org/10.1111/dial.12807>
- Bloch, M. (2002). *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Zahar.
- Bowen, G. (2009). Document Analysis as a Qualitative Research Method. *Qualitative Research Journal*, 9, 27–40. <https://doi.org/10.3316/QRJ0902027>
- Brandão, H. H. N. (2014). *Analisando o Discurso*. Museu da Língua Portuguesa.
- Braudel, F. (2009). *Escritos sobre a história*. Perspectiva.
- Breyer, T. (2007). *On the topology of cultural memory: Different modalities of inscription and transmission*. Königshausen & Neumann.
- Brown, R. H., & Davis-Brown, B. (1998). The making of memory: The politics of archives, libraries and museums in the construction of national consciousness. *History of the Human Sciences*, 11(4), 17–32. <https://doi.org/10.1177/095269519801100402>
- Campenhoudt, L. V., Marquet, J., & Quivy, R. (2019). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.
- Castaño, D. (2017). As raízes do Partido Socialista. *Observador*, 4.
- Ceccarelli, P. (2013). *Ancient Greek Letter Writing: A Cultural History (600 BC- 150 BC)*. OUP Oxford.
- Certeau, M. de (2023). *A invenção do Cotidiano*. Editora Vozes.
- Comissão Executiva das Comemorações do Centenário de Tito de Morais. (2010). *Manuel Alfredo Tito de Morais—Homenagem ao antigo Presidente da Assembleia da República no centésimo aniversário do seu nascimento*. Divisão de Edições da Assembleia da República.

- Costa, J. F. (2003). *A correspondência de Jorge de Sena: Um outro espaço da sua escrita*. Edições Salamandra.
- Coutinho, C. P. (2015). *Metodologia da Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Almedina.
- Cunha, A. (2013). *António Guterres. Os segredos do Poder*. Alêtheia Editores.
- Feijó, A. (2004). *Cartas a Luís de Magalhães (Vol. I)* (R. Feijó & L. de Magalhães, Eds.). Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Foucault, M. (1977). *Language, counter-memory, practice: Selected essays and interviews*. Cornell University Press.
- Franco, A. C. (Ed.). (2020). *Cartas ao Léo: Correspondência para João Carlos Raposo Nunes*. Maldoror.
- Freeman, M. T. (2018). *The Politics of Correspondence: Letter Writing in the Campaign Against Slavery in the United States*.
- Fundação Mário Soares. (2013). *Homenagem a Francisco Ramos da Costa*. <https://fmsoaresbarroso.pt/iniciativas/?id=001039>
- Gaustaud, C., & Costa, B. F. (2019). Apontamentos sobre Cultura Escrita e práticas Epistolares. *CEM - Cultura, Espaço & Memória*, 8, 13-23.
- Geoghegan, V. (1990). Remembering the Future. *Utopian Studies*, 1(2), 52–68.
- Guerreiro, A. (2019). A memória e as suas sombras. *Electra*, 8, 31-36.
- Hartog, F., & Guerreiro, A. (2019). O poder e a autoridade da memória. *Electra*, 8, 39-50.
- Heymann, L., & Moreli, A. (2022). Lula's Prison Letters and the Brazilian Presidential Papers: Archives, Readings, and Uses. *The American Historical Review*, 126(4), 1520—1534. <https://doi.org/10.1093/ahr/rhab535>
- Ladeira, F. C. de S. (2020). *A Correspondência de Cícero Durante a Guerra Civil: A crise política romana sob a ótica pública e privada*. Universidade Federal de Minas Gerais: Faculdade de Letras.
- Le Goff, J. (2013). *História e Memória* (7.^a ed.). Unicamp.
- Leite, A. C. da S. (2017). Cartas de Mulheres: História Social da Cultura Escrita de E/Imigrantes Portuguesas no Brasil (1896-1929). *CEM - Cultura, Espaço & Memória*, 357-372.
- Machado, Â. M. (2009). *O Binómio «Esquerda/Direita» no Portugal pós-25 de Abril*.

- Manucci, L. (2019). *Populism and Collective Memory: Comparing Fascist Legacies in Western Europe* (1.^a ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429275289>
- Marques, F. P. (2017). *O Socialismo e o PS em Portugal*. Âncora Editora.
- Martins, F. C. (2019). Correspondências modernistas. *Colóquio Letras*, 202, 33-38.
- Martins, S. (2005). *Socialistas na Oposição ao Estado Novo*. Casa das Letras.
- Martins, S. (2013). *Exilados Portugueses em Argel à FPLN: das origens à rutura com Humberto Delgado (1960 – 1965)*. Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Mathias, M. D. (2019). Correspondências e diários. Aproximações e afinidades. *Colóquio Letras*, 202, 27-32.
- Matos, C. (1995). *Eça de Queiroz/Emília de Castro—Correspondência epistolar*. Lello & Irmão - Editores.
- Monteiro, S. D., Careli, A. E., & Pickler, M. E. V. (2008). *A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento*.
- Nogueira, M., & Azevedo (Eds.). (2012). *Cartas de Amor de Ofélia a Fernando Pessoa*. Assírio e Alvim.
- Nora, P., & Khoury, T. Y. A. (1993). Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. *Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, 10. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>
- PIDE, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, liv. 7, registo n.º 1202
- Pontes, J. (2019). *Sinais de Vida. Cartas da Guerra, 1961—1974*. Tinta-da-China.
- Ramos, M. (2017). Teoria Clássica e Medieval da Composição Epistolar: Entre Epistolografia e Retórica. *CEM - Cultura, Espaço & Memória*, 8, 25-42.
- Real, M. (2019). A correspondência na cultura portuguesa. *Colóquio Letras*, 202, 15-26.
- Revez, J. (2009). *Os «Vencidos do Catolicismo»*. *Militância e Atitudes Críticas (1958-1974)*. Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa.
- Ribeiro, R. J. (1998). Memórias de si, ou... *Revista de Estudos Históricos*, 11(21).
- Rocha, A. (2013). *A epistolografia em Portugal*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rodrigues, U. Tavares, & Ferreira, V. W. (Eds.). (1999). *O Cristal da Palavra—Cartas Inéditas de M. Teixeira Gomes e Afonso Lopes Vieira*. Edições Colibri.
- Rosas, F. (1994). *História de Portugal: Sétimo Volume: Vol. 7.º volume* (J. Mattoso, Ed.). Círculo de Leitores.

- Rosas, F. (2012). *Salazar e o poder: A arte de saber durar* (Edição de bolso). Tinta-da-China.
- Sánchez, A. M. (2005). La Socialdemocracia alemana y el Estado Novo. *Portuguese Studies Review*, 13, p. 477-503.
- Schmidtke, O. (2023). Competing Historical Narratives: Memory Politics, Identity, and Democracy in Germany and Poland. *Social Sciences*, 12.
- Silva, C. G. da. (2020). O lugar dos ‘Arquivos Pessoais’ na Arquivística Internacional. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 33(2), Artigo 2. https://doi.org/10.14195/2182-7974_33-2_4
- Silva, C. G. da. (2021). Investigação Documental. Em *Manual de Investigação Qualitativa: Conceção, Análise e Aplicações*. Pactor.
- Simões, J. G. (Ed.). (1982). *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Stallybrass, P. (2008). *O casaco de Marx*. Autêntica Editora.
- Trapp, M. (2003). *Greek and Latin Letters: An Anthology with Translation*. Cambridge University Press.
- Traverso, E. (2012). *O Passado, Modos de Usar. História, Memória e Política*. Unipop.
- Traverso, E. (2019). A viragem melancólica: Memória e utopia do século XXI. *Electra*, 8, 67-78.
- White, S. (1983). Political Communications in the USSR: Letters to Party, State and Press. *Political Studies*, 31(1), 43–60. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9248.1983.tb01334.x>

APÊNDICES

Apêndice 1 - CORRESPONDÊNCIA POLÍTICA TROCADA ENTRE MANUEL ALFREDO TITO DE MORAIS E FRANCISCO RAMOS DA COSTA (1962-1965)

1962

1.

Paris, 20 de Fevereiro de 1962

Meu caro Tito

Venho de casa do amigo C.Pires onde estive a tratar com a Titinha dos assuntos que levantaste na carta que lhe escreveste, e eis-me, sem mais delongas, a responder-te:

Já deve ser do teu conhecimento que me encontro impossibilitado de regressar a Portugal e por agora fico em Paris, um pouco na expectativa [sic] e aguardando que outra solução se me ofereça em boas condições. Como é óbvio, o Brasil seria uma delas.

I – Deslocação a S. Paulo – O único obstáculo que se levanta é de ordem material, embora reconheça que haveria a maior necessidade em trocarmos impressões sobre o âmbito e estratégia política da organização dos emigrados políticos portugueses no estrangeiro. No entanto abre-se a curto prazo a possibilidade de nos encontrarmos na conferência a realizar no local que para êsse fim vier a ser escolhido, e parece que a cidade de Roma leva vantagem sobre os demais, para o efeito.

II – Conferência – A vossa sugestão veio ao encontro duma ideia que já estava em elaboração, simplesmente somos de opinião que é essencial a presença dos delegados do interior e as últimas prisões e o agravamento da luta e correspondente perseguição poderão ter concorrido para dificultar êste objetivo. Na proxima [sic] semana o assunto vai ser discutido para que se lhe dê viabilidade prática. Não estarei em Paris nessa altura, mas do que houver sido resolvido te farei rápida comunicação.

III – Representação de grupos políticos – Em Portugal criou-se há já alguns meses e está funcionando dentro dum espírito e eficiência unitária uma organização que engloba todas as correntes: A Junta patriótica. No estrangeiro, onde existam núcleos importantes de emigrados, à semelhança do que já foi feito em Paris, Roma e Londres deverão constituir-

se Juntas Patrióticas com delegados de todas as correntes políticas. Será por intermédio da representação destes organismos coletivos que será estabelecida a rede para a atuação prática. É portanto neste sentido que deverão conduzir aí as negociações.

Dois abraços muito amigos para ti e para a Maria Emilia do

Xico

2.

São Paulo, 4 de Março de 1962

Meu caro Xico

A tua carta de 20.02 parece ter sofrido algum atrazo na expedição pois só ontem me foi entregue, com vários carimbos dos correios de Paris. Deu-nos muita alegria, como calculas, receber notícias diretas tuas, tanto mais que via com certa preocupação o teu regresso a Portugal – não sabia que decidiras exilares-te – preocupações que se avolumaram depois dos boatos da nova prisão do Mário, agora confirmada pela Titinha. Este exilio [sic] no Brasil, tem como principal inconveniente a distância a que nos coloca de todos. Poucos se lembram de nós e as noticias chegam-nos com atrazo enorme.

Tenho insistido com a Titinha para receber por seu intermédio, notícias mais frescas, mas também aí em Paris não avaliam bem as distâncias e partem da hipótese de que nós já temos conhecimento dos assuntos. A Titinha dizia-me na sua carta: “como o Pai já deve saber, o Mário foi prêso...”

Notícias nos chegam tambem sobre o Piteira, mas o que ha?

Agradecia-te que me mandasses dizer exatamente o que se passa em particular com os nossos amigos, Zenha, Ferrão, Manuel, Gustavo, etc, e duma forma geral o que tem acontecido, sob o aspeto de repressão policial nestes ultimos tempos, em Portugal.

Como explicas a nova prisão do Mário?

Dizes-me que por agora tencionas fixar-te em Paris aguardando outra solução que se apresente em boas condições. Eu penso que não teras realmente dificuldades em encontrar em França, modo de vida, embora acredite que aqui no Brasil resolverias esse problema com toda a facilidade. Mas apesar do enorme interesse que teria na tua vinda para aqui considero que para a luta política é de longe preferível ficares na Europa. Mas tambem, tendo em vista as largas perspectivas de luta dos emigrados julgo que se impõe que nos encontremos a muito breve praso e teremos de encontrar a solução para o obstáculo financeiro. Não sei ainda bem como será, mas tem de se encontrar.

Feito este prologo, vou relatar-te o que sigo a minha atuação desde que saí de Portugal e dar-te uma ideia do panorama.

Em Paris contactei com todos os nossos amigos de forma que fiquei com uma ideia geral do que aí se fazia no campo da luta política. Concluí que numa maneira geral a ação era muito reduzida e se limitava à clássica luta dos papéis, não se integrando de forma alguma nas características que surgem devido sobretudo ao problema colonial que deu à nossa luta um âmbito internacional. Por outro lado, continuávamos a reboque dos acontecimentos não fazendo nada para nos anteciparmos a eles.

Por outro lado, tive várias conversas com dirigentes angolanos e confirmou-se no meu espírito a ideia da necessidade absoluta da criação dum organismo no estrangeiro, devidamente estruturado, que passasse a dirigir a luta que se trava cá fora, mas tinha de o fazer em íntima ligação com forças internas. Nessa altura, ainda não conhecia o Brasil nem os seus problemas e confiava muito nos Oposicionistas daqui para se dar corpo a esta iniciativa.

Lancei a ideia – que nem tinha a qualidade de ser original – mas fi-lo propositadamente com aspetos ambiciosos que supunha iriam causar as reações necessárias para que – embora em moldes diferentes dos sugeridos – o Organismo acabasse por se formar.

Assim sucedeu, no que se refere ao desencadear do Movimento para a realização da Conferência das forças políticas.

Ao chegar ao Brasil, vim aqui encontrar o ambiente mais desgraçado que possas imaginar. Este gente divertia-se – e alguns continuam ainda a divertir-se – a dizer mal uns dos outros. Talvez a minha pessoa, o nome, não sei, tivessem tido alguma influência no ambiente e consegui, sem grandes dificuldades organizar um movimento de unidade, que inclui delegados (melhor dito, pessoas) de todos os credos políticos com expressão em Portugal. Faltam Delgado e Galvão, o primeiro não nos hostiliza e acabará por nos apoiar (já fez certas démarches de aproximação) o segundo, combate-nos veladamente propagando um anti-comunismo que se estende aos que ele alcunha de cripto-comunistas, mas que não tem a mínima aceitação. Resume-se a um grupo de seis pessoas. Considero o caso Galvão como um caso perdido e sem nenhum [sic] interesse para a nossa luta.

Depois de formada a UDP, veio a reação, no sentido de a liquidarem logo à nascença. Isto parte de alguns aderentes da primeira hora.

Resistimos ao embate, atuamos com a maior prudência e bom senso, não nos deixamos arrastar para a polémica e a pouco e pouco as situações vão-se esclarecendo e a nossa posição vai-se consolidando. Para resumir posso dizer-te que a UDP no Brasil firma a sua

posição como representante legítima aqui da Oposição Portuguesa. Temos tentado a infiltração no plano internacional e alguns resultados temos tirado embora não tão animadores como eu desejaria.

Mas isto resulta sobretudo da falha de representatividade oficial do Movimento, oficial em relação às forças internas. Por isso eu insistia por essas credenciais que facilitariam extraordinariamente a nossa tarefa não só no sentido de anulação das investidas dos divisionistas (sobretudo personalistas) mas também no que se refere às instâncias internacionais.

Aqui existe pois um organismo, com pessoas ligadas por filiação ou por aproximação, às forças políticas integradas nas Juntas de Ação Patriótica, que atuam segundo uma linha unitária, mas que não é evidentemente uma Junta Patriótica, pois a ação destas Juntas reside em Portugal e não pode ser transplantada para o estrangeiro por motivos óbvios. Por isso interpreto o que me dizes no nº III da tua carta, como considerando a necessidade de representantes das Juntas em organismos do tipo UDP. E então no Brasil é preciso que as Juntas indiquem à UDP quem são os seus legítimos representantes aqui. Mas para isso era preciso que houvesse uma Junta Central em Portugal e eu não sei se ela existe, ou melhor penso que ainda não existe.

Isto leva-me a pensar que a solução está então na representação partidária e de correntes de opinião. Não te parece?

O que fazem as Juntas de Paris, Roma ou Londres, como Juntas?

É evidente que nada, pois a ação das Juntas é uma ação especialmente revolucionária enquanto que a ação no exterior tem de essencialmente política de apoio revolucionário. Todos estes problemas se esclareceriam e ficariam resolvidos na Conferência sugerida pela UDP, por isso considero esta iniciativa como a tarefa nº1 a ser por todos nós realizada.

Pelo que me dizes parece que as coisas vão em bom andamento mas és bastante lacónico. Era essencial conhecer as reações em Portugal quanto ao assunto. O enviado especial que la enviámos só deve regressar no fim da próxima semana, mas como uma das pessoas a quem devia falar era o Mário, receio que a missão não tivesse sido integralmente cumprida. Veremos o que ele nos vai dizer quando cá chegar.

Por outro lado, vejo como tu a dificuldade que existe na deslocação – atualmente – de pessoas de Portugal, mas esta dificuldade pode, a meu ver, ser vencida. Dada a natureza das pessoas que se encontram no estrangeiro, seria possível às forças em Portugal credencia-las para o efeito. As principais correntes políticas portuguesas têm no

estrangeiro representantes idóneos. Há o problema do regresso a Portugal, mas aqueles que o não puderem fazer legalmente poderão sempre lá voltar clandestinamente se for necessário.

Talvez esta forma de encarar o assunto, simplifique as coisas a contento de todos. Que te parece?

Não tenho bem claro ainda no meu espírito o que deverá sair da Conferência e sobre estes assuntos todos se impunha realmente – mais uma vez – que trocássemos impressões. Por carta é muito difícil.

Ainda por cima sendo um péssimo dactilógrafo! Já vou na 4ª página e ainda não disse 1/10 do que precisava dizer.

Os teus “amigos” banqueiros não têm uma missão para ti aqui no Brasil? Seria o ideal. De qualquer forma eu vou fazer força pra aí ir o mais brevemente possível, independentemente da Conferência, o que não impede que por teu lado vejas se arranjas meios para ca vires. Combinado?

Espero que a nossa correspondência não vá desaparecendo com o tempo. Devemos a meu ver manter um contacto muito frequente.

A Emília agradece e retribui o abraço.

Abraço-te com muita amizade o amigo certo

Tito

3.

6 de Março

Esta carta não seguiu devido ao Carnaval. Como sabes isto aqui é assim. Durante 4 dias ninguém faz nada, o que é uma maneira de dizer...100.660 perdem a virgindade...

Por isso. [sic] e porque tive conhecimento de certas reacções relativamente à Conferência, aproveito para te dizer mais qualquer coisa sobre o assunto. A UDP tomou a iniciativa de sugerir à Frente interna a convocação duma conferência não tenho ainda conhecimento duma iniciativa do PC, idêntica mas mais restrita quanto à representação. O aparecimento quasi simultaneo das duas sugestões parece ter criado certas confusões que eu receio muito venham a prejudicar a realização de qualquer delas. Entendo – e tenho a certeza

que estão de acordo comigo – que é preciso evitar isto a todo o tranze. Uma sugestão não prejudica a outra de forma alguma.

Uma conferência só com elementos do exterior é um primeiro passo para uma mais larga e dela podem resultar decisões muito uteis para a continuação da luta na medida até em que poderão participar pessoas de real representação partidária, agora exiladas. E é sem a mínima dúvida muito mais fácil de realizar principalmente agora que a repressão policial anda feroz, impedindo talvez em absoluto a vinda de alguém a Portugal. Deixa-me por isso dizer-te o que se me afigura que poderia ser a nossa posição no assunto e para o que a tua atuação aí poderia ser decisiva, se concordares:

1- Consideramos que existem no interior determinadas forças políticas que têm no exterior representativos idóneos.

2- Que há uma proposta do PC para a realização duma conferência com certas pessoas representativas, que de forma alguma exclui a participação de outras pessoas.

3- Que a UDP sugere a realização duma conferência incluindo a participação de representantes do interior.

4 – QUE, COMO PRIMEIRO PASSO PARA A REALIZAÇÃO DA CONFERENCIA DE MAIOR AMBITO SE REALIZE DESDE JA A CONFERÊNCIA SÓ COM ELEMENTOS ATUALMENTE NO ESTRANGEIRO, ESCOLHENDO ENTRE ELES OS MAIS REPRESENTATIVOS DAS FORÇAS DO INTERIOR:

Se todos fizermos força neste sentido, esta conferência poderá realizar-se dentro de muito pouco tempo e tomar resoluções duma extraordinária importância para o futuro da luta.

Julgo que expliquei bem o meu ponto de vista. É URGENTE reunir e estruturar a Oposição no estrangeiro. É DIFICIL se não impraticável nas atuais condições a vinda de Delegados de Portugal. Há no estrangeiro representantes idóneos dessas forças. REUNAMOS COM ELAS:

Preparemos nessa reunião uma outra de maior âmbito, mas vamos desde já para a frente e não percamos tempo a discutir pormenores de pouca importância. Considero portanto extremamente importante que te avistes aí – imediatamente – com um Representante Qualificado do PC, mas mesmo QUALIFICADO, e discutas com ele o assunto assentando nos pontos 1-2-3-4 desta carta.

Por outro lado haverá que explicar às forças internas este ponto de vista e que UMA CONFERÊNCIA NÃO EXCLUI A OUTRA. Penso que a UDP vai escrever a todas as Forças do interior a quem se dirigiu com a proposta, neste mesmo sentido.

Isto é absolutamente necessário para que não se confundam as intenções das pessoas e para que se ande para a frente não se perdendo tempo com discussões mais ou menos académicas.

Julgo, meu caro Xico, que o esclarecimento de posições, que a realização deste primeiro encontro, depende hoje quase exclusivamente da tua ação aí e na medida em que ligares as coisas com o PC.

Quanto a mim é preciso agir num sentido construtivo, pondo de parte tudo o que divide para se agarrar somente no que se une.

É um facto que todos estamos de acordo em que se deve realizar uma conferência, mais, que essa conferência deveria representar o mais possível a opinião de todos os Oposicionistas. Façamos sem perda de tempo o que para já é possível.

Estamos de acordo, Amigo? Mãos à obra.

Mais um fraterno abraço do amigo certo

Tito

4.

Paris, 6 de Abril de 1962

Meu caro Tito

A tua carta de 4 do mes passado só a pude ler quando regresssei a Paris, após uma ausência de dias, e embora com atrazo podes considerar-te no topo da hierarquia da minha consideração, porquanto a lista é grande dos que esperam a vez e disposição epistolar deste polígrafo malfadado que é o teu amigo.

Antes de mais parabéns ao jovem avô. A Titinha não está agora em Paris, foi juntar-se ao marido, em Champagne, mas ontem convidei o Camara para almoçar para te poder dizer, em confiança, que está, bem assim como o neófito.

O nosso Mário já deu para aqui noticias após ter sido posto em liberdade, mas desta vez os cavalheiros da PIDE obrigaram-no a três dias e três noites de suplicio de interrogatórios seguidos, e eu que fiz apenas dois dias e duas noites devo dizer-te que é uma experiência dura, talvez pior do que a pancada, porque esta tal como sucedeu da primeira vez que os tipos me foram ao pelo, dá origem a uma reação viril ativada pelo ódio de animal ferido, que em consequência desenvolve resistências morais. Isto, claro está, nos individuos de sólida formação moral e politica, e fisicamente resistentes.

Quanto ao Piteira mantém-se a mesma situação de ilegalidade e a mulher presa como refém. Imagina até onde chega a baixeza dos canalhas, juntaram na mesma cela a primeira

mulher do Fernando - a Cândida – que está a cumprir pena como membro responsável do PC e a Estela, cuja responsabilidade e atuação política não é de nenhum modo semelhante. O Zenha, o Manuel e o Gustavo estão em liberdade e o Ferrão que estava na embaixada do Brasil saiu também, e creio que muitos outros que ali se encontravam.

Estou ansioso por começar a dar-te as últimas novas e, mesmo com sacrifício de ordem e plano desta carta elas aí vão:

Os estudantes portugueses acabam de dar um magnífico exemplo de luta e, o que é mais estranho, foi a primeira luta com êxito, porque o governo cedeu em parte e pôs em liberdade todos os estudantes que tinha prendido. Pretenderam festejar o dia do estudante com programa que não submeteram previamente ao Ministro da Educação e este aproveitou o pretexto para proibir todas as manifestações, inclusive o grande banquete que se realizaria no Restaurante da Cidade Universitária, que o seu reitor – o Marcelo Caetano – autorizara. Fizeram greve, a primeira vitoriosa, que levou o Governo a dar explicações em nota oficiosa. Houve pancadaria e muitas prisões, principalmente estudantes do Porto e Coimbra que foram presos à chegada do comboio a Lisboa, mas o Governo ante a pressão dos estudantes que continuam uma ação que vai já tomando caráter político mais acentuado, pôs em liberdade todos os estudantes que prendera, e o Marcelo, que parece que se apressa a ganhar as esporas de cavaleiro da oposição ao regime, foi ao Ministerio da Educação pedir a sua demissão; no momento em que saía dali estavam juntos no Campo de Santa Ana mais de 2.560 estudantes que o aplaudiram e apuparam o ministro e o vice reitor, Prof. Gonçalves Rodrigues, que o seguira com uma ínfima minoria de professores. Dizem-nos que os estudantes vão fazer uma greve em todo o país para exigir a demissão do ministro, e, entretanto, tivemos hoje a notícia de mais duas demissões, altamente significativas, dada a conhecida rabulice e cálculo dos cavalheiros, trata-se do Moisés Amzalak – reitor da Universidade Técnica – e do Dr. João de Almeida – director geral do Ensino Superior e de Belas Artes e secretário-geral do Ministério da Educação.

Também o Diretor da PIDE – o Coronel Homero de Mattos – foi substituído pelo Capitão Silva Pais até agora diretor da Intendência Geral dos Abastecimentos – e antigo fascista reputado de hábil e inteligente. Lembreste: foi o tipo que dirigiu no Ministério do Interior a devassa das assinaturas e depois propôs a perseguição de centenas de funcionários que foram demitidos dos seus lugares, além do enriquecimento e atualização que então fez das fichas da PIDE.

Quanto à conjugação da atividade dos deportados ou exilados no estrangeiro estou de acordo em parte com as tuas considerações no respeitante ao carácter diferenciativo de funções políticas das Juntas Patrióticas no interior e no exterior e, contigo entendo que antes de uma definição e determinação de objetivos se torna indispensável, quanto antes, uma reunião de emigrados políticos importantes e representativos, de preferência à solenidade e complexidade dum congresso numeroso.

Nestas águas também corre a opinião do Álvaro que para aqui escreveu nesse sentido. Essa reunião, que em princípio será em Roma, está colhendo a adesão de todas as correntes daqui que bem ou mal se encontram estruturadas numa Junta Patriótica de Paris, mas, claro, morosamente se vai arrastando nas diligências práticas para a sua efetivação. Levantas a dúvida de que exista uma Junta Central em Lisboa. Ora, à data da minha partida existia pois dela fazia parte o teu amigo, embora trabalhando com as dificuldades de prisões dos seus membros mais ativos.

É indispensável a participação desses elementos em representação autêntica do movimento do interior na reunião dos emigrantes políticos que preconizamos, e é esse o problema que se está procurando solucionar o mais rapidamente possível.

Entretanto Vocês aí deverão procurar resolver politicamente, desde já, a representação à reunião que vimos referindo e financeiramente ocorrer à despesa respetiva pois nesse capítulo cada núcleo deve pronunciar resolver o seu problema e se lhe for possível ajudar a resolver o daqueles que encontrem mais dificuldades.

Como podes [sic] calcular dada a importância do conteúdo da tua carta dei dela conhecimento a outras pessoas a quem podia interessar, e como eu concordaram com a linha geral do que propões.

Para que esta não demore mais do que as circunstâncias já forçaram vou terminar com abraço do melhor amigo de sempre que levarás até à Maria Emília

Xico

5.

São Paulo, 7 de Abril de 1962

Meu caro Xico

Estou imensamente surpreendido com o teu silêncio! Não recebeste a minha carta?

Prometias dar-me notícias muito breves sobre o que se resolveria em Paris acerca da Conferência e não voltaste a escrever?

Que se passa? Será que tão rapidamente te adaptaste aos “costumes de exilado” que adias para o dia seguinte as notícias?

Não acredito e alguma razão haverá, certamente, para o teu silêncio.

Tivemos notícias da nova prisão do Mário, mas parece que já está novamente em casa dele. Ser-me-ia imensamente útil poder manter com ele uma correspondência frequente mas para isso seria necessário encontrar portadores ida e volta seguros, o que aqui no Brasil é praticamente impossível. Tens tu alguma possibilidade de assegurar esta ligação? Feita por teu intermédio teria ainda a vantagem de ficares ao corrente dos assuntos.

Que se passou com a Conferência? Não voltei a ter notícias e considero esta reunião – com ou sem delegados do interior – a coisa mais importante que temos a resolver.

Eu julgo, meu caro, que devemos por de lado todas as discussões mais ou menos académicas e tratar de realizar com a maior eficiência esta reunião.

Se conseguirmos coordenar, através de um organismo coordenador unico toda a actividade no estrangeiro fabricaremos uma arma à qual o Salazar não resistirá. Porque não ajudas a resolver os problemas impeditivos se os há?

Porque não metes mãos à obra? Porque me não dizes o que se passa? Responde, homem!! Os assuntos aqui no Brasil vão bastante mal. Nunca tinha encontrado gente como esta! Quanto te contar, nem acreditas. E tudo isto é possível resolver, aqui e por esse mundo fora, quando se fizer sentir um poder mais forte e mais legítimo.

Porque é que as JAP não indicam um de nós como seus representantes ou delegados aqui? Só esta delegação do interior poderia acabar com as formulações individualistas dos “grémios” desta terra. Este e muitos outros assuntos ficariam resolvidos ficariam na Conferência, Xico! Porque havemos de desprezar uma força que tanta falta nos faz? Porque não havemos de aproveitar as delimitadas possibilidades de acção que a luta no estrangeiro nos proporciona?

Diz, diz para cá o teu ponto de vista. Diz-nos o que se passa em Portugal, como funciona a Junta Central das JAP, como julgas que devemos atuar.

A tua vidinha como vai? Já te fixaste em Paris? Trabalhas? Conta. Escreve-me uma carta, sacrifica uma horasita das que dedicas a essas “minstinguettes” do Bld. S. Michel...

Com grande abraço do muito amigo,

Tito

Querido Xico, Sempre Julguei que o teu silêncio significava que vinhas a caminho e que um dia destes nos batias à porta! Mas esperámos em vão! Parece afinal que nos esqueceste. Abraços da muito amiga MEmília.

6.

São Paulo, 20 de Maio de 1962

Meu caro Xico

Depois de ter recebido a tua carta de que se enviou com uma que te escrevi, não mais deste o prazer ao teu amigo de receber umas linhas tuas.

Sei que sou “precipitado”, mas não me conformo com esta situação, tanto mais que te fazia alguns pedidos que esperam resposta.

Pelas notícias, raras, que nos chegam tudo leva a crer que se está processando em Portugal um levantamento geral da população que vencerá o fascismo e que em breve (?) poderemos regressar à nossa casa.

Aquela conferência que tão esperada era não se realiza? Que se passa sobre o assunto? Eu penso que havia mais vontade de “bater” simultaneamente e um encontro poderia conseguir esse objetivo.

Eu continuo a fazer força, mas sem grande sucesso. Há cerca de 1 mês falávamos na possibilidade dum encontro para “breve” suponho que restrito, mas, mesmo esse, nada até agora!

Há tanto que se poderia fazer!

Volto a escrever-te um pouco à pressa principalmente com o intuito de te obrigar à resposta (que chato!...)

Desculpa.

Para apoio à luta temos desenvolvido aqui certa atividade, principalmente uma série de manifestações dos sindicatos, discursos dos Deputados, cartas às autoridades, etc.

No próximo domingo haverá um comício que esperamos que seja grande, que se realiza com o apoio da maior parte dos sindicatos locais que tentam pressionar o poderio no sentido de tomar atitude mais concreta contra a ditadura. Vamos a ver.

Adeus, amigo. Até quando!

Um forte abraço do amigo de sempre,

Tito

Um abraço saudoso e amigo da Maria Emília

7.

Paris, 6 de Junho, 1962

Meu caro Tito,

Cá me tens de novo a dar-te notícias e a corresponder ao pedido de resposta breve à tua carta de 20 do mês passado, mas que chegou às mãos com seis dias de atraso.

Em primeiro lugar importa falarmos de Portugal porque muito embora estejas certamente informado da temperatura política do nosso país é sempre útil qualquer achega de informação.

Os estudantes continuam com boa estamina e a manter o conflito com o governo em termos que transcendem [sic] os limites académicos e tomam cada vez mais o carácter de impugnação do regime. Entretanto as pessoas pacatas, embora algumas de boa formação, entre os professores e assistentes são forçados a tomar atitudes em defesa dos estudantes que os comprometem e põem a nu a feição cada vez mais policial do regime. Ainda recentemente os Professores Jaime Celestino da Costa e Sintra foram agredidos pela Policia porque solidarizando-se com os estudantes se opunham à entrada da policia na Faculdade de Medicina.

As manifestações de 1 a 8 de Maio de que já vi fotografias foram realmente dum tipo político diferente das anteriores isto é as pessoas, dezenas de milhares, estavam determinadas numa resistência ativa e quando atacados num local forças de policia e GNR, se não podiam resistir ali volviam a outros limítrofes e prosseguiam a sua grita contra o regime. Creio que foram úteis politicamente, mas a insistir-se neste meio será necessário organiza-las em termos de se manterem crescendo, por isso no dia 28 de Maio embora estivessem anunciadas outras manifestações de rua, não se fizeram o que foi preferível, uma vez que não havia possibilidade de as fazer ao nível das anteriores. O governo tinha tomado precauções correspondentes a verdadeiro estado de sítio.

De tudo resulta que praticamente a vida nacional está ficando cada vez mais desorganizada, assistindo-se praticamente a uma disponibilidade governativa para todos os assuntos construtivos e obcecadamente entregue à ação policial de manter a ordem à custa dum número cada vez maior de vítimas que engrossam as prisões em volume que há muito não cinhecia [sic] e à ação militar da condução da guerra colonial que nos arruína até ao sangue branco. Todos os recursos são desviados para a consecução destes dois objetivos. Portanto, meu caro Tito, estou convencido que seja qual for a solução política de alternativa ela torna-se cada vez mais irremediavelmente necessária, mesmo para os grandes interesses que apoiavam Salazar.

Quanto à conferência de que me falas tivemos aqui a semana passada durante dois contactos com delegados das Comissões de Amnistia vindos de vários países europeus:

Itália, Inglaterra, Bélgica tendo-se resolvido enviar a Portugal um grupo de personalidades de renome internacional para indagar e colher elementos sobre a ação policial ultimamente exercida e com base nessa informação fazer uma conferência internacional em princípio ficou marcada para Novembro de 1962. Como vêes a nossa imprensa continua sem eco e as pessoas tratam estes assuntos com delongas que a meu ver até os próprios acontecimentos ultrapassarão.

Também houve aqui uma reunião de jovens presidida pela tua Titinha que se portou nas funções como homem grande e donde saíram várias decisões de apoio ao movimento dos estudantes em Portugal.

Por outro lado, já aí chegou e possivelmente já assinaste um documento feito por universitários e intelectuais de apoio aos estudantes. Assinaste? O texto agradou-te?

Aqui em França o panorama político tende a modificar-se contra a OAS, mas sem que se arranquem as raízes do mal, porque elas alimentam a árvore do próprio regime gaulista. Depois da vergonha do julgamento de Salan vem a carta de Jchaud a pedir que cessem as atividades terroristas. Tudo isto prova que a OAS continua como força política da extrema direita organizada, mudando apenas a tática: de grupo terrorista que era poderá tornar-se num agrupamento político ativo e constituir uma reserva estratégica para as direitas francesas, que por agora se encontram bem defendidas e utilizam em seu proveito o regime de De Gaule.

8.

São Paulo, 8 de Junho de 1962

Meu caro Xico

Aqui vai mais uma carta com a qual pretendo apresentar-te um problema, pedir a tua opinião sobre o assunto e perguntar qual a posição pessoal que eventualmente tomarias. Agradecia-te que por outro lado considerasses esta carta confidencial até que alguma coisa seja decidida.

O problema é o seguinte:

Considero muito importante não só para a luta atual como para o futuro que se estruture um partido político – com cabeça, tronco e membros – que reúna todas as forças socialistas de esquerda em Portugal, que por esta ou aquela razão não estão integradas no P.C.

Isto parece-me evidente porque:

Este partido poderá logicamente ter uma função de grande relevo na futura vida política da Nação.

Permitirá reunir numa equipa de trabalho o que há de melhor na intelectualidade portuguesa.

Facilitará em grande parte uma abertura para a esquerda, evitando que o poder venha a cair nas mãos duma direita reacionária.

Parece-me que só um partido deste tipo podera criar a sociedade socialista no nosso país, dada a posição geográfica de Portugal, as características próprias do Povo e a situação internacional envolvente.

No que se refere ao futuro, parece-me que chega. Quanto ao presente:

A luta para o derrubamento do fascismo em Portugal tem de assentar num órgão político e de ser travada dentro de um espírito de unidade de todas as correntes políticas. Ora esta unidade far-se-á mais facilmente em torno dum partido socialista – mesmo Marxista-Leninista – do que em torno do PC, como tem acontecido até aqui.

As garantias de criação dum futuro regime parlamentar, tipo democracia burguesa, seriam mais “tranquilizadoras” para as forças da burguesia se dadas por um partido socialista, devidamente estruturado. A mim não me custa admitir no interior a “coexistência pacífica” tal como a advogo no exterior.

Este partido seria assim o elemento de aglutinação [sic] que tem faltado para que a Unidade com U grande se mantenha e lute com rendimento.

Vou dar-te a seguir um esquema breve de como penso que este partido poderia ser organizado. Seria em princípio formado por:

- Comissão Central, que funcionava em Portugal.
- Comissão Diretiva, com membros em Portugal e no Estrangeiro que compreenderia um Secretariado Geral, parte em Portugal, parte no estrangeiro.
- Comissões Regionais, em Portugal.
- Comissões nos locais de trabalho, em Portugal.
- Células, em Portugal.
- Delegados, no estrangeiro.

Deveria realizar-se o mais rapidamente possível o I Congresso do Partido, com a participação de filiados de Portugal e do Estrangeiro no qual seriam aceites representações credenciadas por carta.

Este Congresso teria as seguintes atribuições:

- 1) Aprovar um Programa Político, ideológico, que abrangeria a política interna, a colonial, e a estrangeira.
- 2) Aprovar um “Apelo” à luta entrosada na ação das JAp’s, abordando aspetos particulares da luta e propondo, um Programa Mínimo para o 1º Governo Provisório da II República.
- 3) Aprovar um “Apelo” notificando a constituição do Partido e convidar a massa operária, camponesa, sindical, funcionários, e intelectuais a ingressarem no Partido.
- 4) Eleger a Comissão Central.
- 5) Eleger a Comissão Diretiva. Os filiados residentes no estrangeiro que fossem eleitos para esta Comissão designariam o Secretariado no Estrangeiro, os residentes em Portugal o Secretariado em Portugal.

O Partido tinha evidentemente de ser clandestino o que implicava o uso de pseudónimos e toda uma rede de ligações clandestinas. Esta precaução deveria estender-se em certa medida – na necessária – ao estrangeiro.

Uma das tarefas mais urgentes seria a de criar em Portugal uma rede de células capazes de darem corpo à Organização para o que se devia lançar meio de todos os processos de propaganda, das ligações políticas existentes, das JAP’s, das antigas comissões eleitorais, ect. Teriam além disso de ser criado imediatamente um corpo de funcionários, só conhecidos de membros da Comissão Diretiva, que tinham de ser recrutados com o maior cuidado pois constituiriam por assim dizer a espinha dorsal do Partido.

Uma vez constituído o Partido procuraria inscrever-se nos Organismos Socialistas Internacionais, procuraria entendimentos com outros partidos socialistas do Mundo, com Sindicatos Operários, etc.

Seria necessário conseguir-se um largo apoio financeiro no estrangeiro que deveria ser procurado não só junto dos organismos internacionais como também junto de Governos, de preferência os chamados “neutralistas” e daqueles que são devedores a Portugal por grandes importações ou por outros motivos.

Teria que se desencadear uma larga campanha de propaganda no País através da Rádio e da Imprensa clandestina, assim como no estrangeiro, colaborando com todas as manifestações de esclarecimento e de solidariedade e tomando iniciativas próprias neste campo.

Procuraria intervir direta ou indiretamente com a ONU.

Procuraria pela sua influência o reconhecimento de “de jure” dum organismo unitário “Delegado da Oposição Democrática em Portugal”.

Estou a escrever-te ao correr da máquina e a focar talvez, particularidades que não interessam muito ao caso mas que refletindo o meu pensamento te esclarecem certamente melhor e evito assim uma troca de cartas, explicações, etc, que dada a distância a que nos encontramos atrasariam a marcha dos problemas. Ficas assim com uma ideia mais geral do meu projeto e se quiseres aderir como espero, vamos juntamente com uma série de Amigos, meter mãos à obra.

A maneira mais rápida de trabalhar poderia ser a seguinte:

- a) Formava-se uma Comissão de 2 ou 3 pessoas que se encarregavam de elaborar um projeto de Programa.
- b) Formava-se outra Comissão que redigiria os “Apelos” a que me refiro atrás.
- c) Formava-se um Secretariado Provisório que se encarregaria de convocar o Congresso, portanto de entrar em ligação com as pessoas suscetíveis de aderirem e de comparecerem ou de se fazerem representar.

Qualquer dos documentos atrás referidos tinham de ser elaborados em prazo muito curto para que os convites a efetuar para o Congresso já pudessem ser acompanhados destes projetos.

Não me parece isto difícil, pois não precisam ser documentos muito extensos e se podem limitar a enunciar linhas gerais dum pensamento político, embora tenham de focar problemas como a reforma agrária, as nacionalizações, os problemas da habitação, do ensino, sindicais, etc. Além disso focar uma política externa independente,, promovendo as relações amigáveis com todos os países. Terá também que se refletir as dívidas contraídas pela ditadura, aos acordos, etc. Quanto à política colonial advogará a autodeterminação e a independência das colónias a conceder por processos democráticos e com a salvaguarda dos legítimos interesses do Povo Português.

No Programa mínimo do Governo Provisório alguns destes pontos seriam novamente focados e teria que se referir especialmente as medidas imediatas que se teriam de tomar para a instauração dum regime democrático no país. Forma de consulta ao eleitorado, constituição de partidos políticos, lei eleitoral, medidas para evitar a fuga de capitais e de responsáveis pelos crimes da ditadura.

Como és a 1ª pessoa a quem escrevo sobre este assunto e como considero muito importante a tua opinião, agradecia que me respondesses o mais rapidamente possível lembrando-te que uma carta leva 6 a 8 dias a cá chegar.

Eu suponho que concordarás em princípio com a ideia e por isso os teus comentários, as tuas sugestões, a tua colaboração, são urgentes e indispensáveis.

Parece que está para breve o encontro proposto entre certos opositoristas – só do Brasil. Não sei bem o que se irá passar mas tenho algumas esperanças no resultado do colóquio pelo menos no que se refere à estruturação da luta no estrangeiro. Se soubesses a data – que repito suponho seja muito breve – e aqui pudesses vir, seria uma coisa estupenda. Não vês forma de aqui vires realmente? Sabes que casa, cama e mesa tens de borla e a viagem é um esforço...

Aqui tens meu caro Xico. É preciso romper com esta cadeia de luta em que vivemos para a transformar numa ação decisiva, estudada sob todos os aspetos, tecnicamente, cientificamente que então não pode deixar de resultar.

9.

Paris, 15 de Junho de 1962

Meu caro Tito:

Mais uma vez cruzámos as nossas missivas, possivelmente em pleno Atlântico, o que prova que estamos a caminho duma boa sincronização dos nossos anseios de comunicação epistolográfica. Para atingirmos a perfeição é preciso avançarmos ou recuarmos os espaços atuais das nossas cartas. Como vês dei o exemplo e avancei, portanto aqui me tens a responder ao ponto capital da tua carta de 8.

Quanto à confidência guardo-a e peço-te que, por teu lado, a mantinhas, pois é assunto demasiado melindroso para trazer à conversa fiada destes políticos aprendizes que por aqui proliferam.

O assunto torna-se mais interessante e oportuno quanto é certo à latere da última reunião que aqui tivemos com delegados de varios paises, sucedeu que entrei em contacto estreito com um importante membro da ala esquerda do partido de Nenni, que esteve em Portugal, recentemente, e acompanhou de perto o movimento dos estudantes. Embora reconheça a importância extraordinária do movimento como ponto de partida para uma consciencialização mais revolucionária, verificou, no entanto, a deficiente [sic] preparação politica dos leaders dos estudantes e a falta de assistência política por parte dos leaders adultos da oposição, que em seu entender deveriam ter aproveitado a onda de

rebeldia estudantil, transvasando-a da Universidade para a cidade, e, eventualmente, para o país.

E concluiu: existe uma lacuna no naipe político português que é preciso preencher: a constituição dum partido socialista de esquerda, marxista, que estabeleça laços de colaboração com o PC mas mantenha uma capacidade de manobra que lhe permita mobilizar grande parte dos políticos que se encontram em crise de partido, isto é, que não pertencem a nenhum ou já tenham pertencido e hoje se encontram indecisos, porque além do PC nada existe que valha, pelo seu mérito orgânico, tal nome.

Também este amigo italiano entendia que devíamos meter ombros a esta tarefa e achava que eu devia empreender passos decisivos nesse sentido, porque desde que se trate de pessoas idóneas poderíamos contar com ajuda e colaboração mais lata do PS italiano (ala esquerda).

Como vêes a tua carta veio muito a propósito levantar um problema que estava no âmago das minhas preocupações políticas atuais. Não ignoras que o nosso grupo de Lisboa, embora não seja coeso, porque a posição política de cada um dos seus componentes não é a mesma (Mário, Piteira, os dois Chicos, Gustavo, tu, etc.) constitui apesar de muitas deficiências [sic] um grupo de trabalho político que já deu no passado provas positivas e negativas de que é preciso tirar a lição. Quando me refiro a provas negativas penso principalmente no pessoalismo exarcebado dalguns que os leva a conflitos e incompatibilidades absolutamente inadmissíveis (estou a pensar no caso Piteira-Manuel). Todavia este grupo poderia vir a constituir um núcleo [sic] para o que propões.

A minha posição face ao problema não devo esconder-ta. Devo constituir com o meu homónimo do diminutivo, dentro do grupo, o tipo de político que se não encontrava em crise de partido, porque muito embora não pertença ao PC pelas razões que conheces e por discordar de uma orientação que a meu ver está desfasada, quer no respeitante à realidade política do país, quer em relação com a ansiedade duma pesquisa internacional de atualização que outros estão fazendo, como por exemplo o PC italiano, acho no entanto que estratégia política pode aconselhar a formação dum partido socialista como elemento aglutinante de elementos socialmente difusos, partido êsse que pode evitar a queda da social-democracia num anti-comunismo estéril e por outro lado pode ser um instrumento de ação política dentro duma legalidade democrática transitória que não aceite o PC como parte integrante no jogo ou o condene a uma oposição que se traduz no seu isolamento num gueto político.

Considero, porém, três pontos como essenciais para se levar por diante a empresa:

1- Que o partido disponha dum dispositivo para se estruturar junto das massas operárias e camponeses, principalmente captando aquelas que seguem hoje os católicos, que as aliciam com uma demagogia esquerdista que muitas vezes ultrapassa mesmo o próprio PC. Para isso impõe-se um plano de ação a conduzir em Portugal, mais do que as elocubrações [sic] dum gabinete parisiense ou paulistano.

2- Estudar uma reunião a fazer, possivelmente, no estrangeiro, um paco de não agressão política e ideológica com PC, e estabelecer as bases duma colaboração necessária.

3- Estabelecer um programa político e administrativo com prise sobre os problemas da realidade concreta social e económica com primazia sobre as grandes generalidades.

Desta forma o povo compreenderá que estamos preparados para resolver desde já os seus problemas imediatos ao nível governamental, e preferirá obter satisfação gradual para as suas justas reclamações dentro das possibilidades políticas que se oferecem, em vez da esperança duma realização total do seu problema de emancipação geral, pela posse revolucionaria dos meios de produção.

Parece-me que o Mário virá dentro de pouco ao estrangeiro e seria ótimo porque trocaríamos impressões sobre este magno problema. Aliás, muito de seu agrado. Consegui arranjar-lhe um bom cliente em Itália que lhe pagará a deslocação, há no entanto que contar com qualquer surpresa de impedimento por parte da PIDE, o que não seria de estranhar.

Ainda no referente ao partido acho que os elementos esquemáticos da sua orgânica que sugeriste, podem vir a ser pontos de partida para uma discussão futura. Impressionou-me, no entanto, desagradavelmente, a relevância que pretendes que venha a ter o seu corpo de funcionários que em teu entender deverão constituir a sua espinha dorsal.

Quanto à minha ida aí, considero-a com certa viabilidade desde que haja justificação. Por exemplo, se aí fizerem qualquer reunião importante, farei das tripas coração para não faltar.

Junto envio-te um trabalho que fiz para vários órgãos da imprensa que utilizarás se a prosa te agradar pois os factos são insofismáveis.

Meu grande abraço para ti e para a Maria Emília do amigo que vos abraça fortemente.

Ramos C.

10.

S.P 22.06.62

Meu caro Xico

Só duas linhas para acusar a receção da tua carta de 15 e do estupendo trabalho que fizeste que gostei muito de ler. Analise sucinta, bem feita, elucidativa. Parabéns.

Terei como dar-lhe publicidade.

Quanto ao assunto principal estamos – como seria de esperar – inteiramente de acordo. Eu entendo o Partido Socialista – que se poderia chamar “Partido Socialista Unificado” como um aliado do PC e não um concorrente.

Com outras características não me interessa e suponho que teremos suficiente influência para lhe não estas características.

Responderei mais à tua carta, amanhã ou depois, mas não queria deixar de te escrever hoje mesmo, para te informar do seguinte:

Até ao fim deste mês deve realizar-se uma entrevista, por iniciativa do Duarte, com ele, o General, o Rui Gomes, o Sertório, o Sarmento Pimentel e eu. Isto está a tratar-se do mais absoluto sigilo, a ponto de não saber a data exata do encontro.

Acontece que consideraria a todos os títulos vantajosa a tua presença, mas nem sei bem como conseguiria sem criar “desconfianças”.

Condizem as suscetibilidades, de certa forma, com quem não queria ter complicações.

Como o encontro se deve realizar até ao fim deste mês, como te disse, eu poderia enviar-te na véspera da entrevista (logo que pudesse) um telegrama. Tu tinhas a mala feita e embarcavas. A reunião deve durar 2 ou 3 dias pelo que chegarias a tempo. Eu insisti muito no teu nome, entre outros, não será portanto novidade a minha opinião, mas seria talvez preferível que tu aí contactasses o responsável e lhe disseses que, tencionando ir ao Brasil e contando-te que se realizará este encontro a que desejaras assistir, que te indicasse a data certa – de qualquer outro processo.

Percebes-me? Mas só deves falar neste momento com verdadeiro responsável do PC.

Aliás, deve haver aí algum que tu conheças.

Escrevo-te muito à pressa, no escritório, no meio da barafunda. Desculpa a confusão!

Não me dizes nada sobre a elaboração dos documentos primeiros do PSU. Mas isto fica para a próxima. Falam-se no Saraiva também interessado no assunto. Que dizes? A vinda do Mário ao estrangeiro dá uma oportunidade ótima!

Abraço grande do amigo certo

Tito

São Paulo, 23 de Junho de 1962

Meu Caro Xico

Hoje, Sabado, poderei responder à tua carta de 15 – chegada ontem – com mais sossego, longe do bulício do escritório, da confusão das engenharias e, porque não dizê-lo, afastado da tentação, de deitar o rabinho do olho para as inúmeras Secretárias que por lá se bamboleiam...

Tudo o que me dizes vem confirmar em absoluto o meu ponto de vista sobre o problema que te pus ainda que:

1- Me não enganava – de forma nenhuma fiquei surpreendido – sobre a nossa total identidade de opiniões, nossa de nós e de nós todos.

Portanto é evidente que os 3 pontos essenciais, são para mim também essenciais e sobre os quais julgo não pode sequer haver discussões.

2- A entrevista que tiveste com o deputado italiano é imensamente esclarecedora. Ele viu o problema tal como ele é. Depois, abre perspectivas que eu advinhava [sic] existirem e que criminosamente temos descurado. É preciso com efeito preencher a lacuna.

É infalível, que uma vez constituído um partido socialista de esquerda, com pessoas idóneas, contaremos com um valioso apoio da parte de muitos partidos e organizações estrangeiras que poderão resolver alguns dos nossos atuais problemas, essenciais à luta. Apoio diplomático e financeiro são dois aspetos dessa ajuda, que eu considero será fácil de conseguir.

Dado pois que estamos de acordo, seria útil a meu ver, estabelecer-mos um programa de ação imediato, devendo tu empreender os passos decisivos, tal como o italiano te sugeriu. Vou por isso focar a seguir o que julgo necessário fazer-se imediatamente para que medites sobre o assunto e me respondas.

Alem do apoio geral de muitos democratas que se encontram no estrangeiro – a enorme maioria – julgo tambem fundamental, direi mais um ponto essencial, contar com o apoio interno, tao largo quanto for possível. Sublinho quanto for possível.

Assim deveríamos, com todos os cuidados óbvios, promover uma previa e rápida auscultação em Portugal, através de amigos bons que la temos, e cuja opinião representa para nos, pelo menos, uma base de informação fidedigna.

Interessa saber neste momento se é ou não oportuno o lançamento de um partido político, isto é, qual a provável recetividade da ideia não só nos círculos intelectuais mas principalmente entre as camadas populares: cooperativas, funcionalismo, fábricas, etc.

Não se trata evidentemente duma auscultação da opinião pública, que é impossível fazer-se mas de obter a opinião dumas tantas pessoas ligadas a esses meios em Portugal.

Por outro lado, saber também de algumas pessoas integradas na luta política se entendiam que a criação agora dum partido socialista prejudicaria ou não o trabalho político que estão realizando.

São dois elementos que considero importantes para nossa futura atuação.

Este inquérito prévio, chamemos-lhe assim, exige o estabelecimento de ligação segura entre nos e o interior. Segura e rápida.

Já varias vezes te perguntei se tinhas algum processo seguro para estabeleceres estas ligações, mas nada disseste. Eu estou tentando consegui-la, mas a coisa não é fácil aqui, pelo menos com caracter permanente.

Uma vez obtidas estas informações que, estou certo, confirmará a oportunidade e o acolhimento favorável, eu iria então para a realização do Congresso nos moldes em que te dizia na minha carta de 8, ou dividindo, uma parte em Portugal, outra no estrangeiro, ou de qualquer forma julgada mais conveniente. O que era preciso era reunir imediata publicidade à existência do Partido. A esse Congresso, caso se realizasse no estrangeiro, com presença ou procuração do interior, poderiam até comparecer Delegados de Partidos Socialistas de vários países e mesmo de outros partidos.

Para isto seria necessário formar-se um Secretariado provisório que tinha de se encarregar de todos os trabalhos preliminares, não só do Congresso como dos primeiros passos organizativos.

Assim o Secretariado instalava-se desde já, no estrangeiro, de preferência em Paris. Tu tratarias de o organizar e seria por enquanto clandestino.

Talvez possa resumir como segue os trabalhos que entendo esse Secretariado deveria executar:

1º Ligar-se com Portugal e procurar constituir lá um Secretariado interno provisório.

2º Procurar obter diretamente e por intermédio do Sec.Int. as informações de que te falei atrás.

3º Formar a Comissão encarregada de elaborar o “Programa”

4º Formar a Comissão encarregada da elaboração dos “Apelos”

Estas duas Comissões deveriam contactar várias pessoas – escolhidas – afim de obter sugestões.

5º Contactar com elementos no estrangeiro suscetíveis de aderir ao Partido.

6º Estudar o processo mais adequado para a realização do Congresso e convocá-lo, elaborando a sua Ordem de Trabalhos.

Quanto à atuação partidária dentro dos quadros do Partido, julgo que ela teria de ser bastante limitada dentro de Portugal enquanto não sentíssemos os pés bastante firmes, isto para que se não esmoreça-se [sic] logo tudo no começo e devido à repressão que parece ter aumentado muito de intensidade.

Deveríamos procurar que a Direção do Partido caísse em mãos fixas, capazes de executar um trabalho cuidadoso sobretudo de ligação de alguns quadros e com os quadros no estrangeiro.

Através dum jornal a editar no estrangeiro ou em Portugal (mais difícil) poderiam ser dadas as principais consignas que para Portugal – estou a falar-te só no início de atividades – seriam a de distribuir a imprensa e possivelmente a recolha de contribuições. A “palavra de ordem” seria a de se formarem células partidárias, nos locais de trabalho, entre amigos e conhecidos, etc, sem necessidade absoluta de se ligarem entre si.

Seria como que a formação de quadros de base “em potencial”. A imprensa lá chegaria. A pouco e pouco se conseguiria a ligação destas células.

Dizia-te que considerava um quadro de funcionários como a espinha dorsal da organização, porque considero que só através de funcionários – que não precisam ser muitos, 5, 6 ou 7 – se poderia assegurar a distribuição da imprensa, a formação de maior número de quadros de base, a auscultação destas, em resumo a estruturação do organismo. Este é evidentemente um esquema cuja discussão não pode ser feita por carta, mas é preciso estudar o assunto até ao seu mais pequeno pormenor.

Entendo ainda que o Partido se deve reger por uma disciplina forte, que evite desvios, ações individuais, etc. Disciplina livremente consentida e inteiramente compreendida, quanto mais não seja pelas atuais condições de luta.

Além disso, algumas precauções se teriam de tomar relativamente à admissão no Partido. Sabes como um partido socialista – no fundo todos os partidos mais ou menos – é permeável a infiltração de oportunistas e demagogos. Haverá que tomar muito cuidado para se não criarem alas esquerdas, direitas, ou de centro e preservar a sua unidade baseada numa identidade ideológica.

Falam-me de démarches do António José Saraiva, como te disse, neste mesmo sentido. Que sabes? Já falaste com êle? Dizem-me textualmente o seguinte:

“Este grupo (em Paris) de tendência fortemente socialista, pensa procurar raízes em Portugal e estou certo tem o apoio de certo grupo de intelectuais atualmente em França.

Digo que estou certo porque o Saraiva perguntou-nos qual a nossa opinião sobre a criação dum partido de esquerda que fosse suficientemente forte e com grande apoio de massas.” Por outro lado, o Sertório aqui pensa da mesma maneira. Tenho tido muitos contactos com ele sobre este mesmo assunto e duma maneira geral estamos de acordo. Ele é um jovem com muitas qualidades, bem diferente daquele Marques da Silva que conheci, mas às vezes difícil nas discussões. Para isso muito tem contribuído o ambiente político aqui que não há forma de se modificar embora se tenha anulado o Galvão e o Delgado esteja muito mais sossegado e até “político”. Mas os principais culpados não são eles. Será assunto para outra carta a fim de que possas fazer uma ideia do ambiente aqui.

A ideia dum Partido Socialista anda contudo no ar e é agarrada por muitos, sobretudo certos jovens. Ha material.

Não tenho feiro praticamente nada até no sentido de se formar o Partido, pois esperava primeiro a tua resposta mas agora não quero parar e queria que me disseses como poderemos alinhar a nossa ação. Aliás julgo essencial reunir as atividades de todos estes grupos e pessoas dispersas e isso só me parece possível com a criação desde já do Secretariado Provisório.

Sugiro-te pois, meu caro Xico, que o formes, que aproveites do que te tenho dito o que for aproveitável e que andes para a frente. E que se ande depressa pois seria empurrão enorme que se daria contra a máquina salazarista.

É pela importância que este partido pode ter no desenrolar da luta em Portugal que eu considero urgente a sua formação. Partido ou mesmo partidos socialistas haverá de certeza depois da queda de Salazar, mas constituído agora, seria decisivo na luta.

Quanto ao próximo encontro, já te disse o essencial. Eu de qualquer maneira logo que saiba a data exata, mando-te um telegrama com a indicação dessa data e tu resolverás como entenderes melhor.

Lembro-te que para a eventualidade de aqui vires e desejares partir dum momento para o outro, seria conveniente que tratasses desde já do visto que precisas no teu passaporte a obter no Consulado do Brasil.

E por hoje termino esta grande carta na esperança de que possa servir-te para alguma coisa. E na esperança sobretudo de que te agarres à questão com unhas e dentes.

Responde pois e conta o que se fez e o que se fará.

12.

Paris, 13 de Agosto de 1962

Meu caro Tito:

São apenas passadas umas escassas horas sobre a entrevista e já aqui me tens a dar-te novas do seu resultado.

A principio as coisas não se apresentaram auspiciosas, porque tendo nós chegado às 11 horas (eu e o Joaquim) depois de subirmos as escadas dos andares e dos secretários, o último disse-nos que só seríamos recebidos meia hora depois do que estava marcado. A marcação da entrevista era certa para nós mas duvidosa para ele. Só uma hora depois nos apareceu no salão onde me entretive a ver livros de escultura indiana...que pela rotundidade das formas fariam as delícias do Mário e aqui do meu vizinho Joaquim. Ainda estão sob o impacto da quantidade...lá chegarão à qualidade!

O secretário diz-nos com mesuras e desculpas que o Sr. Embaixador está em sua casa e que só lá nos podia receber. Ele próprio nos conduziria no seu automóvel para ali. Chegados à residência do nosso interlocutor fomos imediatamente recebidos e a conversa que se entabou [sic] teve um começo com desculpas suas pelo lapso do seu secretário que se esquecera de marcar a entrevista. Por nosso lado, entrámos a fundo no problema e ele ouvia-nos com circunspeção e as reservas habituais dos diplomatas que gostam mais de ouvir do que falar. A partir, porem, dum passo da exposição fez-se o degelo e tornou-se comunicativo, estabelecendo diálogo connosco sobre o caso português, e até, informando-nos, com detalhe de como se passaram os acontecimentos que precederam o acidente de Goa.

Da conversa depreendemos que o nosso caso poderá ter viabilidade de relativo sucesso em virtude das apreensões do governo de Salazar com a União Sul Africana, onde a India tem uma forte minoria étnica perseguida tal como os pretos e portanto aliada destes na luta que travam contra os descendentes dos boers. Aqui, aproveitando o ponto sensível desenvolvemos a conversa esclarecendo-o sobre a génese e já adiantos passos duma santa aliança branca constituída por Salazar, União Sul Africana e Rodésia, para sufocar os aborígenes na sua teima irreversível de autodeterminação e independência nos territórios ocupados manu-militari por aqueles governos, racistas uns e fascistas outros.

Quanto ao objetivo capital da nossa entrevista que era o de pedir auxílio com base no que Portugal já deixou negligentemente abandonado após a ocupação indiana, o embaixador de Paris, navega nas mesmas águas do Gaitandó, para eles o assunto Goa está arrumado. Claro que esta opinião pode não ser a do governo, e por isso, ele propõe que façamos o seguinte:

Entregar-lhe aqui em Paris uma memória sobre o que pretendemos e ele fá-la-á chegar às mãos do seu governo que resolverá como entender.

Esta diligência veio confirmar um ponto de vista que já tive ocasião de te levantar aqui em Paris, que é o de que, na exposição a fazer ao governo indiano para obter o seu auxilio para a nossa causa não devemos referir a quantia que pretendemos, porque se estabelecemos desde já como base do seu cálculo o património público que Portugal lá deixou, podemos abrir polémica sob a legitimidade da sua reclamação, e prejudicamos assim a possibilidade de recebermos aquilo que voluntariamente e por interesse político do seu xadrez nos queiram dar.

Esta era a minha opinião anterior à conversa e ela mais se radicou depois de ter ouvido o embaixador relatar-nos, que o essencial do problema de Goa já estava regulado.

Quanto à exposição, esta deverá ser redigida em inglês, de preferência, ou então em português, porque têm em Nova Delhi quem traduza. O embaixador saía ontem mesmo de Paris, regressando somente na próxima semana; está disposto a receber-nos, de novo, logo após a sua chegada.

A principio pensámos fazer aqui a exposição nos moldes do apontamento que se junta e que é decalque resumido do que tu havias dito, a circunstância porém de julgarmos que esse documento deverá trazer as vossas assinaturas: a do General, a tua, a do Sertório e do Rica, pessoas que, estão, creio. Todas dentro do assunto, e ainda o facto de termos portador para aí esta semana, leva-nos a optar pelo envio da documentação, para aí fazerem a exposição e assiná-la, remetendo-a depois diretamente para o embaixador da União Indiana em Paris, para evitar demoras, tu podes assinar por ti e por mim, pelo Mário e pelo Barradas. Julgamos que deste modo o naipe de assinaturas ficará bastante representativo e não haverá necessidade de meter outras pessoas, por agora, no conhecimento da diligência que fizemos, antes de saber o resultado.

Por nosso lado na próxima semana procuramos de novo o embaixador e informá-lo-emos de que vai receber diretamente daí a memória-exposição devidamente assinada. Pedir-lhe-emos também que nos diga, aproximadamente, quando teremos resposta do seu governo ao que ora solicitamos.

Aí tens o resultado da démarche que a teu pedido fizemos e da opinião que colhemos para orientar o sentido da exposição ao Governo da União Indiana.

Abraço para ti e para a Maria Emília do amigo de sempre

Ramos C

1- Apresentação de cumprimentos a S. Exa. o Embaixador com o pedido de os transmitir ao seu governo.

2 – Quem somos: representantes qualificados da Oposição Democrática Portuguesa que se dirigem a V. Exa. em diligência cujo objeto pedem para propor ao seu governo, o qual aceitando-a definirá os termos protocolares do seu processo.

3 – Fundamento: Compromissos morais assumidos pelo Governo da U.I. em declarações de muitos dos seus representantes para com o povo português e o facto de antes de ter tomado a atitude violenta para a solução do problema de Goa se ter esforçado por encontrar um entendimento com o Governo fascista português. Durante anos insistiu por negociações que foram sistematicamente negadas pelo ditador, mas eram apoiadas pela Oposição pela voz dos seus representantes qualificados.

Quando perante a atitude intransigente do ditador, o governo da U.I. foi forçado a invadir com forças militares os territórios portugueses, a Oposição confirmou o seu ponto de vista e comunicou-o às Nações Unidas, colocando o assunto no seu verdadeiro lugar: A responsabilidade dos factos que ocorriam pertencia ao ditador português.

Esta foi a posição clara da Oposição mesmo perante as críticas e reticências ao ato da U.I. levantadas por alguns dos seus amigos e aliados.

Embora não reconheçamos o direito à força das armas, reconhecíamos o direito moral justificativo do facto em presença da intransigência obstinada do Governo português.

4 – Esta posição, porém, não levava a Oposição a abdicar dos direitos adquiridos que o próprio Governo Indiano nunca negou e que implicitamente reconhecia existirem ao propor o entabulamento de negociações com Portugal.

5 – São estes direitos, Sr. Embaixador, que nos propomos vir defender junto do Governo de V. Exa. e com base neles obtermos os meios que necessitamos para derrubar o regime fascista português.

O segredo de que se revestem todos os atos do Governo da ditadura coloca-nos numa posição difícil para podermos descer ao fundo do problema, o que alíás [sic] só o futuro governo democrático português poderá fazer.

Isto não poderá ser contudo impedimento para que se procure um acordo provisório que nos permita dar à nossa luta pela Democracia o desenvolvimento eficaz que necessitamos para derrubar o fascismo português.

6 – O governo Indiano aceitando o principio de que o Povo Português tem o direito de negociar, - mesmo após o facto consumado – a defesa dos seus interesses legítimos e convencido como deve estar da inutilidade de negociações com ditadores, poderá sempre

limitar as negociações que propomos até ao limite dos seus interesses sem atentar contra a posição moral que todos assumimos.

13.

Cópia I

Meu caro Xico

O Rica chegou, trouxe uma carta e o memorial para o Embaixador e contou o que se passara.

Presumo que não acharam conveniente ir ao fundo dos problemas durante a conversa que tiveram. Talvez não tenha sido a melhor maneira de qualquer forma entendermos que neste memorial se deve ser mais positivo na formulação dos nossos desejos.

Isto sem apresentarmos os nossos argumentos nem defendermos a nossa posição de credores – o que é o vosso ponto de vista, ao qual aderi – mas também sem comprometer esta posição que nos poderá vir a ser útil quando se entrar na discussão das condições.

Faço-me perceber?

Fizemos um novo texto de que junto cópia e o original assinado chegará dentro de dias.

Suponho que estarão de acordo pois não se adianta mais do que o necessário para concretizar o pedido.

Aconteceu por cá uma daquelas chatices frequentes entre os “correligionários” do Brasil que atrasa o envio do original uns dias.

O Sertório, que nada nos participar(?), pôs o General ao corrente do plano e está há uns meses entrou em contacto com o encarregado de negócios da Embaixada aqui. A démarche não teve sofrimento, mas de qualquer maneira o General aguarda uma resposta.

Por esta razão, disse-me que estava pronto para assinar o memorial mas que primeiro voltaria com o Enc. de Negócios para o pôr ao corrente da démarche em Paris e não criar assim suscetibilidades. Lá para o fim da semana ficará tudo resolvido.

Não vale a pena discutir o fundo da conduta do Sertório. Trata-se duma habilidade. Vinha destinada a receber os louros – e talvez a massa – motivada pela ambiçãozinha pessoal.

Paciência! Os custos políticos mais destacados são assim!

Nada me dizem do Fernando e do Mário. Este parece já estar em casa sem novidade, mas o que se passa com o outro? Se ele aí estiver, parece-me útil que ele assine também o papel.

As cartas enviadas pelo correio [...] parece chegarem mais depressa. Escrevam.

Abraço para ambos do amigo certo

Tito

14.

São Paulo, 16 de Setembro de 1962

Meu Caro Barradas, meu caro Xico

Afinal só hoje, domingo, arranjei tempo para vos escrever esta carta que é a continuação que vos prometia e que já devia ter seguido ha muito tempo.

Muito obrigado, Barradas, pela sua carta de 31 e pelos recibos que me mandas assinaturas do Monde e do France Observateur para o Cunha Rego. Suponho que já me tenha feito o favor de pagar também o Express e agradecia-lhe que me dissesse se chegou a massa que aí lhe deixei para o efeito.

Os meus “negócios” com Marrocos tornam-se cada vez mais importantes pois além de tudo e a única possibilidade que vejo de poder comparecer a conferência prevista.

Veja se pode dar um empurrão de forma a conseguir-me a coisa resolvida até ao fim deste mês.

Concordo inteiramente com a data indicada, mas para isso Vocês têm de andar depressa e permito-me lembrar o seguinte:

a- Têm de fixar imediatamente o local.

b- Devem fazer tambem imediatamente as convocações que a meu ver – para o exterior e seriam dirigidas aos diversos organismos que indicariam um representante e a certas pessoas cuja comparência julgassem útil. Mas evitem discussões sobre este assunto e em princípio julgo de aceitar todas as sugestões que a Junta aí fizer. Não pôr entraves à vinda de pessoas.

Sugiro que convoquem:

1- Agrupação dos Portugueses Democratas do Uruguai.

Colónia 1013 – p. 7º - Montevideu – Uruguai

2- Junta Patriótica Portuguesa

Av. Casanova e Chacaito – Quinta nº17 – Apartado 8287 – Caracas – Venezuela

3- Unidade Democrática Portuguesa – Rua Conselheiro Furtado 191 – S. Paulo – Brasil

4- Movimento Nacional Independente – R. Senador Vergueiro 174 Apº502 – Rio de Janeiro

5- Comité do Canadá – Não tenho aqui o nome exato – Presidente é Fernando Círiaco da Cunha – 9 Wingreen, Crt. Apt. 4, Don Mills, Ontario – Canadá

6- Há outro núcleo no Canadá – Alberto Araújo – 4264 Rue des Erables Montreal – Quebec – Canadá

Qualquer deles tem interesse

7 – Londres – Paris – Roma

Quanto às pessoas do Brasil:

General – Sertório – Rui Luís Gomes

Eu quasi de certeza não poderei ir.

Devem informar, simultaneamente com o convite, que as despesas de deslocação e estadia correm por contra própria ou das respetivas organizações, o que obriga a um aviso prévio de certa antecedência, que a meu ver não pode ser inferior a um mês. Tanto o Sertório como o General devem ir à Anistia o que pode resolver o problema deste dois, caso a nossa se Conferência se realize em data próxima daquela.

c- Devem nomear no local da Conferência um Secretariado que terá de se encarregar das tarefas locais, tais como:

1- Autorização das autoridades – se for necessário.

2- Sala para as reuniões.

3. Alojamento para os participantes, de preferência em casas particulares se for possível.

4- Papel, máquina de escrever, etc,etc, se for em local onde haja dificuldades para se obterem estas coisas.

d- A notícia e a escolha do dia 15, já aqui chegou também via PC, mas dizem não estar ainda fixado quem os representara, nem mesmo se participarão. Receio que se verifique qualquer obstrução e o que haverá com certeza e ausência de colaboração na preparação se não mudarem de atitude. Em face das notícias que M. nos dá julgo que é de ir para a frente em qualquer hipótese e não arrefecer [sic]. Tenho a certeza que uma vez a coisa em marcha todos comparecerão.

Esta tarefa – que eu considero a mais importante que temos na nossa frente para realizar, nesta altura – está inteiramente nas vossas mãos. Só se Vocês não se dedicarem a ela com toda a vontade é que falhará e não falta aí gente para ajudar no que for preciso.

Mandei-vos na 6ª feira passada o papel para o Embaixador. Foi para a morada que indicaram não Ricca.

O texto quanto a mim não é muito feliz, mas eu não o quis alterar, contudo se Vocês acharem que deve ser modificado não hesitem e como vos dizia podem assinar por mim e pelo A. Ricca Gonçalves. Quanto ao Sertório ele certamente vos vai comunicar o mesmo.

Aliás penso que de futuro não devem perder tempo a pedir para cá assinaturas. Isto provoca desnecessariamente atrasos enormes e Vocês são delegados plenipotenciários. Todo e qualquer papel que porventura julguem conveniente que eu assine também, espetam lá a minha assinatura e acabou-se.

Tratem é do assunto bem e com urgência.

Sobre esta questão da Índia passaram-se algumas coisas um tanto ou quanto desagradáveis que ainda vieram atrasar mais o papel que vos mandei.

Fui surpreendido pelo General com a notícia de que já fizera no Rio démarches semelhantes e convenci-me que o Sertório não era estranho a isto – Talvez me engane, mas possivelmente até com a “melhor” das intenções, pôs D. ao corrente do meu plano e este resolveu meter-se no assunto. Nada disto teria inconveniente se tivesse sido feito em colaboração – que eu aliás desejava – mas assim pode deitar tudo a perder. Tive a larga conversa com o General e quando há dias fui ao Rio e voltei a estar com ele mostrou-me o papel de que vos junto cópia. Pensa ele resolver assim a questão. De qualquer maneira embora conserve a sua forma individualista, dá-nos a todos também uma espécie de procuração para tratarmos do assunto.

Eu penso que temos de entrosar os esforços e não darmos sequer a entender que existe qualquer desentendimento no pedido formulado. Que como todos uma e a mesma pessoa. Apesar de eu lhe ter falado numa cifra da ordem dos 10 milhões ele resolveu sem me consultar fixar a cifra em 2. O mau foi fixar um [sic] cifra qualquer antes de começar as negociações mas o que ele pretendia era não ficar para trás.

Temos de tentar desviar as negociações para Paris, por motivos óbvios, e a entrevista com o Nehru que vocês têm de conseguir resolverá todos os problemas inclusive esclarecerá as posições e as disposições do Governo Indiano quanto ao assunto. Lembro que solicitamos também apoio diplomático e faça ver que durante a Assembleia da ONU em Setembro nos devíamos fazer representar ou pelo menos estar presentes e que sem a ajuda financeira nada poderemos fazer. Estou certo que o próprio Nehru ou outro responsável de categoria vos receberá. É uma oportunidade única. Não a percam.

Podiam nessa entrevista informa-lo de que:

1- As démarches aqui feitas pelo Delgado, idem.

2- que as démarches aqui feitas pelo Delgado, idem.

3- Portanto que o pedido que fazemos será garantido por todas as forças políticas e por todas, as individualidades representativas que o Governo da Índia entenda necessárias. Que aliás os valores portugueses na Índia são garantia mais do que suficiente para empréstimo tão diminuto.

4- Que resolvemos fazer a démarche em Paris, porque temos a maior urgência em obter estes fundos e que julgamos que através de Paris as coisas possam correr mais depressa.

5- Podem mostrar cópia do documento Delgado e mostrar que ele me chama a mim seu delegado (apesar de eu não o ter autorizado a tanto...)

Caríssimos, não percam um minuto e tratem do assunto. Também isto está inteiramente nas vossas mãos.

Recebi carta do Fernando a quem já respondi. Sugeria-lhe que podíamos aqui intervir junto do Ministério dos Estrangeiros, procurando solução para o caso dele através do Embaixador do Brasil no Marrocos. Infelizmente caiu entretanto o Ministério e não sei quem irá substituir o Afonso Arinos que certamente nos daria boa ajuda. Veremos quem o substitui. Estou convencido – pela forma como as coisas correm – que sera também pessoa muito abordável. Aguardo entretanto a resposta do Fernando.

As notícias que o Dr. Rodrigues recebeu mostram que alguma coisa resultou de positivo das conversas que aí tivemos. Oxalá não arrefeçam...

Também gostaria de saber como o nosso amigo que o Xico foi ver ao Sul, pensa sobre tudo isto. Mandem-me dizer. O Fernando faz aí muita falta também, pois dava-nos uma grande ajuda em todos estes assuntos da maior importância que têm entre mãos. Contem o que se passa.

Sobre a carta do Dr. Rodrigues:

Espero que já tenham enviado a bibliografia e o resto que era pedido no que se refere aos vinhos.

Quanto ao segundo ponto já dei a minha opinião.

O terceiro ponto é cada vez mais importante que se ande com a coisa para a frente. Espero que me enviem o texto logo que o recebam.

O 4º é triste, o 5º não me surpreende.

Gostaria de ter pormenores sobre os assuntos focados no 6º.

Gostava de saber quem foi preso ultimamente e de conhecer o texto enviado ao Tomás exigindo a demissão do Salazar.

Nº 7 sem comentários.

Nº8 está nas vossas mãos.

Quanto ao P.S. agora no Rio tive novamente a garantia de que pusera ponto final na polémica. Vamos a ver.

Fui visitar o Celso, que me recebeu muito amavelmente. O homem é um pouco, bastante reacionário...mas simpático e acolhedor. Prometeu que me apresentaria o Roberto Assumpção que nesse dia estava em Brasília mas agora que o gabinete foi ao ar já não tem tanto interesse, embora seja sempre útil conhecê-lo. Faz agora parte da Delegação da ONU.

Combinamos novo encontro.

A UDP vai apresentar ao Embaixador dos E.U. o papel de que junto cópia.

Seria interessante que fizessem aí coisa semelhante.

O Barradas já é novamente papá ou mamã? Um abraço.

O Xico sempre cá dá um salto este mês? Era ótimo. Esse “velhote” fez anos há dias, espero que tenham festejado a data condignamente. Parabéns!

Barradas, consiga do Barrat o meu emprego e depressa!

Muito mal vai esta carta escrita! Mas vocês percebem e é o essencial.

15.

S.Paulo, 4 de Outubro de 1962

Xico R.C

Recebi os artigos para P.D.

O do F. deverá ser publicado neste número do 5 de Outubro. Já o havia recebido diretamente. O outro, tentarei a publicação no próximo número.

Suponho que o F. já aí estará. Digam-lhe que recebi a carta, que já dei certos passos com ela relacionados e que brevemente lhe respondo. Esta carta, embora seja para Vs. três, não é a resposta.

Ainda estou sob o “impacto” de acontecimentos muito desagradáveis a que assisti ontem e venho desabafar.

O Pimental convocou ontem à noite uma reunião no Centro Republicano a que comparecem cerca de 30 pessoas para nos dar conhecimento de uma carta que recebera do Delgado.

É uma carta a insultá-lo, a chamar-lhe covarde, eu sei lá! Trata-se de coisa antiga, sempre a mesma trampa.

Declara que não preside ao banquete do 5 de Outubro se o General lá aparecer e que lerá a carta em público. Em resumo, uma desgraça! A carta está escrita em termos indecentes. Mas não é tudo!

O Galvão resolveu comemorar também o 5 de Outubro e faz jantar “à parte”.

E que não ficou por aqui. Instaurou um processo ao Delgado por injúrias e não sei que mais!

Eu julgava ter conseguido uma acalmia nos espíritos!

Isto é uma verdadeira miséria e se me não acautelo, ou me vou embora, não tardará que me embrulhem também a mim nesta barafunda toda.

Enquanto a UDP teve certa atuação e se impôs um pouco sobre esta cambada toda, a coisa melhorou, mas agora que verificam a sua ineficiência voltam à tona de água todas estas discussões se senhora vizinha.

Pretendi com a UDP impor um organismo às pessoas, às individualidades, aos chefes e teria sido fácil se tivesse encontrado 2 pessoas – não era preciso mais – que tivessem querido colaborar.

Sozinho, não me foi possível. E agora estou decidido a mandá-los todos para...

Saí da reunião do Centro, antes dela terminar, pois tinha um encontro marcado com o Delgado que viera a São Paulo, para depôr no Tribunal, na questão com o Galvão.

Estava eufórico! Mantivera tudo o que tinha dito. Que a audiência vai ser uma coisa bestial! Vai dar que falar! Etc, etc.

Com o resto da paciência de que ainda dispunha, disse-lhe que entendia que ele devia fazer o impossível para evitar escândalos. Que supunha que nesta coisa de tribunal era sempre fácil adiar as audiências e que o fizesse. Que consultasse o advogado e protelasse a coisa 1,2,5 anos.

Não se mostrou convencido e indiretamente pediu-me que fosse testemunha...

Polidamente dei-lhe a entender que não seria, mas nada o impede de me convocar sem o meu consentimento e lá estou metido na embrulhada!

São ódios pessoais, ódios vesgos, uma miséria!

O general fez-me a pior das impressões.

A preocupação permanente de ser êle. A mania da perseguição. Em qualquer frase – a mais banal – vê nas entrelinhas flechas que lhe são dirigidas.

Ele foi eleito. Ele é que manda. Ele é que representa a Oposição.

Ele não é mais um exilado. Ele, ele, ele!

Que raio de gente!

E, amigos, nós temos de rever com muito cuidado a nossa posição. As manifestações de solidariedade que lhe temos prestado, em vez de o agarrarem, parece que lhe dão força para tomar as atitudes mais inacreditáveis.

Não me falou na carta que escreveu ao Pimental e disse-me que iria para o Rio hoje o que significa que não irá ao banquete do 5 de Outubro.

Deixei o homem antes de “explodir”.

E não sei, amigos, o que deva fazer.

Conto-lhes isto tudo, porque têm o direito de conhecer estas misérias, para poderem orientar a vossa conduta.

Ajuda, não vos posso pedir dada a distância a que nos encontramos, mas temos realmente de rever a nossa posição face aos acontecimentos.

Garanto-vos que nenhum de vocês 3, nem mesmo o calmo Joaquim, aguentaria sem explodir, o que eu acabo de presenciar. É incrível e indiscreto o que se passou! E o que se pode ainda passar! Aguardemos.

Hoje, 6 de Outubro, já estou um pouco mais calmo.

O jantar de ontem passou-se sem novidade de maior. Eu li uma mensagem que meu Pai nos enviou e não li também uma das JAP de Lisboa porque ou não chegou a tempo ou resolverem não enviar.

Falou um padre português anti-salazarista que cá está e que, se não fôra certas afirmações de fé anti-comunista – que aliás se tinha comprometido a não fazer – teria tido uma boa intervenção.

O homem é inteligente e aproveitável.

As outras intervenções foram boas, tanto de brasileiros como de portugueses.

Estavam cerca de 250 pessoas.

Delgado não apareceu, fez-se representar pelo Sertório.

Na carta que vou a F. exporei o meu ponto de vista atual sobre o caso Delgado.

Quando será que Vs. me escrevem?

Que se passa com a conferência?

Como correu a vossa entrevista com o Embaixador?

Um abraço camarada e amigo,

Para o Carlos trocar impressões com o Ivo.

O Alves enviou-me cópia da tua carta de 22/7 e verifiquei com prazer que tens trabalhado e com bons resultados. Oxalá aqui de fora se encontre a colaboração necessária para o sucesso dos empreendimentos.

- O assunto da cortiça precisa ser espicaçado permanentemente para não se protelar por mais tempo a sua resolução.

Tens tu, daí, que pressionar a Maria Rosário pois em definitivo o assunto está nas suas mãos, dado que tens assegurado o acordo das pessoas a quem te referes.

Seria ótimo que o Manuel Maria entrasse também no negócio referido e isso me não aparece impossível se o assunto for bem tratado, mas considero fundamental não haver adiantamentos.

- Por outro lado o problema das máquinas também é muito importante e aguardando com interesse o programa prometido. Provavelmente só com a resolução do assunto da cortiça se conseguirá pôr as máquinas a trabalhar, mas de qualquer forma seria ótimo assentarem já ideias e começarem a reunir todas as peças.

Recebi uma carta do Lúcio já há algum tempo, respondi-lhe mas não tenho mais notícias. Ele faz agora uma falta enorme na Côte de Azur onde poderia ajudar a obter o número do processo de divórcio do caso que o Alves Teixeira está tratando.

Este problema levantou aqui algumas complicações mas se eles em Itália forem eficientes estou convencido que o resolverão.

Trata-se, como dizes, de um trabalho completamente inútil, aguardo notícias sobre as últimas démarches.

Gostaria de ter uma cópia da carta da Maria José entregue ao Tomás.

Podes mandar-ma diretamente.

Os problemas do Lima e do Roberto ainda não estão solucionados mas recebi do Lima a promessa de acabar com o assunto. Não tenho grandes esperanças, mas veremos.

O Lima está bastante mais abordável e sensato mas tem uma mania de resolver todos os problemas pela sua cabeça o que atrapalha tudo.

Foi agora viver para a antiga capital o que veio prejudicar a influência – pequena, mas alguma – que tinha sobre ele.

Insiste com os pintores para que resolvam o problema da cortiça. Era a forma de me poder interessar diretamente sobre os negócios dos vinhos e da cortiça e de dar assim uma ajuda eficaz aos nosso amigos. Aguardemos com paciência.

As notícias do Café Londres são tristes. É preciso dar mais vida a essa sociedade.

Quanto à CUF, como sabes, sempre achei que se tratava duma empresa destinada à falência...

Escreve.

Abraços do

Vicente

23 Setembro 1962

16.

São Paulo, 26 de Outubro 1962

Meu caro Xico

Eu tenho uma vontade de te visitar e ao amigo Joaquim que vocês nem fazem ideia!

Não há calão que exprima a minha fúria...

Mas hão de concordar que é evidente. Eu queria ao menos saber se receberam as minhas cartas e as que mandei para o Fernando, assim como as que vos pedia, fizeram chegar a Lisboa.

Tenho informações que a do Sertório não chegou ao seu destino e esta era preciso confirmar. Serás capaz de reservar 5 minutos da tua vida para me dares estas informações? Pela minha filha sei rapidamente, o que se terá por aí passado, mas ela é tão sucinta que as notícias que me dá, só servem para me mostrar – mais à evidência – como vocês têm sido indecentes para comigo.

Tu afinal não vens até cá? Esses capitalistas ainda se não resolveram?

Sobre a minha provável ida para Marrocos, não tive mais notícias, espero a todo o momento e estou confiante no processo.

Se o Barrat pudesse dar um jeito para apressar as coisas...

O povo de Portugal [...]

Escreve-me Xico! Um abraço para o Francisco, saudades da M^a Emília para ti e um xi do amigo Tito

17.

Paris, 7 de Novembro de 1962

Meu querido Tito

Ora bolas para o teu calão, que nele não encontraste o termo para aliviar a tua justificada fúria. No teu palmarès de perseguido político falta-te uma experiência que eu tive, aos vinte anos: passar dois meses nos calabouços do Governo Civil misturado com presos de delito comum, para ali adquirires o suprassumo da cultura das alfurjas.

Tens muita razão em protestar contra a falta de notícias, mas a verdade é que o estado de expectativa [sic] em que temos estado ante a anunciada viagem do nosso amigo, até à cidade da luz e que tem sido adiada, de dia para dia, é em grande parte culpada da demora. É que êle anunciou-nos de Alger, onde teve conferências ao mais alto nível, possibilidades e eventuais saídas para alguns dos nossos problemas, que, obviamente, gostaríamos de transmitir-te para com elas animares um fogo latente, que bem merece lenha melhor que aquela que venho trazer-te nestas linhas.

Para que recebas da mais pura linha o que tenho a dizer-te sobre dois problemas que embora em linguagem criptográfica a tua inteligência decifrará, eis, textualmente, o que sobre eles disse para Lisboa:

1- Numero do processo do divorcio

Depois da saída do Vicente, em começos de Agosto, a diligência realizada pelo Teixeira e o Alves junto do cunhado, fez-se conforme o combinado, tendo ambos sido recebidos pelo próprio cunhado, que foi atenciosíssimo e mostrou-nos interessado pelo problema em geral, mas quanto a cabedais não nos deu grandes esperanças, muito embora, claro, lhe não competisse a ele resolver o assunto. Redigimos a memória e aproveitámos a viagem dum colega do Vicente para lhe enviar o texto e o pedido de recolher além da sua as assinaturas, principalmente, do Lima e do David. Porém, naquele mara de sargaços que são as relações dos nossos amigos exilados em terras de Santa Cruz, como não podia deixar de ser o problema que era simples e exigia o decoro na sua condução, complicou-se de tal modo que devem ter feito gorar todas as esperanças que nele pusemos. Começaram por alterar o texto, substituindo a linguagem sóbria e digna que tínhamos preferido, ao redigi-lo, por uma linguagem ligeira com relato de faits-divers, relacionados com o problema, mas absolutamente dispensáveis.

Por outro lado o Lima mais uma vez meteu as mãos na sopa, porque, quando teve conhecimento da démarche, feita em Paris, pelo Vicente, como já tinha em tempos estado em contacto com o Sub-cunhado do Rio, com quem tratou de problemas semelhantes, vá

de partir para ali sem dar cavaco ao Vicente e de redigir atrabiliariamente uma exposição, embora referindo como autêntica a que fizemos em Paris, em que pedia o nº do processo de divórcio, que fixou arbitrariamente, exposição essa que apresentou ao cunhado. Este respondeu prontamente ao solicitado, negando por escrito a pretensão. Esta diligência nada curial e enxertada à pressa na nossa, prejudicou sobremaneira o êxito das negociações. Apesar de tudo recebe a exposição com um atraso de mês e tal, assinada pelo Vicente, pelo colega e pelo David, apuseram-lhe aqui a sua assinatura o Teixeira e o Alves e, lá se foi entregar para seguir o seu destino. O Lima não assinou com a alegação de que já tinha feito pessoalmente uma diligência e, portanto, não podia voltar a repetir-se.

Aguardamos agora sem grandes ilusões sobre o sucesso dos nossos passos a resposta que a representada nos vai dar.

Aqui tens o meu caro Tito o que sobre este assunto disse e que lealmente te transmito. Do cunhado, até agora, nem novas nem mandados e ele disse-nos que quem resolveria o assunto era Nova Delhi. Numa carta que recebemos ontem de Lisboa, pedem-nos para insistir neste assunto.

II- Conservas (Amnistia)

Tivemos uma ampla reunião que durou todo o domingo, até noite adiante. Havia uma representação ampla: francesa e italiana e, em menor número, uma inglesa e outra belga. Houve grossa discussão entre a delegação italiana e as demais, porque ela entende que o âmbito da conferência deveria ser alargado ao debate e análise das causas político-sociais do fascismo português e condenação dos seus males. Os demais, apoiados pelo P.C., entendem que ela deve circunscrever-se ao aspeto humanitário. Graças à nossa intervenção fez-se um compromisso com recurso à introdução da tal análise político-social, mas feita a título de informação por um português.

Quanto à data não pôde marcar-se então por causa do Referendum do De Gaule. Mas agora já te posso dizer que está marcada para 15 e 16 de Dezembro.

Quanto à reunião no estrangeiro, o P.C. tem feito grande obstrução, embora nos afirme que se não opõe a ela. Mas a verdade é que a sua atuação não deixa dúvidas a ninguém.

Na carta que ontem recebemos de Lisboa dizem-nos que as JAP estão desmanteladas, que as prisões foram numerosas e atingiram seriamente o já bem precário aparelho da Oposição. Como sempre, claro, dizem-nos, para embalar, que há algumas esperanças militares.

Pedem-nos que vamos para a frente com a reunião no estrangeiro mesmo contra a opinião do PC., o que na minha opinião devemos fazer.

Já recebeste aí o programa da RR? Para a hipótese de te não ter chegado ainda as mãos, vai junto um exemplar que lerás. Remetes diretamente para Lisboa, ou para aqui, o que se te oferecer dizer para acrescentar ou reformar, semelhantemente ao que estamos aqui fazendo. Temos de nos agarrar a isto, para dar consistência orgânica a tantas boas vontades dispersas.

Na carta de ontem diziam-nos que os católicos de esquerda e os socialistas do Grupo Seara aceitaram aderir.

Quanto à minha ida ao Brasil ainda a não vejo dentro duma viabilidade imediata.

Deu-se o empurrão ao Barrat sobre o teu emprego, mas cremos que o assunto deve vir resolvido de Alger, de acordo com as informações ultimamente recebidos dali. Dentro de horas? De dias? Em que todo o caso nunca meses, teremos com a chegada do amigo novas fresquinhas para te comunicar.

Um grande abraço amigo para ti e para a Maria Emília do amigo fixe

Ramos C.

18.

São Paulo, 15 de Novembro de 1962

Meu caro Xico,

Embora não possa, como dizes, competir contigo em “culturas das alfurjas”, avalias muito por baixo a minha fúria, ao julgares que os teus conhecimentos seriam suficientes para a exprimir...

Mas, enfim, estás perdoado.

1- Sem grande convicção acompanho a insistência do nosso amigo Carlos para que continuem procurando obter o número do processo do divórcio e para tanto obtenham nova entrevista com o cunhado. A conversa terá de ser muito cuidadosa, mostrando que conhecem a resposta dada ao Lima, e explicando a insistência pela grande importância de que o assunto se reveste para a nossa luta. Talvez ele, o cunhado, pudesse encontrar a fórmula, expor as condições em que a transação se poderia realizar.

O momento não é dos mais oportunos, evidentemente, mas é de insistir.

Não me dizes porque não procuraram realizar a entrevista que vos sugeri que tivessem com o Patrão Mor. Penso que realmente a não realizaram.

O Carlos contou-me que em tempos teria havido certas conversas, salvo erro com a Dinamarca. Não seria possível retomar as conversações?

Mas talvez este problema já esteja ultrapassado em resultado das conversas que o Lúcio teve, donde realmente espero que saia solução.

2- Conservas

Felicitações pela solução de compromisso encontrada. É necessário que a informação a ser pelo português, seja bem uma análise das causas e dos efeitos político-sociais do fascismo. Quem a vai fazer?

3- Conferência exílio-interior

Não percebo porque se não anda para a frente. O que me dizes está um pouco em contradição com outras informações que tive e seguido as quais o PC se resolveu a convocar ele mesmo a conferência – não sei se limitada ao exterior. Para analisar convenientemente o assunto precisava estar conhecedor do que por aí se tem passado. O caso estava nas mãos da JAP de Paris e este organismo só não convoca se não quiser, haja ou não obstrução deste ou daquele. Por outro lado nós temos a faça e o queijo na mão e assim vejo perfeitamente possível fazer a convocatória em nosso nome acrescentando o do Lima e talvez o do Rui Luis Gomes, com quem poderia falar.

Uma conferência deste tipo, reunindo todas as pessoas espalhadas por este mundo, implica uma despesa muito grande se cada um dos participantes não tomar à sua conta as suas próprias despesas. Os participantes poderiam ser:

Portugal 5

França5

N. Africa ...2

Itália1

Brasil4

Uruguai.....1

E.U.A.1

Venezuela...1

Canadá.....1

O que prefaz um total de 22 pessoas, que fariam uma despesa de viagens da ordem de Dol. \$4000.00 e de esta ida Dol. \$2.660.00.

Isto é, são seis mil dólares que só os nossos irmãos africanos nos poderiam arranjar. Portanto ou eles nos dão esta massa ou cada qual trata de si, o que também é possível dado o interesse geral existente.

Ponho portanto à vossa consideração o fazermos nós, já, a convocatória, local: Argel.

Data: +/- 30 de Dezembro.

Elaborem a lista das pessoas a convidar à qual o Delgado pudera evidentemente acrescentar quem quisesse. Se o Lúcio arranjar a massa, ótimo, se não arranjar, cada qual trata de si. Envio junto uma minuta de convocatória.

4- A notícia do desmantelamento das JAPs não me surpreende. Fazer centro dum extremo...

Mas é uma notícia triste e seria de animar os nossos amigos a deitar a mão à coisa para a tentar reerguer.

5- RR

Como ainda me não tinhas mandado o programa, só agora o vi! Já o tinha reclamado diversas vezes. Tem a data de Julho! Malandro!...

Junto uma cópia com algumas alterações que sugiro e que vão a vermelho.

Considero indispensável a referência ao problema colonial. Procurei o compromisso implícito de aceitação dos partidos políticos. Mudo-lhe o nome para não ter um sabor tão acentuadamente “clássico” e para o aproximar do homónimo argelino.

Mas eu precisava poder conversar com alguém sobre o assunto o que aqui não é possível. Paciência!

6- Em prego

Não percebo bem o que dizes quando afirmas que o assunto deve vir resolvido de Argel. Será que o Lúcio resolveu lá o problema? Eu, como sabes tenho de olhar também um pouco para o aspeto económico que espero ele tenha levado em consideração...

O Lúcio recebeu as cartas que lhe escrevi por vosso intermédio?

Espero ter em breve notícias dele, que não é a porcaria que Vs. são, embora receie que a “moléstia” de Paris se lhe pegue quando aí chegar...

Acontece que a M^a Emília e o João já não têm passaporte, o meu acaba em Fevereiro e o Cônsul já recusou passar novos.

O Delgado também só daqui poderá sair para não voltar. Mando notícias dos jornais sobre o assunto.

Preciso, pois, que o caso do emprego se concretize até ao fim deste mês para evitar complicações que, embora com solução, só viriam a causar chatices.

Uma vez esclarecido o assunto com o Lúcio, o Barrat escrevendo ao Khatit que é o novo Ministro da Saúde, resolve o problema.

Aproveito o feriado de hoje para responder imediatamente a tua carta de 7. Obrigado pelas notícias e espero que não voltes a estar tanto tempo sem nada me dizeres.

Fico aguardando a vossa opinião sobre a sugestão da Conferência.

19.

Paris, 11 de Dezembro de 1962

Meu caro Tito,

De regresso de Londres onde estive alguns dias vim encontrar duas cartas tuas, de 15 de Novembro e 6 de Dezembro de 1962.

Estou em vésperas de partidas para a Alemanha, onde vou no desempenho de uma missão importante, razão porque não assistirei à transação das conversas. Este assunto porém tem sido nos últimos dias objeto dos nossos cuidados e trabalhos e como se encontra aqui em Paris o Lúcio, que só ainda não te escreveu porque esperava ver-te até ao fim do corrente ano, fico descansado porque ele deu uma assistência preciosíssima ao assunto das conservas e é desnecessário salientar e enaltecer a sua capacidade de hábil manobrador.

Dizes na tua última carta que o Lima estará presente na transação, se conseguir, claro, obter o processo de divórcio. Acho importantíssimo a sua presença mas, vá lá uma confidenciazinha...se o tal Amigo que se encontra na Côte de Azur é um tal coronel que bem conheço, ficou-nos a crescer água na boca pelo que resultará dessa entrevista, pois foste bastante criptográfico quando nos anunciaste a coisa. Se souberes mais alguma coisa sobre este assunto não te faças esperar, escreve.

Cortiças: Este assunto evoluiu bastante depois que te escrevi a última carta e em que te referia uma acidentada reunião dos pintores. Houve novas reuniões igualmente agitadas e por fim fomos informados que o assunto está a ser tratado por Lisboa (serviços da sede), embora a coisa se venha a fazer ainda este ano ou nos primeiros dias de 1963, terá um carácter muito mais restrito do que aquele que inicialmente se previu. Esta restrição, porém, não é tão apertada que inutilize a iniciativa. Das 4 firmas brasileiras, importadoras de cortiça, uma é exatamente a tua. Além de Gomes e C^a. e da Grande Sociedade Lima, virá a Sociedade DAVID. É necessário manter a maior discrição, porque como sabes quando se trata de deslocações para estes negócios, causa sempre grande ciúmeira a escolha das firmas.

RESISTÊNCIA: Mereceu-nos a maior atenção a crítica ao projeto do Carlos, que nos enviaste. Como terás ocasião de verificar, também nós aqui em Paris, achamos muito brando tal projeto e sobretudo com umas malhas muito largas onde cabia muita e variada

gente. Enviamos-te o fruto das nossas críticas, transformado num texto que os residentes em Paris, entenderam corresponder às necessidades políticas e problemática das pessoas que nele se querem associar.

MUITO IMPORTANTE: Este texto é uma plataforma interna e não se destina a ser divulgado na sua forma atual. Tanto mais que ainda ignoramos a reação de Lisboa. Estou certo que o vais preferir ao anterior, e que nele encontrarás muitos dos teus próprios pontos de vista e nele a Maria Emília verá consagradas as suas intenções radicais....

O Lúcio fica por aqui até ao fim do ano e gostaria muito de te abraçar. Vê se dás aqui um salto.

Abraços para ti e para a Maria Emília [...]

1963

20.

Alger, 28 de Janeiro de 1963

Meu caro Xico,

Duas linhas para te dar notícias desta terra, onde já estou há mais duma semana!

A recetividade encontrada é bastante grande apesar do momento difícil que aqui vim encontrar: Tunísia, Congresso dos Sindicatos, UPA-MPLA.

Felizmente as coisas vão-se esclarecendo e 8 dias após a chegada já com coisas concretas: Bureau, rádio, bolsas para estudantes, financiamento(?)...

Julgo francamente que podemos trabalhar aqui com grande eficiência política e que nos será possível dar um valente empurrão à luta externa.

A minha vida é que ainda não está perfeitamente definida, mas espero por toda esta semana começar a trabalhar. Assim me foi prometido.

Logo que comece terei casa para me instalar, mandarei vir a M^a Emília e pequenos e não haverá problemas de instalação para os amigos.

Por razões políticas estarás cá “caído” de certeza, mas de qualquer forma a Maria Emília e eu que te esperávamos em São Paulo não te perdoaríamos que aqui não viesses!

Não sei nada o que se passou por aí nos encontros que estavam previstos, como és o “amigo que mais me escreve” talvez tu te lembres de me mandar dizer o que se passou.

O mesmo pedido fiz em carta para o Santos, mas sem grande sucesso.

Até breve! Um grande abraço do Camarada e Amigo Certo

Tito

21.

Paris, 4 de Fevereiro de 1963

Meu caro Tito

Era minha intenção responder-te imediatamente após a receção da tua carta, que aliás [sic] me chegou às mãos há quatro dias, mas tenho tido em Paris os clientes que esperava e os trabalhos profissionais e protocolares absorveram-me totalmente. Mesmo assim não tens razão de queixa.

1º) Recebi ontem uma carta do General em que me declara o seu entusiástico apoio aos resultados da Conferência e pede-me para que aceite ficar aqui em Paris seu representante. Anui ao pedido “dentro do espírito de lealdade e independência com que lhe dei a minha colaboração durante os trabalhos memoráveis da sua candidatura”. Se aqui estivesse não deixaria de ouvir a tua opinião, mas depois de transmitir a minha ideia ao Fernando e ponderar nas vantagens para o nosso grupo, e para o próprio general, acho que esta opção era a mais útil.

2º) Festejámos ontem o 31 de Janeiro, 3 dias depois, para que caísse num domingo. Creio bem que foi uma jornada positiva, embora como sempre o nosso Dr. Guerreiro se apropinquasse com 75 minutos de oratória romântica, bastante inútil e, sobretudo, os que lhe seguimos tivemos de apressar o muito que tínhamos a dizer. A assistência soube distinguir com os seus aplausos calorosos o realismo político dos nossos discursos em contraste com o fogo fátuo do primeiro orador do banquete. Foi lida a declaração da Conferência pela M.A.Padez que os participantes acolheram com muito entusiasmo.

3º) O amigo Tell tem correspondido com hospitalidade e assistência política? Como nada dizes, nem sequer sei se lhe entregaste a carta.

4º) Gostei de receber o bafo otimista que se colhe na leitura da tua carta quanto às possibilidades que se vão abrindo quer para a nossa causa, quer para o teu caso pessoal de emprego que te garanta subsistência.

5º) Vindo de Londres, deixou-me aqui para entregar ao Dr. Hermano Neves, um fato e uma pasta, o seu colega Dr. Caldeira. Logo que tenha portador farei seguir para aí estes objetos.

O Fernando está preocupado com a falta de novidades.

[...]

Um abraço amigo do Chico.

22.

Argel, 6 de Fevereiro de 1963

Meu caro Xico

Acabo de receber a tua carta e confesso que não sei se o teu “generalato” me autoriza a manter a mesma intimidade de tratamento...

Eu acho que foi uma coisa muito positiva a atitude do e as notícias que tenho do Brasil mostram que as coisas por lá aceleraram muito depois da Conferência.

A M^a Emília diz-me que é solicitada, cumprimentada, etc,etc por todas as correntes...

Penso que leram a notícia que mandei para o Al Chaab e as noticias de hoje no Alger Rep..

Diz ao Fernando que recebi a carta dele e que julgo que ele já deve ter recebido as minhas notícias, relatórios, etc e por essa razão lhe não telefonei talvez, pois de manhã é-me muito difícil.

Posso resumir dizendo que a entrevista com o Pres. foi o mais positiva possível, que na apresentação do Bureau MPLA – que falou em papel me olhou – voltou a frisar a importância da luta contra o Salazarismo. Foi mesmo o assunto principal.

Agora as coisas levam tempo! Anda tudo ao . O facto da Rev. Afr. não ter publicado nada foi-me explicado, mas mal explicado.

Roda a intriga entre certos elementos e não gostaram de muita resposta indireta à entrevista do Ed.Santos, que eu mantenho.

A vinda do Fernando aqui seria muito útil, pois dava-me uma grande ajuda e poderíamos dar o empurrão decisivo.

O V. vai jantar comigo no Sábado. Convidei-o, aceito prontamente, espero que não falte. Esta é talvez a 10^a carta que escrevo hoje! Estou farto.

Saudades à malta toda!

É de maior importância e urgência a reação interna!

O Urbano contou em Lisboa tudo o que se passou! Um jovem (garoto) que chegou a São Paulo sabia tudo, nome, local, etc,etc!

Dizem-me que foi para um jornalista.

Teria ouvido o nosso amigo, o outro?

Um grande abraço do muito amigo,

Tito

23.

Paris, 11 de Fevereiro de 1963

Meu caro Tito:

Claro que escusas de te perfilar e por em sentido quando me escreves; primeiro, a posição é incómoda; segundo, o teu amigo de há muito deixou de correr atrás do “passarinho azul” da vaidade inerente a posições que possa ter tido ou venha a ter, porque as julga, sobretudo, pela responsabilidade que envolvem. Ora, precisamente, o nosso general é um “fogososo corcel” algo difícil, e imprevisível tantas vezes nos seus movimentos que, aceitar a sua representação não constitui de nenhum modo uma posição cómoda, mas como tu dizes “é coisa muito positiva” para os nossos planos, e por isso anuí.

Quanto à Conferência agradou-me sobremaneira ler-te sobre os seus efeitos no Brasil, aliás, confirmando notícias que já tínhamos tido. Todavia, quero dizer-te que só corresponderá às esperanças nela depositadas se a transformarmos em ato e, quanto antes porque o tempo português relaxa frequentemente na demora e inutiliza as melhores boas vontades, tanto mais que no caso vertente o PC. não está de nenhum modo empenhado em imprimir ao ato o ritmo que nós queremos que tenha. Por outro lado eu estou convencido, e nesse sentido tenho feito a minha fala, que o PC., se pode emperrar a marcha com demoras e dilações na sua contribuição, por outro lado em face duma ação dinâmica da nossa parte não deixará de nos acompanhar o passo. Portanto mãos à obra! Concordo contigo na vantagem que haveria em o Piteira se deslocar aí o mais breve possível e já lho tenho dito, mais o Mário Romano não tem mostrado pressa em deslocar-se aqui e só cá o teremos no sábado. Vamos lá ver o que resulta da conversa.

O nosso famoso Dr. Guerreiro continua despeitado e escreveu uma carta aos seus amigos do Porto (Cal Brandão e O. França) em que lhe dizia que a Conferência não foi a que ele sonhara. Essa, o PC. torpedeou-a, organizando uma outra em que ele dita a lei aos seus amigos.

Não se pôde evitar a remessa desta carta porque êle só falou nela depois de a ter enviado. Recebi um carta do Dr. Hermano que me deixou preocupado com o estado de espírito desse moço, parece-me que regressa àquele estado de inconstância, inquietação, ansiedade, que já aqui em Paris nos mostrara.

O pai – Dr. M.N – que veio a Londres telefonou-me dali a saber notícias do filho e a manifestar o desejo de ir vê-lo desde que conseguíssemos o anonimato da sua viagem. Já resolvemos o assunto, e dia 15, é natural que aí o tenhas a caminho de Oran, a menos que vá diretamente para aquela cidade.

O Urbano foi impedido de vir cá porque está numa lista de pessoas proibidas de sair do país, mas conseguiu fazer-me chegar uma carta às mãos em que nos diz que os nossos amigos nos dão carta branca para atuarmos. Quanto ao problema da “pasta” diz-me que dos três, o mais dinâmico dos milionários em crise de consciência – deve ser o Conde – passará por aqui e procurar-me-á. Vamos lá ver!

24.

Alger, 14 de Março de 1963

Meu caro Xico

Deram-me há dois dias a notícia! Que infernal, que desgosto tive! A nossa querida Maria Isabel, desapareceu assim, estupidamente, repentinamente, quando a última vez que a vi, tão bem parecia estar!

Era muito amigo dela, tinha-lhe uma enorme admiração, pela inteligência, capacidade de luta, carácter, e sabia que ela também me estimava.

Peço-te o grande favor de transmitir aos filhos o meu desgosto. Não o faço diretamente por desconhecer a morada e não querer escrever daqui.

Sei que um amigo me referenciou no funeral. Sabes quem foi? Gostaria de lhe agradecer. O Fernando chegou ontem. Tu, quando cá vens? Era bom que fosses pensando em dar cá um salto antes do fim do mês, porque precisamos conversar. Não percas qualquer oportunidade que tenhas de visitar com o “Carlos” para ele aparecer. Diz-lhe que é importantíssimo! Importantíssimo! Que raio! Ele não perceberá isso?

Adeus meu caro Xico. Ficamos à tua espera.

Um grande, muito grande abraço do camarada e amigo certo

Tito

PS: Deixei esta carta no escritório e, só hoje, 18, vai para o correio. Mais um xi do Tito.

25.

Paris, 26 de Março de 1963

Meu caro Tito

Recebi a tua carta de 14 do corrente e logo de seguida escrevi à filha mais velha da nossa querida amiga: a Izabelinha, dando-lhe conhecimento do de quão calorosamente sentiste a morte de sua mãe. Morre estupidamente um dos nossos melhores companheiros de tantas jornadas, numa altura, precisamente, em que o nefasto regime que ela tão galhardamente combateu está a dar as últimas, mais vítima da história do que da nossa inteligência na acção. Sobretudo, enquanto tratarmos a realidade política portuguesa um tanto literariamente e cantarmos a ária de quem se apodera do piano, e impõe ao coro a que mais lhe convém.

Quanto à representação no funeral da Maria Izabel, sei que foi o Mário que me representou e é natural que tenha sido ele também a fazê-lo por si.

Tal como dizes na tua carta tenho insistido com o “Carlos” para que se desloque o mais rapidamente possível para o “quente”, vamos lá ver se atende os nossos rogos. Na verdade o que seria decisivo era que se concretizasse aí uma situação que lhe garantisse a subsistência, como professor da escola militar ou alto funcionário do governo. Será isso tão difícil?

A démarage está difícil e vocês têm que fazer um esforço suplementar para vencer a inércia dum regime que ensaia os seus primeiros passos.

Um grande abraço grande e outro à Maria Emilia. Chico.

26.

Argel, 9.5. 1963

Meu Caro Xico

Desta vez sou eu que devo carta e já há bastante tempo. Como desculpa há o facto de teres notícias nossas e nós tuas, através da correspondência que manténs com o Piteira, bastante mais regular do que a nossa.

Sabes certamente que várias dificuldades nos têm deparado, tanto internas como externas, o que nos tem impedido de acelerar com a velocidade desejada.

Esta paragem tem por seu lado criado outras dificuldades e assim andamos num círculo vicioso do qual é preciso sair a todo o custo, quite a perder-se tudo o que se conseguiu.

Gostaria muito de poder conversar contigo. Não sei o que se passa aí por Paris, mas consta-me que o ambiente é bastante mau. Por outro lado não recebo uma notícia dos nossos amigos de Lisboa que parece resolveram reformar-se para os assuntos políticos.

Eu tenho feito o possível para manter a máxima discrição nos meus atos e nas muitas palavras para não ajudar ao barulho e lutar no silêncio, construir qualquer coisa.

Porque não dás um salto aqui? A viagem de barco, ida e volta não é extremamente cara, o tempo agora em Argel é o de Cote D'Azur, tiravas umas férias e conversávamos.

O Piteira falou-me na frustração dos mercadores. Eu não posso promover a venda mas poderia encarregar-me da montagem e assistência técnica. Se me mandares catálogos poderei tentar arranjar um representante comercial, o que tu talvez pudesses mesmo conseguir daí e eu dou a parte técnica.

Diz o Piteira, e eu acho que ele tem razão, que em Marrocos será bastante mais fácil mas há ali a questão técnica.

O General parte amanhã por Rabbat.

Faz-me certa espécie ele não ter previsto um salto aqui. Sabes alguma coisa? Conta!

Saudades da M^a Emília e um abraço do amigo certo

Tito

27.

Paris, 13 de Maio de 1963

Meu caro Tito:

Acabo de receber a tua carta de 9 do corrente e venho juntar, ou como dizem os advogados, “entranhar”, esta carta nas folhas da revista Croissance – Jeunes Nations a que dei uma entrevista e de que já fazia tenção de enviar-te um número.

Na realidade estava estranhando o teu silêncio, tanto mais inexplicável quanto é certo tens agora a teu lado a colaboração preciosa da Maria Emília.

Acredita que tal como recentemente, numa carta, disse ao Fernando, a demora na demarrage dos planos de ação que daqui levaram e muito especialmente o caso da Rádio que se anunciou com foros de grande acontecimento, causa uma certa apreensão aos vossos e meus amigos. Eu sei que há sempre obstáculos grandes a vencer numa nação que reestrutura de novo todo o quadro das suas instituições e os homens se ajustam a elas com o natural choque sempre existente entre o figurino e a realidade, para isso julgo será bom caminho visar mais a função e o objeto do que nos propomos realizar do que a procura do homem providencial em cuja influência jogamos todos os nossos valores.

Quanto ao Paris de má língua, conheço-o pouco, porque não sou frequentador dos mentideiros. A qualidade do material humano é má e a obra reflete fatalmente os seus

defeitos. Acresce que o PC. faz uma política retardadora do que verdadeiramente entusiasma e cultiva a planta daninha das informações de soalheiro, sobre as quais constrói muitas vezes juízos de valor bastante contestáveis.

Mas não há que estranhar, c'est la rançon de l'exile.

Estou na verdade procurando arranhar tempo e meios para ir aí abraçar-vos e ouvir de perto as vossas dificuldades.

Do dia 25 ao dia 10 terei de ir à Suíça e Norte de Itália, de regresso, se as coisas se conjugarem favoravelmente, venho por Marselha como indicas e embarco num bote para Alger. Vamos lá ver se tudo se passa como projeto.

Quanto aos ascensores logo que tenha mais elementos voltarei à baila pois julgo viável [sic] o aproveitamento da oportunidade tanto aí como em Marrocos.

Os nossos amigos são irreformáveis enquanto Salazar aguentar, mas não há dúvida que estão em face de dois obstáculos de respeitável influência no seu comportamento perante a ação política: o medo da PIDE e crise de confiança na colaboração com o PC.

Quanto ao General estou ainda esperançado em conseguir-lhe um visto de entrada em França. Chegou a Roma onde se demorou muito pouco tempo e seguiu para a Jugoslávia. Se tiver mais notícias comunico-vos.

Meu abraço para ti e para a Maria Emília do amigo fixe

Chico

28.

Alger, 17 de Maio de 1963

Meu caro Xico

O Piteira deu-me o teu trabalho pedindo-me que to devolvesse, depois de a ler, pois já lhe tinhas enviado uma cópia.

Embora não tenha grande interesse e muita opinião, sempre te quero dizer que gostei do escrito, da forma como abordas o problema e do conceito expressos. Lido, acho perfeito; falado talvez perca um pouco o seu valor por ser difícil de acompanhar para mais ou menos leigos no assunto.

O teu homónimo escreveu-me há dias confirmando a necessidade de nos encontrarmos e dizendo que saíras de Paris por volta do dia 25, propondo portanto o encontro para antes desta data.

Acontece que o Piteira não está cá e só deve regressar a 19 ou 20 e não sei se teremos possibilidade de resolver o problema financeiro que a viagem acarreta.

Sujeito a confirmação e de acordo com o que escrevi ao nosso amigo, há a hipótese de vaivéns daqui de baixo na 6ª feira 24 ou sábado 25 para Marselha, regressando a 27 de manhã ou ainda – hipótese mais vaga – irmos de avião a Paris no dia 25. Qualquer das hipóteses obrigava-te a adiar a tua partida uns 2 ou 3 dias o que suponho não será grave. Depois de conversar com o Piteira, logo que ele chegou, enviarei um telegrama ao nosso amigo que por sua vez te confiará os nossos projetos.

O teu representado fez uma viagem relâmpago a Praga onde se encontrou com o Cunhal. Como nem a França nem a Itália lhe deram “visto” foi diretamente para Praga e no regresso parou por Rabat mas o telegrama que nos enviou não chegou a tempo, nem podia chegar, de nos permitir ali ir falar com ele.

Foi bastante mau, pois como os “ares” andam bastante turbos teria sido muito útil uma conversa com ele. Não sabemos o que se terá passado em Praga e só sabemos que o P.C. teve uma reação muito estranha a circular que daqui expedimos e já certamente estás ao corrente.

O nosso encontro com o X.M. também espero que nos ajude a esclarecer a situação pois no meu espírito anda uma confusão sobre tudo o que se passa na nossa terra.

Tens de arrancar da cabeça o alibi que permita a saída do Mário o mais breve possível. O anterior não pode servir outra vez? Se não aproveitamos este verão para meia dúzia de encontros pessoais que julgo indispensável arranjar, lá vamos até ao fim do ano neste .

As coisas aqui, no que se refere às relações oficiais, estão a atingir o ponto ótimo. Depois de um empurrão em grande estilo as portas abriram-se sem restrições, oxalá saibamos aproveitar bem todas as facilidades que nos concederam e as que ainda vão conceder.

Mando-te juntamente um recorte que te deve interessar e que peço mostres ao L.C. e ao Joaquim.

A propósito porque é que este último não escreve?

Espero que até breve. Abraço da Maria Emília e do teu muito amigo

Tito

29.

Alger, 24.5.63

Meu caro Xico

Não podemos ir a França neste fim de semana como julgava em princípio poder fazê-lo e te mandei dizer.

Não tendo recebido confirmação [...], penso que terás partido para a tua viagem e portanto não receberás esta carta que escrevo apesar de tudo.

Cá te fico esperando por volta do dia 10, como anuncias. Não deixes de vir.

Entretanto, se me for possível, avistar-me-ei com o teu homónimo, mas a vida está difícil porque não há massas.

Abraços nossos e do amigo certo

Tito

30.

Paris, 25 de Maio de 1963

Meu caro Tito:

Recebi a tua carta de 17 que trazia o meu escrito sobre o escudo.

Um dia depois recebi uma carta do Fernando de Rabat que não deixava antever a sua próxima vinda aqui, pois me pedia para lhe transmitir todo o teor da conversa que tinha tido com o Chico.

Acho precisamente de escrever a este meu homónimo a comunicar-lhe que vejo pouco viável a vossa deslocação a França, que nessa hipótese, penso ir aí no decorrer do mês que vai entrar. Vamos lá ver se desta vez não passa de promessa.

O Fernando pouco adianta sobre o andamento dos vossos trabalhos, ao que parece continuamos no regime de promessas e a vossa estadia aí funciona como caldo de cultrua para uma política futura que não entrou ainda no calendário das tarefas imediatas. O Fernando diz-me que talvez as coisas se dinamizem depois de Adis-Abeba, vamos aguardar, já que é nossa sina em vez de comandar sermos comandados pelo tempo. E a verdade é que as esporas do cavaleiro se ganham como exercício, embora algumas quedas, mais do que com teorias sobre a arte de cavalgar em toda a sela.

Foi pena que o General só encontrasse como interlocutores o PC. ou os seus avant-coureurs (Mário Romano e quejandos) e que ele tenha feito a sua viagem, exclusivamente, aos países de leste. Nele o calculo [sic] e a razão política é essencialmente dinâmica e condotieresca(?), portanto entre os polos do disparate e do golpe de génio.

Depois de ter recebido uma nega do Embaixador de França no Rio a uma exposição a solicitar o visto bastante rebarbativa e inábil, lembrou-se de mim para que diligenciasse

obter tal visto em Paris. Não quis passar sobre umas famosas diligências com ministros do Gran-Vizir de França, conduzidas pelo Joaquim, mais ou menos anedoticamente e aguardei que ele me levasse o recado ou me apresentasse. Inútilmente perdidos oito dias, deitei mãos à obra mobilizando os próprios recursos. Cheguei ao ministro do Interior-Frey- e este era de opinião que o visto devia ser concedido, mas como o assunto já tinha sido tratado e despachado pelo qual Quai d'Orsay teria de levar o caso a Conselho. Porém, ali, encontrou uma tenaz resistência da parte do Couve de Murville que não quis voltar com a palavra atraz e manteve a nega com o assentimento do Gran-Vizir. Há nesta diligência, no entanto, um pormenor que importa reter: é o empenho do Frey para que eu “comunique ao meu presidente” que ele Ministro do Interior fora da opinião favorável à sua entrada.

Com menos maladresse e mais diplomacia da parte do nosso general é provável que se tivesse conseguido a sua entrada.

Quanto ao âmbito das conversações e compromissos que assumiu na entrevista referida no recorte que me enviaste estou a zero, pois estive em Bruxelas, e só agora lhe escrevi já para o Brasil, onde espero que se encontra.

De Lisboa, houve mais prisões, e creio que a maioria, provém de elos com o PC. O Vieira D'Almeida, os médicos Dr. Fernando Rodrigues e Dr. Arménio, Jaime Casemiro e novamente o Guilherme Costa Carvalho. Quanto ao nosso amigo Mário já lhe escrevi no tom mais enfático, e apresentando-lhe os alibis suficientes para a sua vinda, mas ele escreve-me que em virtude de compromissos profissionais só poderá pensar no caso depois de Julho. Aqui tens querido amigo, e agora vou ler a sina a outro.

Abraço muito amigo para ti e para a Maria Emília do

Chico

31.

5 de Agosto de 1963

Meu caro,

Depois de larga e exaustiva conversa com o nosso amigo Carlos, acabámos por chegar a um acordo que eu pretendia não fosse somente formal mas sim de fundo.

Para isso temos evidentemente que pôr os pontos nos iis e é o que tentarei fazer.

Não posso nem quero desligar-me daqueles amigos que há 20 anos nos habituamos a ver ao nosso lado no combate contra o fascismo.

Mantenho neles – não sô a muita amizade pessoal – como também a confiança política que nos deve unir. Não acredito – apesar dos ditos e mexericos – nem no aburguesamento nem na diminuição de coragem ou de combatividade de homens como vós, que continuam a luta aberta e sofrendo todas as consequências dessa mesma luta.

Isto quer dizer que estou convosco, que estou ao vosso lado, e que confio em vós.

Não rompo, não corto, não me isolo, não adiro a grupos ou grupinhos mais ou menos revolucionarios ideologicos, quero continuar a lutar do vosso lado.

Mas...temos de nos entender.

O facto de andar aqui por fora já vai para dois anos, deu-me talvez mais condições para apreciar, de forma mais objetiva, o panorama político nacional dentro e fora das fronteiras do nosso país.

Vou então tentar ser claro e chamo a tua atenção para que notes que o que te digo tem de ser visto como um todo, isto é, a tática preconizada para agora pretende adaptar-se às condições existentes mas com vistas ao futuro.

Assim, julgo que devemos dar o nosso apoio à luta unitaria, isto é, criar uma frente de combate unida, que reúna todos os que querem realmente derrubar o fascismo e modificar de fond en comble as estruturas políticas e sociais existentes.

O combate que se desenvolvera nesta frente, não pode talvez ainda ser desenvolvido segundo uma base ideológica firme, mas não chega ter como objetivo o derrubamento do fascismo. É preciso encontrar também uma base ideológica comum para a Frente Anti-fascista.

Admito as dificuldades, mas há que procurar vencê-las.

O programa para a democratização está ultrapassado, mas partindo dele, refazendo-o, pode talvez encontrar-se aí uma solução.

Eu estou disposto a aliar-me com o diabo para derrubar o Salazar, mas é o diabo que terá de se subordinar à minha orientação e não eu à dele. Compreendes?

Assim, dentro da R.R. há que criar um núcleo dirigente, composto de elementos ideologicamente afins, que não podem sacrificar os seus pontos de vista ideológicos a manobras ou habilidades políticas. Têm de se proteger contra o abastardamento, têm de ser coerentes consigo próprios.

Isto implica, dando um exemplo, que se o Craveiro quere derrubar o Salazar, encantados, mas nunca, por nada deste mundo, nós devemos emporcalhar apoiando craveirices. Fazer dum Craveiro um leader é crime onde não podemos sujar as mãos.

E a hipótese dele poder derrubar o Salazar não nos pode levar a aderir nem à sua pessoa nem à corrente que pretende lançar, corrente interna ou externa.

Se ele está disposto a ajudar a nossa luta, que ajude, mas a luta é nossa, não é dele.

Prrestigiar um C. Leal, é quase a mesma coisa. Ele é que precisa de nós, não somos nós que precisamos dele.

Acabemos com as múmias, os venerandos, os bonzos. Há que os substituir pelos homens válidos, acabar com as previdências e lançar às massas populares os nomes que elas entendem.

A única força válida é a força popular, é essa que temos de conquistar.

Assim, no campo clandestino temos de aproveitar a luta armada, criar núcleos de combate, preparar o assalto ao poder do Estado.

No campo legal, aproveitar todas as oportunidades para criar um ambiente de instabilidade, de incerteza, de desmascaramento, que tenha em vista a luta e não o lançamento de leaders ou a criação de biombos protetores ridículos e ineficazes, até.

Sejamos prudentes, mas não vamos ligar o nosso nome, as nossas pessoas, as borradas comprometedoras que nos sujariam irremediavelmente.

Salazar e salazarismo caem a tiro, não é com golpes mais ou menos palacianos, como está provado durante 30 anos de luta.

E agora enxerta-se aqui o apoio, a concordância ou a discordância do estrangeiro.

Os E.U. poderão apoiar um Craveiro, poderão até preferir um Craveiro, mas fazem-no enquanto não houver outra força que se imponha. Porque havendo outra força, mesmo que seja uma força de esquerda que eles vejam com probabilidades de vencer a luta – apesar de muito cegos, muito reacionários – serão os primeiros a apoiarem-na.

Vide Yugoslávia, Algeria, etc.

O interesse em apoiar tem de ser deles, não nosso.

Faço-me perceber?

E aliás só poderemos ter amanhã voz no xadrez político internacional, perdidas como vão ser as colónias se jogarmos a nossa posição.

Sem compromissos, poderemos transformar-nos num peão que todos desejam manobrar, mas que só nós temos de manobrar.

Portanto preparemos a revolução na clandestinidade. Golpes seguidos, como os de beja, manifestações como as do 1º de maio, são elementos válidos na luta revolucionária. Mas há que ir mais longe, há que preparar e promover a um momento dado a paralisação da

vida económica da nação, com a greve, com o corte de energias, com o corte de comunicações.

E pequenas experiências deste tipo, preparam as grandes experiências.

No campo legal, façam-se almoços, reivindiquem-se melhorias de salários, mas não se prestigiem bonzos, nem reacionários, nem traidores.

Os almoços podem servir para deteriorar o ambiente, criar a dúvida e o receio entre os fascistas mas não para emporcalhar os nossos valores políticos, que são os homens da nossa geração – a minha, particularmente, num limite já quase ultrapassado.

Eu já devia estar reformado!

E tu Amigo, senão te acautelas num momento atinges a meta...

Há uma publicação qualquer “Tempo e Modo” salvo erro, que eu não conheço mas da qual tenho tido fracas informações. Não tenho opinião sobre o assunto mas repito: temos de proteger os nossos nomes, temos de prescrever as nossas posições [sic]. A tua, a minha, a de tantos, é de todos nós, o que implica maior cuidado ainda.

Não me parece necessário ter a preocupação de sermos “bem vistos” por gregos e troianos. Têm que nos “grammar” tal e qual somos e é do interesse de uns e de outros serem nossos amigos.

Não temos de lhes agradecer são eles, uns e outros que têm de se fazer agradáveis.

Toda a nossa ação, a partir de agora, tem de ser dirigida para o futuro e não pode ter como meta a democraciazinha burguesa, cheia de partidos e fações, no meio dos conflitos de interesses particulares, de interesses nacionais.

Com todas as nossas dúvidas, as nossas hesitações, as nossas deficiências ideológicas temos de começar a construir o futuro e desde já, se não quisermos ser cilindrados, se quisermos reformar completamente as estruturas fascistas e construir aquelas que garantem ao nosso país um desenvolvimento rápido conforme com a situação atual do mundo.

Não se pode considerar como fatalidade histórica a passagem por fases já ultrapassadas.

Não se pode pensar que já não seria mau uma democracia à moda italiana.

Não há modas, temos de construir a nossa democracia.

Temos de criar condições para rapidamente vencermos a distância que nos separa do resto do mundo e somos nós que o temos de fazer.

Se não formos nós, outros o farão e, sem imodéstia, com menos preparação, com mais dúvidas do que as que nós temos.

Criemos pois um órgão de combate, não tenhamos medo das palavras, os que nos não puderem acompanhar, paciência, mas sejamos lúcidos.

Para se derrubar o fascismo é preciso derrubar a estrutura fascista. Derrubada a estrutura há que a substituir por outra que teremos nós de fabricar.

Há que ter em vista o que nos interessa a nós e não o que pode interessar ou desgostar outros.

Terei sido claro?

Terei sabido interpretar não só o que sinto e penso mas também o que vocês sentem e pensam?

É evidente ter chegado a hora das definições, é evidente que se deve jogar agora tudo por tudo e temos de avançar rapidamente a nossa organização para não sermos comidos e não acabarmos por perder todos estes anos de luta, todos os sacrifícios que fizemos.

Está montada a forma de nos correspondermos. Responde rápido. Responde bem.

Um grande abraço e até breve!

32.

11 de Agosto de 1963

Querido Mário e querido Xico

Só poucas linhas porque não há tempo, vamos à crise. Nunca mais eu torno a mandar uma carta como mando esta última. O pacote chegou aberto e foi uma sorte não se ter perdido. Além disso levou para aí 8 dias a cá chegar.

O Xico mantém-se no seu admirável silêncio. Desde as démarches que falas, continuo sem nada saber.

O “Agora” saiu! Perdeu-o? De Lisboa, mais nenhuma. Deviam vir diariamente.

Pensei, mas depois pensou-me, chamar a tua atenção para uma frase que pronunciate aí e que ainda hoje me fere os ouvidos. Ao mostrar-te o meu projeto de “princípios” exclamaste: mas eu estava disposto a ir muito mais longe!

Não me parece que entre nós as coisas se devam pôr desta maneira e tu, como eu, devemos ir tão longe quanto seja possível. Ainda estás a tempo.

Soube aqui que terias sido um dos signatários do requerimento do Mov. Democrata-Social. É verdade? Devias ter-me posto ao corrente.

Não gosto de ouvir críticas dos meus amigos sem poder responder. Entendido?

A minha posição na Comissão? Vou ajudando e quando informei o amigo da minha condição de porta-voz, representante, ou coisa parecida da R.R. Contrariamente ao que me disseste, mostrou-se surpreendido. Tu não lhe tinhas falado no assunto! Foi assim? Não creio, deve ser habilidade. Dizia-me que era um aspeto novo que ele não conhecia e que modificara a situação. Pediu-me que me mantivesse na situação em que estava, que não abandonasse a Comissão, pois iria apresentar o problema. Deve aparecer por aí um dia destes.

O problema das Juntas só pode ser resolvido na próxima reunião.

Não encontro apoio não julgo de fazer cavalo de batalha.

O F.P.S. considera esta posição como o meu ponto fraco e então investiu – vide última reunião. Concordei imediatamente, achei ótimo e hoje...já declarou: para quê falar duma coisa que não existiu, uma J.C. que não mexe desde 1962! Uma das formas de aumentar é... após o vácuo.

A minha situação é, como calculas difícil e será talvez ainda mais difícil no futuro. O MAR está organizando aqui um núcleo válido, combativo, e procuram até exercer sobre a C.D. pressão tirando-lhe o auxílio financeiro único de que dispúnhamos.

Procuram formar uma Junta Patriótica da Argélia – com que concordo, evitam-me muitas chatices – e as contribuições passarão para a J.P. em vez de irem para a C.D. Compreendes?

Prevejo que o mais que se conseguirá é receber uma pequena contribuição e estaremos depois nas mãos do fundo do P. mas isto tem pouca importância. Cá nos havemos de arranjar.

O aspeto político é muito mais importante e se eu não receber com frequência apoio interno não poderei contrabalançar com vantagem a posição externa.

Quanto à Conferência nada está assente mas mudaram-na para Setembro. Há que estar preparado.

O problema dos católicos é também um problema. Têm que mandar um representante. Defendo a luta na rádio, emissões para prepararem ambiente revolucionário, incisivas, vivas, esclarecedoras, e acompanhadas das clássicas manifestações “pacíficas”, amnistia, luta legal, etc. Escrevam! Um grande abraço do muito amigo

Tito

33.

Paris, 13 de Agosto de 1963

Meu caro Tito

Recebi a tua carta com os documentos e o dicionário, e ontem, outra da Maria Emília que acompanhava o texto duma missiva a enviar para Lisboa e destinada a Ivo Melo Ora, no dicionário, estes nomes, em separado, dizem respeito a pessoas diferentes, uma residente em Paris e outra em Lisboa. O Carlos que tem demorado a sua estadia em Italia [sic], quando regressar decifrará comigo o enigma, pois como dizes, ele conhece o destinatário. Queria dizer-te a minha opinião sobre os documentos, principalmente sobre o que serve de preâmbulo à Declaração de Princípios da RR, mas tenho aguardado a chegada do Carlos para ver se os dois nos pomos de acordo sobre os pontos que suscitaram a minha crítica. Aliás, trata-se mais de pormenor de redação e coerência lógica das partes com o todo do que discordância de fundo.

Não sei porém que descaminho levou o nosso amigo e em que recovo da bota geográfica se perdeu: Se nas delicias de Cápua, se nas maquinações políticas do Capitólio. Veremos em breve, porque tão depressa chegue, dar-te-emos notícias.

Preocupa-me o modo como falavas da tua saúde na carta que me escreveste, de teu punho, e mais se agravou a minha apreensão quando recebi a da Maria Emília em que me diz que estás a ser observado pelos médicos. Diz-nos o que se passa para sossêgo de nossos cuidados.

O “Agora” seguiu para aí há já bastante tempo, enderessei-o [sic] ao Piteira, porque foi ele que mo pediu a quando da sua estadia aqui. Recebi dele uma longa carta em tom brando e amigo, mas em que insiste nos mesmos preconceitos acerca de amigos que muito estimo e em cuja sinceridade revolucionária (entenda-se desejo inexorável de transformação das estruturas sociais, económicas e políticas do nosso país, por todos os meios que sejam capazes de vencer a rançon du temps o mais rapidamente possível, com a violência que for necessária) acredito mais do que em certo revolucionarismo boémio de café, de meninos, que em Paris querem ganhar as esporas de cavaleiro da libertação nacional.

Quanto à minha ida aí era meu desejo que fosse o mais rapidamente possível, mas também tenho problemas de massas, neste momento, e só a farei, quando tiver de me deslocar ao sul de França ou a Itália, na segunda quinzena de Setembro.

O amigo a que aludes continua em férias, mas quanto ao assunto que gostarias que eu abordasse, há tempos falei-lhe da necessidade duma contribuição substancial, mas ele reagiu mal, colocando-se no plano pessoal dum alto funcionário que poderia ajudar sim,

mas tão somente com uma contribuiçãozinha regular que seria apenas uma gota mais grossa num poço que precisa cheio com grandes caudais.

E a verdade é que se houvesse mais senso das realidades e maturidade política das ideias e dos homens, o problema poderia ser solucionado com a dimensão das necessidades.

Junto envio-te o documento que recebi de Lisboa sobre a formação do Directório da Ação Democrático-Social.

Pela sua leitura poderás verificar que o Mário (Carlos) está a fazer falta em Lisboa pois decerto se êle lá estivesse o documento teria uma feição mais objetiva da realidade política nacional do momento. Além de que o nome seria de escolha mais feliz e a composição do elenco, sobretudo em Lisboa, seria diferente, para melhor.

O Craveiro deu uma entrevista ao Diário de Lisboa que constituiu uma tomada de posição, ao que nos informam muito bem acolhida pelos brandos da entourage do regime. Salazar, por seu lado, fez um discurso de que conhecemos apenas o comentário do “Liberation”, desta manhã, que também junto.

Escrevi ao Palma em termos que a sua resposta não deixará de referir o encontro de que se fala no Brasil e a que aludes na tua carta. E fui-lhe dizendo que, era essencial que tal encontro tivesse participação de qualidade e quantidade do interior, para que a voz do país real se possa ouvir sobre as condições objetivas em que temos de actuar.

O desejo mais sincero de boas novas da tua saúde e um grande abraço para ti e para a Maria Emília do muito amigo

Chico

34.

Alger 17 de Agosto de 1963

Meu caro Chico

Obrigado pela tua carta de 13 e pelo texto dos “bonzos”.

Espero que o nosso amigo já tenha regressado e que dê sinal de vida o mais brevemente possível e sobretudo que dê por terminada a tournée que está fazendo, pois como dizes a sua presença faz-se sentir.

Acusa-me a receção da minha última carta que te enviei Expresso assim como desta. Para melhor controle – pois parece que se perde o correio – devemos passar a numerar as cartas e todos os envios. Eu começo por esta.

Desculpa a complicação sobre o destinatário mas não tinha o dicionário à mão e daí a confusão, tu sabes quem é e o Carlos confirmará.

Quanto ao preâmbulo da RR, sabes que o tive de escrever muito à pressa, nem tempo para rever, queria apanhar aí o nosso amigo que então pensava regressar à origem. É evidente que o devem ler e escrever atentamente e penso que precisam até de lhe por mais pimenta. Considero muito urgente a sua publicação especialmente no estrangeiro onde como sabes só existe um texto a circular. O nosso faria face a certas tentativas de organização exclusiva no exterior, que nós que cá estamos fora temos de enfrentar. Só com a publicação dos princípios RR teremos a força necessária para agir. Dá-lhe portanto vapôr. O “Agora” que enviaste a 3 chegou aqui a 15, mas chegou.

Conseguimos localizae [sic] a carta que serviu de modelo [sic]. Foi de certeza entregue por um tal Sr. Cohen – que está em Paris – a quem o Fernando escreveu uma vez. A identificação foi aliás fácil e não deixa dúvidas.

D. de Lisboa não voltei a receber. Chegou um exemplar com a entrevista do Craveiro. Li à pressa mas fiquei com a impressão de que o homem não diz muita asneira. De qualquer maneira é menos negativa do que o documento do Diretório que quanto a mim é uma verdadeira desgraça. Não só o tom de pedincha como e talvez principalmente o nome de certos cavalheiros.

É tempo de reclamar. Não de pedir.

O encontro de que vos falava na minha carta não deve ter nada que ver como proposto pelo Palma. Trata-se duma ideia da princesa que convidou o General e o Sertório e também o Fernando. Não estou bem ao corrente do assunto nem sei o que pretendem. Vamos seguir a coisa e tu melhor do que eu poderás investigar.

Quanto ao outro, com as conversas que aí vão ter é que suponho ficará resolvida a data. Lembro que propus que a convocação partisse da Comissão Delegada e que fosse efetuado no quadro da Frente.

A data deve ser adiada, como combinamos, mas aqui não ficou nada assente em definitivo. É indispensável a nossa presença na ONU em Setembro. Em princípio estivemos todos de cardo em que fosse uma delegação da Frente. Vamos iniciar as démarches aqui, para sabermos com o que poderemos contar. Mas isto é uma coisa muito séria. Não pode ser tratada no ar. Temos de nos dedicar ao assunto com afinco. Tu tens de perder algum tempo e tentar auscultar certos meios oficiais franceses e estrangeiros, tal como nós aqui vamos fazer. É necessário ter uma ideia prévia do apoio com que poderemos contar. Por outro

lado o Carlos tem de tomar as mesmas iniciativas e ambos têm de reunir o mais rapidamente possível documentação e de arranjar dinheiro, como ficou combinado.

A despesa será muito grande. Julgo que têm de ir 3 ou 4 pessoas e não poderão fazer figuras tristes, mas tem de ser fácil arranjar em Portugal a massa necessária.

Considero que o Salazar se enterrou definitivamente com o seu último discurso. Está arrumado, mas é preciso agora bater forte, bater, bater, cada vez com mais força e em todos os campos. Prometam a devolução da massa com juro que todos tomamos responsabilidade. Mas ele que arranje o dinheiro. Considero que da missão deveria fazer parte uma pessoa de lá. Teriam de a enviar cá para fora o mais rapidamente possível. Tem de ser uma pessoa capaz, que se saiba impor, que inspire respeito, que conheça os problemas. Escolham bem.

É evidente que não regressará, mas nós garantimos-lhe aqui as subsistências. Quando digo nós, digo eu. Aliás chegou o momento de tudo arriscar, de não olhar para trás. Não me podem desiludir.

As démarches que vamos aqui iniciar [sic] são baseadas na confiança que tenho na vossa eficiência, naquilo que ficou combinado entre nós. Um falhanço, depois de iniciados os contactos, seria uma verdadeira desgraça que nos desclassificaria aos olhos de todos e liquidava toda a nossa ação aqui, com as consequências que vos é fácil prever.

Quanto à rádio. Julgo que fazes mal em não ouvir as emissões, em não mandares os teus comentários, em não mandares a tua colaboração. Não ignores o trabalho imenso que representa a elaboração dos programas, o trabalho técnico, etc.

Não percebo como ainda nenhum dos nossos amigos ainda nos não mandou nenhuma informação das condições de audição em Portugal. Nos não deu uma ideia da difusão da notícia da existência da emissora.

Em resumo que nos não tenham dito absolutamente nada.

De acordo com o combinado com o Carlos falaremos:

Dia 31 de Agosto.....”Agora”, Diretor, etc

7 de Setembro Adriano Moreira

14 “ Jorge de Melo

21 “Franco Nogueira’

28 “Gomes de Araújo

O Carlos tem de fazer uma lista que te deixará, com mais nomes para os quais fixam um pseudónimo. Tratará de colher elementos, uma vez chegado e envia-os para local combinado que nos fará chegar às mãos, podendo desde logo estabelecer as datas em que

devem ser emitidas. Muito brevemente pensamos passar a 3 emissões por semana, mas falta-nos o original. Lembrem-se disso. Parece-me que pode ficar assente, para não haver confusões, que para as emissões do tipo atrás, manteremos a ordem que vos indicamos e aquela que adotarem nos textos que nos enviarem. Quanto às datas, fica assente que falaremos nun(?) por emissão, de 8 em 8 dias ou de 3 em 3 dias, se formos para aí – o que será anunciado. Isto a partir de 31 de Agosto.

O Carlos tem de ter conhecimento desta carta, evidentemente, e se ele já aí não estiver terá de fazer o impossível para que a receba. Aliás ele deixa-te de certeza a nova morada. Quanto à minha saúde, ela vai andando. Estou um pouco cansado, precisava de umas férias, mas aguento. Não há razão para preocupações.

A tua deslocação aqui...Já não falo nisso...

Que há sobre umas démarches que estavas fazendo e que o Carlos me anunciou?

Abraço da Maria Emília e um grande abraço do muito amigo

Tito

PS- Precisamos receber com urgência.

- 1- Constituição com as alterações em vigor.
- 2- Lei organica do Ultramar
- 3- Estatuto do trabalho Nacional
- 4- Lei eleitoral em vigôr
- 5- Agenda ou Anuário Corporativo

Dá as tuas instruções e mandem-nos estes elementos rapidamente. Alguns talvez se encontrem mesmo em Paris – Casa de Portugal

35.

29 de Agosto de 1963

Meu caro Chico

Pretende-se criar aqui, em Paris, em Londres e possivelmente em S.Paulo e na Venezuela, Juntas de Ação Patriótica, ou organismos semelhantes, e exercer junto destes organismos uma influência semelhante àquela que o PC tem exercido, isto é, fazê-los funcionar na base do MAR.

Em princípio não vejo inconveniente nesta tática mas pode vir a dar maus resultados na medida em que lhes faltarem ligações com o interior.

Estas ligações estão procurando firmá-las através da Seara Nova e agora dirigindo-se às Cooperativas.

Afim de em certa medida a contrabalançar, isto é, equilibrar as forças, julgo cada vez mais urgente a publicação dos princípios RR, juntamente com um documento decalcado no que vos enviei e que deve ir mais além no sentido da defesa dos pontos de vista e na concretização de certas passagens incluídas na publicação nº2 MAR.

Isto é urgentíssimo.

Por outro lado RR deve procurar ligar-se também através de pessoas idóneas e representativas, ao movimento cooperativo.

Deve consolidar e alargar a sua estrutura ligando-se aos grupos militares. Seria muito útil que tivesse urgentemente uma conversa com o marido da mulher do Cabeçadas no sentido de o ligar à RR.

Devemos remodelar a Comissão Delegada, alargando-a sua representação isto menos antes da Conferência.

Assim considero importante que o Lino Neto manda cá para fora um do grupo para incluir na Comissão de preferência um médico.

Por outro lado a Maçonaria deve também arranjar uma pessoa.

Que estes dois, já a composição ficaria mais sólida podendo a ela juntar-se ainda um representante do Delgado.

Para fazer parte da Delegação a enviar à ONU – se enviarmos? – eu penso que o “pai” do Raimundo seria bem escolhido. Outra hipótese é o Lino Lima ou o Olívio França.

Existem também no Corpo Diplomático certos elementos que se quizessem nos dariam uma grande ajuda.

Sei dum, por exemplo, em Londres com quem o Carlos poderia falar e outro em Hong-Kong. São amigos ou antigos discípulos do Fernando e que o Carlos deve saber de quem se trata.

Metam na vossa cabeça de que chegou o momento de lançar a ofensiva geral, jogar tudo por tudo.

A rede RR tem de estar preparada para se lançar no assalto de todas as redes de comando do país, para a hipótese do putch que vai surgir no último momento. Para isso há que designar desde já as pessoas que tomarão conta dos diversos cargos, governadores civis, comando da política, câmaras municipais, etc. Precisa estar tudo preparado em especial na província.

Não podem acordar só no último momento.

Espero que o Carlos obtenha com a maior urgência tudo o que combinámos e resumi na carta que vos escrevi.

Será que de Lisboa me vão escrever a contar o que se tem passado?

Ou sucederá o mesmo que o ano passado e o entusiasmo volta a morrer após uma carta muito entusiasmada do Carlos?

Um abraço do muito amigo,

1º. RR – A publicação deve ser simultanea [sic] pois só assim se firmam posições. Não há que confundir RR com demo-social. Amigo de Roma joga em vários tabuleiros. Não se trata de anunciar propósitos mas de criar ambiente, até para desencadear o processo que referes.

2º. Rádio – Precisamos colaboração urgente para passarmos a 3 vezes por semana. Deverás enviar-nos com urgência impressões de várias pessoas, não só dos “bonzos” nem dos tímidos.

Tem havido equilíbrio mas desejo de criar ambiente e exercer ação psicológica. Têm de aproveitar.

3º. ONU – Julgo que Ferrão ou Lino ou outro deveriam fazer parte da equipe. Chegou a hora de bater forte. Não percebo impossibilidades relativas a fundos FPLN. Há que combater esta posição e integrar. É indispensável conseguires tudo o que combinámos e resumi na carta enviada. Urgente.

4º. Conjuntura – Não podes confundir RR e Demo-social. São duas coisas distintas. RR deve estar em contacto, mas não deve nem ser manobrada nem integrada. São duas coisas distintas. Há que tirar partido do isolamento. De acordo. Mas não esquecer os nossos objetivos fundamentais. De acordo com relações políticas indicadas. Talvez Chico possa facilitar meu contacto aqui com os respetivos representantes.

5º. Movimento Legal – Salva o Azevedo Gomes. Não o deixes cair no lodo! Deves ouvir a Rádio e obter informações. Manda dizer a opinião de várias pessoas. Não interessa só dos “bonzos”. Para mim não interessam os aliados que dizes, para ir atrás deles. Podem interessar de quiserem vir atrás de nós.

6º. – Concordo com urgência. Darei notícias com a antecedência pedida.

7º. Tens de arranjar o maior apoio para a FPLN. O maior.

É a grande arma que possuímos.

29/8/63

29 Agosto 1963

Meu caro Chico,

Vais receber uma carta um pouco complicada mas vamos a ver se me explico.

- a) Um carta que já estava escrita há alguns dias e que só agora posso enviar. Destinava-se aos dois.
- b) Uma minuta de resposta à última carta do Carlos. Quando será que este tipo começa a pensar como gente grande?
- c) Cópia duma carta que escrevi ao Lopes Cardoso.

Se não poderes de qualquer maneira abreviar o regresso aqui daquele amigo não deixes de o fazer. É urgente.

Penso que poderás enviar estas informações ao Mário.

Vem cá.

Um abraço do muito Amigo,

36.

Montpellier 10 de Setembro de 1963

Querido Tito

Afazeres profissionais têm-me retido mais do que contava fora de Paris: em Toulouse e Montpellier. Não tenho aqui, à mão, a última carta que me escreveste acompanhada de cópias doutras que escreveste a terceiros, porque, após tê-la recebido e pouco antes da minha saída de Paris, ofereceu-se-me a oportunidade de aproveitador um portador seguro que as deve já ter entregue, ao Carlos, como pedias.

O General escreveu-me uma carta em que me pede para eu reservar o pedido de visto para a sua entrada em França. Fiz já as diligências indispensáveis apresentando uma memória em termos que me foram sugeridos por um amigo francês que já se havia ocupado do assunto anteriormente. Vamos lá ver se, desta vez, temos mais sorte e se conseguimos a sua entrada aqui, embora já saiba que o Couve de Murville se opõe tenazmente à concessão do visto.

Na carta que me escreveu, a propósito do que ele chama o “plano oposicionista” diz que é indispensável que alguém vá para o interior esquentar aquilo e ele estaria disposto a

fazê-lo se lhe garantirem meios e afins para executar o seu plano. Conta, sobretudo, com o povo como verás, ao ler as últimas linhas da sua carta que te transcrevo:

“Regra boa ajuda em que acreditei nos quadros! A oposição é o povo essencialmente, o povo qui tem necessidade.

- conferencia [sic]: mais uma. Não digo que não mas a oposição sorri, ao ver mais um comunicado e ficar tudo à espera que o Salazar...morra de morte natural.”

Logo que regresses a Paris, escrevo-te detalhadamente do que penso fazer aqui.

Junto envio-te um recorte que vinha com a cata do General e um documento dos centuriões está a ser enviado aos seus amigos do interior. É ridículo mas necessita de resposta condigna. O Carlos levou daqui um plano de acção que consistiria em que apresentar queixa à polícia judicial contra incertos e fazer rapidamente uma conferência de Imprensa em que se denuncia a cobertura oficial com que actuam os [...] do regime.

Meu afetuoso abraço para ti e para a Maria Emília do amigo de sempre

Chico

37.

Paris, 19 de Setembro, de 1963

Meu querido Tito:

Confirmando a minha carta de 10 do corrente e esta tem por principal objecto remeter-te a copia da carta que acabo receber do nosso amigo Carlos.’

Ao que parece está já marcada a conferência, pois fui avisado de que de 20 a 23 teríamos de estar prontos a partir. É natural que leres esta estejas já em ablativos de partida.

Lá nos vemos, portanto, Como terás oportunidade de ver o Carlos ou qualquer outro representante de Lisboa, não estarão presentes. Eles diz-nos no entanto que o Jacinto e o José, do Porto representarão a nossa corrente, em colaboração, claro está, contigo e comigo.

Afigura-se-me que esta ainda não será aquela reunião verdadeiramente representativa por que nos temos batido. Trabalha-se mais para o beau geste e para os pontos de frequência conspirativa do que para a acção obstinada de que se necessita. Daqui a precipitação com que se organizam coisas que de sua natureza são muito sérias.

O general escreveu-me uma carta para que eu insista de novo junto dos meus amigos para conseguir-lhe o visto da sua entrada em França. Escrevi nesse sentido em 3 de Setembro

a 4 recebi a resposta confirmativa de que a diligência está a ser feita junto do Eliseu. Telefonei hoje, mas ainda não há decisão.

A propósito da conferência, o general, comentava-a nos termos que já te referi na carta de 10. Vamos lá ver se aparece.

Tenho as coisas em bom andamento para mesmo em Marrocos se conseguir boa recepção ao barco de que nos fa-la [sic] o Carlos. Depois te relatarei o que já.

Um abraço muito amigo para ti e para a Maria Emilia.

38.

Alger 29 de Setembro 1963

Meu Caro Chico

Estou escrevendo directamente para a máquina. Sairá a coisa um pouco atrapalhada, mas tu que és espertinho suprirás as minhas deficiências com o que possuis “en trop”:

Espero que tenhas recebido, distribuído e enviado, os exemplares dos “princípios” conforme te pedi. Por meu lado distribui também alguns exemplares directamente, que por via indirecta cheguei que chegaram ao seu destino.

Admito que tenhas a possibilidade de mandar imprimir aí, em papel fininho, uns mil ou dois mil exemplares que pudesses depois introduzir em Portugal. Gostava que me disseses alguma coisa obre esta hipótese.

Acontece, meu caro Chico, que eu julgo que é absolutamente necessário andar com a RR para afrente e tomar mesmo a coisa a sério e essa tarefa incumbe-te muito especialmente. Para isso precisas [sic] arranjar quem te ajude aí. Precisas constituir uma pequena comissão que se encarregue de levar por diante [sic] a tarefa de organizar cá fora e de ajudar a organizar la dentro este movimento, que se nós quizermos, pode vir a ter uma intervenção decisiva nos acontecimentos políticos que se vão desenrolar no nosso país.

Há que levar a coisa a serio [sic], há que andar para diante [sic] depressa.

Devias dizer-me qual foi a reacção do papel. O que dizem, o que pensam essas gentes de Paris, sobre a RR. Conhecedor das reacções [sic], sera facil encontrar duas ou tres pessoas dispostas a darem-te a ajuda de que careces.

O contacto com o Carlos deve ser mantido com muita frequência.

Espero que ja lhe tenhas enviado a minha última carta e debes começar a insistir pela resposta. É urgente.

Suponho, que o aparecimento dos “princípios” causosu [sic] certa confusão nas hostes “maristas” pois lhe tirou a possibilidade de caluniar certas pessoas e deformar certas intenções com o objectivo de arregimentar adeptos que, evidentemente, procuram nas nossas fileiras.

O silêncio absoluto que aqui se fez em torno do papel, da parte de certas pessoas que tu conheces, mostra-me que produziu os seus efeitos. Pelo menos calei a boca até aos mais inconscientes e malvolos [sic].

Mas eu não queria que a RR ficasse no papel e tu amigo tens de meter ombros à tarefa, tens de te dedicar a sério ao assunto, criando à tua volta os meios necessários para agires. Penso que te deveríamos muito brevemente fazer uma circular para distribuir – sempre ca fora e la dentro – e que focaria os seguintes pontos:

1 – Dar a notícia da formação da RR

2 – Dizer que está constituído um Secretariado Geral em Portugal, que actualmente se dedica especialmente à tarefa de reagrupar os “resistentes”, formando os “nucleos” de resistência que são a base do Movimento.

3 – Que a RR tem as suas delegações ou os seus delegados no estrangeiro que se dedicam à tarefa de auxiliar, de fortalecer o Movimento em Portugal.

4 – Que todas as adesões, todas as sugestões, etc, destiradas [sic] a serem comunicadas para Portugal, podem ser endereçadas para ti ou para mim, que estamos devidamente credenciados pelo Secretariado, para representarmos o Movimento no estrangeiro. Seria muito bom dar o nome dum amigo de Londres, mas não sei se o Carlos chegou a alguma conclusão, quando por lá passou.

5 – Que se impõe um grande esforço de organização. Que os resistentes no estrangeiro podem dar uma grande ajuda neste campo. Que através dos seus amigos em Portugal podem incitar as pessoas a aderirem à RR e a formarem “nucleos de resistência”. A iniciativa individual, neste particular, esta prevista e é até de aconselhar.

6 – Que a RR, com a sua organização com aquela que já hoje possui, é o movimento anti-fascista e anti-colonialista da maior projecção e relevo no nosso país, por reunir não só uma massa de aderentes, de militantes, das mais numerosas em relação às outras formações políticas no país, como tambem por contar nos seus quadros com o que ha de mais válido politicamente em Portugal.

7 – Que a RR precisa fortalecer-se cada vez mais e que isso depende do esforço dos seus militantes, tanto em Portugal como no estrangeiro. Que se dirige um apelo a todos nesse sentido.

8 – Que os militantes da RR devem [sic] dar também o seu inteiro apoio à FPLN e esforçar-se porque os democratas que se não encontrem ou não desejem integrar-se em organizações de tipo partidário, se integrem na FPLN que engloba todas as forças anti-fascistas.

9 – Por último um apêlo para a ajuda financeira e dizer que foi estabelecida a cota mínima de equivalente a UM DOLLAR, como contribuição dos militantes para o Movimento.

As importâncias deverão ser-te enviadas.

Esta circular seria assinada por ti e por mim. Estes são os pontos que eu julgo necessário focar numa circular deste tipo, que tu deverias escrever o mais rapidamente possível.

Depois, devias meter mãos à obra para fazeres um pequeno boletim quinzenal da RR. Esse boletim teria de focar a posição anti-colonialistas, poderia transcrever alguns dos textos da radio, poderia focar o aspecto revolucionário que se tem de dar à luta em Port. etc, etc.

Outro assunto importante. Julgo que deverias tentar inscrever a RR, como único agrupamento socialista realmente existente em Portugal, nas organizações internacionais socialistas. A ninguém resta dúvidas de que o PSP já não existe, e portanto, mesmo a título provisório, que seria revisto após a queda do fascismo, os organismos internacionais deveriam aceitar a nossa inscrição [sic]. Que achas? Julgo que com facilidade, não só aí em Paris, como na Bélgica e sobretudo na Itália – Neni, evidentemente – arranjarias apoios para a ideia.

Dentro dos grupos mais ou menos Trotskistas – Belgica e França – deverias também actuar – conheces muita gente – no sentido de arranjares apoios internacionais. Mas terias de me pôr ao corrente de tudo e em contacto, aqui com os representantes cá têm.

Parece-me que deves dar a esta questão a maior atenção e não perderes tempo, sobretudo no que se refere aos socialistas. Fazer um pedido mesmo oficial, de admissão após, claro, as consultas prévias. Mas andar depressa.

A Conferência falhou. Ela estava a meu ver – e ateu também – votada ao insucesso desde os primeiros dias. Por um lado julgo [sic] que foi melhor assim, mas alguma coisa de positivo se poderia tirar do encontro.

Anda no ar uma proposta vinda de S.Paulo para que se realise [sic], convocada pela Comissão Delegada, dentro de 90 dias. Achava bem que dessemos todos apoio à ideia, mas que tem de ser mantida no maior sigilo. Achava que devias escrever para os nossos amigos em Portugal afim deles decidirem desde já quem vem. Uma vez esse eu esses tem que vir mesmo, sejam quais forem as consequências. Com bastante antecedências

despesas de manutenção enquanto estivessem por fora. Depois, se fosse considerada como perigosa a viagem de regresso eles sairiam já com a ideia de não voltarem. E claro que isto é uma hipótese extrema, mas acho que se devem considerar os extremos e que temos de admitir que chegou a altura de tudo arriscar.

Mas nunca se sabe quais são as disposições dos nossos amigos...

Nesta Conferência deveria, segundo julgo, ser constituída a Comissão Delegada, em definitivo, da FPLN. Considero que isso se deve fazer mesmo sem conferência e peço-te que consultes com a maior urgência, os nossos amigos sobre este assunto que eu desejo levantar aqui numa reunião.

Vejo o problema desta maneira:

A CD ficaria [sic] constituída pelos 4 membros que aqui se encontram aos quais se juntariam mais dois ou tres. Digo que ficavam os 4 embora não veja interesse na manutenção do Rui Cabeçadas, tanto mais que a sua presença dá ao MAR, o agrupamento menos importante, uma maior representação. Mas não vale a pena criar complicações.

Sugeria que os dois a entrar fossem:

Victor da Cunha Rego

Um enviado católico

Um enviado maçon-republicano

Este grupo de 7 ficaria portanto em Argel, com os poderes necessários para decidir. Figuravam na CD como representantes de organizações.

Quero dizer que os que tinham essa representação estavam lá como tal e não como pessoas, embora outros pudessem estar com pessoas. Faço-me perceber? Espero que sim. Depois eram ainda membros da CD, mas deveriam actuar como tal, o Sertório no Brasil, o Lopes Cardoso em Marrocos, o Ruivo na Itália, tu na França e seria necessário arranjar um em Inglaterra.

Era urgente formar esta Comissão que deveria reunir o mais depressa possível afim de se estabelecerem formas de trabalho, distribuição de tarefas etc. Quanto ao católico e ao maçon ou escolhiam um que já tivesse cá fora ou sairia mesmo com esse fim. As pessoas aqui têm de arranhar meios próprios para viver e a profissão melhor é a de médico, é a que arranja emprego com mais facilidade. Ou então a organização que representa tem de lhe pagar, o que é ainda a melhor solução para lhe permitir actuar em Full time.

Sobre este assunto gostaria de ter a opinião do Carlos com a maior urgência, gostaria de ter a tua opinião com a maior urgência.

Considero muito importante dar a CD a sua forma definitiva e constituí-la segundo o esquema que indico. A vinda do Victor não tem problemas, a vinda dum católico considero-a indispensável, a vinda do maçon já não é tão importante. Mas é preciso andar depressa.

Nós temos Xico, de conversar muito e como cá não vens tens de escrever tens de me pôr ao corrente do que se vai passando, tens de ser um relais eficiente nas comunicações com o interior, tens de me ajudar com o teu conselho, tens de fazer política, tens, tens, etc...

Utilisa [sic] o telefone, diz-me como te posso telefonar, combina dia, hora e local, por exemplo uma vez por semana, onde esperas o meu telefonema para o caso de eu ter alguma coisa a dizer-te. Para mim podes falar todos os dias, entre a 1 e $\frac{1}{4}$ - 2 e $\frac{1}{4}$ ou à noite entre as 19,30 e as 20,45 – hora de Alger, isto é, atrasada 1 hora em relação a Paris. Gostava de saber a posição do Barradas em relação à RR. Tens falado com êle? Tenciono escrever-lhe brevemente e penso que ele te pode dar uma ajuda embora não seja muito eficiente, mas bem conversadinho vai trabalhando. Não me parece que tenha outras ligações fortes e tu poderás tirar isso a limpo.

Ha um jovem em Paris, Fernando Cunha Rego, com quem te peço que vás falar. Trata-se de um ex-jovem PC, que se desligou. Esta todo revolucionário, cheio daquilo que a juventude tem e a nós já nos começa a fazer falta – Bolas. A nós não. A mim. – Mandei-lhe um exemplar da RR. Gostaria de saber o que ele pensa. Esta a tentar organizar [sic] os jovens em Paris. Parece dinâmico e bom tipo. Seria um elemento util para te ajudar se não tiver sido já apanhado pelo MAR. Considero muito util que o esclareças, que converses a sério com ele. Quere vir para Argel mas não sei se virá. Pode dar-te informações sobre outros jovens, etc.

Outra pessoa que poderias procurar é um operário especializado [sic] que se chama João Felix. Não sei se conheces. Eu sei pouco dele, mas seria interessante averiguar. Vou tentar obter mais informações que te transmitirei. Ainda nesta carta de darei a morado dos dois. Como correu a questão do visto para o General?

Pedia-te que me esclarecesses as alíneas b) e d) do nº8 da carta que o Carlos te escreveu. Gostareia [sic] de estar ao corrente de que se passa com Sekendal, integração europeia e sobre o que ha quanto a contactos para os quais te dão luz verde e o que se passou com o Ridruege.

Meu caro Chico tens de perder alguns minutos par responderes a esta carta mas estou convencido de que compreendes a importância de todos os problemas que te ponho e do interesse que temos em estar mais ao corrente dos passos que um e outro damos.

O Carlos não manda os elementos que pedi para a radio. É incompreensível. Tu também podias tratar de escrever qualquer coisa ou de arranjar colaboração.

E por hoje termino. Responde breve.

Abraços da Maria Emilia, que como eu já não acredita que cumpras a promessa que fizeste de aqui dares um salto para em cavaco ameno recordar o passado e divagar sobre o futuro.

39.

Paris, 10 de Outubro de 1963

Meu caro Tito

Respondo à tua carta de 29 de Setembro p/passado.

Tanto as cartas que me enviaste para remeter para o Alexandre como parte dos exemplares dos princípios seguiram para o Interior a seu tempo. e por via segura, mas até hoje não recebi confirmação de que tenham sido recebidos.

Também mandei pedir com muita urgência a carta a endereçar ao Robert Van Sckandel, que é o homem do Movimento Europeu, devidamente assinada pelas personalidades que já tínhamos aqui combinado. Como tivessem perdido o especimen [sic] em francês que aqui fiz remeti-lhe um novo exemplar, mas até agora nada. Este assunto urgente tanto mais quanto é certo tenho informação que os tipos da situação ligados com homens de negocios pertenderam [sic] fizeram já diligências sem sucesso para a constituição da Associação de apoio ao Movimento Europeu.

Quanto aos principios fiz a distribuição dos que me restaram e tive ainda que fazer à maquina alguns exemplares para ampliar a área de sondagem. As reações tem sido lentas, por isso não posso ainda dizer o resultado.

Concordo com o projeto da circular e do Boletim, mas se a primeira se pode fazer o segundo ainda não temos organização nem meios para o por em prática.

Como sabes aqui não havia nada feito no respeitante a organização da RR, só agora se começa e tenho de ser eu a fazer tudo, pois os mais activos ou são do P. ou mais ou menos comprometidos [sic] com o MAR. Lancei as minhas vistas e estruturei o meu plano de acção um pouco à margem do histerismo politico [sic] do Quartir Latin e estou sobretudo a trabalhar com elementos da emigração economica que tenham adquirido capacidade politica [sic]. Nesse sentido vamos aproveitar uma associação legal agora formada –

Associação dos Originarios de Portugal – entrando para ela com alguns dos nossos elemtnos [sic] mais activos para a dinamizar e encaminhar, retirando, claro, a vantagem politica para a RR. Tenho aqui um grupo de militares – dois oficiais da aviação (alferes), um sargehto [sic] e um cabo que estou a ver se transformo em nucleo de expansão, embora eles estejam a radicar-se aqui, estudando e trabalhando.

Falei ao Barradas que ofereceu os seus serviços e estou certo que distribuirá por nós e pelo P. a pouca actividade que quere dedicar à política. Parece que o Andrade e Silva entrou em crise com o MAR; vou ter com êle uma conversa a ver em que estado está.

O almoço de 5 de Outubro que teve larga concorrência – umas 170 pessoas – creio que deve ajudado o nosso trabalho de recrutamento, distribui lá os nossos princípios e o discurso que fiz depois duma glosa sobre o TEMPO E O MODO feita pelo Saraiva, que deixou a sala um tanto frouxa de entusiasmo, agradou e foi sem dúvida o mais aplaudido. Como calcularás não te digo isto pelo que a mim me respeita, mas pelo interesse que poderá ter para o nosso grupo.

Veio de Rabat assistir o Dr. Blanc que me deu o seu caloroso apoio às palavras proferidas e pediu para conversarmos de seguida em particular para trabalhar em Marrocos em ligação connosco, embora já tivesse compromissos com o MAR.

Entrei para o Comité das Liberdades Democraticas [sic] em Portugal que até aqui era quasi exclusivamente um canteirinho privativo do Dr. Guerreiro e que agora se pretende venha a entrar em maior actividade.

O comité apresentou uma moção de homenagem, apoio e encitamento [sic] à F. de PLN. a que o Dr. Guerreiro queria juntar o nome da RR e o Comité de Acção Democrato-Social. Fiz-lhe saber que não havia que distinguir na moção a RR. uma vez que ela era aderente da Frente tal como o MAR e o P. e a estes se não fazia também menção especial.

Tomei devida nota da ligação da RR com os organismos internacionais socialistas, em prosseguimento aliás de diligências que já vinha fazendo. Neste contexto quero informar-te que foi pena não lhe chamássemos Resistencia Republicana e Socialista, pois a falta desta palavra no nome já me trouxe objecções de modo que depois já a tenho juntado v.g. Vou a Inglaterra ainda êste mês a ver se esclareço uma intriga lançada aqui a correr pelo Veiga Pereira que acusa o Carlos de mentir quando afirmou que o Toni tinha dado o seu apoio à RR. dizendo que ele está nas fileiras do MAR. Aproveito também para ver se conseguimos a visita a Portugal de Harold Wilson ou doutra personalidaed [sic] destacada da politica inglesa que ali fosse e falasse, a nosso convite.

Quanto à conferencia, uma vez que se verificou a ausencia de representantes válidos do Interior e do Brasil, o melhor que havia a fazer era adia-la. Falei sobre o assunto com o representante do P. e com ele acordei que era necessario começar já a trabalhar para que ela se faça na última quinzena de Dezembro. Concorde com a tua ideia do alargamento da Comissão Delegada e com a composição proposta para que seja a definitiva e vou comunicar ao Carlos como pedes.

Quanto a dinheiro isto por aqui continua mal e eu [sic] próprio estou a ficar um pouco nas lonas. O Carlos nunca mais mandou os 6 contos que adiantei para a vossa viagem a Paris e agora tenho mais a sangria da viagem a Londres. São estas as razões porque não posso dar o salto a Alger porque tanto insistes. e que para mim seria muito agradável.

A declaração feita pelo Francisco que o Carlos me enviou para ler na Conferencia, diz o seguinte:

“ 1 – No actual momento, não é possível a criação[sic], em larga escala, de Juntas patrióticas, com leque suficiente de tendências.

2 – Não é também possível a criação [sic] de um sistema unitário de direcção na frente interior. Este deve ser substituído por contactos pessoais.

3 – Importa insistir na criação [sic] de organizações separadas, nos diversos sectores, para cada caso, conforme as possibilidades.

4 – Deve continuar-se com a denominação geral de FPdeLN., com mais concretização no exterior, mas sem organização propria no Interior, substituída pelos contactos referidos em 2).

5 – A posição acima referida resulta principalmente, por um lado, de as JP terem, com alguma parte de verdade, sido indetificadas [sic] com o PC pelo publico e pela policia; por outro lado, de as mesmas JP terem sido quasi sempre denunciadas a policia

a) Francisco

As alíneas c) e d) do nº8 da carta do Carlos referem-se primeiro à liberdade em que nos deixa de mandarmos quem entendermos a NY aqui do exterior, uma vez que eles se confessam incapazes de o fazer. Quanto aos contactos com os americanos trata-se duma viagem à America duma personalidade espanhola de grande renome (Mandriaga?) para ali fazer diligências no sentido de esclarecer o falhanço da politica de Kennedy de ajuda a Franco e Salazar, quando seria mais construtivo apoiar uma opposição válida e não fabricar lentamente pseudo-oposições como está fazendo o State Department. Ridruego procurou-me para indagar se eu estaria em condições de acompanhar essa personagem espanhola [sic] e se poderia indicar quem de entre nós o poderia fazer. Eis tudo. Se for

Londres dentro de dias como espero terei ali uma conversa com Mandriaga sobre êste assunto.

O General continua a manter correspondência regular comigo e em 15 de Setembro escreveu-me e entre outras coisas perguntava-me:

“Apenas uma palavra para consulta para conselheiro:

- O delegado de Robert Holden na America Latina deve vir visitar-me. É a minha intenção, nas conversações, tratar de obter interferência dele junto dos países africanos para nos ajudarem a deslocarmo-nos para essa margem do Atlantico e darem outras possibilidades que levem ao derrube rápido da ditadura.”

À pergunta solicitada respondi-lhe na minha carta de 26/9/1963 do modo seguinte:

“VISITA DO DELEGADO DE HOLDEN ROBERT NA AMERICA LATINA”

“Conquanto tenha sempre defendido a politica de contactos da Oposição com os delegados dos diversos movimentos de libertação dos territorios ultramarinos portugueses, entendo, porém, que tais contactos deverão sempre obedecer às cautelas politicas indispensaveis, tais como:

- a) Serem conduzidos a nivel superior e com representante da Oposição qualificado para o efeito.
- b) A Oposição não deverá fazer discriminação notória e pública por qualquer dos movimentos existentes num territorio ultramarino determinado, embora, obviamente, guarde reserva mental de simpatia politica pelo que seja ideologicamente mais sólido e progressivo, mas nunca sacrificando o realismo politico adveniente duma posição de força de facto e das vantagens duma negociação futura para Portugal, em que se estabeleça o statuo-quo das relações que venhamos a ter com as jovens nações formadas nas antigas colonias.
- c) Nunca perder de vista que a libertação de Portugal da tirania fascista terá de ser obra nossa, portugueses, e, conquanto se verifique uma conjunção benéfica para a nossa causa, no desenvolvimento da alção dos movimebtos [sic] de libertação dos ultramarinos, é indispensavel manter a independência da nossa propria acção libertadora do fascismo portugues, recebendo e solicitando para a sua concecussão [sic] toda a espécie de auxílios, inclusive o das jovens nações africanas, mas sempre apresentando o caso portugues como merecendo de per si a ajuda solicitada.”

E esta origem do comunicado do MNI com data de 1/10/1963 que aí debes ter recebido e que trata precisamente desta visita.

40.

Alger 10 de Outubro 1963

Meu Caro Chico

Não respondes às minhas cartas!

És o único “correspondente” que de alguma maneira me poderia dar certo alento, compreendendo a situação difícil que estou, apresentado o embate MAR e mais uma luzinha! Embate desencadeado por um homem como o Piteira que nada detém na sua era Acompanham-me certos rapazinhos que não hesitam em utilizar os ataques mais baixos, a calúnia, a mentira, etc.

A preocupação actual é reduzir-me a sério, inventado o universo para me desacreditarem. Nada os detém. Atingiu a minha honestidade pessoal, atribuindo-me acções inacreditáveis, nem sei dizer.

A RR tem duas políticas, uma em Portugal outra no estrangeiro.

É um movimento que se quer opor à FPLN, pois também é uma frente de soi-disant anti-fascistas.

Estabelece a confusão entre democratas. Temos todos uns elementos perniciosos. E continuam Nós e Craveiro é ! Etc, etc.

Não fazes ideia amigo o que isto tem sido. Já nem falo ao Piteira. E tu mantens-te [sic] num silêncio atarrador!

De qualquer forma é preciso tomar decisões. Eu não me aguento nesta situação, isolado de tudo e de todos, por muito mais tempo.

Há que pensar em substituir o representante RR na CD.

Há que saber o que faz a RR, em que medida os “princípios” foram distribuídos em Portugal. O que se tem feito para se por a organização em marcha, para se cumprirem as decisões tomadas.

Tudo a que o Carlos se comprometeu falhou até hoje, o que é inconcebível.

Nem umas linhas para a rádio!

Nada me dizes sobre a circular que te propuz [sic] fazermos. Nada me dizes quanto à Conferência e é abundantemente necessário partir para que não falem, para que recebam. Também nada me dizes quanto ao que pensas fazer em relação à RR, ao que tens feito quanto a isto.

Em resumo, não sei nada e sou um bombo de festa!

Esta situação não pode manter-se.

Tens de cá vir para decidirmos o que havemos de fazer.

Vens num fim-de-semana, de barco que é mais baratinho e gastas 3 ou 4 dias. Aqui não fazes despesas, vens para minha casa e eu contribuo com metade da passagem.

Mas tens de vir depressa.

Desculpa a minha insistência.

Acredita que já tenho tido ganas de atirar com tudo ao ar.

Mas tu podes ajudar-me se quiseres.

Responde na volta do correio.

Responde 2 linhas, mas responde.

Abraço da M. Emília e do muito amigo

Tito

41.

sact. em 26 de Outubro de 1963.

Escrita em 23!!

Meu caro Chico,

A tua carta de 10 cruzou-se com o meu S.O.S.

Imagino as dificuldades que aí encontras e pelo que me dizes do Veiga Pereira também aí chegou a campanhasinha.

Começo por te fazer um relato do que por cá se tem passado.

1º. 5 de outubro – Fez-se uma recepção no bureau, muito concorrida, em que foi lido o comunicado que junto envio.

Não se convidou o corpo diplomático nem representantes graúdos do Governo, limitámo-nos aos jornalistas e attachés de presse. Estes últimos brilharam pela ausência, mas o da Holanda no dia seguinte visitou-nos dizendo que não recebera o convite a tempo mas que gostaria muito de ter contactos connosco.

Por outro lado apareceu o 1º secretário da Embaixada da China...

A coisa correu bem duma maneira geral, embora com pouco alarido.

2º. Rádio – Continuamos com as emissões, mas cada vez com maiores dificuldades.

A falta de colaboração, sobretudo dos nossos amigos no interior é simplesmente lamentável.

Não percebo realmente este desinteresse [sic], esta falta de compreensão do momento que passa.

Tens de insistir, insistir todos os dias, para que nos mandem textos, para que nos mandem notícias, nos digam os boatos, etc.,etc.

E depois tens de recambiar para cá toda a documentação que receberes, no próprio dia.

Nem o Diario de Lisboa tenho recebido. Não sabemos nada do que se passou em Portugal no 5 de outubro.

Não sabemos se as emissões continuam a ser interferidas depois da mudança da hora.

Não sabemos se as interferências se fazem sentir em onda média ou em onda curta ou nas duas.

Em resumo, este isolamento [sic] com o interior tem de ser vencido.

3º. Comissão Delegada – vai funcionando tant bien que mal.

Tenho o sentimento de que estou a perder o meu tempo, pois alem do ambiente se ter tornado muito pesado, nós não chegamos para as tarefas que temos diante de nós.

O Piteira, com os seus ataques históricos, fez-me perder a paciência. Não imaginarias o que disse e o que inventou. Uma verdadeira tristeza. Acabámos por cortar relações e as coisas correm melhor depois disso.

Falemos agora da R.R..

1º. Nome – Concordo em absoluto com a alteração e julgo que a deves propor para Portugal, afim de oficializarmos a crisma.

2º - Principios– Vou mandar-te mais exemplares, mas não seria possivel fazeres aí uma tiragem? Seria ótimo se pudesses imprimir em papel arroz para se introduzirem em Portugal em grande escala. Enviados evidentemente a várias pessoas que se encarregariam lá dentro da distribuição.

3º - Militantes resistentes – Preciso saber a posição de várias pessoas em elação com a R.R., sobre as quais tenho dúvidas e que julgo estás em condições de me esclarecer ou pelo menos de te informares com urgência.

Aquela gente do Norte: Antonio Macedo, Cal Brandão (2), Olivio França, Lino Lima, Armando Bacelar, etc.

Quem há em Coimbra?

Em Lisboa, alem dos amigos, era importante saber Nuno Rodrigo dos Santos, Aranches Ferrão, Teofilo, José Godinho, etc.

Quano a Lino Neto, falarei adiante.

4º - Organização – Sabes se teem [sic] feito algum trabalho?

Como te mandei dizer considero indispensável a formação imediata de um Secretariado Geral.

Este secretariado deveria meter ombros à tarefa de se organizar o movimento em todo o país formando os “nucleos resistentes” que serão os órgãos de base.

A meu ver era necessário insistir em três sectores principais:

No campo,
nos estudantes,
nos escritórios.

Outra decisão tomada é a da criação de um corpo de funcionários.

E uma tarefa urgente se quisermos andar para diante com a organização.

Penso, meu caro Chico, que se metemos ombros a criação de um movimento deste tipo, é preciso andar para diante.

Tu em Paris é que tens de ser a cabeça motora e para isso tens de começar por te organizares aí.

Na minha carta falei-te em dois elementos que supunha ceptiveis [sic] de te darem uma boa ajuda.

Falaste com eles? Que disseram?

O grupo de militares é ótimo. A orientação que [sic] tomaste, pondo de lado o “quartir latin”, é sábia.

Mas precisas pôr essa gente a trabalhar, a funcionar como órgão de um movimento e teem as seguintes tarefas principais:

- a) Contactar com o interior tentando forçar a organização;
- b) Contactar com os nucleos de portugeueses [sic] no estrangeiro criando delegações da R.R.
- c) Procurar anagariar [sic] fundos. Atravéz [sic] da Associação dos Originários de Portugal pode fazer-se um bom trabalho, inclusive dentro da colonia portuguesa em França.

Manda-me a morada, nomes da Direcção, etc.

5º - Internacional Socialista – Estou preparando as coisas para ter dentro de alguns dias, no principio do mês que vem, alguns encontros, da maior importância para tratar deste assunto.

Gostaria de saber em pormenor o que já fizeste, com quem falaste e quais as reacções encontradas.

Penso apresentar o problema desta maneira:

- a) Ausência em Portugal dum P.S.. O que existia, desfez-se completamente.

- b) Existência dum Movimento importante, declaradamente socialista que pelas suas características é sem dúvida o agrupamento político maioritário no nosso país.
- c) A não representação de Portugal na Internacional Socialista é um factor muito negativo para a nossa luta, que deve ser apoiada pela Internacional.
- d) O reconhecimento da R.R. representativa um reforço para o movimento socialista em geral e em particular em Portugal e facilitaria a tarefa da organização interna.
- e) A R.R. tendo delegados e representantes vivendo no estrangeiro pode assegurar uma colaboração válida ao movimento socialista internacional.

Penso fazer um “memorandum” que entregarei aos camaradas, mas gostaria - peço-te - que me mandes um rascunho com as tuas ideias.

Se conseguíssemos isto, parece-me que seria um “golpe de mestre” capaz até de acordar os nossos amigos.

Agora a tua carta:

Não conheço o assunto do Movimento Europeu, mas tudo quanto se faça no sentido de nos ligarmos a organismos internacionais é, em principio, útil.

Eu mandava-te pedir que fizesse a circular. Não era só a tua opinião.

Vou mandar-te um rascunho, que peço emendes, alteres, etc. e me devolvas para eu fazer uma tiragem e distribuir.

Acho que é urgente.

O Rato mandou para cá- para a F.P.L.N. – por intermédio do Piteira um relato do 5 de outubro em Paris.

Na lista dos oradores omitiu o teu nome. Porquê? Também é do MAR?

Na nossa emissão, incluímos-te, claro.

Que reacções conheces em Paris quanto à R.R.? Que disse Andrade e Silva?

Que a posição do Guerreiro?

Surpreende-me o que dizes sobre o Blanc ter comprimissos [sic] com o MAR. Será verdade? Conheces o sujeito?

As informações que aqui me dão dele, através Ayala e médicos que la estiveram, dizem que ele está desinteressado da política. É contudo um homem com passado político e que nos poderia ser muito útil em Marrocos, mas tinha de se desligar do MAR inteiramente.

Mantem-me ao corrente.

Chegaste a ir a Inglaterra? Preciso também de saber qual a posição exacta do Toni e se está disposto a trabalhar. É urgente.

A ida do Wilson a Portugal era uma coisa explêndida [sic], mas não creio possível.

Conferência – Considero-a agora, uma coisa indispensável.

Não percas uma única ocasião para insistires na vinda dos nossos amigos. Há o que eu considero indispensáveis de Lisboa: Carlos, Soromenho e Ferrão, além dos 2 do Norte que deviam vir também aos quais se juntaria com vantagem o Olivio França.

Insiste para lá, insiste, torna a insistir.

Convem-te saber a posição dos membros da C.D. aqui. Completo sigilo.

Eu, Piteira e Cabeçadas, insistimos que seja a C.D. a convidar, podendo realizar-se onde estava previsto. B.C. não discorda, mas ainda se não pronunciou em definitivo.

Eu e PC insistimos pela realização. P.S. e RC não se mostram interessados.

Receiam a nova composição da C.D. mas não se opõem claramente.

A representação do Brasil, não deve haver problema, mas a do interior é que é preciso assegurar a todo o custo. PS. declara com aquela firmeza que lhe começamos, que têm medo, e que por mais que se insista não virão.

Os três que te indico se viessem seriam um desmentido categórico. E teem [sic] de vir, Depende de ti, caro Amigo.

Eu não sou capaz de perceber certas atitudes dos nossos amigos.

Então ainda não mandaram os 1000 N°? É inconcebível!

Mas será que não querem mesmo compreender que é preciso ajudar para derrubar o fascismo?

Será que continuam à espera de uma Craveirice ou de outro milagre semelhante?

Tens de lhes pôr as coisas claras. Que ao menos nos encontrem em Portugal pessoas que queiram trabalhar, mas trabalhar, conosco.

Que ao menos façam isso!

Não fazes comentários à “declaração” do Francisco.

Eu acho a coisa simplesmente lamentável. A tal ponto que não considero possível que umas pessoas pensando assim, possa ser militante da R.R. Vejamos:

1 – As JPs não precisam ser formadas por leques de tendências. Não é obrigatório [sic], podem ser todos da mesma tendência.

Há algumas dezenas de Juntas constituídas, faz-se um grande esforço para se constituírem mais e quer queiram quer não, vão se constituir.

2 – Que ideia bizarra! Não havendo uma direcção da frente interna, como pode haver luta interna?

Isto é a negação absoluta do desejo de lutar. Pretende-se esperar que a democraciazinha caia do céu [sic]?

Há pelo contrário que constituir pelo menos, um comité director, constituído por poucas pessoas [sic], mas eficiente.

3 – Organizações separadas em diversos sectores: não percebo.

As organizações separadas são as juntas, que podem aliás ter outro nome qualquer mas deve ser criado um sistema de ligações independente do P.

4 – A F.P.L.N. não é uma organização de cúpula [sic]. A FPLN é uma organização que tem de existir no interior formada pela unidade das forças políticas, dos partidos dos agrupamentos.

Estes – que teem [sic] a sua organizaçãp [sic] propria – mandam os seus militantes formar com os militantes das outras organizações as Juntas, que antecedem ao comando unitário [sic].

Trata-se dum movimento de massas não de convívio ameno, na cúpula [sic], com contactos pessoais.

5 – A campanha da pide denunciando tudo como comunista é já velha.

A denúncia que se verificou deriva a meu ver do facto de se utilizar a máquina do P. para as Ligações, quando se deve criar uma máquina privativa.

A existência de uma R.R. e de outros agrupamentos devidamente estruturados, soluciona esta problema.

Um parenteses a propósito.

P.S. suponho que já não acredita na viabilidade do MAR. Parece-me que devem ter desistido. Que sabes sobre isso? Mas em substituição tem ideias mais ambiciosas, que seriam a de substituir o MAR pela FPLN, fazendo da F.P.L.N. um super partido.

Nesse sentido combate a formação de outros partidos ou organizações, e pretende criar através da F.P.L.N. a base necessária para digamos, dialogar com o PC, tendo aproveitado este para organizar a Frente.

É uma ideia grandiosa que o P.C. fará estourar em certa altura.

Não quer portanto adesão de partidos ou grupos na Frente, mas a adesão de pessoas.

A coisa é bem vista, mas parece-,me inviável e do nosso interesse suponho que devemos actuar no sentido de fortalecer a F.P.L.N. através do fortalecimento da R.R.

Esta é uma história difícil de contar por carta.

Era muito interessante a tua ida à América com o espanhol, Falaste com ele? Conta o que se passou.

Como sabes o holden desmentiu que o cavalheiro que procurou o general fosse seu representante. Parece tratar-se de um paraquedista. O General tem de ter mais cuidado.

Precisa pelo menos saber primeiro com quem fala e não acreditar no primeiro que lhe aparece.

Simultaneamente o H. Roberto diz que teve em Londres – um seu delegado – conveesas [sic] com individualidades da oposição. O que é isto? Com quem foi? Em que plano se realizaram estas conversas?

Eu não recebi o comunicado do MNI, pois o General manda as coisas para o Piteira, que só mostra o que lhe apetece.

Não tens aí relações com os homens da III República Espanhola?

Era bom que procurasses ter.

A minha proposta dos SOS mantem so para cá viesses.

Peço-te que percas 1 ou 2 horas mas que respondas a esta carta integralmente, com ela vista.

E responde rápido. Insiste pela vinda dos 3 amigos, Insiste e volta a insistir.

Já tentaste as ligações para o Interior por via aérea? Parece-me coisa viável e seria otimo [sic].

Não queres tentar?

Mando esta em duplicado, pois talvez fosse util que o Carlos tivesse conhecimento do que aqui digo e poupo-te trabalho. Mas só por mão própria.

Abraços da Maria Emilia e do muito amigo,

Tito

[...]

42.

Lisboa, 2 de Novembro de 1963

Meu caro Tito:

Escrevi-te antes da minha partida para Londres. De regresso não pude dar-te conta das diligências ali feitas porque apenas me demorei 1 dia em Paris, partindo de seguida para Roma, onde assisti ao 35º Congresso do PSI.

Voltei a Paris ontém [sic] à noite e encontrei a tua carta de 16, Aqui me tens, portanto, sem grande demora a responder-te.

Viagem a Londres.

O nosso amigo Tony, não aceita aderir à RR porque quere guardar uma disponibilidade política em relação a qualquer grupo, embora, claro está, esteja disposto a ajudar todos os

grupos e o nosso muito especialmente, por força dos laços de amizade que o ligam aos seus membros. É alvo no entanto dum flirt assediado por parte do MAR, que em Londres conta três elementos activos.

Fizemos trabalhos para a reconstituição duma Junta em LONDRES que encontraram eco favorável da parte de todos os meios, verificando-se apenas a oposição do Placido que considera irrita a ligação dessa Junta com a comissão de Alger. Aconselhei-os a que escrevesse, para a CD, a comunicar a formação da JP, e por seu intermédio obter do PC a indicação do nome do seu representante na aludida Junta de Londres, pois o clinico em questão não se apresenta com essa qualidade.

Iniciei as diligências para a visita da personalidade inglesa a Portugal, mas coincidiu a minha estadia com a designação de Lord Home para primeiro ministro, acto que agitou e perterbou [sic] muito os meis [sic] políticos ingleses. Em Roma continuei com ótimos resultados os meus contactos com a Delegação do Labor Party que era presidida pelo Chanceler do Tesouro Mr. Callaghan, que é, como sabes, um dos candidatos à direcção do partido: novo e inteligente com largo futuro na politica inglesa. Fiquei com as melhores relações com ele e com os seus secretários. Falei-lhe da RR nos termos que já conheces, apresentando-o como movimento catalisador de todos os agrupamentos socialistas, e eles vêem [sic] com bons olhos o estudo duma colaboração e, eventualmente, auxilio para a expansão organisativa no interior e no exterior. Pediram-me que lhes indicasse o nome do nosso representante em Londres e deu-lhe o do Tony, com a indicação de que era um amigo dedicado, embora não estivesse filiado no nosso movimento, pois tem de guardar uma neutralidade politica em virtude das funções inerentes à sua actividade profissional naquela cidade. Creio que deste modo resolvi o assunto, mas escrevi-lhe logo de Roma e precavê-lo para a hipótese de vir a ser procurado.

Também falei com o delegado do General, o tal Figueiredo, que julgo ser de aproveitar, pelo que fará também parte da JUNTA.

Quanto à visita, em Roma, sugeriram-me os amigos ingleses que o convite deve ser feito oficialmente ao Labor Party, embora que com eles tivesse já estudado os pormenores da viagem. Eles pretendem que a visita seja mais a titulo informativo e de contactos do que como instrumento de agitação, sem que se ponha de lado, claro, este aspecto, quando surgir ou quando provocado pela a acção do governo.

Viagem a Roma

O VP chegou dois dias atrasado pelo que tive tempo de contactar com varias delegações ao Congresso. Quanto aos trabalhos propriamente ditos, a Delegação Portuguesa redigiu

um relatório e uma notícia para o Portugal Democrático, o primeiro vais recebê-lo na CD e por ele verás a utilidade do trabalho realizado. Além duma intervenção de que o “AVANTE” de largo extracto, fizemos aprovar pelo Congresso uma moção em que o PSEI, que vai entrar possivelmente no governo, se compromete a pedir o afastamento dos regimes fascistas de Portugal e Espanha dos organismos internacionais. e os condena como redutos perigosos de expansão da lepra política.

Estabeleci contactos, sobretudo com os ingleses, porque eram os únicos representantes da 2ª Internacional presentes, embora lá estivessem outras personalidades a título de observadores, franceses e belgas, com quem também contactei. Além destes estabeleci laços apertados com o delegado espanhol, com a Delegação de Israel, da Jugoeslavia [sic] e da Tunísia. Como deves saber é o Partido Socialista Democrático de Saragat que está filiado na Internacional, embora em importância seja uma rã ao pé dum boi, comparado com o PSI.

Durante a viagem o VP portou-se bem, e tanto ele como o biólogo o irmão constituíram uma equipa de bom e leal trabalho.

5 de Outubro. Já tinha conhecimento do sucesso da recepção embora tu lhes ponhas limitações que foi pena existissem, onde se puder malhar no ferro deve-se malhar-se com gana.

Aqui o banquete do costume teve uma assistência de 170; como já te disse, e estranho muito que o Rato tenha omitido o meu nome do discurso, sem dúvida [sic] foi o mais aplaudido; aliás, há um amigo que registou tudo em fita magnética que do facto é um vivo documento. O que é preciso é que a Caravana passe.

Radio

Estou absolutamente sem notícias dos nossos amigos do Interior, mas tenho recebido visitas doutros amigos que me falam da Radio. Ao que parece a onda média quasi se não ouve, mas na curta consegue-se boa audição. Quanto ao conteúdo das emissões, tenho dois tipos de opiniões: a dos amigos políticos que gostam e não põem quaisquer reservas e a dos democratas arrangistas [sic] e neo-capitalistas a quem as emissões causam susto pelo clima de rebelião e vinganças a que poderão dar origem. Avisam-nos de que certos elementos estariam dispostos a liquidar Salazar poderão recuar em face do medo das ondas de violência que fatalmente hão-de surgir. Seria de estranhar que reagissem do modo diferente, no fundo estão comprometidos pelos liames das negociações e o seu liberalismo ou democratismo é um verniz necessário [sic] para não desagradarem [sic] a amigos velhos e um seguro contra as incertezas do futuro.

Quanto a organização não tenho qualquer noticia do que se está passando no Interior e a verdade é que para cohonestar [sic] as ligações internacionais com os partidos socialistas e as prespectivas [sic] que se oferecem de auxilio matiral [sic], diplomático e politico era indispensável que há dentro se fizesse alguma coisa de positivo no capítulo de organização, sobretudo, em organizações a que esteja ligada a classe operaria, tais como as cooperativas.

Conforme pediste vou enviar cópia da tua carta para o Interior e a resposta que te dou, para que os nossos amigos se inteirem do ritmo que é necessário imprimirem à sua actividade, a fim de que os nossos esforços se não inutilizem.

Quanto à declaração do Francisco, creio que te iludes acerca da pessoa real a que te referes, quando me dizes “que uma pessoa pensando assim, não possa ser militante da RR”. Este Francisco é o representante católico de esquerda e não o outro em que pensas. A tua suspeita acêrca do progresso da actividade do MAR e a interpretação que fazes sobre a eventual mudança de táctica com o enxeto [sic] dum super partido na FPLN, tem foros de verdade pelo que também aqui tenho observado, daí o interesse que os homens do MAR põem agora em reorganizar as Juntas de Londres e Paris.

A ida à América foi adiada para o começo do ano, porque só nessa altura a personalidade espanhola a que referes a poderá fazer.

Não tenho conhecimento do desmentido do Holden e gostaria de me certificar do que há para escrever ao General, tanto mais que êle pediu o meu conselho para essa entrevista; respondi-lhe prontamente, dizendo-lhe que era preciso a máxima cautela e que tais conversações deveriam sempre ser conduzidas a nível superior e com pessoas especialmente qualificadas para o efeito.

Na hipótese de que não tenhas recebido o comunicado sobre essa entrevista, vou enviarte um exemplar.

Quanto às conversas do Holden em Londres deve ser uma pura fantasia, pois estive lá há 15 dias e falei com o Figueiredo, não se fazendo à sua presença a menor referência.

Recebi uma carta do PS em que me diz que as relações contigo desceram a zero, situação que tu também confirmas na tua carta. Ele não tem menor respeito pelo sentimento de amizade, deste faz mesmo u interpretação algo curiosa: quanto mais amigo mais pancada se lhe deve dar e mais se deve desacreditar aos olhos dos outros. Por isso não me espanta o que dizes; que é mais fácil trabalhar com ele sob o stato-quo de relações cortadas.

Chegou aqui ontem o “inteligente” Cabeçadas. Não conheço o alcance da missão mas deve vir para verificar a temperatura das águas do MAR.

Vou terminar esta carta porque tenho de aproveitar o portador para Lisboa.
Até breve e um abraço muito amigo para ti e para a Maria Emilia P.S. Recebi uma carta de Marrocos do Blanc a dar-me conhecimento da sua actividade depois que daqui partiu e nos termos da melhor colaboração.

Chico

43.

Meu caro Xico,

Obrigado pela tua carta e pelo teu postal de Italia.

Vejo que estas bastante “dinâmico” e é o que é preciso pois o trabalhinho que temos pela frente é de folgo, se o quizermos mesmo realizar.

Depois as condições são bastante mas graças ao “admiravel” silêncio dos nossos amigos de Portugal.

Deves receber ai a visita de um moço Rui Martins, a quem o meu genro escreveu propondo-lhe que se interessasse pelos problemas RR.

Trata-se de jovem sério mas pouco dedicado às lutas políticas. Talvez depois de uma conversa se resolva a ajudar-nos.

Em principio pedimos-lhe que nos forme em Lisboa um grupo de jovens activos, capazes de trabalharem como se fossem funcionarios.

O trabalho principal seria um trabalho de organização para a formação de “nucleos resistentes”, designação que adoptei à falta de melhor.

Procurariam desenvolver a actividade no meio estudantil, camponesa e operaria.

Considero muito importante o sector das Cooperativas onde tu poderias exercer uma certa pressão. Não poderias pô-lo em contacto com alguém influente que ele possa trazer para a RR?

Pessoa capaz de integrar as cooperativas no movimento permitido a utilização da organização deles para alargamento da nossa.

Mandei tambem o Rui Martins um papel que se destina ao Carlos, mas disse-lhe que tu lhe indicarias o destinatário. Como não sei a reacção dele, à proposta do meu genro achei melhor não dar logo essa indicação.

Como verás sugiro que 3 amigos nossos deem um passeio até ca fora, para podermo [sic] ter com eles uma conversa seria e construtiva ou então final.

Considero indispensavel para minha orientação, saber exactamente o que os nossos amigos querem ou não querem fazer.

Brincar à politica não estou realmente disposto e se aceitamos formar a RR é preciso trabalhar para que se forme.

Sinto-me no ar, ignoro em absoluto o que se tem feito em Portugal e se alguma coisa se fez e ao mesmo tempo as pessoas com quem contacto, no estrangeiro, mostram-se imensamente reservadas.

Posições como as do Tony – nem carne nem peixe – ou então negativo por suporem o movimento muito à direita.

Sei que isto é o resultado da campanhasinha levada a cabo pelos amigos do MAR, mas o que é facto é que – ca fora – resultou.

Para a anular vejo dois processos: Trabalhar-se a serio em Portugal; Conseguir o reconhecimento na II Internacional.

Sobre o 1º ponto nada sei e receio muito que nada se tenha feito.

Devem ter continuado os trabalhos de cúpula, os “contactos pessoais” e relegado a base.

Sobre o 2º as nossas démarches não foram muito frutuozas.

Dos contactos que tu tiveste parece não ter resultado nada de positivo, por meu lado não consegui falar com as pessoas aqui aqui [sic] vieram às festas e nem sei se ja partiram.

Tambem me custa fazer forza neste sentido sem saber o que se passa em Portugal.

Sobre a visita do Trabalhista considero-a de interesse muito relativo a não ser que consigamos que la va com uma missão bem definida.

A visita a efectuar-se com convite oficial, este tem de ser feito pela RR, como organização [sic] socialista que convida camaradas ingleses, embora, - se for necessario – apareçam certos nomes a público como signatarios do convite e que não tenham nada que ver com a RR.

Concordo inteiramente que a missão seja informativa com vistas a obter-se o apoio para o reconhecimento da RR pela Internacional.

Julgo que neste sentido debes escrever ao teu amigo Callaghan expondo-lhe a urgência da coisa.

Podem com efeito dar-nos uma grande ajuda para a expansão organisativa no interior e no exterior, mas é preciso não deixar arrefecer.

O comunicado do Holden sobre as conversas de tal sujeito como o Delgado, não tenho agora nenhum exemplar. Ele diz em resumo que a pessoa que se encontrou com o General não tinha poderes para represetar [sic] o GP de Angola, embora lhes tenha oferecido os

seus serviços. Fala em conversas havidas em Londres mas que, segundo a versão Piteira, se teriam rezliado [sic] ha cerca de um ano entre um representante do Ministro Estrangeiros Holden e António Nogueira Santos (Tony?).

Mande-te junto cópia dum artigo que foi publicado no Boletim Holden sobre ao assunto e que dá uma ideia da especulação que se pretende fazer em torno tudo foi comunicado ao General. Esta provocação parece partir dum Carlos Lança que aqui está e que não sei se conheces.

Junto te envio um projecto de circular. Considero urgentíssimo a sua publicação, urg~encia [sic] que se não coaduna com uma consulta prévia ao interior. Peço-te que a leias, alteres o que entenderes e a devolvas imediatamente para eu a fazer publicar e distribuir. É muito urgente. Podes aproveitar a embalagem e escrever a 2ª Circular. Penso que temos de distribuir 2 por mês e tens de insistir para Portugal para que nos enviem noticias e assuntos para publicação.

Sempre que tenho oportunidade insisto pela vinda dos nossos amigos mas como todos os dias, oiço o Piteira dizer que não vêm que têm mêdo, etc, acabo por só acreditar que venham quando os vir.

A propósito do MAR, houve yma [sic] reunião em Paris e seria muito util [sic] saber-se o que por lá se passa. Lança os teus auscultadores e comunica.

Sei que foi agora a Portugal uma pessoa, mais ou meno [sic] encarregada de fomentear [sic] a organização [sic] interna e de saber, mais uma vez qual a aceitação do movimento. Não sei o que conseguirá e que notícias vai trazer [sic], mas ao menos eles têm a possibilidade de mandar alguém [sic] fazer este serviço. Nós temos absolutamente de arranjar alguém que assegure esta navette.

Quando aí estive em Paris, um amigo deixou aí 100 NF para que nos remetessem com regularidade os comunicados da France Press. Ainda recebi durante um mês, depois parou. Podes perguntar ao Camara Pires e que se passa?

O Diário de Lisboa nunca mais veio, de outros jornais nem falar.

Para a Radio ninguem manda nada. É de desesperar.

A vida na C. Delegada é levada do diabo. Poderia tomar certas posições que seriam uteis para a nossa luta se tivesse conhecimento do que se tem feito em Portugal no campo RR. Assim deixo correr, até deixo o Piteira insultar-me e insultar-nos a todos, fazer as leviandades que lhe dão na gana, sem protesto.

A nossa acividade [sic] resume-se à radio e esta atividade a mim não me serve ou pelo menos acho-a insuficiente, mas tambem [sic] não sei como ir mais longe.

Isto é, eu sei, mas não quero por enquanto.

Os contactos que tenho tido com gente do exterior, procurando conhecer as reacções à RR, não têm sido muito frutuozos. Depois receio ficar mal colocado, que me tomem por aldrabão, na medida em que falo em nome duma organização que talvez só exista a nossa imaginação.

Não sei se conheces um homem do Porto Artur de Oliveira valença, que está indicado como pertencendo ao Demo-Social e que tem tempos teri [sic] sido mais ou menos encarregado pela II Internacional de reorganizar o P. Socialista Português. Quais são as relações dele com RR? Parece-me que seria util ter uma conversa com ele pois poderia ajudar a abreviar o reconhecimento. Tens forma de estabelecer contacto?

Foi pena não teres conseguido demover o Tony e não teres la arranjado pelo menos uma pessoa capaz de nos representar oficialmente. Tens de insistir.

Aí em paris também é preciso formar um grupo que funcione à base do partido e com a malta que aí tem chegado ultimamente, talvez não seja difícil. Tu sozinho não podes. Falei-te ha tempos de duas pessoas que talvez te pudessem ser uteis. Nunca disseste nada. Se eles quiserem [sic], seriam bons elementos.

Esta carta vai muito grande. Tens de ter paciência para a ler e até para responderes, mas como cá não queres vir não tenho outro processo de tentar acertar as agulhas. Mas continuo.

Falas da Junta de Londres. É mais uma célula do MAR? Na de Paris formou-se um Secretariado de que tu não fazes parte. Porquê? A FPLN escreveu uma carta, felicitando e solicitando colaboração. Ouvi dizer que o Guerreiro teria reagido muito mal, mas não sei porquê. O Piteira quiz [sic] que a carta fosse enviada por intermédio do Rato. Seria isso?

Manda-me dizer, pois como fui eu que assinei a carta, não quero que o Guerreiro interprete as coisas mal. O Piteira e Cabeçadas sabem o que se passou mas não contam. Dizes-me que as emissões causam susto a certos democratas arrangistas [sic] e neo-capitalistas. Pedia-te que me concretizasses isto com a indicação de alguns nomes que reagem dessa maneira.

Vou agora falar-te mais uma vez na Conferência.

Não conseguimos demover o PC para que a convocação partisse da CD: Ontem soubemos que: Mesmo que não venha ninguem do interior a Conf. se realizará. Que provavelmente mesmo sem Delgado haverá Conferência.

Isto põe-nos um problema. Comparticipamos? Preciso ter a tua opinião. Em meu entender acho que sim, pois é absolutamente necessário reorganizar a CD, dar-lhe carácter definitivo e assentar em certas bases de trabalho.

Como o PC não apresenta a ordem de trabalhos, mas tem uma na cabeça, devíamos propoôr [sic] uma nessa e preparar a nossa actuação. Já não temos muito tempo para isso e eu volto a propôr-te que venhas até cá nas condições em que te indiquei na minha última carta. Julgo que um encontro nos esclareceria a ambos e que poderíamos assentar em definitivo em vários problemas que nos afligem.

Temos de encarar a hipótese de nomear um segundo delegado para a CD e precisamos escolhe-lo desde já. Tem de ser pessoa que possa viver em Alger e com experiência política. Tens alguma ideia? Pensei no Blanc que esta em Marrocos. Mas qual é na realidade a posição deste homem? Que tem sido a actividade desenvolvida de que te da contas? Poderias contar com ele, ou joga logo desfecho antecipado? Convinha esclarecer rapidamente pondo os pontos nos ii e se quiser RR deve vir já para aqui. Arranja-se-lhe lugar bem pago.

É muito importante, estou-me a convencer disso, reunir [sic] aqui meia duzia de pessoas ligadas partidariamente, tal como os outros estão fazendo. Esta é uma hipótese que ponho por não acreditar na possibilidade de trazer lá ed dentro uma pessoa capaz.

Lembras-te de mais alguém nas condições? Para se arranjar emprego aqui com facilidade convinha que fosse um médico ou um operário especializado. Em Paris há muito operário especializado que poderíamos aqui colocar. não arranjas um? Pensa no assunto com interesse.

É possível que seja necessário que faças uma rápida visita a Bruxelas no dia 26 deste mês. Tens condições de o fazer?

Os socialistas que deivam [sic] ter vindo às festas da independência e com quem eu pensava falar, não vieram. Mas no dia 26 deve etar [sic] em bruxelas [sic] uma pessoa que nos abriria muitas portas com quem tu te poderias encontrar e tartar [sic] do nosso assunto. Penso que os Belgas nos podem dar a ajuda mais eficaz. É preciso abreviar as coisas criando as condições para se apresentar o pedido oficial de admissão. Manda dizer se estas disposto e se podes ir para eu te confirmar a data. Serias avisado com certa antecedência, mas não muita.

Este é mais um daqueles problemas que obrigariam a um encontro. Tens de te resolver a vir até cá amigo! Suponho que não aprecias na sua verdadeira importância a necessidade de falarmos. Mas lembra-te que nestas coisas é difícil e é mau improvisar.

Aqui tens caro Amigo uma parte de muito que teria a dizer-te, mas por hoje chega.
O teu “até breve” final, que só agora notei da-me certa esperança...
A Maria Emilia manda-te também um grande abraço e junta à minha insistência a dela.
Até breve. Um abraço muito amigo do

Alger

11 de Novembro de 1963

ATENÇÃO – NOVA MORADA

Résidence St. Raphael

Batiment A – Ap. 100

El-Biar

Alger

44.

Paris, 18 de Novembro de 1963

Meu caro Tito:

Estou deveras aborrecido por não receber novas dos nossos amigos do Interior. Tenho enviado correspondência para o Carlos, inclusive a cópia da tua última carta e a minha resposta, pois tinha portador de segurança. Mas de lá, zero!

Não sabemos como reagiram à Declaração de Princípios; se concordaram com o aditamento da palavra socialista ao nome de RR; se deram alguns passos no capítulo de organização do Movimento;

Se pensam vir à conferência de Dezembro, etc,etc.

1 – Circular

Em primeiro lugar discordo do sub-título - “Movimento Nacional Socialista de Resistência” pela ressonância nazista da associação de palavras: Nacional Socialista. Entendo que o nome se deve manter tal como estava e mais a palavra socialista, isto é: MOVIMENTO RESISTÊNCIA REPUBLICANA E SOCIALISTA.

Quanto ao texto, tal como se encontra redigido, tanto podia ser assinada por nós como pelo MAR e se ambos os movimentos fazem despique dum radicalismo extremista, quanto aos objectivos da luta e quanto aos meios revolucionários, não haveria razão para coexistirem. A discussão assentou num ponto que nos foi imposto pelo Interior: A RRS manteria uma estratégia de luta política que não excluía o aproveitamento das formas

tradicionais de luta daqueles amigos da Oposição que nao [sic] tem estamina para fazer, nem aceitam subscrever, posições do radicalismo exclusivo da acção revolucionária. Uns tomam esta atitude por comodidade ou medo, outros por tactica politica, para não deixarem os primeiros numa disponibilidade perigosa ou empurra-los para as fileiras do adversário, quer porque se tornem apáticos e curem da vidinha..., quer porque encontrem na invocação patriótica do momento razão para não molestarem uma politica de que se habituaram a discordar, pacificamente.

Nós que nos encontramos radicalizados por força da nossa situação de eilados [sic], e em virtude duma formação politica sinceramente revolucionaria, agrada-nos que o problema se ponha nos termos do texto da circular, mas há amigos no Interior, cujo juizo objetivo das condições internas constitui o único motivo porque perfilham a ideia duma RRS com uma estratégia politica mais dúctil e cuja formação é identica [sic] à nossa, além disso o exemplo do seu passado não enjeita a comparação com qualquer dos escaldados do MAR, cujo revolucionarismo é em grande parte faltus vocis.

Pelo menos até que me dêem [sic] qualquer informação responsável do que se passa no país, acho que não devíamos publicar já a circular, mas admitindo que se opta pela sua publicação pelo peso de razões mais válidas do que aquelas que invoquei, nêsse caso a correção do nome é indispensável e não se deve indicar a constituição do Secretariado.

Relações internacionais: Ao contrário do que dizes acho que temos grandes possibilidades de estabelecer uma audiência socialista internacional para o nosso Movimento, mas aqui é que se torna gravissimo a ausência de noticias do interior, porque compromissos desta ordem, e eu em relação aos inleses [sic], e espanhóis e socialistas franceses já fui muito longe, assim como em relação ao Mercado Comum, em Bruxelas, onde não quero aparecer antes que do Interior me enviem a carta espécimen que lhes enviei de adesão ao Movimento Europeu, devidamente assinada.

O Tony ainda não me respondeu à nomeação que fiz do seu nome para em Londres nos representar junto do Labour Party e, se não o possa eterno problema das massas teria de lá dar de novo um salto e, fá-lo-ei logo que receba mais elementos do país que me ajudem a concretizar o que temos vindo afirmando, acerca da nossa expansão e potencial politico. Deves manter a ligação com Bruxelas, mas quanto à deslocação ali no dia 26, está prejudicada pelo que disse acima.

Conferência: Temos que fazer das tripas coração para convencer os nossos amigos do Interior a que venham assistir, pois sem representação do país real, acho que o seu alcance é muito limitado et peu payante, politica e revolucionariamente.

General Delgado: Escreveu-me uma carta ante-ontem em que me diz que vem para a Argelia e, se não houver novidade chega aí no dia 17 de Dezembro. Disse-me que pensava ficar uma noite em Casablanca – 16 – no hotel Excelsior, se lhe não impedirem a saída do aeroporto, coisa que ele teme. Como tive uma entrevista confidencial, ontem, com o embaixador de Marrocos sobre êste assunto, creio que conseguiremos que lhe não ponham quaisquer entraves à entrada e à saída, embora me dissesse que êle est trop bruyant e já lhes deu muitos trabalhos. Desta entrevista, é óbvio que nao falas a ninguem. Escrevi ontem ao Dr. Victor Blacn [sic] a comunicar-lhe a passagem e a pedir-lhe que êle [sic] o vá cumprimentar. Dá-me a impressão que êle está a evoluir para nós. Como o general me pedia a indicação dalguem [sic] de Marrocos também lhe escrevi a dar-lhe o endereço daquele nosso amigo.

....Ele diz-me na sua carta que faz esta viagem “para se aproximar mais do touro e desta vez...é de vez” Que sabes?

Paris. Deves estar mal informado quanto ao tal secretariado da Junta de Paris. Dar-te-ei elementos mais detalhados na proxima carta.

Não sei o que se passou no seio do Mar e quando a vinda do Cabeçadas.

Constituiu-se um Comité para tratar do julgamento de Beja: aproveitamento politico e assistência.

O Rui Martins assim como os outros que referiste na última carta ainda me não procuraram e eu teria de facto possibilidade de enviar uma carta para um influente das cooperativas. Vamos la ver se aparece.

Recebi mais Declarações de Pincipios e vou enviar Diarios de Lisboa que aliás tenho enviado sempre que me chegam.

A pessoa que me deu a informação sobre a Radio, e a que chamei representante de neo-capitalismo é o Dr. Mario Gomes, meu colega, secretariado do Rotary de Lisboa, chefe de Servicoes [sic] administrativos da Companhia Nacional de Eletricidade, quando jovem estudante era socialista sem militância e hoje é pacato democrata, mas honesto e dá ajudas quando a vaga é da legalidade.

Que acto inconserado [sic] foi esse da FPLN tomar posição no conflito entre a Argelia [sic] e Marrocos?

Se por teu lado souberes alguma coisa mais da viagem do General, escreve.

Meu querido e camarada abraço ti e para a Maria Emilia e, até breve. Chico

Alger 1 de Dezembro de 1963

Meu Caro Chico

Pelo Rodrigo deves ter tido conhecimento mais pormenorizado do lamentavel espectáculo [sic] que se tem desenrolado em Alger e de estado actual da Comissão Delegada. Estamos a perder um tempo precioso, para que uma duzia [sic] de “me ninés” chefiados pelo Piteria e pelo Cabeçadas, possam dar latgas [sic] às suas ambiçõesinhas pessoais.

Esta situação não pode evidentemente prolongar-se e só vejo a Conferência como hipotese de solução deste estado de coisas, o que implica a formação duma outra Com.Delegada, mais representativa, mais unida, mais dinamica.

Mas sera que esta Conferência se realiza? Começo a ter as minhas dúvidas, dado o esplêndido silêncio dos nossos amigos.

Tambem pelo Rodrigo e com o Rodrigo deves ter tratado do problema da criação de quadros políticos RRS no estrangeiro. Não sei o que êle tera conseguido em Paris e quais as ajudas que lhe pudeste dar. É duma enorme importância, não só do ponto de vista RRS mas tambem do FPLN, que se constitua em França um núcleo de resistentes, activistas e dinamico.

As informações que te dei sobre a formação dum executivo ou coisa semelhante da Junta de Paris, foram para ca comunicadas oficialmente pelo Rato. Não são boatos, parece então ter sido qualquer coisa feita sem o teu prévio conhecimento. Fazem parte desse executivo – digo de memória – e Guerreiro, o Antº José Saraiva, o Campos Lima e o Rato. Deves procurar saber o que se passa e tambem o que houve com o Guerreiro á cerca da carta a C.D. escreveu à Junta e que me parece ter provocado uma reacção má.

Ha dias o Piteria [sic] provocado por mim, deu as seguintes informações:

Que o Delgado teria sido convidado por pessoas ou por pessoa de Argel, para vir cá. Que este convite fôra apoiado por outro ou outros núcleos. Que Delgado talvez fôsse primeiro a um país socialista, antes de vir para Argel. Que ele e Cabeçadas nada tinham que ver com o assunto para o qual não tinham sido consultados.

Depois disse o seguinte: Ramos da Costa pertence à RR. Ramos da Costa teve conversas em Paris co Victor Blanc. Ramos da Costa escreveu a V.B: convidando-o a aderir a RR. R. da C. escreveu a V.B. sobre a viagem do Delgado.

Conclusão: RR é que anda a “tramar” a vinda do General.

Isto quere dizer que como de costume, pretende virar o bico ao prego. Depois que teve conhecimento das tuas ligações com o V.B. certamente por indiscrição deste. Portanto ou

o V.B. falou no assunto à mesa do café, ou falou nele ao Dores que está ligado ao Sertório ou então teria escrito directamente ao Zulmiro de Almeida, ligado ao MAR e ao Piteira. Esta ultima [sic] hipótese [sic] apreço-me a mais provável. Penso que deves esclarecer o assunto.

ad sabes do tal Cerqueira que está em Gibraltar?

-- O Piteira continua a afirmar que não vem ninguém [sic] da RR à Conferência.

Continuas sem notícias [sic]? Que raio de gente!

-- Era da maior importância que viesses aqui encontrar-te com o General para contrabalançarmos a influência MAR. O MAR quer contar com o General para se fortalecer no interior. É o grande trunfo que vão jogar. E o General como seu temperamento, vai mesmo cair na rede [sic] destes aventureiros se o não conseguirmos travar.

-- Tivemos aqui uma entrevista muito interessante com o Afonso Arinos, que nos pediu que o fôssemos ver. Foi conversa de duas horas onde se abordaram vários problemas.

Perguntou-nos com insistência se íamos formar um Governo Provisório no exílio. Que ele até já sabia o nome do próximo Ministro dos Estrangeiros. Que considerava [sic] isto uma coisa útil sobretudo por que seria um apoio efectivo que daríamos a muitos deputados brasileiros que estão dispostos a ajudar-nos. Dissemos-lhe que não havia nada resolvido nesse sentido. Que não reia [sic] por enquanto mais do que uma simples hipótese. Ele sugeriu que se fizesse um congresso com apoio do interior, e que daí saísse esse Governo. Este assunto precisa realmente ser estudado. O Afonso Arinos deve estar em Paris. Deves ir visita-lo [sic] em nome da RRS. Diz-lhe quem eu sou. Faz com que o Barradas escreva ao Embaixador daqui, que ele conhece bem, de forma a facilitar as minhas relações pessoais com o homem que suponho ser bastante reaccionário – segundo Piteira -. Isto é urgente.

-- Insiste para Lisboa e Porto para que venham, Devem partir já. Estamos a atravessar uma crise que temos de vencer e é preciso reunir esforços.

-- Escreve ao homem das Cooperativas. Arranja portador e ajuda a estruturar a RRS em Portugal, mesmo sem a intervenção directa dos nossos amigos. Temos de arranjar lá correspondentes activos que ao menos nos respondam.

-- A circular deve sair. É [sic] importante. Conseguirá desmanchar muita manobra. É um sinal de vida e de presença. Terá grande influ~encia [sic] no desenrolar dos próximos acontecimentos pois contribuíra para impor a existência da RRS. Emenda o que entenderes, mas anda-me com isso para diante [sic]. Não percebo onde estão os teus

escrúpulos pois a meu ver nada ali está escrito que não esteja de acordo com os princípios que aceitamos. Mas junta-lhe um pouco de “mel” se é esse o problema. O que é necessário é que saia qualquer coisa que firme a nossa existência e... que não nos envergonhe.

Escreve.

46.

Alger 5 de Dezembro 1963

Meu caro Chico

Só duas linhas rápidas.

Ha dias o Piteira pediu-me que eu o contactasse para conversarmos.

A conversa resumiu-se quasi ao problema, general. Mandaram-no vir – Piteira diz que não teve interferência – e deu-me a entender que a coisa foi tramada em Marrocos.

Estaria metido no assunto o Dores, que é amigo, como sabes, do Victor Blanc e de quem Piteira e C^a diziam cobras e lagartos.

Em resumo o General vem, mas há reservas quanto à sua ida à Conferência. Sabes alguma coisa?

O projecto em mente é mesmo a formação dum governo no exilio, ideia que teria sido exposta pelo General ao Embaixador da URSS no Brasil, que a teria achado ótima e se pusera em contacto como Governo, de la parecia não haveria ainda resposta.

Quanto à ideia do Governo ha a ideia de afastar o PC. A conversa do P. parecia procurar um entendimento connosco que ela nao expressara claramente.

Conhecendo eu esta gente toda como a conheço, entendo a coisa muito dura. Por isso julgo ser absolutamente necessário:

- a) Que vás – como queiras – esperar o General a Casablanca.
- b) Que acompanhes o General até aqui.
- c) Que pressiones no sentido dele vir à Conferência. A noticia que o Rodrigo me deu da vinda do nosso amigo encheu-me de esperança.

O médico de Aveiro demora-se por aí?

Segundo P. surgiram alguns contratempus quanto à vinda do General na data prevista.

Preciso que me avises com antecedência da chegada dele, pois são capazes de a esconder e seria mau que eu o não fosse ao menos esperar.

Dá notícias. Um grande abraço do muito amigo Tito

Paris, 9 de Dezembro de 1963

Meu caro Tito:

Tenho na minha frente as tuas cartas de 1 e de 5 do corrente a que respondo:

General. Soube da sua vinda em primeira mão por êle próprio quando me anunciou a viagem na sua carta de 8/XI. Já te informei do calendário dessa viagem na minha carta de 18/XI, e até hoje não recebi dele qualquer noticia sobre a alteração do programa. Embora lhe tivesse respondido imediatamente, dando-lhe nota do êxito da minha entrevista com Embaixador de Marrocos em paris, que me prometeu diligenciar junto dos Serviços de Segurança para eu lhe não impedissem de sair do seroporto [sic], até hoje estou sem resposta.

Na sua carta dizia-me que se hiuvesse [sic] qualquer dificuldade com Marrocos, do facto se teria conhecimento por intermédio do Representante do Governo Espanhol no Exilio, em Marrocos, Mr. Agustin Gomes, 101 Rue Dupleix CASABLANCA – Teçl. [sic] 449-88. ou de Mr. Arrieta 4, Rue Nationale – Casa Tel. 221-09.

Quando escrevi ao Dr. Victor Blanc a dar-lhe noticia [sic] da viagem do general e a pedir-lhe que o fosse esperar, em meu nome, a Casablanca, êste ficou muito sensibilizado com a confiança de que lhe dei prova e prometeu-me cumprir o que lhe pedia. E, disse-me mais: Que embora não soubesse das precisas da passagem do general a noticia da viagem era conhecida de toda a “colonia” de Marrocos.

Quem é o empresário desta viagem? A principio julguei que fosse o MAR e ainda não pus de parte a ideia, apesar do Piteira se fazer de novas, pois ainda hoje recebi dele uma carta em que me pergunta o que há sobre a viagem do General. Aliás o General colocava a sua viagem numa perspectiva [sic] de acção quando dizia que se ia chegando ao touro e, ... desta vez...era de vez! “Esta resolução estaria mais conforme com o MAR do que essa que me anuncias do objectivo de formar um governo no exilio. Sobre êste assunto, numa carta do Piteira, li eu: “Como sabes o General pretende um “Governo no Exilio”. Eu penso que seria uma terrivel aventura”. Conheço a versatilidade do Piteira, mas não suponho que ele teria necessidade de se comprometer numa afirmação deste teor, estivesse de facto a architectar a hipótese no exílio.

Na quinta feira tenho uma entrevista com o Ministro dos Assuntos Externos do Governo Espanhol do Exilio, com o qual abordarei êste assunto, para saber da idoneidade das

peças de quem fala o General [sic] e também para indagar mais alguma coisa sobre a trama complicada que envolve a viagem. Do que mais souber te informarei.

Esteve aqui o Dr. Mario Sacramento de Aveiro que veio acompanhar um doente. Falei com ele longamente sobre os assuntos do Interior e fiquei desolado com o que ouvi sobre a extensão do desastre das prisões, provenientes da traição de alguns membros influentes do PC, principalmente do Verdial, que deram à polícia o mais completo relato da organização própria das adjacências de unidade. No seu dizer: “passaram a ferro a oposição” por forma tal que, nos próximos [sic] tempos, será difícil recompor-se do abalo. Conquanto acredite que tenha sido grave o golpe sofrido, acheio-o [sic] um tanto pessimista.

As prisões recentes de que tivemos notícia [sic] devem, porém, provir de movimentos com outra origem: estes três nomes – Dias Amado, Teófilo Cal Brandão – revelam parentesco maçónico que é capaz de estar na origem de qualquer actividade.

Apezar da notícia que tive da provável vinda do nosso amigo, para quem, aliás, já tratei do alibi, quando recentemente estive em Itália, não sei até que ponto estas prisões não veem constituir obstáculo impeditivo.

A carta que hoje recebi do Piteira [sic] tinha por principal objecto remeter-me a cópia duma catilinária que dirigiu ao Pedro Soares sobre a forma como este tratou o Cabeçadas numa reunião que aí fizeram e, ao que parece, foi uma verdadeira catástrofe pelo resultado das divisões intestinas que revelou. O que disto tudo há a lamentar mais profundamente, é que os argelinos devem estar ao par de tudo o que se passa entre vós, e o facto deve abonar muito pouco no conceito que de nós façam.

O General vai chegar aí com uma atmosfera carregadíssima, a menos que nos surja nele, inesperadamente, o diplomata e negociador que até agora não foi; afigura-se-me que pouco se conseguirá, se vocês antecipadamente não construírem um modus-vivendi, que vos ajudem a sair desse impasse de incompatibilidades.

Quanto à Conferência o Piteira diz que não irá por várias razões, e entre outras, porque não aceita discriminações quanto ao pagamento das despesas: sabe que o General e o Sertório já receberam o bilhete para a deslocação, enquanto outros delegados desprotegidos do PC, terão de pagar do seu bolso a viagem. Que sabes sobre este assunto? Quanto à minha posição faço depender a minha ida da presença de delegados do Interior, pois continuo em crer que uma conferência só com exiliados por mais inteligentes, brilhantes [sic] e representativos que sejam, não dão significado bastante nem justificação à publicidade que à sua volta fatalmente se fará.

Por outro lado há uma serie de contradições quanto à posição do general em relação com a Conferência. Se é sua intenção fazer um governo no exílio de que fique afastado o PC., não vejo em que perspectiva [sic] vai à conferência. E como conciliar com êste objectivo a sua visita ao embaixador da URSS, de que me detes conhecimento em primeira mão, com a intenção em que está de afastar o PC.

Aliás um governo no exílio, uma Comissão Delegada, ou o que quer que seja que institucionalmente represente a Oposição na sua expressão politica unitária, terá de colocar-se numa perspectiva [sic] de neutralidade em relação a qualquer das potências [sic]; seja a URSS, sejam os EU, sejam os países de terceiro mundo; a menos, claro, que prevalecerem [sic] recebêssemos provas de auxilio decisivo para a nossa causa, o que [sic] até hoje não vi.

Não me espanta que o Victor Blanc tenha falado das nossas conversas em Prís [sic] e que delas o Piteira tenha conhecimento, porque aquele se não tenha coibido de falar no assunto. aliás, não vejo nisso qualquer inconveniente, antes pelo contrario. Quanto à insinuação de que por efeito deste meu conhecimento da viagem se possa induzir que é a RR que está a “tramar” a vinda do General, é um tanto forçada a lógica dos factos.

Um abraço amigo para a Maria Emilia e um abraço que vos envolve a ambos na mesma amizade. Chico

48.

Paris, 15 de Dezembro de 1963

Meu querido amigo:

Recebi hoje uma carta do General para me comunicar que adiou a sua viagem por 15 dias, portanto só virá no fim ou começo do ano novo.

A carta é um tanto pirtotécnica [sic] pois a pretexto de um francês que lhe chamou escroque num livro recentemente aparecido nos escarpates [sic] e de que eu não tinha conhecimento – “Portugal entre deux revolutions” Pierra Debray, pede-me para obrigar o homem a retratar-se... ou então duas balas para o marcar! Enfim, li o livro e lá encontro a pag.13, num capítulo que tem por titulo: “En dehors descomunistes et de Salazar il n’y a rien”.

E a frase, ei-la: “Le général Delagado qui fut le candidat des oppositions à la Présidence de la République, est tenu par ses prppers partisans pour un escroc”.

Diz-me que vem para a Argelia [sic] e envia-me uma circular emitida pela Junta de acção Patriótica do Estado de Guanabara, em que se pedem fundos para a deslocação e pagamento da sua despesa aí durante um ano. Manuscrito sobre a circular fez os cálculos do orçamento necessitado e chega ao total de 136.500 dolar. Pede para os fundos serem remetidos para o seguinte endereço:

Gen. Humberto Delgado 118, boul, Telemly Alger Algerie

Não tenho mais notícias do Carlos além das que recebi indirectamente e a que já me referi na minha carta de 9 que já terás recebido. Quando às últimas prisões ou são restos das denúncias minuciosíssimas [sic] do Veridal e outros quejandos que dentro do PC. fizeram uma razia e denunciaram tudo quanto sabiam das organizações [sic] de unidade, ou então, flirt da Maçonaria com os militares?

Um abraço muito amigo para ti e para a Maria Emilia do

Chico

49.

Paris, 22 de Dezembro de 1963

Meu querido amigo:

Conferência.

Até hoje não chegou ninguém do nosso grupo ou sequer deram notícias. Com grande confidência chegou aqui o Flausino Torres, mas deve vir via partido.

O Guerreiro, telefonei-lhe ontem à noite, e êle disse-me que não crê que venha algum dos seus representados do norte.

Quanto à sua posição talvez não vá, “pois o único motivo que o levará a decidir o contratio [sic] é a oportunidade de conhecer o general (sic).

O P. comunicou-me que teremos de partir daqui, o mais tardar, no dia 26, mas que não paga as viagens. Só se vier alguém dos nossos amigos me deslocarei, mesmo com o sacrificio monetário; aliás, ao que parece, neste capítulo [sic] há discriminações.

Sempre vais?

General – Depois de ter escrito a carta do dia 15, recebi dele uma outra que anuncia a sua passagem por Roma no dia 18. Estava aqui o Mario Ruivo que precipitou o seu regresso para lhe falar naquela cidade.

Prisões –

Passou por aqui um amigo do Adriano Moreira que como sabes é por sua vez muito amigo do Teófilo que me contou esta estranha história da sua prisão: A quando da operação Portugal, que submeteu todo o tráfego automóvel de norte a sul a rigorosa fiscalização, o nosso amigo, nesse dia, como de costume, veio a Lisboa e ao passar num dos postos de vigilância da Polícia da Estrada, perto de Vila Franca, mandaram-no parar, e numa atitude de quem finalmente descobrem o que procuravam, invectivaram-no [sic], dizendo que o carro era roubado, pelo o que êle e a viatura ficavam detido Invocou e protestou a sua qualidade de advogado pelo o que o levaram a êle a Alenquer, mas o carro ficava no posto. Em Alenquer estava a PIDE que o trouxe para Lisboa, depois de buscar minuciosa à sua casa. Oito dias depois a mulher ainda não tinha sido autorizada a visitá-lo.

Aqui tens o que sei das prisões. Este detalhe da prisão não convém dar dele publicidade pela Radio pelo prejuízo que pode acarretar ao nosso amigo durante os interrogatórios. Por outro é conveniente falar e agitar sobre esta nova onda de prisões.

Com o desejo dum feliz Natal para ti e para a Maria Emilia, abraça-vos o amigo de sempre,

Chico

50.

Alger 23 XII-63

Meu caro Chico

Ligo directamente no dia 26.

Prevejo grossa barafunda de daqui até lá as coisas se não forem comprando, o que alias acho difícil.

Não deixes de aparecer sejam quais forem as circunstâncias.

Estou preocupado por não ter confirmação dos nossos amigos.

Sabes alguma coisa?

Até breve. Um grande abraço do muito amigo

Tito

ATENÇÃO

A nossa nova morada – não esquecer – é:

Residence St. Raphael – Batiment A2 – App.100 – El Biar- Alger

Considera:

1º Que continuo não ter sido convocado para a II Conf. e desejo sê-lo para a próxima

2º - Que entendo que se devem tomar medidas no sentido do denunciamento [sic] da acção directa.

3º-

51.

Deves procura-lo quanto antes, com pretexto ou inventando pretexto e manter relações.

Por outro lado, se perceberes que ele ja tem intenções – o que é possível – terás uma conversa mais larga sobre os nossos problemas e escreves à C.D. contando o que se passou. É evidente que repito, estas informações sao confidencias para toda a gente.

Uma acção tua desde ja, afastaria a discussao Guerreiros, Saraivas, V. Pereira, etc, que poderao corruir [sic] a outros.

Suponho que esta possibilidade que nos é concedida poderá abrir-nos largas perspectivas de actuação diplomática à escala mundial.

Facilitando os nossos contactos e fazendo conhecer a FPLN nas organizaçoes internacionais, nas Assembleias, nos meios diplomáticos.

Sobre este assunto pediram-nos uma lista dos nossos representantes dos vários países para os poderem convidar a todas as recepções das Embaixadas permitindo-lhes assim travar relações com embaixadores de outras nações.

Esta lista vai evidentemente ser dura de elaborar em alguns sítios e provocará talvez certos atritos.

No que se refere a Paris, percebo que desde ja poderias ir facilitando a minha tarefa. Foste várias vezes referido, especialmente pelo presidente, o Guador Vidicl(?) que segundo me disseste te deu até uma carta de apresentação para o Embaixador aí.

Queixaste, porque te não disse o que fomos fazer na nossa [...] viagem. Tive oportunidade de alguma coisa adiantar quando aí nos encontramos, mas aqui vai o relato mais consubstanciado, mas inteiramente confidencial.

Para dar seguimento às conversas anteriormente havidas com vários embaixadores, entre elas aas que tu próprio tiveres, fomos convidados a enviar uma delegação a Belgrado.

Eu e o Pedro Soares e posteriormente eu e o Piteira fomos escolhidos para esta missão.

Fomos ali acolhidos com provas de simpatia e consideração e os resultados obtidos foram a meu ver bastante positivos.

Assim, estão decididos a dar-nos um apoio diplomático em toda a parte o caminho para a apresentação de propostas concretas.

No que se refere à Conferência dos países não alinhados ha um obstaculo pois ficou decidido que só os movimentos africanos poderiam participar. Excluíram Nato e Varsóvia, mas estão dispostos a apoiar o nosso pedido se o fizermos. Cabe sobretudo à RAU, resolver o problema.

Estão de acordo e interessados apertar os laços entre a Frente e a Aliança Socialista.

No caso dum portugues anti-fascista encontrar dificuldades políticas em qualquer país pode contar com o apoio deles.

Resumindo, bom acolhimento, desejo franco de ajudar, algumas coisas.

Vão dar-nos auxilio material, em dinheiro (possivelmente pois os orcamentos [sic] no capitulo moeda estrangeira sao dificeis) e especialmente em equipamento. Prometeram enviar muito brevemente equipamento de escritório de que necessitamos.

Pretendem tu na Radio oficial num programa em portugues. Para tanto prontificam-se a manter um enviado nosso, que sendo estudante obteria por exemplo uma bolsa de estudos e trabalharia na Radio, organizando programas, etc.

Seria mais uma voz a falar mal do Salazar mas quem há de ser o homem? Tens alguma ideia?

Não é forçoso que seja estudante, mas tem de saber escrever...

Sobre outros auxílios ficou aberto [...] outras para concretizar com o Embaixador aqui.

Depois fizeram-nos ver outros aspectos da vida e da organização política e administrativa do país. Mas isso fica para outra carta. Ha la muito que aprender e que adoptar para o programa da RRS. Se la fora procura ver as coisas a fundo, pois como calculas eu só as vi pela rama.

Eu dou-te, às vezes com algum atrazo, é certo, todas as informações que julgo te possam ser úteis.

Sobre a mexeriquice daqui é raro falar por rasões óbvias e estado um pouco na fase baixa, felizmente.

Na minha resposta a V.B. explico-lhe mais ou menos a situação aqui. Respondo-lhe depositando nele a confiança que deposito em ti e espero que ele compreenda a situação e sobretudo que não lhes faça a vontade, desistindo. Ha certas coisas que eu penso ser profissional apresentar com paciência e não lancetar o abcesso antes de tempo.

Questões deste tipo que envolvem a acção [...] e individualista, a pretensão [sic] da [...] só podem ter uma solução como sabes:

Um vai ou vai o outro e nenhuma destas hipóteses no momento actual é conveniente.

Eu, como sabes também, sairei o mais breve que foi possível, mas quando me for possível. A ideia de nos encontrarmos aqui os 3 parece-me que seria imensamente útil [sic], insiste portanto com o V.B. para que desde já trate do assunto como lhe digo.

52.

Meu caro Xico

Passados 8 dias sobre o nosso encontro, pensava já poder ter recebido o Agora, os D. de Lisboa, notícias sobre os projetos do nosso amigo. Seria importante eu saber se regressam ou não e ainda o que de definitivo resolveu.

Penso que terás recebido a carta que te mandei na 6ª feira passada Expresso e que continha os documentos que me comprometera a enviar até Sábado. Espero que tenham chegado a tempo.

Também vais receber por estes dias uma carta que deverás enviar para Lisboa e que eu pretendia fosse entregue ao Ivo Melo – o Carlos conhece – com a maior urgência.

O dicionário que te mandei, não sei se servirá, arranjei-o muito à pressa e em caso de dúvida recorremos ao anterior.

Tenho estado doente, desde que vim, e com poucas energias. Não há novidade nenhuma a contar, salvo que uma informação chegada do Brasil parece fazer crer que haveria um encontro muito brevemente. Que pelo menos de lá se preparam para a viagem. Mas eu não voltei a ter mais notícias.

Para poder agir em conformidade com os projectos do Carlos, preciso saber primeiro em que ficaram os projetos.

Tens de te mover, amigo! há que andar para diante lembrando-te que és um pião fundamental e que não deves ter tempo para te coçares.

Será preciso continuar a insistir para que nos dê o prazer duma visita? Para quando? Aquele amigo que estaria em férias já chegou? Tu há meses não quizesse falar-lhe no assunto, mas agora não há outra pessoa e parece-me que deves insistir em falar das novas condições.

Aqui tens ½ duzia de linhas arrancadas com esforço, pois sinto-me muito por baixo e que se destinam especialmente a pedir noticias!

Saudades da M^a Emilia e um grande abraço do camarada e amigo

Tito

53.

Meu caro Chico

Fiquei desconsoladíssimo com a tua carta de 18! Foi como se recebesse um balde de água fria!

Primeiro, pelo completo silêncio do interior. É simplesmente inacreditavel, que aqueles nossos amigos nos deixem ficar meses e meses sem noticias, que não nos respondam às nossas cartas, que ignorem completamente o que se vai fazendo por este mundo, que estejam cegos!

É simplesmente inacreditavel!

Depois, circular.

O que me dizes sobre a circular que propuz [sic], tambem me deixa estarrecido.

Não sei se o MAR assinaria ou não a circular, o que sei é que está inteiramente dentro dos “Principios” que nos comprometemos a aceitar.

Se é facto que a RRS não exclui as formas tradicionais de luta, o que é verdade é que também não exclui – antes pelo contrario preconiza – a forma revolucionária.

E tanto num campo como noutro tem de tomar medidas de organização e acção. Não se trata dum revolucionarismo de café, mas de criar as condições necessárias para a luta.

Ou somos honestos e o que está escrito é mesmo para se cumprir, ou então adeus amigos! Saúde!

Concordo com as observações que fazes ao sub-titulo e tambem com a extensão que queres dar ao nome, mas para assim se proceder ha que acrescentar na circular uma explicação, que tu mesmo podes incluir.

Quanto à redacção, porque não propões as modificações que entendes se deveriam fazer?

Concordaste com o principio da circular, mando-te um texto, emenda e devolve. Não se pode perder tempo com o vai-vem das cartas.

Admites que ela deve ser publicada pelo “peso de razões mais válidas”. Eu considero urgentíssima a publicação porque considero necessário desfazer a camapnha [sic] de descredito, de mentira, de difamação que contra nos se desenvolve, e a circular era uma arma positiva.

A não ser que seja verdade aquilo de que nos acusam e eu ande aqui informado pelos meus amigos e não pelos meus adversários.

Tens de ligar à terra, meu caro Chico, e de compreender o que se tem tramado.

Para te dar uma ideia da situação aqui em argel, digo-te que cortei as relações, com metade dos portugueses daqui! Deixei de lhes estender a mão.

O Rodrigo, que te leva esta carta contar-te-à com mais pormenor o que por cá se tem passado.

A indicação do Secretariado, incluindo os nossos dois nomes parece-me por outro lado indispensavel. Penso que as pessoas teem de saber a quem se devem dirigir e nós estamos em condições de poder dar certas garantias aqueles que estiverem dispostos à luta, ao nosso lado.

Sobre este assunto penso que se poderia escrever: “pelo Secretariado Geral” e alem de dois ou tres pseudónimos, acrescentar os nossos nomes.

É indispensavel, em minha opiniao, assinar a circular.

Resumindo, peço-te que em definitivo resolvas o que se deve fazer sobre este assunto.

Relações internacionais – Compreendo que não queiras – e penso que não deves – ir mais para diante nas démarches para o reconhecimento pela II Internacional, sem receber noticias do interior. Mas penso que deves mandar com urgência, um ultimatum.

Se não recebermos “tal data” uma resposta negativa, que apresentaremos o pedido oficial de admissão, com o nome RRS.

Tenho pena que não possas ir a Bruxelas, seria da máxima importância que estabelecesses relações diretas com o grupo que está disposto a ajudar-nos e que entre outras ligações, está muito ligado aos Trotskistas. Era muito importante, mas paciência.

Porque não insistes com o Tony?

Conferência – Admito que se não se realizar com frente unida de dentro, todo este trabalhinho da FPL, irá ao ar. Vai cair tudo direitinho nas mãos do MAR e do Delgado. É inevitável.

O MAR convidou o Delgado para vir para Argel, parece estarem dispostos a custear-lhe as despesas. Estão fazendo isto tudo nas costas da Comissão Delegada.

Querem reforçar o movimento e agarram no homem!

Precisava saber como decorreu exatamente a tua entrevista com o Embaixador de Marrocos e qual o resultado definitivo. Porque é que tomaste esta iniciativa? Foi o general que te pediu?

Como na medida em que facilitamos a vida do general, estamos fazendo o jogo do MAR, penso que devemos ter cuidado. Eu considerava útil a vinda dele para aqui por variadíssimas razões, mas receio que fique rodeado desta cáfila de dissidentes que por aqui vegetam, que explorem o teu pensamento do homem e o liquidem de vez.

O facto de ele te mandar dizer que é “de vez” confiava um plano de que não conhecia os pormenores mas que está ligado com os desertores da Guiné, relações com o Amílcar Cabral, etc.

Ao mesmo tempo estive em Marrocos e depois escreve-me de Gibraltar um tal Henrique Cerqueira dizendo-me que tem muita urgência em falar com o Piteira.

Este informa por meias palavras que em Paris, fora avisado da visita quando ainda funcionava no quadro RR.

O homem parece que traz uma mensagem qualquer do Carlos, que evidentemente irá entregar ao Piteira para quem vinha dirigido.

Por outro lado parece que em Rabat se pos em contacto com a Embaixadora da Tchechoslovaquia pedindo que lhe facilitassem a vinda para aqui.

Por outro lado parece que se trata de qualquer coisa ligada com o OR (?) e a ORLI.

1964

54.

Paris, 3 de Janeiro de 1964

Meu querido Tito:

Chegou aqui vindo de Londres e Lisboa um amigo virgilio [sic] de Lemos que esteve preso em Moçambique depois de ter sido juçgado [sic] e condenado ali.

Não quiere voltar a Moçambique pois a sua mulher está Lisboa com uma bolsa da Gulbenquian [sic] e êle pensa que na Europa ou em Alger será mais útil à liquidação do

fascismo em Portugal. Trazia uma recomendação que tomei aqui da sua pessoa parece-me sério e politicamente informado com o mérito que para vocês poderia muito útil de possuir prática de trabalho na Radio.

Queria ir a Praga falar com o general para lhe comunicar incumbências [sic] que traz de Lisboa e creio que a pedido do Figueiredo de Londres; dissuadiu-o desta viagem pois aventou-se a hipótese de êle ir para aí, e lá para o fim do mês encontraria o general nessa cidade a quem falaria.

Profissionalmente era agente de publicidade de produtos farmaceuticos e jornalista.

Em Londres teve longas conversas com o Sertorio.

Dirigiu-se ao VP. para efeito de visto, mas êste respondeu-me que por uma questão de principio era necessario enviar para aí a sua biografia e pretensão [sic] e só depois V. deliberariam sobre a sua ida.

Como não está ligado a partido ou grupo qualquer e leu a nossa declaração e concordou com ela, embora com a ressalva [sic] de que politicamente era marxista. Convencio-o [sic] que isso em vez de limitação era um atributo de classificação, aliás a maioria dos amigos da RReS. Têm idêntica formação ou aceitam-na sem qualquer rebuço.

Julgo que poderias encontrar nele o colaborador que procuras e por isso te escrevo com esta urgência para que mandem daí um telegrama ao VP, a ordenar-lhe feu vert para o visto. Junto uma biografia feita pelo seu proprio punho.

Da conferencia já tens noticiad [sic] pelo PSoares. Tudo correu bem, com boa assistencia e uma vintena de jornalistas. Sobretudo todos quantos convidei da imprensa socialista, jornais d'Áfirca e France Presse que enviou três jornalistas um dos quais o chefe de serviço politico e diplomático.

Ate breve e um abraço para [...] e para a Maria Emilia

do Chico

55.

Paris, 17 de Janeiro de 1964

Meu querido Tito:

Espero que tenhas chegado bem e que tenhas encontrado a Maria Emilia e a prole de boa saúde e saudosos da chegada do patriarca.

Depois da tua passagem por aqui veio o Piteira e o Prof. Rui que me voltaram a descrever o ambiente de trabalho da conferência, as conclusões, e a boa impressão causada pelo General. Das conversas que tive com o Piteira depreendi que há nítido progresso da sua parte no sentido de () amenizar o clima moral das relações dos oposicionistas em Alger. Também êle insistiu comigo para dar aí um salto a quando [sic] da vinda do general, conforme te havia informado espero ir primeiro a Marrocos, e de regresso virei abraçar-vos e fazer tudo quando esteja nas minhas posses para que vocês aí façam simultaneamente a libertação do povo português e consigam criar no acto político que realizam quotidianamente um motivo de encanto e alegria, num trabalho que além de abnegação seja fonte de mútua felicidade para todos os nele colaboram.

Tenho mantido assídua correspondência com os amigos de Marrocos e escrevi também ao Lopes Cardoso uma carta agradecendo-lhes os votos de felicidade natalícia, e ao mesmo tempo tocando o problema politico nos termos duma colaboração leal entre pessoas que pretendem os mesmo objetivos: a liquidação do fascismo em Portugal e a instauração do socialismo. Tenho a impressão que a cotação do PS no Mar está em baixa, por outro lado aquela ideia num encontro em que venhamos todos a coincidir colhe interesse, embora não devamos ser nós a precipitar os acontecimentos. Ontem tive uma entrevista com um dos chefes do SFIO – Jacquet, para que a imprensa socialista esteja presente na conferencia que viermos a realizar, descrevi-lhe a nossa posição (e RReS) dentro da Frente e da necessidade de apoio internacional, a tudo prometendo o seu auxilio, e pedi-me mesmo para ficarmos em contacto permanente. Não chegou até ao momento em que te escrevo, ou pelo menos eu de facto não tenho conhecimento o Manuel Sertório, cuja presença se torna indispensável para que haja um participante da Conferencia na conferencia de imprensa que projectamos fazer aqui. O Prof. Rui partiu na quarta feira para o Brasil. Tive informações seguras das últimas prisões: estavam relacionadas com a preparação militar de mais um golpe militar que ao que me informam se mantém latente, pois as prisões não alastraram. O Teófilo já saiu. Creio bem que neste contexto a vinda do General para Alger funcionará como detonador de acções deste tipo fomentadas pelos descontentes da situação e a pseudo opposição que lhe fica adjacente, incluindo amigos do galvão [sic] que constituíram sempre uma opinião que se soubermos actuaria guerra psicológica proveniente da presença do general e da preparação de facto de algo que possa ser tido por verdadeiro e sério, acompanhado de declarações acerca da situação financeira, sobretudo a declaração de não responsabilidade do governo democrático pelos

empréstimos externo para financiamento da guerra ou dos internos disfarçados sob a forma de operações correntes de fornecimentos aos diferentes departamentos do estado, que este não paga a entes aceita letras ou arrasta a dívida furtando-se à liquidação como qualquer comerciante insolvente, poderá ter grande repercussão no falso equilíbrio político construído por Salazar nesta fase derradeira da guerra colonial, com base no apoio exterior.

Vão seguir jornais por outro correio.

Um abraço para ti e para a Maria Emilia do Chico.

56.

Paris, 22 de Janeiro de 1964

Meu querido Tito:

Já deves ter lido o telegrama que enviei para aquela morada, porque era a que conhecia de memória.

A conferência de imprensa que está a ser organizada com o maior cuidado, para que não redunde na bambuxata [sic] que tem sido as que anteriormente [sic] se fizeram, realiza-se no próximo dia 30. Cá esperramos o representante da Alta Autoridade da Oposição para responder aos jornalistas, que esperemos lá estejam em grande número e interessados.

Telefonei, conforme pediu a Maria Emilia, para Lisboa, respondeu-me primeiramente a irmã – Helena – que me disse que a mãe já está muito melhor do ataque de etiricia que apanhou. Depois de eu ter dito quem era, ela própria veio ao telefone, para me confirmar que está em franca convalescença e que agradece muito o cuidado da Maria Emilia.

Aqui tens, por hoje, e até breve

Um abraço amigo do

Chico

57.

Alger 22 Janeiro 1964

Meu caro Chico, querido amigo

Aproveito o “Ramadhau” e do emprego escrevo-te estas linhas.

Conforme te disse pelo telefone irá aí um de nós para a Conferência de Imprensa.

Em principio está assente a partida para 6ª feria 24 convencidos de que no dia 28, se poderia realizar a Conferência.

Como de costume insisto para que insistas com o Carlos para ele se vir encontrar connosco. Eu já lhe mandei vários recados e propunha um encontro em Nice, mas se acharem melhor outro sitio qualquer a mim tanto me faz.

O que deve ser é antes de 15 de Fevereiro pois ha absoluta necessidade de assentarmos numa linha de acção.

Sempre conseguiste contactar com o marinheiro, através de Londres? Oxalá que sim e que ele esteja disposto. Avisa-me logo que tenhas noticias.

Então mais um futelosinho? Ou era qualquer coisa mais séria? Conta pormenores.

Ficaste de me pôr em contacto directo com o Victor Blanc, mas ele ainda me não escreveu.

Ha um problema importante a tratar com ele.

Como sabes um grupinho daqui, parece ter-se ha tempos juntado a outro grupozinho de Marrocos e escreveram ao General intimando-o a vir para Argel e comprometendo-se a pagar-lhe todas as despesas.

O General acaba por vir, mas não a mando dum grupo. Vem integrado na FPLN e com a responsabilidade de nós todos.

Por outro lado a Conferência resolveu que – dentro as possibilidades – os membros da Junta Revolucionaria deviam tambem ser “funcionalizados”.

Isto tudo implica a necessidade de se aprovarem fundos.

O tal grupo daqui parece que se zangou com o tal grupo de Marrocos e eu pensei que talvez tu, através do Blanc conseguisses que os homens de Marrocos – cumprindo o que prometeram ao general – passassem a mandar o dinheiro directamente para a Junta Revolucionária.

A melhor modalidade seria o V.B. fazer la mensalmente a colheita de fundos e depois mandar para ca em meu nome.

Era por outro lado necessario ter desde ja uma ideia da importância que eles estão dispostos a enviar. Penso que facilmente poderão arranjar uns 1.500 a 2.000 NF, aqui arranja-se outro tanto e com algum que venha de outros lados não seria impossível funcionalizar pelo menos alguns de nós.

A coisa vinda pelo V.B. poderia enquadrar-se na RRS o que dava prestígio...

Trata disso.

Assiações [sic] menores

58.

Alger 24 Jan 1964

Meu querido Chico

Mais umas linhas do emprego, único sitio onde tenho algum socego [sic].

Parte hoje para aí o delegado que vai assistir à Conferência. Tenho pena que me não tenha sido possível arranjar a coisa para ir, ou para ir também, mas espero que não houvera complicações e que tudo correrá as maravilhas.

Tens de lhe dar ajuda e de lhe lembrar que quanto menos se fala melhor.

Segundo carta que recebi do Guerreiro preparam uma coisa em fraude e se o conseguirem realizar tem o maior interesse. A Maria Ramos manifestara certas preocupações quanto ao nosso enviado, talvez não fique muito satisfeita com a solução, mas tu é que tens de aplanar possíveis reacções. Estou convencido que vai dar conta do recado.

Amanhã a radio será inteiramente dedicada à Conferência. Teêm de ter o maior cuidado sobre dois pontos:

É segredo o local onde se realizou a Conferência do FPLN

É segredo o local onde está a Radio

Foram alteradas as condições de financiamento da Radio, mas mantem-se os mesmos comprimentos de onda.

A potencia aumentou e precisamos saber com urgência como são agora as condições de recepção em Portugal. Procura informar-te. É muito importante.

Não esqueças o que te disse sobre o Victor Blanc. A questão de fundos está na ordem do dia. Os que se comprometeram a mandar a massa para o General teem de manter o compromisso e vejam se é possível começar desde já a colheita e enviar para cá.

Chiquinho debes aqui vir para com tempo falarmos em muitos assuntos.

Insiste com o Carlos e da noticias do marinheiro. Se este vier é um grande golpe.

Cumprimentos à Maria do Carmo, um abraço da M^a Emilia e abraço do amigo certo

Tito

59.

Paris, 11 de Fevereiro de 1964

Meu caro Tito

Sem resposta à minha carta, apenas duas linhas te enviar o volume com estatísticas da casa Pancada & Morais que poderás utilizar com grande proveito na Radio.

Também enviei um exemplar ao Piteira

Junto três recortes de entre varios que recebi referentes à viagem do nosso amigo à Holanda e Belgica, de que já te havia falado. Foi indiscutivelmente a maior campanha feita naqueles dois países dos nossos problemas.

O Piteria [sic] como de costume empranhou [sic] pelo ouvido a primeira informação que recebeu sobre êste amigo e, como era da capelinha vá de lançar dúvidas com a leviandade e irresponsabilidade que lhe é peculiar.

Um abraço para ti e para a M Emilia do Chico

60.

Paris, 17 de Fevereiro de 1964

Meu querido Tito:

Logo após a tua saída daqui recebi uma carta do Dr. Victor Blanc em que me relata com pormenor o resultado duma reunião havida em Rabat entre os elementos da Associação dos Portugueses Livres de Marrocos.

A resposta que lhe dei logo de seguida e cuja cópia te envio tenho apenas que acrescentar umas linhas, transcrevendo textualmente o conteúdo da proposta que os vinte e tal subscritores do pedido de reunião propunham e que mereceu a aprovação de 34 contra os seis que abandonaram a reunião, ao que parece em termos de correcção discutível e numa atitude de desafio que se traduz na expressão proferida por eles de: “veremos quem ganha!”.

Os subscritores pediam à Comissão Plenaria, em síntese que

-- “Provisoriamente [sic], até que estivessem elaborados e aceites uns estatutos e democraticamente empossados os “dirigentes”;

-- Para se poder manter um ritmo funcional de mobilização e de estruturação da luta e da colónia à Junta Revolucionária;

-- Para maior eficiência imediata:

a) A Comissão Plenaria se transformasse em Secretariado Geral;

b) Fosse eleito Secretario geral o Engº Henrique Sequeira

c) Se desse disto conhecimento ao General Delgado.”

Não transcrevo toda a carta porque com estes elementos e com a cópia da resposta que lhe dei poderás ajuizar a situação, se é que aí, ao soalheiro argelino, já não chegou eco dela. Mas para terminar êste capitulo, aí vão ainda mais algumas linhas que considero indispensaveis:

“Quero, enfim, informá-lo, sem lhe especificar nomes (não por elegancia formal, mas por principio), de que, em Marrocos, saíram das fileiras do espeirito [sic] unitário da Resistencia Republicana, da Conferência e do quer que fale de unidade, seriamente, uns 6 indivíduos. Dos quais se nos ajudarem as circunstancias, o meu amigo e outros portugueses verdadeiramente interessados em “construir” uma democracia em vez de se deixarem levar pelo hábito de “destruir” organizações, pelo menos 3, ainda regressarão e terão a sua utilidade.”

E, mais adiante:

“Clara e legalmente, peço-lhe apoio. Peço apoio ao Engº Tito de Moraes a quem não quereria escrever agora. Estamos aqui para apoiar a luta do General e de quem quer que, com ele, resolva destruir o Salazarismo e construir uma democracia”.

Como verás pela minha resposta não demorei a assistencia solicitada, tu farás o que entenderes em face da minha informação e do que, sobre o assunto, souberes por outra via.

2- Chegou a Paris o Dr. Pedroso Lima e pensa seguir directamente para o Brasil, mas pretende antes de atravessar o Atlantico fazer uma visita a Alger. Creio que neste caso os conspícuos guardiães dos vistos, tratando-se duma simples visita de informação, não oporão qualquer dificuldade.

Trouxe-me 5.000\$00, pelo verifico que me atribuíram a taxa de 1conto para a vossa viagem e um bilhetinho com informações que transcrevo

“O Eurico pode vir imediatamente se necessario

Xico Mendes vem na Pascoa de certaza [sic]

Mario Soares, se necessario igualmente na Pascoa, antes não por causa do julgamento, etc. Precisa para isso uma carta com pretexto aceitável pela PIDE.

Quanto ao oficial miliciano e jovem advogado de que te dalei [sic]

Dizem que é de toda a confiança e de utilizar, ainda que tenha de regressar a Portugal para oq [sic] eu necessita que lhe paguemos as despesas”

Outras informações: A Radio Alger voltou a ouvir-se, mas unicamente no Norte ou seja a paritr [sic] de Leiria”

O Mario pergunta [sic] se os três telegramas que nos enviou: a ti, a mim e um outro, a quando da Conferencia, chegaram?”

O Meu não chegou.

Vou construir o alibi para que venham cá pela Pascoa o XMendes e o Mario.

Tive conhecimento por terceiros que o Piteira passou por aqui a caminho de Italia.

Espero as tuas noticias e aqui deixo o grande abraço de sempre para ti e para a Maria Emilia do

Chico

61.

22 de Fevereiro de 1964

Meu querido Chico,

Recebi ontem à tarde a tua carta de 17 com a cópia da carta que escreveste ao Victor Blanc.

1. Não vejo muito claro nos problemas de Marrocos e gostaria realmente de saber o que la se passa. Junto cópia da carta que escrevi ao V.B. com a qual suponho concordarás.

Veremos a suite, mas seria imensamente importante, facilitaria muito o meu trabalho aqui, se o Lopes Cardoso estivesse de acordo, com o V.B. ou pelo menos se tivesse mantido à parte, como tem feito até agora.

2. Pedroso de Lima. Gostaria imenso de dar um a abraço a esse amigo e é evidente que não há problema para a vinda dele aqui. Espero a chegada aqui hoje dos restantes membros da C.D. que devem ter ficado retidos em Roma com as greves, mas se não vieres, amanhã enviarei a carta ao Barradas para que se lhe dê o laissez-passer.

Diz só Pedroso que tem evidentemente a minha casa à disposição com pouca comodidade mas com amizade.

3. Parabéns: tardou mas sempre acabaram por mandar alguma massa. Eu vou enviar-te 100 NF, minha contribuição. Como há muita dificuldade nas transferências,

penso que talvez o Pedroso te pudesse entregar aí o dinheiro que eu lhe pagaria quando ele aqui chegasse.

4. Informações dos nossos amigos. O que é preciso é ter paciência.

Parece poder assentar-se em que cá veem pela Pascoa, isto é, dentro de um mês.

Penso que deves insistir pela vinda de todos na mesma altura e exigir que o Soromenho e o Manuel Mendes e alguém do Porto, também venham.

Penso que poderíamos assim realizar um pequeno “Congresso” RReS e assentar definitivamente nos vários problemas que estão em suspenso.

Esta reunião tem de ser preparada e claro que és tu que deves tratar disso. Tens agora aí o “advogado” que te pode dar uma boa ajuda.

Penso que não deve ser em Paris, que era preferível escolher uma cidade no sul de França ou de Italia. Em Génova, tenho uma família amiga em casa de quem poderíamos reunir ou que [sic] nos arranjará local apropriado.

Mas talvez através do P.S. ou do P.S.U. tu conseguisses também qualquer coisa em França, no sul.

O Manuel Mendes é muito importante dadas as relações com o General.

É preciso aproveitar as boas disposições dos nossos amigos...

Não interessa a meu ver a vida imediata do Eurico se ele puder vir também na Pascoa, mas não podendo, que venha já.

Arranje alibi.

Nomeia o advogado, secretário da reunião, elabora ordem de trabalhos, programa, etc. darei ajuda daqui.

Mantem-me ao corrente.

Após a nossa união eles terão de se encontrar com os membros da Conferência, para se dar seguimento às revoluções e tenho também projectado um encontro com Lopes Cardoso e talvez V. Pereira, para se entrosarem as coisas com o MAR de boas memórias.

5. A rádio a que te referes deve ser a Voz da Liberdade...

Tem de se ouvir em Lisboa, pelo menos com antena orientada e melhor transistors. Estamos a melhorar ainda e brevemente passaremos a emitir duas vezes por semana. Vai anunciando.

6. Não recebi telegrama nenhum. Para quem era o 3º?

7. Os 3 foram a Roma. Quando cá cheguei já estava a coisa assente e seguiram no dia seguinte, arriscando até o preço das passagens. No regresso, que suponho se verificará hoje, deverão voltar a passar por aí.
8. Faltas indecentemente ao compromisso que tomaste. Era uma vez por semana. Porque não aproveitas e não dás cá um salto com o Pedroso?
Penso nas pessoas que se poderão reunir com os amigos, convinha alargar, mas há evidentemente que tratar do assunto com cuidado e sigilo.

Cumprimentos e um abraço do muito amigo,

62.

Paris, 3 de Março de 1964

Meu querido Tito:

Colaboração para A RADIO LIBERDADE. Junto envio um trabalho que continuarei se agradar e uma nota a proposito do abalo sísmico da Ilha de S.Jorge que mostra a vera face do biltre.

Como o Prof. Rui Luis Gomes me escreveu de Recife a pedir que sepre [sic] que tivesse trabalhos deste tipo que lhe enviasse cópia pois ali estão sempre muito carecidos de informação, resolvi tirar uma cópia a mais e enviar-lhe.

Dr. Pedroso de Lima Este amigo que ainda aqui se encontra tomou conhecimento das palavras que lhe enderaçaste [sic] por meu intermédio na tua última carta.

Dr. Victor Blanc.

Recebi cópias das actas das reuniões onde temos toda a histórica de mais um acontecimento revelador duma certa infateligade [sic] politica de mistura com ambições de meninos caprichosos. Lembro-me sempre quando leio estes tristes documentos do dito: “Quem se mete com crianças sai borrado”. É na verdade muito aborrecido que se sacrifique o essencial a questiúnculas e jogos de simpatia e calculizinhos [sic] primários acerca da politica [sic] dos grupinhos.

Da carta do Victor Blanc conluo que esta animado de ideias construtivas e usa de processos corerctos [sic] para a defender os seus pontos de vista, fazendo tudo com uma isenção que aprecio.

Quanto ao Lopes Cardoso deve estar na orgiem [sic] do conflito embora eu tenha escrito ao VB a dizer-lhe do meu apreço pela sua pessoa e do interesse que haveria em chama-li [sic] a uma colaboração, mesmo depois do que houve.

Hoje recebi do Piteira uma carta que sobre o assunto me diz: “Que noticias tens de Marroco? O teu “camarada” Victor Blanc que anda por lá a fazer com o tal Cerqueira? Tu não entendes que deves apoiar o Lopes Cardoso?”

Para o Piteira só os seus maigos [sic] são pessoas honestas e dignas todos os demais tem peçonha. Com uma suficiência que espanta diz-me nesta última carta do Virgilio lemos, que eu aliás conheci pelas boas referencias que me trouxe de pessoas que considero, o seguinte: “Quanto ao caso V. Lemos, deves entender a nossa atitude com o a única possível. Temos dele informações que não são satisfatórias” “E é necessário que não venham para aqui pessoas que suscitem problemas e criticas faceis da parte dos africanos” Lacónico e autoritário...Merda!

O V-lemos esteve comigo na Conferencia de Imprensa dada pelos representantes dos movimentos de libertação de Angola e Moçambique, vi que lha falaram nos melhores termos. Chegou a Londres deu entrevistas na Rádio e nos jornais e está fazendo um trabalho útil. Que engulhos pode causar aos africanos? A menos que os africanos, para uso do Piteira, sejam diferentes!

Enviei logo de seguida a tua carta ao V-lemos que certamente te vai esclarecer com o que houve com o grupinho dissidente de Marrocos.

Já comuniquei aos nossos amigos do Interior a necessidade da sua deslocação até nós para acertarmos agulhas que andam muito avariadas.

Quanto ao jovem advogado precisa duma rodagem que estou fazendo, mas que tal como a dos automóveis tem seu tempo óptimo e, para já, tenho de ajudar a encontrar-lhe uma solução para a sua subssist~encia [sic] aqui.

Do General o que há? Ainda não me respondeu à carta que leste. Será que se encontra ainda incapaz de ler a correspondência?

Que se passou em Italia com a representação da FPLN ao Congresso dos partisans?

Para a semana seguirá mais material para a Radio.

63.

Alger 5 de Março de 1964

Meu querido Chico

Já tinha começado a rabiscar esta carta, quando recebi a tua de 3 de Março (e não Fevereiro) o que me obriga a rever todo o plano e a escrever agora directamente para a maquina. Desculparas os erros.

Colaboração para Vóz da Liberdade – Hip´hip´Hurra ...

Mas tu és um grande (põe tu o adjectivo...) Tu sabes bem que o trabalho que me mandaste não pode ser lido na Radio. Em leitura radiofónica são perto de 40 minutos de prosa. Não ha locutor nem ouvinete [sic] que resiste. Mas claro que o texto tem o maior interesse e então vais-me obrigar a fazer o trabalho que tu devias ter feito de o dividir de forma a não perder o interesse, para poder ser lido em várias emissões, como se fossem vários artigos, pois não se pode pretender ligar assuntos com 8 dias de intervalo. Nem mesmo 24 horas. Receio, claro, estragar a forma, mas sei que não posso contar contigo para fazeres tu o trabalho. Os próximos, fazes favor de te limitares a 2 ou 2,5 páginas dactilografadas que enviares em 4 exemplares se te fôr possível.

P. de Lima – Escrevi ja a este nosso amigo e espero que a carta o tenha ainda apanhado só. Pedi-lhe que insistisse na vinda de todos os que te falei, espero que tenhas feito o mesmo.

Victor Blanc – Envio-te cópia da carta que escrevi agora a este amigo. As coisas complicaram-se numa maneira levada do diabo e desta vez não resultam de mexiriquisse lusitana, mesmo que pareça.

Não compreendo a atitude tomada pelo Lopes Cardoso. Naõ [sic] acredito que tenha sido “truque” como diz VB, não duvido um segundo das ideias e intenções do VB, mas gostava de saber ao certo quem é o Cerqueira.

Ja te pedia aliás que me procurasses informações do homem. Quem é? Donde vem? Como aparece em Marrocos?

O VB não pode ligar-se ao Cerqueira sem se obterem todas as informações que é necessário ter numa pessoa com as qualidades activistas que ele mostra ter. A colaboração com o LC é indispensavel apesar do que ouve. Tens de insistir tambem. De explicar que general, JRP, FPLN, são a mesma coisa. Que não há forma nem de distinguir, nem de dividir, e que as pessoas têm de se acautelar com este jogo: generalx [sic] FPLN, no qual podem ser envolvidos sem saber.

As notícias das ultimas 24 horas, fizeram-me realmente meditar, como digo a VB.

Quanto ao V. lemos foi evidentemente um dos conhecidos extremismos do Piteira. Soube 8como?) que ele era o “homem que eu aqui precisava.

Disse-mo ele próprio. Podes fazer ideia de como ele teve conhecimento duma tua frase em carta a mim dirigida? Mas o facto é que teve. E isto explica tudo.

General – Está muito melhor, mas só poderemos contar com ele lá para o fim deste mês.

Ainda não escreve porque os médicos não o deixem receber toda a correspondência

Itália – Enviar-te-ei brevemente um relato completo de viagem que foi muito frutuosa.

Na emissão de sábado, à ½ noite e ¼ daí, faz-se uma descrição do acolhimento caloroso recebido em toda a parte, que prometeram traduzir em ajuda eficiente. Todos os partidos!

Vamos a ver se a coisa se traduzira realmente.

Programa do encontro. – É muito urgente fazê-lo e assegurares-te da presença [sic] das pessoas em que te falei. Penso que VB deveria assistir.

As coisas estão a precipitar-se, depois do trabalho imenso que se tem desenvolvido e que, poucas pessoas avaliam, mas parece-me que se conseguiu vencer a inércia inicial e se for assim vai surgir uma “avalanche” [sic] para a qual temos de estar inteiramente preparados.

Não posso evidentemente contar-te por carta o que foi todo o caminho andado, as conclusões a que se chegou, as perspectivas [sic] que se nos abriram. Mas não tenho dúvidas que vai mesmo ser o princípio do fim.

Importantíssima a questão do marinheiro. Que notícias tens? É agora preciso insistir mais do nunca. Eu estou planeando a minha actuação admitindo que o nosso encontro se realiza dentro de poucos dias e que posso contar com o marinheiro também dentro de pouco tempo e serei derrotado, seremos derrotados, se estas coisas se não verificarem.

Espero ter dentro de dias notícias frescas de Portugal, mas tu tens de saber antes qualquer coisa.

Tivemos há dias uma larga entrevista com o Amílcar Cabral da Guiné. Foi das coisas mais positivas que temos feito e dum lance [sic] que vai ter repercussões grandes em toda a nossa luta. As conversações que foram iniciadas continuarão e as perspectivas [sic] que nos abriram foram vastíssimas.

Publicamos um comunicado conjunto que deves conhecer pelos jornais e que a Voz da Liberdade retransmitirá no sábado.

Abrços da Maria Emilia e do teu muito amigo

Tito

Como sabes sou daltónico...

64.

Paris, 23 de Março de 1964

Meu querido Tito

Recebi ontem um telegrama do Mario a anunciar-me a sua chega a Paris – terça feira 24, e a pedir-me que lhe reservasse um quarto no hotel.

Hoje, porém, quando saí de manhã comprei o “Liberation” e li na primeira página a noticia de que a PIDE teria descoberto um complot contra o governo de Salazar e teria feito muitas prisões entre os democratas e os comunistas, tal complot teria sido o resultado da reunião recentemente realizada em Praga com a presença do general e dos representantes dos movimentos africanos.

Como vê trata-se duma “fabricação” da PIDE com intuitos politiocs [sic] e policiais; alertar o país contra o perigo comunista e executar mais prisões.

Até que ponto esta noticia que li já depois de ter recebido o telegrama do nosso [sic] amigo poderá impedir a sua vinda, ignoro-o, mas êle possui um alibi que lhe proporcionará [sic] para já tificar [sic] a saída do país por razões da sua vida profissional. aguardo, portanto, a sua chegada amanhã a Orly.

Meu abraço para ti e para a Maria Emilia do

Chico

65.

24.3.64

Querido Chico

Mais umas linhas para acompanhar a carta que ha dias te escrevi e só hoje posso meter no correio. Isto da-te uma ideia da vida que aqui levo!

Entretanto passaram-se factos importantes.

- manda-me o comunicado da PIDE.
- manda-me dizer o que se passa em relação com o nosso encontro.
- manda-me dizer se o Xico Mendes já aí está e como é que eu o posso ver.
- manda-me noticias do marinheiro.

Assente como está a minha demissão, põe-se o problema da minha substituição.

Em principio, sem que isso tenha sido oficialmente definido, eu estou na J.R.P. representando a RR e assim tanto posso ser eu como qualquer outro.

Ha portanto que arranjar o outro qualquer.

Em meu entender tinha de ser o Carlos.

Temos de tirar o Carlos daquela terra para ele poder começar a funcionar, mas se não for possível ele terá de ser um setro [sic].

Responde-me na volta do correio e manda-me o comunicado em carta expresse.

Um grande abraço do Tito

66.

Alger 29 de Março 1964

Meu caro Chico

Esqueci-me, quando falei ontem convosco, que não tenho avião todos os dias. Se puderes avisa que eu estarei no local no dia 5 e não 6. É importante para não perder tempo.

Por outro lado considero absolutamente indispensável que apareças o que será fácil de perceber depois de teres lido a minha carta. Se o Moura já tiver chegado tens também de o levar explicando-lhe a importância do assunto.

Até breve. Um grande abraço do muito amigo

Tito

Como não aceitas o convite para estares aqui uns dias connosco, vou eu ver-vos! Abraços amigos da

MEmília

67.

Alger 30 de Março 1964

Meu caro Chico

Peço-te o favor de entregares aos destinatários as duas cartas juntas.

Peço-te além disso que uses a tua influência junto deles, que lhes expliques a necessidade que temos todos de “acertar agulhas” que, em resumo, os decidas a dar o pequeno salto de 1 hora de avião e que venham ter connosco para podermos nas bases dum acção concreta.

Julgo que te é possível avisar o Carlos que estarei no local combinado no Domingo. Devo lá chegar às 10.45 da manhã.

Conto ver-te, a ti e a ele, no aeroporto.

Dirás aos dois amigos a quem escrevo que seria bom que eles lá chegassem no dia 7 ou, de preferência a 7. Eu tenho avião para regressar no dia 9.

Que notícias há do Eurico? Antes de partir daí, se ele ainda não tiver chegado, deves deixar tudo preparado para ele poder ir ter conosco [sic].

Querido Chico, trata bem de todos estes assuntos, pois pode ser muito importante a reunião que vamos ter, se conseguirmos levar toda esta gente a compreender que estamos numa “volta” da história e que é o momento de dar tudo por tudo.

Veremos se não recebo mais uma desilusão e se vejo passar todo este projecto.

Tudo depende muito de ti, da forma insistires, da vontade que fizeres para resolver o assunto, da convicção da importância da reunião.

Peço-te que estejas no Hotel, na próxima 5ª feira 2 às 21.30 – hora de Paris – para te poder telefonar.

Um grande abraço do muito amigo

Tito

68.

Março de 64?

Meu caro Chico,

Junto te envio cópias de diversa papelada – que te peço leias com a toda a atenção.

Preciso entretanto fazer-te as seguintes observações que te ajudarão a compreender melhor a minha atitude.

Tinha posto na minha ideia em 1961 preparar, ajudar a preparar, a ofensiva contra o fascismo também no exterior. Além das perspectivas que havia ca por fora e que nos obstinávamos a não ver, uma acção externa tinha certamente reflexos muito positivos dentro do país.

Como sabes meti mãos à obra e não me poupei a maçadas, aborrecimentos, dificuldades, etc.!

Acarretei com encargos muito superiores à minha magra bolsa, prejudiquei a educação dos filhos, não olhei para outra coisa que não fosse ajudar a sério à formação dum organismo, dum organização que pudesse tomar a responsabilidade dum acção que envolve muito, muito grandes responsabilidades.

Estou a falar-te de mim, porque falo contigo, porque falo com o querido Amigo Chico, pois como sabes não gosto de falar de mim,

Posto isto, tu conheces o caminho andado o que falta ainda percorrer.

Eu tenho pressa, outros não teem tanta, mas eu tenho e por isso entendo que devo dar um empurrão decisivo.

Concluí, um pouco tardiamente, mas concluí que a J.R.P. tal como saiu da Conferência, não serve. Não esta à altura das tarefas e das responsabilidades que lhe incumbem e sem uma J.R.P. capaz tudo o que se fez até agora foi tempo perdido.

Peor [sic], muitas coisas que se fizeram não terão continuação o que nos deslclassificara [sic] não so aos olhos dos nossos militantes mas – o que é talvez ainda mais grave – aos olhos dos Governos estrangeiros que nos estão a escutar e que nos vão ajudar.

Esta aberto o caminho para a obtenção da ajuda financeira e material de muitos lados.

Consideram-nos um interlocutor valido, acreditam em nos [sic], vão-nos ajudar.

Isto não foi como sabes tarefa facil.

E preciso formar uma J.R.P. à altura das tarefas que vai encontrar, é preciso recrutar quadros capazes, não sou eu, o P.S., o R.C. e o P.S., por mais boa vontade que tenhamos os indicados para todo este trabalho, ou pelo menos não somos so nos.

Quando propuz [sic] na C.D. que se admitisse o principio do chamamento de outras pessoas, sô encontrei resistência, pouca compreensão, suspeitas de manobra, etc, etc.

O unico que me acampanhou [sic] um pouco, embora não saiba bem o que eu quero, foi o Piteira.

O que alias me não surpreendeu, pois é o unico valido e tem – nunca mo disse – as mesmas preocupações. Mas tem também receio dos companheiros que iria ou lhe iriam arranjar.

Chegadas as coisas a este ponto so vejo um processo de vencer a resistência.

Apresentar o facto consumado.

Portanto, desancar o R.C. para que ele saia e ir-me eu embora. Mesmo que R.C. não queira sair so a minha saída penso que obrigara todos a rever o problema.

Serão forçados a reorganizar a J.R.P. e é o que eu pretendo.

Teria preferido tomar esta iniciativa depois da conversa que temos projectada, mas pelo andar da carruagem parece-me que ela se não realizara, de qualquer forma não modificara a minha opinião, mesmo que se realize.

Preciso que insistas no problema do marinheiro e que me indiques o nome dum homem ligado com as cooperativas ou de um homem tipo operário, que julgues possa estar disposto a deixar a terrinha e vir para ca.

Tens de me dar uma resposta na volta do correio, pois que não quero atrazar esta ofensiva e preciso da tua ajuda.

Ha um diplomata de quem o Piteira me fala muito em quem ele tem grande confiança que pelo que êle diz, seria uma otima aquisição.

Sabes quem é? Conheces Alguem?

E um elemento tambem essencial.

Eu deixo isto no fim de Abril e gostaria de deixar a coisa já feita. Para não haver duvidas sobre a minha decisão, a Maria Emilia e os pequenos partirão muito antes.

Claro que é absolutamente confidencial tudo isto que aqui digo.

Em linguagem bastante cifrada parece-me que recebi ontem um recado do Carlos dizendo-me que so ca viria dentro de três meses!

Ficaria portanto adiada toda a nossa conversa e até la aguardava-se!

Isto transformou-se numa brincadeira e eu ja estou velho para brincar.

Julguei, quando o ano passado nos encontramos em Paris que os nossos amigos estavam realmente interessados em meter ombros a uma tarefa séria, que se se vissem impossibilitados de eles propprios [sic] agirem que ao menos encontrariam quem os substituísse.

Afinal nada fizeram, deixam-nos completamente abandonados, tu começas com certas iniciativas mas és forçado a suspender tudo precisamente no momento em que as coisas se podem concretizar, porque te sentes isolado.

A mim deixam-me ir à Conferência, agir na C.D. tomar determinadas posições e quando pretendo promover um encontro que poderia talvez solucionar muitos problemas, mandam-me dizer que o adie para daqui a 3 meses.

Não, meu querido Chico, não brinco mais. Ja estou a fazer as malas e dentro de pouco tempo volto para donde nunca devia ter saído.

La muito longe, onde so chegam ecos muitos ténues desta trampa toda.

Que se divirtam todos a morderem-se uns aos outros e que tenham saúde.

O teu trabalho para a Radio teve, como te disse, de ser completamente refeito poois [sic] não é possivel transmitir artigos daquele género, que são bons para um livro ou revista, mas que não podem ser lidos ao microfone.

Tens de mandar agora os que se seguem, foi uma parte lida na 4ª. feira passada, outra sera lida no Sabado, mas nada mandaste sobre os restantes.

Tens de fazer coisas pequenas incisivas, com linguagem simples.

Mais de duas paginas dactilografadas ja é enorme.

Junto envio algumas folhas destinadas a colher fundos de acordo com o que combinamos.

Trata de obter contribuições do tipo mensal. O Dr. Pode talvez ajudar-te nesta tarefa.

O problema de Marrocos foi e é uma valente chatice. Quando tinha as coisas preparadas para defender o ponto de vista do nosso amigo V.B. que alias não teve em conta a posição especial do L.C. o que desde logo complicava o assunto, apareceu ca o Amilcar Cabral, que toma uma posição em relação ao Cerqueira que não nos deixa outra saída senão a que realmente tomei.

Não posso por carta explicar-te a coisa em pormenor, mas enquanto a mulher dele a Helena Cabral toma uma posição, o marido é definitivo.

Não tem confiança no homem.

E nos não sabemos nada dele, não ha uma unica pessoa que o conheça, não ha ninguem que dê quaisquer garantias sobre a sua idoneidade.

Não esta certo que por esta razão se poha [sic] à margem mas tambem é errado colocar uma pessoa destas como unico dono e senhor de uma organização.

E segundo a H. Cabral é realmente esta a posição pois nem ela nem o Blanc teem tempo para se ocuparem dos assuntos [sic].

Conto-te isto porque precisas saber o motivo que me forçou a travar o apoio que V.B. me solicitava.

Não havia forma de proceder de outra maneira nem era justo que se fizesse.

Escrevi a V.B. que não me respondeu provavelmente por reprovar a minha atitude. Paciência, ja vou estando habituado às incompreensões.

Não lhe falava, nem acho que lhe devas falar na conversa com o Amilcar Cabral.

Aqui tens caro Chico, uma grande carta, quase um testamento que te pôs a par das grandes linhas de varios problemas.

O Xico Mendes vem até ca fora? Afirmaram-me que sim.

Recebi o livro muito util do Pancada, obrigado.

Peço-te uma resposta na volta do correio, dizendo-me o que sabes sobre o Carlos e o marinheiro.

Um grande abraço da M^a Emilia e do teu amigo

Tito

Tens de ter cuidado com a tua correspondência. O P. disse-me em relação ao Lemos , uma frase duma carta tua e não sou capaz de perceber como a leu!

Se tu viesses cá, Chico!

Faz esse sacrificio. Abraços amigos da MEmilia

69.

Meu querido Chico

Junto envio a comunicação que tenciono fazer na JRP em relação com a nossa reunião. Não entregarei o papel escrito mas vou-me guiar por ele.

Enviei-te hoje o papel que fiquei de dactilografar vai atrasado porque tem sido impossível entrar nos correios tal a afluência de gente para trocar o dinheiro antigo pelo novo, que como sabes se chama “Dinar” e que continua por enquanto equivalente ao franco,

Precisava para minha orientação que com urgência me informasses do que se passou na conversa que o nosso amigo foi ter quando nos deixou. Também talvez tenhas informações quanto às nossas resoluções tomadas pelo PC.

Fomos convidados para ir a Bologne, pelo Maire da Cidade, afim de assistirmos a uma manifestação que ali se realiza nos dias 18,19,20 e 21 deste mês. Devo portanto partir para Itália muito brevemente pois fui propoto [sic] pelo Fernando para ir representar a Frente, proposta aceite a contre coeur pelo C. Só amanhã saberei se o onvite [sic] é ou não extensivo a mais duma pessoa. Eu gostaria de não ir sozinho.

Voltarei a escrever antes de partir e aguardo o telefonema prometido. Ainda não disse nada ao Fernando das nossas resoluções.

Alger 12 de Abril de 1964

70.

Paris, 15 de Abril de 1964

Meu querido Tito:

Recebi com bastante atrazo o papel que redigimos em Genève para enviar ao General, por meu lado não o retive senão um dia. Tenho presente a tua carta de 12 que acompanhava aquilo que podemos chamar a Acta da nossa reunião. Antes, porém, de entrarmos na análise dos seus termos, quero informar-te do seguinte:

O Carlos teve conversações importantíssimas que te referirei quando estivermos juntos.

A linha que definimos em Genève foi a que manteve com as pessoas com quem falou.

Encontrou o P. numa posição receptiva e moderada que lhe agradou. Aceitam que façamos diligências diplomáticas as mais extensas no campo ocidental. Entendem, como nós, que

não devemos enfeudar a nosas [sic] luta anti-fascista, no plano das relações exteriores, apenas às exigências da luta anti-colonialista. No plano da acção directa entendem, como nós, que não devemos fazer propaganda de actos que se não praticam (atenção ao que se diz pela Radio) mas sim organizá-los em silêncio. Insistem no aproveitamento das lutas legais concordando com os nossos pontos de vista. Em conclusão:

Podemos trabalhar com eles e não há fundas divergências entre nós.

Agora vamos à Acta que nos enviaste.

Tanto eu como o Carlos consideramos que fizeste uma inflação que nos parece exagerada e perigosa das possibilidades do MRRS. Apresentas como coisas já feitas ou em via de se realizarem resoluções tomados por nós, mas que ainda não puderam sequer ser levadas à discussão e aplicação dos nossos amigos do Interior. Concretamente:

a) Comando Operacional – Ao contrário do que dizes não só ainda não está criado como não podemos garantir ainda o qual o resultado dos esforços que vamos nesse sentido tentar no Interior.

b) Plano Vermouth, indicas como uma acção que poderá ser desencadeada a breve trecho quando ainda nem sequer se entrou em contacto com a vedeta principal.

c) Meios de Acção do MRRS – Não devemos exagerar nas ofertas de possibilidade de colaboração. Porque, se é certo que temos a intenção de colaborar, a verdade é que ainda, de momento, não temos muitas coisas de concreto a oferecer.

Querido amigo!

Temos de ser realistas! A vontade de andar depressa e a genica – são coisas positivas – não nos podem levar a tomar a nuvem por Juno..., porque não fazemos a figura do MAR! Relativamente ao programa. Achamos que debes cortar a ideia, de que queremos que o Programa da Democratização da Republica, depois de revisto, se torne o programa da Frente. Vamos abrir uma discussão que nunca mais acaba e que não interessa suscitar. A minha ideia é que a sua actualização seja uma tarefa de luta legal dos nossos amigos do Interior. Só depois do trabalho realizado é que termos que por a questão do Programa à Frente. Tanto mais que não podemos garantir se todos os subscritores do texto primitivo estarão dispostos a revê-lo e a aceitar as extenções [sic] que lhe vamos dar, principalmente no domínio colonial e económico.

Esta carta é só para ti.

A propósito, gostaríamos saber a reacção do Fernando ás nossas resoluções.

Junto a Declaração, porque insistias, da minha posição perante a II Conferência e a FPLN.

Meu abraço muito amigo para ti e para a Maria Emilia do

Chico

P.S. O MAR vai ter aí mais um elemento: A J[...]. Como vês para eles o [...]

Recebi uma longa carta do Dr V.B. e diz-me que também [...].

No dia 18 vem a Paris falar comigo o [...]

71.

Alger 26 de Março 1964

Meu querido Chico

Quem toma a seu cargo a tarefa de meter as cartas no correio é a M^a Emilia e a carta Expresse de que ontem te falei, ao telefone, soube-o depois, só ontem seguiu.

Os serviços de secretaria são francamente maus.

Vamos ver se consigo ordenar um pouco as ideias que andam bastante confusas mas peço-te que me respondas com esta carta na frente para não deixares de te referir a todos os pontos que aqui focar.

I – Irei ter convosco em principio a qualquer sitio que combinaremos.

De momento em França estão chateando os argelinos que ali desembarcam, com interrogatórios que chegam a durar 3 horas.

Não tinha interesse, claro, que o mesmo me sucedesse.

Se assentarmos que será em França, proponho Marselha em vez de Nice por me ser bastante mais barato.

Preferia que fosse na Itália ou na Suíça, embora um pouco mais caro eu não teria complicações e vocês também não.

Procurarei saber preços, horários, etc, e tu terás de me responder na volta do correio se vos é indiferente qualquer destas hipoteses. Ou se teem [sic] preferências, para se fixar em definitivo o local.

II- Não sei que extensão pretendem dar ao encontro.

Por mim julgo que seria muito util que o Eurico pudesse também participar e apesar do que me disseste numa conversa com o Jose Godinho só poderia ter vantagens, no ambito da FPLN, dadas as ligações com a Maçonaria.

Pensava também levar o Rodrigo comigo me ajudaria a pôr-vos ao corrente das “coisas” que por cá se passam.

Gostaria de promover o encontro Mario e nós com o Lopes Cardoso, que segundo me comunicou está pronto para conversar. Seria também de sondar o Veiga Pereira e não sei se o Victor Blanc.

Ferreira de Almeida

Por esta lista, ficas sabendo a extensão que pretendo dar ao encontro, mas não posso dizer que nos encontremos todos juntos.

O Mario Ruivo seria bem vindo, mas segundo nos comunicou vai fazer uma tournée mundial e provavelmente já cá não estará a 5 ou 6.

Tenho pois necessidade de saber o que pensam sobre estas convocações.

III – No quadro da Resistencia Republicana deveriam estar presentes além de nós os 3, o Eurico, o Rodrigo e o Victor Blanc.

Os assuntos que considero essenciais sejam tratados, são os seguintes:

- a) Informação sobre o trabalho realizado em Portugal
- b) Planificação da acção no estrangeiro
- c) Informação sobre a situação em Paris, Londres, Rabat, e Argel
- d) Actividade-circulares internas. Relações com organizações e partidos no estrangeiro
- e) Representação na J.RP., relações com a FPLN no interior e no exterior.
- f) Mundaças [sic] de nome
- g) Relações com outras forças no interior, alargamento em relação com juventude socialista
- h) Relações com MAR – informação
- i) Organização no interior e no exterior
- j) Diversos assuntos ligados c a atividade RR
- k) Posição RR em relação com a política da FPLN, necessidade de aumentar a representação.

IV – No quadro das relações RR- MAR

Assistiram os anteriores mais Lopes Cardoso e Veiga Ferreira .

O assunto principal a tratar seria a inclusão destes e outros que eles representam, mais ou menos separado do MAR extremista, na RR mesmo admitindo certas modificações na RR de acordo com o que tivesse ficado assente na reunião anterior.

Esta cisão no MAR é uma realidade e a luta anda toda à volta da “aliciação” do grupo dos 200 jovens socialistas, que eu não sei se o Carlos teria contactado e se com els [sic] teria chegado a algum acordo.

V – No quadro da FPLN

Aqui entraria também MarioRuivo, os assuntos discutidos podiam ser:

- 1) Política interna geral
 - 2) “ externa geral
 - 3) “ financeira
 - 4) Esforços a desenvolver para o fortalecimento da organização interna e possibilidades de actuação.
- Apoio do exterior, ligações
- Constituição da J.R.P.

Cópia não conforme na I

Alger 26 de Março 1964

Meu querido Chico

Quem toma a seu cargo a tarefa de meter as cartas no correio é a M^a Emilia e a carta Expresse de que ontem te falei, ao telefone, soube-o depois, só ontem seguiu.

Os serviços de secretaria não são bons, como vês.

As ideias andam um pouco confusas mas vou tentar ordena-las um pouco e explico-te o que eu penso sobre o nosso encontro. Peço-te que me respondas com esta carta na frente para não deixares de te referir a todos os pontos que aqui foco.

I – Em principio qualquer sitio me serve, a data é que é bastante má. Não é possível adiantar a coisa para 3/4 de Abril afim de poder aproveitar o fim de semana?

Pelos jornais tenho visto que estão a chatear grandemente em Portugal os naturais de Espanha que ali desembarcam. Não tinha claro interesse em ser incomodado, mas se for preciso arrisco.

Se escolherem Portugal, prefiro Marselha a Nice, pois sai-me bastante mais barato.

Outra hipotese seria Geneve não haveria ali complicações.

Terceira hipotese [...] na Inglaterra.

Tens pois de me dizer para cá o dia e o local que escolherem tendo em conta na medida do possível estas observações.

Tu dirás e eu concordo.

II – Não sei quais são as vossas ideias. Penso que seria muito util que o Moura pudesse também participar e caso não possa tens de combinar com ele um encontro para depois da nossa conversa. Isto é muito importante.

Encontrarmo-nos com o Aleixo tambem me parece importate [sic] dadas as ligações que ele mantem com o Viriato.

Verás adiante onde enquadro a conversa com o Aleixo. Tens de me madnar [sic] dizer até quando ele por aí está.

Pensava levar daqui comigo, o Rodrigo que ajudaria nos realtos [sic] que tenho de fazer. O V.B. do Algarve tambem me parece que seria bom que estivesse presente.

Deviamos aproveitar esta conversal [sic] para falarmos com o Marcelo e com o Ivo se este estivesse interessado.

O Marcelo ja me disse que estava pronto para o encontro.

O Jaime tem talvez menos interesse mas pensem nele.

Por esta lista ficas conhecendo a extensão que eu achava util se desse ao encontro.

Adiante explicarei melhor as minhas ideias.

O amigo de Inglaterra segundo me disseste deve aí ir agora. Eu tinha muita vontade de o encontrar tambem, mas aprece que o homem vai fazer uma tournée pelo mundo e naturalmente já ca não estará a 5 ou 6.

De qualquer forma a posição deste amigo não é muito calra [sic]. Mas este não é assunto para carta, Devem ser cautelosos e reservados.

III – No quadro do desenhador deveríamos estar presentes os 3, o Rodrigo, o Moura e o amigo do Algarve. ?

Considero importante que se tratem os seguintes assuntos:

1 – Infomração [sic] sobre o trabalho realizado na Bélgica.

2 – Relações e contactos com outras forças do interior, particularmente com os 200 romances de Camilo.

3 – Organisações no interior e no exterior e no exterior

4 – Relato sobre a situação no Chile, no Algarve, no Canada e em Portalegre

5 – Planificação da acção no estrangeiro

6 – Planificações da actividade interior e exterior circulares – fundos – contactos

7 – Posição do desenhador em face da imprensa. Avalia a situação.

8 – Posição em relação com a editorial composição da nova garcia [sic], reforço da representação, vinda de colaboradores literários.

IV – no quadro das relações desenhador – imprensa deveríamos ter uma conversa com outros amigos.

Estariam presentes os anteriores e ainda o Moura, o Ivo e o Jaime.

O assunto principal a tratar seria a unidade feita através desta corrente que está mais ou menos separada dos extremistas da imprensa.

Pelas muitas informações existe latente esta cizão, andando a luta à volta dos 200 romances do Camilo.

Não sei se o Carlos está ao corrente disto e se alguma coisa foi feita neste sector e com os do Antero.

A unidade seria possível mediante algumas modificações no quadro do desenhador. Modificações que considero mesmo necessárias uma delas é o nome, outra, fazer certas limitações no que se refere à admissão.

O Moura está disposto a vir, a discutir e - segundo penso - a integrar-se. Quanto aos outros dois não sei nada.

O Moura terá de ser avisado com 3 dias de antecedência.

Poderá discutir-se com ele a composição do novo Garcia.

V - No quadro da editorial poderíamos todos discutir os diversos problemas.

Aqui entraria o amigo de Inglaterra se estivesse presente, assim como o Aleixo.

Trataríamos:

1 - da publicação literária e artística

2 - da questão dos colaboradores

3 - de problemas ligados com a literatura como os pintores, os poetas, e os romancistas e também com os romances.

4 - os líricos e a imprensa deviam merecer uma atenção particular

5 - ver-se-ia a questão do novo Garcia [sic]

É evidente que para os nº IV e V tomávamos as posições que mais em família tivéssemos acordado no nº III.

Estou convencido que te não vai ser difícil perceber tudo o que aqui digo e que se refere à coluna a.

O plano é vasto mas temos de aproveitar bem esta oportunidade.

O momento é crítico e pela minha última carta ficaram com uma ideia da multiplicidade dos problemas que temos de resolver nestes dias. E temos mesmo que os resolver.

Não deixes sair o Aleixo e o Moura sem falares com eles após a nossa conversa.

Estrenhei [sic] que tivesses assinado o telegrama como fizeste, mas naturalmente não foste tu que o enviaste.

Fiquei a pensar se a voz ao telefone era mesmo a tua. Ando agora com a mania conspirativa...

Esta carta mesmo assim, à mão, sem ser revista, mas tem de seguir hoje.

Talvez fosse boa ideia telefonares-me no Sabado 2 às 2/ e 30 – hora de Paris para minha casa. E se o Carlos não tiver de ir ao teatro gostaria de lhe ouvir a voz.

Um grande abraço para ambos do sempre amigo

Tito

Desculpem o papel e a tinta, mas é o que há no emprego...

72.

Paris, 8 de Maio de 1964

Meu querido Tito

Sem resposta à minha carta de 15 de Abril e sem qualquer noticia sobre se vieste ou não a a [sic] Italia, como dizias e me fez acalantar a esperança de que passarias por aqui, estou de novo a escrever-te lembrando que na última carta escrita de parceria como Carlos havia uma série de mises au point, que não gostaria de ver cair em cesto roto.

Também te enviei junto com ela a declaração da minha posição de apoio à Frente e gostaria que me confirmasses se seguiu o seu destino.

Junto uma [sic] manifesto da FAP que, como já deves estar informado, é um novo organismo de unidade que tem a sua raiz na cisão aberta do P. com a constituição do Comité Marxista Leninista “Revolução Popular”. Aqui em Paris há grande agitação entre os jovens que apoiam esta corrente; ao que depreendo da leitura do último número da JAPPA esta também se enxerta no tronco da FAP.

As manifestações do 1º de Maio em Lisboa constituíram uma manifestação de vitalidade salutar depois da impressão causada com o relativo silêncio do ano anterior. As informações que nos chegam, é de que, embora não tenham sido numerosas as pessoas que nela participaram, activamente, havia uns bins [sic] milhares de pessoas que se deslocaram ao Rossio e Restauradores numa expectativa ansioso e algum medo. Sobretudo verificou-se uma afluência de acros [sic] inusitada, àquela hora, que causou verdadeiro engarrafamento naquelas duas praças. Os manifestantes apedrejaram o SNI e a policia quando esta inveio [sic] num segundo tempo, porque a primeira acção ofensiva partiu de Grupos da Legião, que, à paisana e armados, atacaram a tiro os manifestantes como émulos que são dos famigerados SS nazis, simplesmente, na Alemanha hitleriana, apareciam fardados e de cara descoberta, em Portugal onde tudo é larvado num banho de hipocrisia, simulam uma corrente de opinião da população civil a favor do regime, como

se as armas que trazem e a protecção e cobertura da policia não denunciasses a sua vera face de organização paramilitar tipicamente fascista.

Fiz seguir para Lisboa toda a documentação e informações utilizando novo aparelho de comunicação, mas até agora não funcionou no sentido inverso.

Os advogados que seguiram para Portugal com o objectivo de assistir ao Processo de beja tem sido impedidos pela PIDE da permanência no país e fecambiados [sic] para fora das fronteiras.

Do general tenho informações do franco progresso da sua convalescença; ainda se encontra no local onde foi operado porque em Italia não conseguiram até ao presente o visto para a sua permanência. É natural que lá para o fim do mês aí chegue.

Junto mais uma nota para ser lida na Radio Liberdade e espero que mereça o cuidado correspondente à seriedade com que é feita, pois o aproveitamento da anterior foi bastante minimizado.

Um abraço para ti e para a Maria Emilia do amigo velho

Chico

73.

14 maio 1964.

Meu querido Chico,

A minha correspondência esta atrasada, imensamente atrasada, nem tempo tive ainda para escrever aos homens de Bolgna [sic] agradecendo o acolhimento que la me dispensaram. Mas vamos aos assuntos principais:

J.R.P. – Fiz na C.D. a comunicação referente às conversações que tivemos tomando em conta as tuas observações. Isto é; reduzi optimismo de mais de 50%.

Fiquei com a impressão que tanto faz, pois pelo menos por enquanto as coisas não se vão concretizar. Salvo se no interior andarem por diante como ficou assente.

Em resumo, apresentei o nosso ponto de vista quanto aos problemas de organização interna e os ilustres confrades, tomaram nota.

Apresentei tambem os nomes que sugeríamos para alargar a J.R.P. e para se integrarem no Comando Operacional.

Esta lista vai ser enviada aos membros presentes à II Conferência para se obter a sua opinião.

So da parte do R.C. houve opposição ao nosso amigo escritor tendo-se o Fernando abtido [sic] embora julgasse util a sua inclusão fazendo notar que as relações pessoais não impediriam um trabalho comum.

No que se refere ao marinheiro houve unanimidade mas apreço que o homem não quer [sic].

Tens algumas noticias? Era muito importante que ele viesse. Não podes insistir?

Tambem me convinha saber com urgência se aquele que arranhou em prego em Inglaterra já la esta e se tens possibilidade de te pôr em contacto com ele.

Reações do Fernando – Duma maneira geral tomou a posição de não acreditar nas intenções manifestadas.

Tem duvidas quanto ao empenho efectivo dos nossos Amigos em tornarem realidade os projectos apresentados.

Não acredita e diz que os antecedentes o autorizam a não acreditar.

Apesar da sua abstenção em relação aquele amigo, por varias vezes me tem manifestado o desejo mesmo de que ele venha.

Eu considerava a coisa imensamente util pois vinha certamente imprimir ao nosso trabalho o aspecto bem diferente e quanto a mim mais produtivo.

O F. esta de acordo em colaborar na revisão do program [sic] mas ainda não acentei [sic] com ele na forma de proceder. Diz que já tem algum trabalho feito. Voltarei ao assunto.

Falei-lhe na operação Vermute sem dar pormenores, Este assunto devia ser agarrado mas eu não sei bem como hei-de proceder.

Teria de ir eu falar com o homem mas não me considero a pessoa indicada. Diz-me o que pensas e vamos deixar amadurecer a ideia.

Em Italia falei com o Vitoreli em nome do M.R.R.S. Fiquei absolutamente desolado. Ainda andam à procura do interlocutor socialista valido.

Disse-lhe que tu o procurarias quando fosses a Roma. Mostrou-se receoso da nossa politica externa e da hipotese partido único.

La lhe expliquei o melhor que soube a inconsistência dos seus receios.

Talvez tu, que me disseram que irias la brevemente, consigas algo de positivo.

As manifestações de Bologna eram exclusivamente de apoio aos espanhois mas la consegui que se falasse tambem em nos. Não tiveram grande interesse, as esperanças que depositava no P.S.I. é que ruíram e me desiludiram.

Que se passa em Marrocos? Que te disse o Dores? Conta.

O Fernando esta fazendo la a sua politica e eu queria se fosse o caso, neutralizar mas preciso de elementos.

Devo carta tambem ao VB, vamos ver se ainda lhe escrevo esta semana. Ele deve ai ir tambem este mês e talvez possas então assentar agulhas.

DO General não temos noticias. Ele escreveu-te? A coisa começa a preocupar-me pois ele devia vir até ao fim deste mês.

Julgo ter focado, embora rapidamente, todos os assuntos.

Desculpa o laconismo.

Acabo de receber uma carta de V.B. diendo-me [sic] que pensa vir entre 12 e 16.

Telegrafei-lhe para que adiasse a partida $\frac{3}{4}$ dias pois de outra fomra [sic] não tenho tempo de lhe arranjar visto.

Considerava muito util que aproveitasses a ocasião para ca dares tambem um aslto [sic] mas... digo isto à tout hazard dado que sei não estares disposto a fazê-lo.

Continuo sem receber os artigos semanais que prometeste mandar...

Vim-me agora à rasca para preencher a folha economica do nosso Boletim.

Nada me disseste sobre o destino das “folhas de cobrança” que pediste que te enviasses.

Nesse Paris não há uma pessoa capaz de contribuir para a F.P.L.N.?

Tantos chefes...

Que sabes acerca da FAPAF? Eles dizem querer colaborar com a F.P.L.N em certas acções... Mas tem algumas possibilidades? Conheces algum dirigente em Portugal?

Que impressões tens do que vem referido no Monde?

Um grande abraço amigo da Maria Emilia e do

Tito

74.

Paris, 19 de Maio de 1964

Meu querido Tito:

Acabo de receber a tua carta de 14 que acompanhava as fotografias do nosso encontro em Genève, que agradeço penhoradíssimo em meu nome e do Carlos, porque lhe vou enviar algumas, quando tiver portador seguro.

Chegaram tarde, mas chegaram as noticias tuas sobre a reacção ao nosso encontro.

De Lisboa com quem comuniquei pela via X que estabelecemos e que funcionou para lá, ainda não recebi carta que prove o seu funcionamento, em sentido contrario, embora o

Carlos me transmitisse recado recente de que o ia fazer, de seguida, e que o calendário que estabelecemos junto ao lago Lemman estava a ser aplicado. Estou esperançado que assim será; logo que chegue a missiva, transmito-te o seu conteúdo.

Quanto ao Fernando as suas habilidades à força de se repetirem vão-se tornado muito useiras. O RC. É o seu doublé com facetas várias consoante as necessidades: tonto, estúpido, violento e ocasionalmente inteligente por procuração do mandatário, actuando êste em função das reacções que o outro provoca e não poucas vezes em contradição com êle, para que o jogo da independência mútua tenha verosimilhança. Por isso não estranhei a sua actuação em relação com o escritor, êste nosso amigo, porém, duvido que aceite a deslocação de Lisboa. Sobre êste e os outros pontos estou aguardando a resposta.

É óptimo que o Fernando queira colaborar na revisão do programa e aproveitarei a minha ida aí no próximo mês de Junho para trocarmos impressões sober [sic] o assunto.

Quanto à operação Vermoute, era preciso que tu ou alguém em teu nome daí sdeslocasse [sic] às colunas de Hercules para abordar o homem, com as indicações que recebem do Carlos. A minha ida a Tanger está sendo adiada, por motivos independentes da minha vontade; se ali me deslocasse dentro de tempo útil poderia tentar fazer a diligência da abordagem do homem, mas isso depois de acertarmos as agulhas.

Quanto à minha ida a Itália, para abordar o Vitoreli em complemento da tua opção, para impormos o M.R.R.S. como interlocutor socialista válido à escala internacional, não tenho essa viagem no programa imediato, a menos que se me depare oportunidade de a fazer, sem onus [sic] para as minhas finanças que estão um tanto frágeis.

Quanto a Marrocos o grupinho MAR de Alger tem posto bastante azeite no fogo com pretexto nas suspeitas sobre a pessoa do Cerqueira. No fundo é apenas despeito por termos entrado num dos seus mortos políticos. Enfim, ao hortelão quasi sempre faltam as vistas largas dos seateiros [sic] das grandes planícies.

Passou por aqui o Dr. Dores com quem falei, longamente, sobre os atritos marroquinos e tenho mantido correspondencia com o VB. Diz-me a impressão que te deixou êste amigo e como evoluíram, na sua opinião, os problemas dos PLM.

Cada vez mais nos distraímos do objectivo principal da nossa acção politica com o anti-fascistas que é a lliquidação [sic] do salazarismo em Portugal; vão proliferando as divisões e as soluções universais e com elas os grupelhos, partidos ou pseudo-partidos e frentes de todo o calibre.

Agora surgiu mais a FAPAF cuja origem se deve procurar numa cisão ou simples fracionamento [sic] dalguns membros do PC de tendência chinesa que publicaram uma

Declaração em nome dum COMITE MARXISTA-LENINISTA “REVOLUÇÃO POPULAR”, que tenho presente, e de que te enviarei um exemplar se ainda aí não chegou. Este COMITE funciona como Partido e a FAPAF, que dele emana, constituiria um movimento de unidade revolucionário de esquerda pela apatia e frouxidão das suas decisões no tocante à estratégica revolucionária para a liquidação do regime salazarista, os membros do MAR que aqui em Paris nunca tiveram uma expressão orgânica de tipo partidário e todos os valientes [sic] dos cafés do Quartier.

No dia primeiro de Maio colaram nas paredes das ruas de Paris e distribuíram panfletos anti-salazaristas, mas, ao que estou informado [sic], apenas para dar acta de presença da FAPAF. Também vi um panfleto impresso da mesma [sic] origem que me diziam ter sido distribuído em Lisboa.

Quanto ao nosso amigo escritor ainda não tenho resposta, mas o Chico Mendes está em estado gravíssimo; já vai na quarta operação e ao que parece a esperança dum restabelecimento tem sido posta em dúvida. Ora o Manel, embora não tenha tido ao longo dos anos uma convivência verdadeiramente fraternal com o Chico, por incompatibilidade de feitios, tem-se mostrado muito chocado e reagido sentimentalmente à infelicidade [sic] que caiu sobre o nosso bom amigo Xico. Por outro lado, o pai deles está bastante velho e caquético, necessitando da assistência dos filhos, e na hipótese da saída do Manel não poderá ir agora para casa do irmão, que mesmo saindo das mãos dos médicos medio prazo, virá muito combalido.

O que te digo são suposições minhas assentes nas más informações que recebi sobre o estado do Xico de várais [sic] fontes. Bom seria que me enganasse!

Quanto ao marinheiro e ao capitão que devia seguir para Londres, estou aguardando notícias que te farei chegar, tão depressa as receba.

Trabalho para a Rádio [sic]

Nas duas cartas que me escreveste não acusas a recepção do última nota que te enviei, desta vez duas páginas, de informação económica.

Até fazes referencia ao trabalho que tiveste para fazer a nota economica para a Rádio.

Desviada do seu destino não foi, porque acusaste a recepção da carta que a envolvia, a menos que a tenhas julgado de tão pouco interesse que nem sequer mereça a penas referir a sua recepção. Não creio no entanto que assim seja, pois não costumo fazer as coisas de qualquer maneira só para cumprir uma obrigatoriedade burocrática.

Até breve e um abraço para ti e para a Maria Emilia

Chico

75.

26.5.64

Meu querido Chico

Respondo-te muito à pressa. Obrigado pelas notícias.

O V.B. devia aqui vir, como te disse, mas adiou tanto a viagem que lhe mandei um telegrama para ele a responder – se achas que o deve fazer – pois não me encontrará cá. Queixa-se da tua falta de notícias.

Eu devo com efeito ausentar-me daqui por uns dias. Parto depois de amanhã em visita ao meu homónimo. Mandarei notícias pormenorizadas depois. Peço-te que comuniqués até ao P. de Lima que segundo dizes pensa também aqui vir. Aliás a autorização já seguiu. Seria imensa para que ele aqui viesse durante a minha ausência.

Que notícias ha do marinheiro e dos outros? Não percebo! Sabes quem é o homem que devia ir para Londres e em quem tínhamos pensado? Sabes alguma [sic] coisa dele?

Começa a ser urgente dar os retoques para a composição definitiva.

Saudades da Maria Emília e um grande abraço do amigo certo Tito

76.

Alger 1 de Junho de 1964

Meu querido Chico

1- Vou-te enviar, talvez ainda por este correio, uma serie de cartas que te peço o favor ed remeteres aos destinatários.

Guardarás para ti uma cópia e se estiveres de acordo com o que te escrevo, daria certamente mais força se quizesse assinar tambem ou escrever umas palavras no mesmo sentido.

Teras de me fazer o favor de procurares um portador capaz de entregar as cartas a cada um dos destinatários pois não queria que o Carlos se encarregasse de toda a distribuição. É, como verás assunto muito urgente e tu resolveras o caso da forma que melhor entenderes. Utilizando portuges ou estrangeiro que la dentro se desnrascaria [sic].

2 – O que pensam fazer é uma cegueira tão grande que me recuso a acreditar que se não possa impedir. Vamos a ver.

Entretanto se souberes de alguém do Norte que passe por aí, particularmente estava interessado no Cal Brandão, vê se o consegues convencer a ter uma conversa contigo e comigo. Eu estou, como sabes disposto a ir a qualquer sitio. Era muito importante que conseguisses um encontro com este ou qualquer outro do mesmo genero. A época começa a ser propícia pois vem ca fora muita gente nesta altura. É preciso estar a pau.

Sabes alguma coisa do Carlos? Estará cá?

3 – O Rui fez-nos um relato sucinto do que por aí viu e que não é muito animador [sic], como aliás ja mo tinhas dito. Eu não chego a perceber esta gente e a amostra faz-me francamente temer o futuro. Ja pensaste o que vai ser se um dia ha um Parlamento em Portugal?

Isto é fruto da educação fascista, mas tambem o que é facto é que encontra bom terreno para medrar. Uma tristeza!

Conforme havia sido combinado entre todos nós, deveria ter sido constituído em paris um Comité de 3, que seria como que a representação da JRP em França, com quem nós manteríamos contactos frequentes o que facilitaria a coordenação dos assuntos.

Esta Comissão nunca chegou a funcionar convenientemente, como sabes, mas parece que agora teriam resolvido constituir uma Junta independente e que já não seria nada daquilo que se combinou o que portanto tambem não serviria para o que se pretendia.

O Rui não é la muito feliz a explicar as coisas de forma que se estabeleceu certa confusão. Peço-te que me esclareças que faças força para que esse Comite [sic] entre a funcionar, pois não ha duvida que a JRP precisa ter aí uma representação válida.

77.

Paris, 5 de Junho de 1964

Meu querido Tito:

Em meu poder a tua carta de 26 de Maio que incluía as fotografias tiradas em Genève. Quanto a estas, não sei se as devo distriubuir [sic] entre mim e o Carlos ou se lhe envias directamente uma série

General:

Recebi uma carta deste nosso amigo com data de 19, em que me diz que ainda tinha uma incisão de 4cm de diâmetro, que só 10 dias depois teria alta. Hoje recebo nova carta com data de 27, onde se lê, sobre êste assunto [sic], o seguinte: “Apezar da incisão resolvi sair do hospital no dia 2 de Junho próximo e ir convalescer uns dias nalgum lado,

mudando o penso conforme puder ser. Já bonda de hospital”. ... “isto irá depressa” E, mais adiante: “Em suma, devo estar em Alger pelo dia 20, mas ou menos”

Promete telegrafar-me o comunicando o que houver de novo.

Na carta de 19 referia-se à visita que lhe fez no hospital Ben Bella, q quando da sua passagem, Por Praga, nos seguintes termos:

“Passou aqui Bem Bella e veio ao hospital ver-me, trazendo-me um grande ramo de cravos e uma caixa de bombons de tamanho que eu nunca tinha visto. ... Esteve uma hora com o seu Estado Maior a conversar comigo.”

“Curioso: no dia 15 passou o meu aniversário. Diversas autoridades checas deram por isso!!! Flores, etc. Até o Sanatorium! Que diferença com a Oposição!”

Dr. Victor Blanc

Esteve aqui, em Paris, e tivemos longas horas de conversa sobre o que se passa em Marrocos. Creio bem que foi muito proveitosa esta entrevista. Por meu lado, relatei-lhe os nossos trabalhos em Genève, e da sua banda foi preciosa e muito esclarecedora a conversa sobre o que se passa em Marrocos.

Os PLM continuam com o Cerqueira e a Eng^a Helena à frente, assentámos em que não há que fazer obstrução à sua ação, uma vez que se vai criar um organismo politico: uma Junta, por proposta do VB será obrigatoriamente presidida pelo Dr. Dores que está trabalhando em perfeita colaboração com aquele nosso amigo e connosco, depois da conversa que aqui tive com ele, a quando da sua passagem para Londres.

Da Junta fazem parte o Dr. Dores, o VB, o Eng^o Lopes Cardoso e um Mendonça, êste último segue as pisadas do LC. Virão ainda a participar da Junta elementos de outras regiões de Marrocos; para já, um elemento de Meknés, ao que parece um tanto sob a influência histórica do PC.

O Piteira escreve em papel timbrado da Frente para os seus amigos de Marrocos, dando-lhe directivas como se monopolizasse aquele organismo de Unidade Política Nacional. Ê, fá-lo em termos tais, que o proprio LC já já [sic] tem sido forçado a desaprovar o processo e a diligência. Por exemplo, quando os PLM solicitaram a sua entrada na FPLN, o Piteira respondeu-lhes que só o poderiam fazer com a aprovação do LC. Este considerou abusiva tal ordem e declarou que escreveria ao Piteira a dizer-lhe do seu desacordo.

Ê precisamente para evitar êste meio bilateral de comunicação em nome da Frente, ao que parece muito frequentemente praticado pelo Piteira, que há vantagem em constituir JUNTA de Marrocos, para que o contacto politico se estabeleça entre organismos em uníssonos com a Frente e nao aos pinotes com ela como faz a JAPPA, cujo Boletim no seu

último número nos mimoseia (RReS) em tais beijos de burro. Enfim, precisamos de dar a esses “Rapazolas” um exemplo de maturidade política não nos deixando ferver em pouca água. O revolucionarismo de 32 de boca desses filhos à papa que nunca sentiram na sua carne, de origem e estado bem burguês, o ferrete das necessidades que consciencializam as atitudes radicais, tem muito de aventureiro e só me convencerão com actos que não com palavras.

Informação. Tanto eu como o VB precisamos de estar informados com mais detalhe do que se passa em Alger, e tu terás de compreender que mais do que uma exigência de confiança e solidariedade entre membros do mesmo movimento, trata-se duma necessidade primária para quem tenha de inteligir sobre o fenómeno político nacional e orientar-se neste mar de muitos escolhos em que temos de navegar, sem cair nas permanentes armadilhas das intrigas dos que dão prioridade aos interesses de grupinho, ou ao seu lindo umbigo, sobre a tarefa magna da libertação de Portugal do fascismo. Neste contexto ocorre observar-te que na tua última carta me falas da tua viagem, sem acrescentares sequer uma palavra sobre o motivo de tal deslocação.

O General de quem recebi uma carta datada de 8 do corrente agradece a Declaração que lhe enviámos aquando da nossa reunião; fá-lo sob a forma de mensagem aos membros do M.R.R.S., nos termos que vais ler, pois fiz cópias à máquina para enviar para Lisboa, para ti e para o VB.

Diz que, finalmente, após três meses e de meio de internamento hospitalar de 12 dias, portanto, amanhã precisamente. Diz que está “bom e mais forte” e que chegrá [sic] a Alger em Junho.

Espero poder ir aí nessa altura e assim corresponder às linhas que a Maria Emilia escreveu na tua carta e solicitar-me a necessidade dum bate-papo convosco.

O Pedroso Lima que voltou de novo a Paris, onde esteve uns dias, encontra-se agora em Roma e já tem visto para ir a Alger, pois quer ajuizar, in loco, das possibilidades [sic] argelinas antes de regressar ao Brasil. É possível portanto que aí o tenhas mais dia menos dia.

Meu abraço amigo para ti e para a Maria Emilia do Chico

78.

Paris, 8 de Junho de 1964

Querido Tito:

Envio-te junto a carta que hoje recebi do Dr. Victor Blanc para que a leias e possas julgar do próprio texto a justificada reação produzida pela infeliz carta que assinaste em nome da Frente, com “inteligente” Rui.

Já respondi, hoje mesmo, ao VB, dizendo-lhe, em resumo, que certamente assinaste a carta, tomando-a como de simples expediente, e que, ao contrário do que ele me diz, em vez de recuar ou amuar antes deve redobrar na acção de manter para si e para o Dr. Dores a posição conquistada dentro da JAPPM. Por teu lado, deves ser mais cuidadosa na leitura e análise dos papéis que assinas.

O Lopes Cardoso e o Rui (?) vieram a uma reunião plenária do MAR, pelo menos o primeiro já se encontrava em Paris quando vocês por aqui passaram. Do que souber sobre as resoluções tomadas naquela reunião, comunicar-te-ei.

O Mario Ruivo também chegou ontem aqui vindo de Roma e confirmou-me que o General tinha saído do Hospital e entrado numa clinica de repouso, para convalescer. A vossa informação da sua ida Moscovo não condiz. com a versão do Mario Ruivo.

O Rica traça do Brasil um quadro bastante negro no respeitante a perseguições – 40.000 presos – e uma insegurança bastante grande. O Galvão mantém as melhores relações com os militares da “Revolução”. segundo o informou a afilhada (mulher do Barradas).

O Rica vai a Charleroi pedir a sua transferência do Brasil para a Euorpa [sic] e está certo que os patrões lha concederão, devendo talvez instalar-se, dentro de pouco tempo, naquela cidade belga.

De facto tinha depositado os 1.000 francos franceses que estão à tua ordem, o Rica não os quiz receber, porque não se lembra de quanto tu lhe deves, mas é com certeza menos do que aquela importância. Por outro lado, diz êle, que dava uma contribuição para a Frente que teve de interromper por causa dos acontecimentos do Brasil e que a vai reatar com recurso a êste dinheiro. Porém, diz-me que, quando voltar, se verá. O Brotas já saiu da prisão e encontra-se em liberdade.

Um abraço para ti e para a Maria Emilia do Chico

P.S. Quando [...] por a carta do V.B. devolve-ma. Valeu!

79.

11.6.64

Querido Chico

Tenho duas cartas para responder uma datada de 5 e outra de 8 que acompanhava a do V.B. que junto devolvo.

Gostei, claro, de te apertar os ossos em Paris mas a companhia evitou que tivéssemos uma conversa mais íntima. Paciência, ficará para quando cá vieres.

General: confirma que pensa aqui chegar no dia 20, mas confirmará por telegrama. A viagem prevista deve realmente ter-se realizado e é possível que o M.R. não tivesse conhecimento.

Dr. V. Blanc – Marrocos: Junto te envio cópia da carta que ontem mesmo escrevi ao V.B. Só a falta de conhecimento do que tem sido esta vida aqui, das condições em que trabalho, das pessoas com quem forçada a lidar, justifica os termos da carta de V.B. e até os comentários que fazes na tua carta de 5 apos a visita que ele te fez.

Vamos por partes. Dizes-me que ele relata os nossos trabalhos de Geneve. Gostaria de saber se lhe falaste na Operação Vermuth. É a unica pessoa que vejo em condições de tratar do assunto mas entendo que só numa conversa a tres, a questão poderá ser abordada. O Piteira e o P. Soares teem a seu cargo os trabalhos de secretaria. O Piteira desenvolveu em Marrocos através de certo amigos que controla uma acção divisionista enquanto por poder transplantar para ali, todo o processo de intriga e de decisão que aqui desenvolveu e que terminou graças a ter dado como resultado o zangaram-se todos uns com os outros. Tu conheces o Fernando melhor do que eu e deves portanto perceber o que tem sido o meu trabalho, completamente tostado, sem saber nem querer, utilizar as reles armas que eles usam e o cuidado imenso que tenho de te ter para não cair em armadilhas que todos os dias me estendem.

Muitas vezes tenho de admitir o mínimo para não me ver forçado a consentir no máximo. Tenho alguma esperança que com a vinda do Delgado esta situação se modifique – oxalá não seja para pior – mas o que se torna cada vez mais imperativo é a remodelação da Junta Revolucionária.

Não tens noticias do Carlos? Marinheiro, major, capitão e escritor não dão sinais? Que sabes da circular RRS que já devia ter sido feita? Que resultou da Conferência MAR?

Vê se consegues saber com urgência pois as tuas informações permitirão orientar aqui o núcleo de acção. Gostaria de saber o que se passou antes do ataque que vai surgir ou da manobra que de certeza eles vão tentar levar a cabo.

Veio, segundo me dizem, gente do interior. Sabes quem? Viste o Lucena?

O V.B. fala-te no Zulmiro. Este tipo que parecia aproveitável, juntou-se aos maristas logo no inicio as balbúrdias aqui verificadas, iludido ou consciente, meuteu-se [sic] na intriga,

na campanha de difamação, etc, e finalmente comportou-se para comigo da forma mais ordinária que possas imaginar. Hoje penso que se zangou com os seus antigos aliados, mas não deve ser boa peça.

Quanto á tua vinda aqui, lembra-te também que tens d avisar com antecedência. Vale mais estares cá mais dias do que chegares tarde.

Que noticias tens do Xico Mendes? Está melhor? Muito nos preocupa o seu estado, as noticias que dele nos deste em Paris.

Quanto ao Ricca fico aguardando o que ele decide, de qualquer forma, não mandes para aqui o dinheiro sem primeiro eu te dizer. Convém-nos mais, à Frente claro, tu FF do que DAS! Até breve.

Um grande abraço do muito amigo Tito

80.

Paris, 13 de Junho de 1964

Querido Tito:

Sem resposta à minha carta de 8 do corrente aqui me tens, de novo, a dar-te novidades.

1 – Do “Congresso” do MAR; ao que parece triunfou a corrente mais sensata, contra a do heroísmo histórico e inconsequente, revolucionariamente. Enfim! Aproximam-se dos nossos postulados políticos e da nossa análise da situação presente. Creio que o Rui não veio e o Lopes Carodso [sic] não me procurou, facro [sic] que registo apenas por mero expediente e que me não produz a menor moça.

2 – Chegou o major que, “necessariamente”, se chama Eduardo Cruzeiro e aguarda aqui a mulher os filhos, para depois seguir para aí. Vem sem cheta e temos de providenciar quanto à despesa de estadia e viagem para aí. Parece uma aquisição positiva, porque é realista e sabe de seu ofício– oficial aviador – e artes conexas. Será um óptimo coadjutor do General e tem ainda a vantagem de ser muito amigo do “marinheiro”.

3 – Está aqui em Paris, há três meses, um tenente aviador – ref ficha junta – que eu já conheço há tempos, pois vinha a Frnaça [sic] com frequ~encia [sic] buscar armamento a Chateauroux – Base da Nato – e sempre me procurava em Paris. Demetiu-se [sic] e passou-se para cá; agora trabalha numa fábrica. Entretanto, de sua iniciativa escreveu uma carta proposta de prestação de serviços À AIR ALGERIE, que endereçou sem qualquer recomendação pessoal, embora se apresentasse nos termos que podes ler na finha [sic]. Haverá possibilidade de patrocinar aí o seu pedido com o abono pessoal sempre necessario?

4 – O general não deu novas, além das que referi na carta anterior e na conversa que tivemos em Orly.

5 – Envio-te o recorte do “Monde” com as declarações de Waldek Rochet, secretario do PDC., que no respeitante ao Mercado Comum, põe agora, tardiamente, o problema nos precisos termos em que eu o apresentava e que, como estaás [sic] lembrado, suscitou larga discussão com o Alvaro [sic], em Roma, na tua presença e em Praga, a quando da minha ida à Conferencia da FSM, em Leipsig. Lê e mostra ao Fernando.

6 – Podes tratar já do meu visto e comunicares oficialmente ao VP., e assim dentro de dias estareu [sic] aí a abraçar-te assim como à Maria Emilia.

[...], um abraço do Chico

81.

Paris, 17 de Junho de 1964

Meu querido Tito

Esta tem quasi exclusivamente por fim informar-te da chegada do general. Recebi uma carta datada de 12 que realmente confirma a sua viagem de Moscovo, donde regressou muito fatigado. Está a repousar em CARLOVY VARY – HOTEL BRSITOL – TCHECOSLOVAQUIE, até ao dia 26. Partirá para Alger no dia 27, via Paris. Chega aqui às 13, 20 e parte às quatro, precisamente no avião que tomaste. Devo levar a Orly representação condigna da emigração politica, o governo espanhol no exilio, jornalistas, etc.

Recebi ontem a tua carta com explicações sobre o caso de Marrocos e o texto da que me enviou o VB. Noutra que para aí remeti a 13 e que já terás lido falo-te da chegada a Paris dum major da aviação – Ervedosa – de quem já tínhamos noticia. Apresenta-lo-ei aqui ao General e convem que siga para aí o mais rapidamente possivel.

Também eu gostaria que não esquecesses de tratar do meu visto.

Do Mar e doutros assuntos falarei depois.

Meu grande abraço para ti e para a Maria Emilia do Chico

82.

Paris, 20 de Junho de 1964

Querido Tito:

Recebi ontem o bilhete da Maria Emilia e a tua carta datada de ... (sem data).

Vamos ao que importa em primeiro lugar:

A) Não posso estar aí antes da chegada do General, porque este escreveu-me a anunciar a sua passagem por aqui e a pedir para eu lhe organizar uma recepção durante as três horas que está em Orly. Iremos nós os elementos mais em destaque de Paris (Comité e outros. Convidei o governo espanhol no exílio que virá e um representante da France-Presse. Como vês não poderei deixar de aqui estar à sua chegada, para o apresentar aqueles que o não conheçam.

No entanto, dois ou três dias depois, estarei aí convosco, finalmente! Na segunda feira vou tratar do visto.

B) Quanto ao major, a história repete-se; sempre que o Fernando não está na origem de qualquer iniciativa é certo que a contraria venha donde vier. Este caso não fui eu que o inventei já tínhamos falado nele, e considerámos [sic] que haveria todo o interesse em termos um militar para coadjuvar o General. Era um oficial que não tinha qualquer preparação política mas a guerra de Angola acordou-o, reagiu arriscando [sic] assim a sua posição no exército. Foi preso, e ele próprio diz, inexperiente fez o mínimo mal. e o amigo do Marinheiro com quem estava em contactos organizativos e ele próprio o diz: haveria todo o interesse que aquele amigo viesse. Enfim, mas a história vai ele contá-la. Quanto às suspeitas do F. é a constimada chantage.

Entretanto vou apresenta-lo ao General, a quando da sua passagem por aqui. E, a propósito, tu dizes que ele chega aí a 29, quando ele me escreve, indicando dia e horas da chegada para 27, com numero de voo e tudo o mais. Terá ele aditado [sic] entretanto por dois dias a sua vinda?

C) Tenente, concordo com os termos em que pões o problema e eu procurarei falar com o CP, que ao que suponho nada sabe do caso. Eu conheço-o; sei que se trata de pessoa séria e politicamente muito interessado. Deves recomendá-lo, ainda que seja a título pessoal.

Um abraço para ti e para a Maria Emilia do Chico

83.

Paris, 23 de Junho de 1964

Meu querido Tito

O general acaba de me confirmar por telegrama a sua chegada a Paris no dia 27 pelas 13 horas, partindo para aí, no mesmo dia às 16 horas.

Estou de acordo com o seu pedido a procurar trazer ao aeroporto de Orly representação condigna. Entre outras pessoas irá comigo o major para lhe apresentar.

Junto remeto a ficha politica do major confirme teu pedido. A minha opinião é que se trata dum homem honesto e desembaraçado.

Segue também o resumo dos elementos essenciais do passaporte que trouxe.

Um abraço para ti e para a Maria Emilia do Chico

84.

Paris, 5 de Agosto de 1964

Meu querido Tito:

Em primeiro lugar lembrar reconhecido a acolhedora hospitalidade que me ofereceste em tua casa sob a asa miraculosa da Maria Emilia que apesar das inúmeras solicitações familiares e do sacrifício quotidiano à deusa Burocracia, ainda encontra tempo e disposição para se ocupar dos seus hóspedes e amigos. Lembro já com saudade a boa companhia do Doutou [sic] Luis e do filósofo Manuel, sobretudo as dissertações do primeiro e os comentários oportunos do segundo. Um beijo agradecido para ambos.

Para ti meu o meu agradecimento o o pedido para me tragas tanto quanto possivel ao par do que aí se passa, pois é por terceiros que tomo conhecimento dalguns factos que muito gostaria fosses tu a comunicá-los, acompanhando-os do comentário de que carecessem.

1º) Segue junto a cópia da segunda carta que escrevi ao VB e por ela verás o cuidado e entusiasmo que aquele nosso amigo está pondo na execução das tarefas de que o incumbimos. Temos de dar-lhe uma assistência permanente. Eu por meu lado tenho feito e com proveito porque é do melhor que encontrei nesta emigração bastante fanada, apesar de todos se tomarem por génios. O VB insiste muito porque eu vá Tanger ter umas conversas com ele e com outros elementos da RRSe para pormos em experimentação o elemento da operação Vermuth. Não poderás tu, à ida ou à volta, da viagem do que falamos aí passar por lá?

2º) Falei com o Prof. e ele acha interessante e viável a utilização dos bons officios do Serafim. Está disposto a escrever uma carta de apresentação para ti ou para mim para o abordamos in-loco, certo de que essa carta terá o melhor acolhimento. No fim deste mês está aqui em Paris a tal Professora de Filosofia, minha velha amiga que ocupa actualmente funções muito importantes junto do Serafim e a quem falarei também no caso.

Em que estado está o projecto da viagem? Tenho meditado na operação e acho indispensável começarmos pela sonda exploratória das possibilidades que a tua abordagem colher.

Como vão as tuas relações com o General e qual o significado dos termos do comunicado publicado no AR.?

3º) Reconeceste [sic] o major quando da sua chegada ao cais? Que impressão te deixou? Ontem mandei ao Cunha Rego uma carta expresso da mulher que aqui me chegou depois de eu lhe haver já escrito para aí, ainda o apanhou em Alger? Em caso negativo mandalha para Belgrado.

Vês se respondes à carta do VB. que deves ter recebido logo após a minha saída daí. É elemento para utilizarem mais em profundidade. Do Carlos sei que projecta vir até ao exterior em Setembro, pois escreveu à princesa a agradecer o convite e a dizer-lhe que só o utilizaria naquele mês.

85.

Alger 12 Agosto 1964

Meu querido chico

Pelo Rodrigo tiveste conhecimento do que por aqui se tem passado, após a chegada do General.

Apesar de todos os nossos esforços não foi possível parar o homem. É impossível contar-te por carta tudo o que se tem passado, mas a situação é extremamente grave.

Insisto, mas insisto mesmo, para que voltes cá no dia 16, próximo. É absolutamente necessária a tua presença também nesse dia, para um encontro alargado a mais 3 membros da Conferência, que adivinhas quem são. Fomos obrigados a tomar medidas sérias de defesa após as últimas investidas e há que decidir este assunto [sic] a nível superior.

A Embaixada aí receberá as instruções para te darem o visto. Após ter sido impedido de entrar no Bureau – mudaram a fechadura! – demitiu-nos a todos, mandou contactar a casa do Piteira, ameaçou-me com um tiro num pé, pretendeu tomar conta da rádio, etc,etc. Eu tinha estado um pouco “à margem”, mas agora o ataque não poupa ninguém.

A situação é extremamente grave. Estive em Rabat desde Sábado a 3ª feira. O V.B. vai certamente contar-te as longas e uteis conversas que ali tivemos, o que eu farei também logo que esteja mais calmo ou quando aqui vieres.

Telefona ao Mario Ruivo e insiste com ele para que aqui esteja também no dia 16.

Ainda talvez te telefone esta noite. Estamos a braços com um verdadeiro [sic] golpe de estado! O homem enlouqueceu. Só visto.

Até breve. Nada te deverá impedir de aqui e no futuro disto tudo que se trata também da RRS que exija a tua presença.

Um grande abraço do muito amigo

Tito

86.

Paris, 25 de Agosto de 1964

Meu querido Tito:

Depois do teu telegrama comuniquei com o Consulado e com a Embaixada (Serviços Consulares) e foi-me confirmado por ambos que não havia qualquer comunicação de Alger a autorizar a passagem dum laisser passer em meu nome. Aconselharam-me ainda a que não seguisse para aí sem a autorização solicitada.

Como vês há qualquer coisa qui cloche entre o teu optimismo feito. A minha ida aí constitui sacrifício importante de tempo e dinheiro, nesta altura. Porém, estaria disposto a não curar deste aspecto do problema, se não sobreviense [sic] este empecilho do laisser passer.

Para já quero no entanto informar-te do que penso sobre o assunto magno o das ajudas que se nos oferecem para sair do impasse:

1) Enviei por portador de confiança ao Carlos uma carta minha a relatar-lhe o que passava aí e o documento do General dirigido aos membros da Junta. Insistia na gravidade da crise e na importância que havia em fazermos uma conferência com representação do Interior grande, pois a mim se me afigurava que em face do destrambelho das medidas já tomadas e da quebra total do respeito da via democrática para a solução dos problemas, assumida pelo General a mediação individual, por mais importante e influente que seja a pessoa indigitada, já outra coisa não poderá conseguir que não seja precipitar uma nova conferência, onde as decisões tomadas adquiram o peso e a responsabilidade que lhes dê a circunstância de serem deliberadas colectivamente.

2) Neste conferência terá de fazer-me uma análise crítica da crise e das suas causas assim como das sanções que haja de aplicar, quanto ao procedimento assumido contra os órgãos superiores da Frente e contra os factores de motivações que para ela tenham concorrido.

Também haverá que tomar medidas para obviar os inconvenientes e a ligeireza com que se procedeu na II Conferência, criando órgãos executivos duma politica a conduzir, sem lhes determinar com rigor os objectivos, a curto e a longo prazo, e sem definir uma regra de conduta democrática, sob forma dum regulamento adequado às necessidades.

3) A pessoa a que aludimos hoje na nossa conversa é sem dúvida a que poderá influir decisivamente sobre o General no sentido de o convencer a remediar, ainda que temporariamente, os inconvenientes das mediads [sic] que ele tomou, embora só numa conferência a realizar o mais ràpidamente possível – 2ª quinzena de Setembro o mais tardar – se resolverá em definitivo qual o caminho a seguir em face da situação criada.

Qual a posição do major na embrulhada que aí foi encontrar?

Já tenho aqui em meu poder os documentos que autenticam a sua capacidade e curriculum de aviador. Logo que tenha portador envio-os ou levá-los-ei se aí fôr.

Esclareceste a operação Verm. ao VB e ele ficou de fazer as diligências junto da pessoa e no local indicado? Faço-te esta pergunta porque ele numa carta que me escreveu pretendia que eu ali me deslocasse no principio de Setembro para o ajudar a pôr em prática a incumbência, oferecendo-se para colaborar nas despesas de deslocação.

87.

Alger 30 de Agosto de 1964

Meu querido Chico

Só amanhã conseguirei saber o que se passou com o teu visto.

Confirmaram-me já que as instruções tinham sido dadas, conforme te havia dito e amanhã dir-me-ão porque não foram recebidas. Este assunto é – como calculas confidencial -.

Embora a tua vinda aqui pudesse ainda hoje ser muito util, o facto é que as coisas tomaram um caminho que supponho ja não poderias alterar e a que assististe de longe quasi com uma soberana indiferença...

Concordo com o que dizes n nº1) da tua carta de 25 e isso foi conseguido com muita transigência da nossa parte, está assente para a data que indicas. La para o fim.

Tambem escrevi duas linhas ao Carlos no mesmo sentido mas é preciso fazê-lo compreender quão grave é a situação e o que representaria a ausência não so dele como de outros.

O nº2 da tua carta não corresponde em alguns aspectos à minha maneira de ver o assunto. É uma das muitas coisas que temos de discutir antes, e que não podemos fazer por carta, sobretudo nesta altura.

Proponho portanto que mandes dizer ao Carlos com a maior urgência:

1. Que deve ca estar a 15.
2. Que se deve assegurar a vinda de certas “relações literárias [sic]” que ele julgue mais convenientes e que têm de estar em Portalegre entre 23 e 25.

Lembro os seguintes [sic]: para a produção: O marinheiro

O Faria e o seu amigo R.F. do Antero

O Monteiro R.Pereira

O Luis (indicado pelo Palma e que tem de vir)

O JAcineto, o José foi também indicado pelo Palma.

Um colega do Alexandre, que teria de vir com representação.

O dos caminhos de ferro “ “ “ “ “

O das cooperativas “ “ “ “

Teria o maior interesse trazer alguém do activo. Lembras-te daquela acção que o Carlos nos contou? Seria muito bom.

3. Devíamos aproveitar para tratar a sério dos problemas do desenhador. Para isso seria útil, indispensável, falarmos também com o Alvaro e o Melo. Propõe a vinda. Temos de esclarecer de vez esta coisa. Eu confesso-te que com esta experiência última tenho a minha dose. Ou sim ou soupas [sic]. Já não vou mais em promessas, nem em mitos.

4. peço-te também que o faças perceber que alguns dos anteriormente designados ou outros, têm de se decidir pela vida artística, dentro do quadro desenhador,

É muito difícil como sabes, preparar uma coisa desta responsabilidade assim por carta. É mesmo impossível. Mas arranca-me esses homens senão é a catástrofe. Tem de ser como tu dizes substancial, mas é preciso que eles percebam isto e que vejam o trabalho enorme que está feito, as conquistas reais alcançadas, as perspectivas que se abriram e o risco ou melhor a certeza de tudo se perder se neste momento falham. Os líricos vão mandar muita gente com vários nomes e nós ficaremos sem fala se não quiserem vir.

5. Sugiro que tenhas uma conversa com o Roberto mas que te lembres do segredo que por motivos de segurança é preciso manter. O Roberto parece ter escrito uma carta ao Palma apoiando o que este fez. Procura saber o que lhe disseram e explica-lhe como o problema se põe.

Não se trata de recordar o que foram as atitudes deste ou daquele mas sim de se conseguirem estabelecer regras de conduta que não permitam a tomada de posições arbitrárias, individuais, loucas, eu sei lá? Parece que diz que fomos auto nomeados tal e qual o outro.

Despeito? Ignorância? Era preciso esclarecer o homem.

Para quê falar agora nas atitudes que o Assis e o Amaral tomaram ha mais de um ano? Não é ainda o momento. Os que o fazem querem explorar estas coisas para conseguirem os seus fins muito pouco claros e que nada têm a ver com a Frente.

6. O palma quizà viva força que viesse um tal Carvalho de Itália, de quem tenho informações muito pouco abonadoras. Sabes algo de concreto sobre este cavalheiro.? Manda dizer tudo o que souberes.

7. Lembro que a viagem para o Algarve pela Espanha é mais barata e concordo que tambem seria muito util a tua ida ali depois de passares por aqui.

Escrevo-te directamnete para a maquina, estafado.

Tentei telefonar-te ontem, mas ninguem respondeu, que me sucede pela 3ª vez. Ou antes, uma voz que não conheço diz-me “il ný a perssone” – Como é isto? O telefone não é em tua casa. Pedi que te dissessem para me telefonares, mas até agora sem sucesso.

Manda dizer o que souberes, as notícias que fores recebendo.

Um grande abraço do muito amigo

Tito

Querido Chico,

Tens mais um amigo Tito de Moraes, Pedro Manuel, que nasceu a 24/8 em ppoucos [sic] minutos e embora avançado no tempo, é perfeitinho e aguarda a tua visita com muita ansiedade. Um abraço amigo da MEmília

88.

Alger 1 de Setembro 1964

Meu querido Chico

Continuo a minha carta de 30 que salvo erro a MªEmília só hoje tera enviado para o correio.

Junto para o teu conhecimento cópia da convocatória nos termos em que foi acordada. Está evidentemente, em certos aspectos, contrária às resoluções da II Conferência, mas é

aceitavel querendo evitar mais complicações. Claro que em nosso entender os termos e as decisões da convocatória não obrigam os outros membros da Conferência e há um ponto que me parece fundamental não abdicar: É a própria Conferência que admite ou regeita [sic] a admissão de mais membros – e não o Sr. General.

Penso que desta IIIª, se o nosso amigo Carlos desenvolver a actividade que esperamos, pode resultar um real fortalecimento do Movimento, a sua estruturação em Portugal, o verdadeiro inicio da luta. Tudo está contudo dependente da representação interna que, aliás como dizias na tua carta. Tem de ser substancial em quantidade e qualidade.

A mim parece-me essencial a presença duma representação militar, melhor se fôr do activo. Alem do marinheiro e do Monteiro havia que trazer um qualquer de capitão para cima.

O Carlos se ainda não fez nada, apesar das insistentes cartas que lhe escrevemos, não terá muito tempo para agir pois eu tambem considero essencial que ele cá esteja no dia 15, para termos tempo de acertar as nossas agulhas e embora haja outras pessoas a tratar do assunto, ele é que tem mais possibilidades de convencer as pessoas a virem. Só ele é que poderá trazer as que interessa que venham e isto só o fará se ele próprio estiver convencido da enorme, incalculavel, importância desta reunião. Espero que esteja, pois caso contrário é mlehr [sic] não se pensar mais em derrubar o fascismo. Outros o farão.

O padraço do Araujo deve ir agora para Portalegre. Era muito bom que o convencesse a tomar parte. Agarra-o e explica-lhe a importância da reunião.

O Luís era tambem essencial e julgo que será possivel convenca-lo [sic] dado que o Xico já está fora de perigo.

Estes dois deviam mesmo preparar-se para ficar.

Esta assegurado, se todos tivermos o maior cuidado, o segredo absoluto quanto a local e data. Ha que não falar inclusive na própria reunião que se poderá dizer que com efeito consta que se realizará em Dezembro, possivelmente em Belgrado. Será bom despistar.

O segredo da viagem a partir de Portalegre tambem está assegurado e portanto penso que os amigos nada têm a receara.

Repito que o Carlos deve pensar e 2 ou 3 pessoas cá ficarem.

Segundo me confirmou o Sá aquele dinheiro que te deixei pedindo-te que pagasses uma divida minha com ele, o credor não o quiere e da-o à Frente. Dei conhecimento disto à Junta que entendeu que devias conservar estes 1.000NF em teu poder para o que fôr necessário.

Ainda tens também o troco duns dinars que te deixei. Estes – e não os do Piteira, logicamente, serão uma contribuição minha para ajudar as despesas de deslocação dos representantes do desenhador.

Ficou decidido do que Frente não pagará as passagens, como vês na Convocatória.

Insisto na minha ideia de aproveitar para reunirmos no âmbito do desenhador, uns dias antes. Poderíamos encontrar-nos aqui, por volta do dia 20 com o Carlos, Alvaro, o Melo e o V.B. isto evidentemente sem compromisso de os fazermos participar na produção o que implicaria aliás despesas de viagem grandes, que talvez não pudéssemos suportar. Que te parece? Insiste com o Carlos.

Não tens notícias nenhuma deste homem? Que se passa com o convite da princesa? Em princípio as coisas já deviam estar muito adiantadas [sic] para ser previsível conseguir-se a produção neste prazo curto.

Acontece que estamos em férias o que facilita ainda as esculturas.

Escreve-me. Manda-me dizer quais são as perspectivas.

O Pedro nasceu no dia 24. O clã aumenta...

Saudades da M^a Emília e um abraço do amigo certo

Tito

89.

Paris, 3 de Setembro de 1964

Meu querido Tito:

Acabo de receber a tua carta com data de 1 do corrente em que te referes a uma outra com data de 30, que não recebi.

Hoje mesmo aproveitando um portador de confiança escrevi nova carta ao Carlos a insistir na importância da sua vinda com acompanhamento grade. Por outro lado como estive aqui a princesa e eu servi de relais [sic] para organizar a sua vinda a Italia a expensas dela sublinhei-lhe que fazendo-se a conferência entre 10 e 30 êle dispusesse tudo para cá ficar. É possível que a caminho de Italia êle faça etape [sic] por Paris, a meu pedido, para falarmos dos nossos assuntos e da equipe que levaremos à Conferência. Estabeleci com êle um código para telegrafar, e espero, a partir de 5 ou 6, ter notícias da sua chegada. Do que houver informar-te-ei.

Uma das razões que me tem fixado aqui em Paris é o facto de ter servido de relais para a correspondência do Victor com a mulher e desta para êle, além de a aguardar para a acompanhar nas diligências junto da embaixada. Finalmente chegou ante-ontem e hoje

entreguei-lhe os passaportes [sic] com o visto, devendo partir para Belgrado no sábado. Ontem falei com êle pelo telefone e pediu-me que o finromássemos [sic] da suite dos acontecimentos. Por meu lado falarei com a mulher e dar-lhe-ei uma carta para lhe entregar, mas tu deves também escrever-lhe.

Quanto à convocatória da Conferência, entendo que se deveria ter obdecido [sic] rigorosamente ao que sobre o assunto se estipulou na II Conferência, para impormos o exemplo da coerência. Por outro lado, parece-me depreender que há a ideia de fazer táboa [sic] raza sobre a crise que precipitou a convocação a assim cairemos de novo nas generalidades sobre a unidade. Em oposição a esta ideia às criticas construtivas, antes pelo contrário.

Esteves aqui comigo contem o Filipe Mesquita que seguiu hoje para Londres, deu-me uma panorâmica do estado actual das coisas aí e também me falou da iminência da conferência.

Recebi uma carta do VB com juízos bastante justos acêrca da situação e, satisfazendo o seu pedido, respondi-lhe imediatamente a dar-lhe os esclarecimentos que me pedia e aminha opinião sobre o desenrolar dos acontecimentos.

Ao general que me escrevera uma carta que fez acompanhar do célere papel que dizia “me interessava ler como dirigente politico”, sem qualquer outro comentário, respondi-lhe em estilo telegráfico, porque lhe dizia o que penso da sua actuação e da crise, em termos que decerto lhe não agradariam. Em substituição desse texto que lerás, oportunamente, limitei-me a dizer-lhe:

“Li com a maior atenção o documento que me enviou sobre a crise da FPLN, em Alger, e considero muito grave a decisão por si tomada. Tenho estado a diligenciar ir aí para lhe transmitir de viva voz e com toda a franqueza a reflexão que me suscitou a sua leitura. Se me for impossível a deslocação a Alger, escrever-lhe-ei com pormenor sobre êste assunto”.

Do Luis recebi uma garrada de bagaceira e os dois últimos livros que publicou com dedicatórias muito simpáticas, mas sobre politica nada, embora pudesse escrever pelo mesmo portador que era de toda a confiança. Quanto ao Xico, informa-me que será de novo operado. Pobre rapaz! Também o Carlos não aproveitou esta oportunidade de que aliás, para lá, eu me servira, enviando-lhe por êste portador detalhada da crise e dos seus prolongamentos.

Deixei a carta na máquina e hoje chegou a carta de 30, depois de cuja leitura, aqui estou de novo a escrever-te:

Quanto às pessoas indicadas nada tenho a opor, mas como disse acima dei carta branca ao Carlos para convidar o maior número. Nada dizes do local onde se realiza a conferência, mas ao parece será no Chile. Não é assim?

Já sabia que o Roberto tinha escrito ao Palma e não me espanta que o tenho feito nos termos em que dizes. No fundo o seu despeito ficou satisfeitíssimo com tudo o que se passou e se for à conferência será um incondicional do General...e pour cause.

Pelas informações que tenho, o tal Carvalho de Roma é pessoa pouco recomendável, mas o que soube foi por intermedio do MR.

De facto o telefone não é directo e passa por um PBX que normalmente não funciona, depois das 20 horas; além disso não tomam nota dos recados e aos domingos e feriados nem atendem sequer. Enfim, gentilizas francesas.

Ontem lubrifiquei-os com 10 francos na esperança de que sejam mais atenciosos. Vamos lá ver

Um abraço do teu

Chico

PS. Chegou aqui a mulher do Ervedosa, por enquanto sem os filhos, e quer seguir para aí. Comunicaram para a morada que êle cá deixou e não contestam. Que há? Não está em Alger? Se puderes diz alguma coisa eu comunica-lhe a noticia da chegada da mulher. Ela está em casa dum amigo Antonio Rita; para onde êle pode falar [sic] telefonicamente, mas à hora haitual [sic] dos escritórios; o numero é ELY-12-82

PS2 Parabens pela [...]

90.

Alger 12 de Setembro de 1964

Meu querido Chico

Esta expectativa deu-me cabo dos nervos! Os boatos são os mais contraditórios, as informações seguras não vêm e ainda por cima tenho de aturar os remoques: Está convencido que vêm? Ilusões! E será que não vêm mesmo? Não compreendo realmente o silêncio.

A ultima notícia que me deram era de que o Carlos gosava pacatamente as férias na praia, o que até poderia eventualmente impedir que tivesse conhecimento do que se passava, Sabes alguma coisa? Tu também não dizes nada.

O general desapareceu. Saiu de Alger e não sei para onde foi. Que andarás a tramar? Sabes que receio que ele tenha ido conversar com o Serafim ou o visinho sobre o problema da “escalada”. Será possível? Mas o mais natural é ter ido passar simplesmente com a Secretária.

Conseguiste falar ao Cal? E qual foi a reacção do outro amigo que me disseste estar aí? O Padrasto não apareceu por aí? Tens de estar atento aos turistas que nesta época aí costumam ir e exerceres toda a tua sábia influência para os convenceres da importância dos problemas que se estão a debater.

Escrevi hoje uma grande carta ao V.B. resposta a uma que dele recebera e onde a meu pedido me apontava os “erros graves” cometidos pela C.D.P.. Transparecia de toda a crítica a intenção de ataque ao Piteira, justo em alguns dos seus aspectos, fruto de congeminções e hipóteses, em outros. De qualquer forma o que não havia era uma crítica ao organismo, mas sim a actuação dos seus membros separadamente, o que evidentemente é grave mas não é a mesma coisa.

ê difícil por carta discutir estes assuntos, mas la fiz o que pude. Diz-me ele que te enviou para crítica, uma “arquitecturação” politica onde mete no mesmo saco o RReS, General, revolução, socialismo, e não sei mais alguma coisa. Gostaria de saber a tua opinião. Parece-me que ele se não apercebe da “natureza” do General, e oque é mais grave, pensa que fomos nós que não o soubemos acompanhar.

Opinião semelhante à que eu tive no Brasil por não acreditar na experiência vivida por aqueles que com ele contactaram e que tambem haviam tentado formar com ele uma equipe depois de o terem feito receber no brasil como um Chefe de Estado. A cena repetiu-se aqui em todos os pormenores e parece, pelos vistos, que poderá ainda repetir-se em outros sítios. Que miséria!

Eu não vejo saída para isto e então se à Conferência não vêm certas pessoas, sera o desmoronar completo de tudo.

Escreve-me. Diz-me qualquer coisa.

Um grande abraço do muito amigo

Tito

Junto uma carta circular que vai ser distribuída.

Precisamos conversar ainda secreto, por um dia, o endereço.

91.

Alger 23 de Outubro 1964

Meu querido Chico

Tenho parte do rascunho desta escrita quasi ha uma semana sem ter tido ocasião [sic] nem para a acabar nem para a passar à maquina. Maleita antiga...

Entretanto recebi uma carta do Fontes que me anunciaras aliás pelo telefone e que obriga a alterar um pouco o texto primitivo.

Aqui vão pois, finalmente, os vários pontos que te peço comentas:

1- Considero como ponto assente tudo o que discutimos e portanto os compromissos tomados são mesmo para se cumprirem. Refiro-me particularmente:

a) Mensagem que dizes já teres enviado ao V.B. que o Fontes confirma ter sido elaborada em termos “que me satisfazem inteiramente”, que eu considero urgente e que ainda não recebi.

b) Estabelecimento urgente das ligações conforme previsto. Eu espero receber para depois mandar. Lembraste a morada do pescador?

c) Miha [sic] substituição. Ficou entendido que não espero o substituto o que se não arranjar ca fora que terá de vir de dentro. Escrevi tambem ao V.B. sobre o assunto e espero resposta. Não é que tenha decidido sair imediatamente, como diz o Fontes, nem que deserte como ele tambem [sic] diz e eu acho piada, mas se me convenço que nada fazem para encontrar substituto vou-me mesmo embora. Veremos o que di [sic] o V.B. e espero que insistas com ele, tanto mais que ele vai certamente escrever-te antes de me responder.

d) Gostei de saber que se deram ja [sic] passos para a conversa no interior, mas não gostei [sic] que o Tiago tivesse convidado em aceitar que a RRS fosse destinada somente a acções de certo tipo, que ainda por cima são aqueles que menos interessam.

e) Trabalhos urgentes a efectuar tais como circular, cadernos RRS, programa, etc. A propósito lembor-te [sic] que te comprometeste a apresentar um trabalho em 15 dias que já vão passados.

f) Possivel encontro, mais amplo, no fim do ano.

2- A JRP tomou certas resoluções que me parecem do maior interesse, por irem ao encontro de necessidades prementes.

a) Decidimos que possivelmente 2 membros da Junta se desloquem brevemente a Paris “depois de 26) para aí esporem os resultados dos nossos trabalhos.

b) Que tu e o V.B. e o N. fiquem constituindo um núcleo secreto com funções de representação da JRP. Será um núcleo de trabalho efectivo, não público por razões óbvias, e responsável. As principais missões ser-vos-ão posteriormente comunicadas e entretanto não sabes nada. Receberás por via indirecta notícias a este respeito.

c) Junto uma declaração [sic] que foi aqui assinada por vários oficiais. Seria muito útil [sic] que o C. M. assinasse também o que talvez seja possível apesar da posição que dizes ele ter. Deves contactá-lo com urgência, mas não aleis a mais ninguém no assunto salvo se aí aparecer algum truta de galões que te pareça interessante assine [sic] também.

3- A situação em Marrocos parece não estar brilhante e eu receio muito pela conduta do V.B. nas posições que toma em relação ao General.

Continuamos como sabes impedidos de divulgar a seja o que fôr e por isso decidimos, com o intuito de travar:

a) Enviar a Marrocos nos princípios de Novembro dois membros da JRP.

b) Escrever ao Dores comunicando-lhe o convite para membro efectivo.

Já seguiu a carta e seria bom que lhe escrevesse apoiando o nosso silêncio e anunciado a visita breve. Não deixes de contar o que fores sabendo.

Já escrevi, como te disse, ao V.B. para que viesse para cá, oferecia-lhe o meu inteiro apoio, Considerava realmente muito importante que ele se decidisse.

O comunicado é uma coisa inconcebível! É uma misitificação [sic] grosseira, é uma mentira incrível [sic]. Mostra bem a categoria dos cavalheiros.

Não julgues que é mania de perseguição, mas estou convencido que ali anda dedo de Hipólito. O estilo de certas frases, o processo mistificador, a insinuação torpe, a calúnia, e de tudo oisto [sic] o comunicado tem, identifíco-o [sic] com os processos aqui utilizados durante a ofensiva MAR. São duma desonestidade sem limites.

Manda a tua opinião e o que apurares, sobre a destituição do K. Trata-se dum acontecimento de extrema importância que devíamos poder interpretar com conhecimento de causa.

A elcção [sic] do Wilson é outro acontecimento importante. Pensvas [sic] lá ir o que o Fontes conirma [sic]. Seria muito importante e talvez te aconselhasse a não esperares muito tempo instruções do interior. Acho que se impõe que estabeleças ali contactos e apertes os que já possuis. Nós enviamos um telegrama de felicitações. Avisa com antecedência quando resolveres ir, pois talvez haja qualquer missão da Frente junto do Figueiredo de que te possas encarregar.

Que ha sobre a tua ida a ou para Marrocos? A ultima hipotese tem algumas viabilidade?

Na ultima reunião JRP foi aprovado comunicado sobre noticias aparecidas na imprensa denunciando cumplicidade Salazar com contra revolucionários.

Enviarei exemplar logo que esteja pronto.

Falou-se tambem muito em fundos que como sabes é o problema nº1. Houve quem se referi-se ao facto da RRS não dar a mínima contribuição e eu vi-me abraçado para explicar uma coisa que não tem explicação. Quando declarei, entre outras coisas, que não seria de procurar trazer fundos de la para cá, responderam que então dessem lá...o que está certo.

Tambem disse que as contribuições dos militantes da RRS desde o principio e de seus aparentados já somavam mais do que a contribuição de qualquer outra organização mais isto tudo não explica. Podes fazer alguma coisa? Não falamos neste assunto com o Fontes mas talvez nada adeantasse [sic], contudo tenta pôr-lhe o problema.

A colaboração do A. e Silva será uma boa aquisição se se decidir a ingressar na RS. Não deixes ficar as coisas no vago e informa-me do que conseguires.

Sempre foi o G. que adeantou [sic] a massa. Mas isto em nada altera a atitude indecente que tomou. Não puz de parte a ideia de lhe escrever.

Aqui tens, querido Chico as ultimas novidades. Escreve tambem.

Saudades nossas [...] para ti.

Um abraço do muito amigo

Tito

92.

Alger 10 de Novembro de 1964

Novo nº telefone de nossa casa:

60.38.58

Meu querido Chico

Recebi a tua carta de 27 de Outubro. Obrigado. Mas... de ntão [sic] para é o silêncio!

Tambem o VB me escreveu, resposta a uma carta minha, informando-me que supunha não poder aceitar a ideia de vir para aqui, por diversas razões. Parece-me que tens de insistir, eu farei o mesmo. Suponho que não terás la [sic] ido, como chegaste a pensar. O Araujo [sic] e o Assis estão lá, vamos a ver como as coisas correm e se o nosso amigo não reage emocionalmente às teses do primeiro.

As coisas chegaram a estar por aqui um pouco feias pois apareceu a nítida intenção de transformar a JRP num departamento de propaganda. Ataqueei a fundo, apresentando em nosso nome uma proposta com 3 objectivos imediatos à carga dentro de dias.

1. Já começo a estar preocupado por não ter notícias no Fontes.

Em principio o caminho já devia estar aberto. Fiquei de enviar de retorno, como te deves lembrar, uma serie de coisas mas só depois de receber notícias. Sabes alguma coisa?

Eu sei que tens boa memória. Que raio de ideia teres querido apresentar-me a prova por escrito!! Mesmo que eu te tivesse pedido, o que não sucedeu.

2. Dada a posição do VB tens também de insistir com o Fontes para que venha alguém de lá. Sabem que não aguento muito.

3. Eu tive a ideia, todos acharam ótima. Mas continuo à espera dos originais. Quando chegam os teus? Refirmo-me aos cadernos.

4. O teu amigo General continua a fazer das suas. Agora despediu o Brotas da casa abrigo. E nós sem conseguirmos sair deste ponto morot apesar das inúmeras promessas. Penso que já notaste em todo o caso que emissões não há. Sempre é melhor do que consentir no que se estava fazendo, mas claro que não é a solução.

5. Talvez não fosse necessário aguardares o feu vert que não chegará, para ires a Londres. Julgo mesmo que já lá devias estar pois teria tido a oportunidade de falar com muita gente pois como sabes está lá reunido um Congresso ou coisa que o valha, socialista. Não podes lá dar um salto? Não obtivemos resposta [sic] ao nosso telegrama, o que não surpreende. Tu tiveste alguma?

6. Que se passa em Paris? O G. está muito activo?

Possivelmente no fim desta semana ou nos primeiros dias da próxima o Amilcar e o Amaral vão aí como estava previsto. Peço-te que contactes desde já o teu amigo para não surgirem complicações que como sabes são sempre possíveis. Isto é muito importante. Avisarei a data exacta.

Para o efeito é preciso que penses nas pessoas que convem falar e que prepares com o Ivo e com o Ferreira daí todas as coisas lembrando que a estadia tem de ser curta.

Como vai a colaboração como Alves? Já está em parte inteira?

É um bom elemento que convem aproveitar.

Fico à espera de notícias. Um grande abraço do muito amigo

Tito

Abraços para os dois da MEMília

93.

Paris, 12 de Novembro de 1964

Meu querido Tito:

Recebi hoje o teu telegrama que me encheu de alegria, pois estava preocupado com a demora que vocês punham na solução do problema.

Fiz seguir para aí uma carta endereçada à Maria Emilia vinda do Brasil que ela já deve ter recebido.

Recebi uma carta do Victor Blanc a que ele juntava cópia duma que te havia escrito com data de 29 de Outubro. O texto da que me escreveu é menos negativa do que o da tua. Respondi-lhe já e estou certo que a última palavra quanto à deslocação para Alger, dependeria muito de se lhe arranjar aí colocação condigna dentro da organização hospitalar. Trata-se dum especialista de anestezias e de reanimação cirúrgica e respiratória altamente cotado e esta opinião tem-me sido confirmada quer do interior do país quer de Marrocos. Sucede que na opinião do Dr. Dores é uma especialidade que pode deixar tempo livre bastante para se ocupar de política. Não seria possível conseguires uma proposta aí no teu hospital para a sua admissão como especialista? Na carta que me escreveu ele diz que “ainda mantem em estudo, de certa maneira” a resposta definitiva a dar ao convite.

De Lisboa ainda não tive notícias escritas embora as recebesse verbais com a indicação para não me deslocar a Inglaterra [sic] antes de receber consignas nesse sentido que me hão de ser enviadas por estes dias, esta razão porque tive de adiar a minha ida a Marrocos, pois não quero deslocar-me de Paris antes de receber comunicação de Lisboa.

Quando mandam as conclusões traduzidas em francês para nós as utilizarmos, divulgando-as pela imprensa? O Mario Ruivo esteve aqui e também aguarda o seu envio daí para Roma.

94.

[...] 9 de Dezembro 1964

Meu querido Chico

Devo regressar amanhã a Alger. Isto foi uma valente estafada que te confesso não precisava.

Talvez venha a ter interesse investigar o fundo desta questão. Assinei uma “notificação” pela qual tomei conhecimento de que por um arreté ministeriel de 12 de Setembro de 1964 tinha sido expulso.

Pedia-te que consultasses um advogado sobre o assunto, que me procurasses saber os motivos da expulsão e se eventualmente se poderia processar o autor pelos prejuízos que a medida me causa, não habitando eu em França, nunca tinha tido qualquer complicação nem qualquer intervenção na política francesa. Em resumo, investiga, pois talvez houvesse interesse em fazer barulho.

Vê se lembras ao Fontes e ao outro amigo o encontro que estava previsto para o Natal. Se me deres a certeza de que tu vais, como disseste pelo telefone, encontramos-nos lá mas era bom que eles também fossem.

Um abraço do muito amigo,
Tito

95.

Paris, 19 de Dezembro de 1964

Meu querido Tito:

1- Terminou a visita do Amaral com quem tivemos reuniões limitadas aos representantes dos partidos e uma ampliada com a participação de vinte e três pessoas. Nesta, a meu convite vieram 6 pessoas. Foi útil e bem acolhidos os esclarecimentos do Amaral sobre a já tão decantada crise de Alger entre o general e a Frente. e as tarefas que temos de levar a cabo para implantar em França a FPLN. É curioso que os incitamentos a um trabalho político continuado e expansivo, vieram mais da parte dos presentes de menos responsabilidade política do que dos responsáveis. Vamos lá ver se a êste impulso inicial vai corresponder algo que se veja.

A Delegação da FPLN, ficará representada colectivamente por três delegados das organizações aderentes e, assistida de perto por duas [sic] personalidades o cap. e o A. e S., estes últimos em estreita colaboração com a RRS.

O Amaral andou numa agitação de capelinha em capelinha com os seus jogos habituais de ferroadas a pessoas e, sobretudo, Às organizações, porque em seu entender coerente com o partido do eu sozinho, acha que todo o trabalho que cada uma das organizações aderentes realize para reforçar e ampliar os seus quadros constitui esforços e cuidados roubados à Frente.

Pretendeu lançar-me uma bisca sobre a ampliação da RRS dizendo-me que era isso do grande partido socialista que estávamos a querer criar no interior. Meti-me em copas e não lhe deu quaisquer elementos sobre a carta que recebera do Carlos a tratar desta matéria [sic] e das informações verbais que posteriormente recebi do Fafe, que por e aqui passou entretanto.

2- Junto envio-te a carta que recebi do Carlos e depois de a leres devolvê-la-às para aqui por precido [sic] dela nos meus dossiers. Já lhe respondi a afirmar-lhe o nosso apoio. Sobre este ponto já recebi informações complementares sobre a formação duma Comissão Executiva para levar por diante o trabalho organizativo e sobre a participação de elementos operários e das cooperativas e doutra reunião no norte do país. Vamos lá ver se desta vez a coisa arranca

3- Recebi uma informação verbal sobre a reunião da FPLN no interior doublé da que fizemos em Alger, mas sobre este ponto o que nos dizem e que para os devidos efeitos te comunico, não é animador. O Carlos manda dizer que a RReS não participou na reunião por terem discordado da forma como o PC actuou, não consultando previamente as organizações aderentes sobre os pormenores da sua realização: local, presenças, segurança, etc. Dizem que não conhecem ainda as resoluções tomadas nela mas quaisquer que elas sejam não foram elaboradas com a participação dos representantes da RReS e ao que suponho também se a presença do Mar.

4- Viagem a Marrocos: tanto na carta que lhe escrevi como por portador que daqui partiu há dois dias, pedia ao ACrlos [sic] para nos dizer por telegrama cifrado se sempre estão na disposição de se deslocar ali entre o Natal e fim do ano conforme estava combinado. Informei-o da tua resolução de ali te deslocares para participares nas conversas logo que eu daqui te dê o feu-vert.

5- Ontem lemos no “Monde” as declarações do General aí produzidas sobre o abandono do PC pro-soviético e a sua colaboração com grupo cisionista pro-chines, por ser aquele que melhor se ajusta [sic] ao seu desejo de luta armada imediata. Será mais um bluff do General? Ou efectivamente a FAP dar-lhe a cobertura politica de que ele se arroga?

Tenho informação de que o PV está no interior em trabalho da FAP.

6- Do golpe do binómio da “espada” e da “cabeça” – Palma e Roberto – não tenho informações, mas tive uma conversa telefónica com o Roberto que me anunciou a vinda por volta de 28 ou 29 de pessoas importantes suas amigass [sic] e minhas que aqui viriam tomar resoluções importantes e decisivas. Logo a seguir, porém, dizia-me um tanto desalentado que esses amigos falham frequentemente...

7- Dá notícias das démarches feitas aí para reclamar contra a recusa de entrada em França de foste vítima.

8- As cartas da Maria Emilia tem seguido após o seu recebimento aqui

Natal feliz para voces do grande amigo

Chico

96.

Alger 20 de Dezembro de 1964

Meu querido Chico

O teu silêncio continua a ser de outro...

Mas vamos ao trabalhinho e ajustaremos contas mais trade [sic] ...

1- O nosso amigo V.B. que dantes era dado à escrita também me deixa sem notícias. Embora seja eu que lhe devo carta bem podia informar-me do que se passa em Marrocos. Algo se vai desenvolvendo [sic] por lá que pelo que me consta pode trazer sensaborias e eu gostava, ou melhor, precisava estar dentro do quadro da RRS ao corrente.

O General deu uma entrevista ao “Maroc Information” que se atira a mim e diz uma série de bacoradas. Vou fazer fotocópia e envio-te.

O Cerqueira foi nomeado representante de S.Ex^a e parece que desenvolve acção no sentido de arranjar adeptos, à qual – segundo se afirma – o Manolo não seria indiferente. Consta que ele, Cerqueira ou talvez o General, vai lá dar uma conferência de imprensa. São tudo elementos de que eu necessitaria [sic] dispor para regular a minha actuação. Vê se lhe escreves e se consegues que ele me mantenha ao corrente da vida em Marrocos. Também ignoro se o Fontes terá, como ficou combinado, inaugurado a nossa vida. Fiquei de lhe enviar uma série de documentos que aguardam oportunidade e que devem lá fazer falta, sobretudo nesta emergência.

2- A vida aqui caminha sem grandes novidades. No nosso encontro ficou combinado que o Carlos tentaria fazer deslocar para aqui certos elementos politicamente bons e que nos viriam ajudar, tendo em conta que não há dificuldades para médicos. Tratou-se do assunto? Estamos a ser inundados, todos os dias chegam mais e parece-me que há que “distinguir” um pouco o ambiente. Tu não encontras aí gente capaz, se ser advogados? Nos milhares [sic] jovens que por aí passam nenhum quer para aqui vir para funcionar RRS? Uma miséria.

O general convocou uma conferência de imprensa para 6ª feira passada. O Governo fez-lhe saber, no próprio dia, que a considerava inoportuna e não a realizou. Vou mandar-te o texto do comunicado para o apreciares. Ele deve ter marinhado pelas paredes acima quando recebeu o recado, mas seria muito mau se a tivesse realizado embora o homem se interessasse [sic] ainda [sic] mais.

Tive uma grande conversa com o Embaixador do Brasil e outra com o da Itália. O primeiro pareceu querer dizer que esyariam [sic] dispostos a dar certas aberturas. Disse-me que poderias procurar aí o Josué de Castro e um escritor brasileiro, Figueiredo?, que escreve para o teatro e que nos poderiam talvez ajudar. Parece-me interessante que apalpes o terreno. Não fiquei a perceber se se trata ou não duma investida geral ocidental para apalpar terreno. Precisamos tirar a claro.

5- Viagem do F. Preciso ter um relato muito circunstanciado do que aí se passou. Não me posso ficar exclusivamente no que [sic] o nosso amigo conta. Há versões quanto ao Capitão que não coincidem ponto por ponto com o que tu me disseste. Por ele soube de que se passou na terrinha pois também conversou com o amigo que de lá veio, mas... ele toca o seu sino. É indispensável eu conhecer também a [sic] pormenor o que se passou.

Seras procurado por um amigo meu, ido daqui, que nos pode facilitar as comunicações e em que podes ter confiança apesar da tenra idade. Pode ser-nos útil e ajuda-o se ele tiver necessidade. Dei-lhe o teu telefone mas não a morada.

4- Que há sobre o nosso encontro? Não podes mandar [sic] um telegrama a insistir? Quando chega lá o nosso amigo? Se não se realizar agora terei depois dificuldades em me ausentar.

5- Mando-te juntamente cópias das cartas que se vão enviar sobre o meu caso. Vão-se escrever mais e pensamos fazer grande barulho à volta do assunto. Para isso é necessário interessar [sic] na questão o maior número possível de individualidades capazes de interferirem, à suprema [sic] ou a claro, junto do Governo Francês.

Lendo as cartas, tens todos os elementos [sic] de que falavas. A coisa passou-se no dia 7 de Dezembro quando me preparava para tomar o comboio que parte de Geneve às 23 e 10, no controle francês que é feito na própria gare de Geneve. Deves também procurar o Ino que pode eventualmente obter esclarecimentos úteis. Mantem-me no corrente das tuas démarches e se for possível uma intervenção através dum Tribunal Administrativo [sic] ou outro, é de ir para deante [sic]. Se conseguíssemos fazer voltar atrás com a decisão parece-me que seria uma grande vitória no momento actual.

Recebe um grande [sic] abraço do muito amigo

Tito

Boas festas para ambos! Tenhamos esperança no 65, que nos trará a victoria.

Até breve, saudades da Maria Emilia abraços para ti e Maria do Carmodo [sic] amigo certo

Tito

Obrigado pelo envio das minhas cartas. Um abraço amigo para ambos da

Memilia

1965

97.

Alger 3 de Janeiro 1965

Meu querido Chico

Deves estar lembrado de termos aqui discutido o plano da Baljá, e tambem um outro que tinhas na ideia. Salvo erro chegaste mesmo a falar do assunto ao Palma mas não sei que sequência teve.

Aconteceu que a ideia voltou à superfície e vou dedicar-me a ela com todas as minhas forças para ver se a levamos por diante.

O plano ja tinha um nome que eu esqueci mas que tu te deves recordar. Esse nome ou outro que inventes, passará a ser utilizado para o designarmos.

Calculas, como eu, que vai haver reticências, obstaculos, etc, e para tudo vencermos ha que contar com certas adesões, da literária mas conservando no mais absoluto segredo o o [sic] objectivo.

Volto a lembrar-te que havendo a mais pequena dúvida na segurança é sempre preferível não fazer.

O estudo está a ser feito, mas faltam-nos alguns elementos e julgo que só os poderemos enviando ao local um colaborador da maior confiança (temos de fazer outro dicionário...)

Tres questões importantes se põem desde já:

a) Enviar o colaborador – Mas é preciso po-lo ao corrente do que lá vai fazer sem ser por carta. Ha portanto necessidade de termos um encontro prévio com o próprio ou com um

intermediário. O encontro poderia realizar-se no Algarve como o Alexandre, o Amaral e o Amilcar. O intermediário deveria ser o Fortes, pois facilitava muita coisa.

b) Para se levar a coisa para diante é necessário fazer vir na altura devida uma meia dúzia de publicitas bem escolhidas.

No nosso encontro te disse exactamente quais são as necessidades

c) A ideia implica também a necessidade de se juntarem a nós desde já, certos clubes e relações obscuras que tem de ser escolhidas com grande critério, pois terão de constituir o G.P Uma coisa destas só se entende jogando tudo pelo tudo.

Causa evidentemente grande transtorno o Fortes não aparecer ao rendez-vos que tínhamos combinado para agora, pois uma conversa directa resolvia todos estes problemas.

Ha certos elementos que se podem obter cá fora, tal como uma carta turística com a indicação de entradas, monumentos, etc, e o nome de alguns amigos com quem poderemos lá contar.

A acção diplomática a desenvolver será intensa e tem de obedecer a um plano pre-estabelecido.

O Amaral trouxe daí vários elementos, que diz lhe terem sido dados ou enviados por dois jovens de lá, que ja são muitíssimo uteis, mas necessitam ser completados. Conheces a via que ele tem?

Para uma [...] deste tipo encontraremos amigos e colaboradores sem grande dificuldade. Cópias e textos também serão necessários mas estou convencido de que uma vez bem estudada a [...] os arranjaremos sem dificuldade.

Uma boa exposição também se arranja.

Não me deixes ficar sem noticia.

Recebeste as cópias das cartas enviadas sobre a minha expulsão? Fizeste alguma coisa?

Não se devia deixar morrer o assunto.

Que 65 seja ao ano da vitória!

Um grande abraço do muito amigo

Tito

98.

Alger 11 de Janeiro 1965

Meu querido chico

Escrevi-te ha dias uma carta que pelo seu conteúdo deverias ter mandado a recepção imediata. Será que a não recebeste? Seria muito mau! Não deixes de me responder mesmo com um postal.

Esta comissão também parece que “morreu”. Nunca mais deu sinal de vida para a Junta. Que se passa?

Não sei se leste os jornais londrinos que teriam entrevistado o Salgado. O homem anda a tentar fazer barulho como de costume. Pediu agora um visto para poder ir oficialmente a Inglaterra e o Nilsse vai ter certa dificuldade em o negar. Veremos.

Precisamos enviar a Londres uma delegação da Junta muito brevemente. Eu julgava interessante que lá fosses na mesma ocasião pois deve poderes ajudar, tratarias dos outros problemas de que foste encarregado. Que dizes à ideia? Vês possibilidade?

Nada me dizes sobre o problema da minha “expulsão”. Trataste de alguma coisa? Não podes interessar ao assunto o o [sic] Robert Barral? Seria engraçado que tivéssemos com êle uma conversa. Julgo que poderíamos aproveitar a coisa para tentarmos uma aproximação com a fiança.

Mas era preciso trabalhar para isso!

Se fossemos para deante [sic] com o plano “marte” haveria que desenvolver uma grande atividade diplomática e nessa altura não se poderia mesmo pensar em mais nada.

Tens tido notícias do Carlos? Não sabe, porque não se realiza o nosso encontro previsto para o Natal?

Como sabes o plano “Marte” (o que tratava na minha ultima carta) é super, super confidencial e só através de vias muitíssimo seguras se pode falar nele e com um numero redusidissimo de pessoas, as estritamente necessárias. Só eu sei que tu conheces o assunto de forma que se alguém te falar nele, seja quem fôr, fazes te [...]

Confesso-te que não percebo o que os nossos amigos andam a fazer. A ideia do A.S.P tem para mim aspectos deveras derivativos que vem anular todo o trabalho que ja se tenha feito, tanto mais que se adia a oficiliazação [sic] para as eleições que são em Novembro! Que quere isto dizer?

Vou evidentemente voltar a ser atacado pela falta de comparência na reunião que foi prevista na IIIª Conferência dos nossos amigos, e não faço a mais pequena ideia do que motivou a falta. É uma situação de desespero.

Nunca quizeram aproveitar a via do “pescador” que tão simples e segura era. Entendia, marcam se como dos “cadernos”, mas nada faziam e resolveram brincar aos partidos.

O V.B. acabou por me escrever. Parece continuar nas mesmas disposições embora mantenha certas esperanças no General! Também estranha que não aproveitemos o “pescador”, mas que lhe hei-de eu dizer?

Abandonaste a ideia de lá ir? Não consegues obrigar o Carlos e o outro amigo a encontrarem-se conosco [sic]?

Adeus querido Chico. Se tiveres tempo e paciência trata dos assuntos a que me refiro.

Cumprimentos nossos à M^a do Carmo e abraço para ti do muito amigo

Tito

Mandas-me a carta junta? Obrigada querido Xico. Abraços para os dois da

MEMília

99.

Paris, 12 de Janeiro de 1965

Meu querido Tito:

Antes de mais vamos por ordem na escrita, registando a correspondência trocada recentemente:

- a) Tenho em meu poder as tuas cartas de 20/12 e 3/1/65 a que respondo.
- b) Recebi a visita do teu jovem adjunto argelino que de combinação contigo ofereceu os seus serviços para te fazer chegar, daqui, as minhas cartas por mão própria. Esta é a primeira vez que envio por intermédio; daí para cá acho que podes utiliza a via normal para evitar demoras, uma vez que até hoje não notei qualquer interferência indesejável.
- c) Preciso que me devolvas a carta do Carlos com urgência, alíás [sic], eu já te tinha podido essa devolução quando ta enviei; junto com esta segue o original da carta que recebi do Daniel Mayer que me deverás devolver, também, acompanhada doutra que lhe deverás dirigir com os esclarecimentos na sua, in fine, para eu lhe entregar pessoalmente. Já mo recebeu e mostrou o maior interesse em resolver o teu problema.
- d) Quando daí regressei trazia o pedido do Brotas para lhe enviar um livro: Caleul Economique de Kantarovicht, que inclui um estudo desenvolvido da Programação Linear. Um amigo do Frêtre Robert que partida para Alger, nessa altura levou-o e entregou-no

[sic] Gabinete ao Cabeçadas com indicação do destinatário; até hoje o Brotas não acusou a recepção. Pergunta-lhe o que há sobre este assunto.

2- Operação Mosaico

Tenho escrita uma carta para o Fontes em que lhe dou conhecimento do plano, in herbis, e lhe peço que procure o executor ideal para a missão de reconhecimento no local, depois de previamente ir a Alger falar convosco. Ainda não arranjei porém o portador de segurança para a carta, dado que não quero utilizar a via que normalmente emprego para as comunicações.

Quanto à ida ao Algarve e ao eventual encontro ali com o Fontes, tenho a dizer-te que o informei que ali tirei no fim deste mês, mas espero que ele me diga antes se poderá até lá para nos encontrarmos, Adiante te fala da última carta do Victor.

Viagem a Italia

Cheguei ontem de Italia onde tive conversações importantes com o secretariado da CIOSI (Internacional dos Sindicatos Livres) que se mostrarem interessados em acompanhar a auxiliar a actividade do Movimento Socialista que a RR está empenhada em integrar numa organização única que englobe a actividade sindical de cooperativas.

Concretamente, aqui em França, vamos procurar organizar uma Amicale de trabalhadores portugueses que poderá vir a funcionar como embrião e escala de quadros para a criação de Sindicatos Livres em Portugal. Esta entidade poderia receber ajuda politica e material da Confederação Internacional e das suas homólogas nacionais.

Esta ligação foi iniciada em Lisboa entre o fontes e um seu colega que ali se deslocou em missão da CIOSI.

A este assunto voltarei de novo de viva voz e por escrito.

V.B.

Depois que recebi a tua carta de 20/12 escrevi-lhe a comunicaro [sic] que referias sobre actividade do general, de Cerqueira e do Manolo. Eis o que êle responde:

a) “Não há ventos perturbadores na vida da Junta de Marrocos. Pelo contrario [sic] a JM enferma dos mesmos males que toda a Frente: está calma, espera, resiste, e mais ingloriamente que pode à tendência natural de envelhecer sem ter direito à reforma...”

b) “O Manolo não está, propriamente, o que se possa chamar receptivo ao Cerqueira. De modo nenhum, o Manolo, no meio de todos os seus muitos defeitos reguila complexado, mantém virtudes que eu muito admiro... Há nele um fundo de intuição honesta que o leva a admitir que mesmo um golpezinho das direitas sempre seria mlehor [sic] do que nada”

c) “O General nomeou o Cerqueira seu representante. Este, porém, está aqui completamente desacreditado. O general esteve aqui. Falou com Cerqueira, com a Helena Cabral e com mais um ou dois portugueses fixos (ul [sic] tal Caetano e o Ferreira de Casablanca): ambos em ligação conosco [sic]. A Helena telefonou-me comunicando que o general aqui estivera e pedindo a minha colaboração (mesmo que ela fosse dada sob garantia de segredo).

Eu respindi-lhe [sic], tendo mesmo em conta a possibilidade de ela estar a gravar a conversa, que achava que o General fizera muito mal em faltar a uma Conferência [sic] que lhe era até favorável, no essencial, que o tinha de censurar por tanta falta de tacto político, mas que, sempre na linha que considerava o mais justa no seio da Frente e da RReS, estaria disposto a:

a) Não hostilizar o General pelo respeito que me merece, apesar de tudo, o seu passado político.

b) Tentar ser factor de reaproximação de General com a Frente, pelo menos de tréguas dignas, de coexistência limpa, e, se possível, da colaboração leal.

c) Considerar os pedidos de colaboração não em geralm [sic] indefinidamente mas para casos particulares e concretos. Isto é: prometi uma resposta clara para cada solicitação concreta face a uma dessas solicitações, e só nessas condições concretar [sic], eu poderia dizer sim, ou não, eu teria de condicionar a resposta a consultas prévias. De, todo o modo, frizei [sic] bem, apenas lhes podia prometer calreza [sic] nas relações, lealdade total, a despeito de censurar os ataques dirigidos pessoalmente contra um muito próximo companheiro de luta (Engº Tito). Disse e repisei que nao necessitava que os ataques emocionais do General à Frente, ao PC, a pessoas de família várias, o pudessem conduzier [sic] a boas prespectivas [sic] polticas[sic] ...”

E para acabar a transcrição que, a meu ver, te dá a ideia do que se passou em Marrocos, reproduzo mais um passo do fim da carta que o Victor me escreveu.

“Quanto ao que poderá vir a fazer o General aqui: tudo dependerá se das concessões dum governo local pela via de possíveis instruções americanas...Hipótese em que, infelizmente, confesso, também não creio. Bem desejaria que, à falta de melhor, mesmo com a minha recusa de colaboração, outros levassem a cabo uma mudança cada vez mais urgente, Creio que, aqui, a situação do general, quanto aos portugueses, não será brilhante. A Junta entrará em bloco, creio numa atitude não hostilidade, de desinteresse, no máximo, de colaboração muito condicionada (se houver interesse, reconhecido por Alger, nisso).

No essencial, estou em crer, todos acompanham a minha posição: ninguém dirá não de caras; toda a gente consultará os outros antes de dar qualquer passo”.

ESTA TRANSCRIÇÃO É PARA TI, EXCLUSIVAMENTE, PORQUE O AMARAL ENCONTRARIA NELA PASTO PARA AS MANOBRAS E INTRIGAS DO COSTUME: TU FICAS INFORMADO COMO MERECIAS MAS OS OUTROS NÃO TEM NECESSIDADE DE CONHECER QUAL O PENSAMENTO DO VB NESTA CONTIGENCIA.

Leste a entrevista do Delgado no “Observer” em que não faz a menor referência ao conflito com a Frente e fala em nome do FLN. Ontém o “Monde” aludia ao pedido que ele fizera para entrar em Inglaterra na qualidade de representante do FPLN. Leste?

As declarações ao “OBSERVER” a que este semanário deu honeras [sic] de primeira página e primeira coluna são bastante disparatadas e impolíticas. Fala dum desembarque [sic] em Portugal; da constituição dum Gabinete de “untried man” (incompetentes) que se encontrara em face dum caos e, mesmo eventualmente, dum guerra civil, que, bem vistas as coisas numa óptica realista não deixará de ser útil.

5- Carta para o Guerreiro

Em virtude de atrasos políticos só no próximo dia 5 numa reunião que teremos apresentarei a carta, embora neste ponto, entende, e assim procederei, não fazer desste [sic] assunto cavalo de batalha para a “liquidação política do Guerreiro”. Quando podemos isolar o adversário sem batalhas tornando-o, improffiquo [sic], para que procurar o prazer secundário da masturbação a expensas dum usura inútil? Não achas?

6- A ausencia temporária do Dr. Josué de astro de Paris não me permitiu ainda falar-lhe conforme as tuas instruções, mas já tenho apresentação e rendez-vous mareado para a semana próxima.

7- Não demores a resposta ao Daniel Mayer, embora eu entrentato [sic] alimento o bom fogo sagrado para alentar o seu indiscutível interesse pelo teu caso. Acho que não haverá inconveniente em utilizares o correio normal daí para cá.

100.

Alger 24 de Janeiro de 1965

Meu querido Chico

a) Recebi tua carta de 18 do corrente (Dezembro, por engano,) o que significa que o sistema funcionou.

b) Mando junto a carta do Carlos. Penso que não tens mais notícias sobre o assunto e que não terás recebido a credencial que anunciam para as démarches em Inglaterra. Também junto os elementos pedidos pelo Daniel que aliás tu poderias ter dado.

c) O Brotas recebeu o livro mas ainda não mo emprestou como prometera.

I- Do PCF recebemos cópia das cartas que enviaram aos ministros do Interior e dos Estrangeiros sobre o meu assunto. O PSB enviou-nos um catão acusando a recepção. Dos outros nada. Não poderás fazer pressão sobre o SETO? Tinha interesse que não aparecesse só a protestar o PCF. Tu conheces a natureza do meu passaporte mas ha uma coisa a que é preciso atender, a proibição é feita à minha pessoa independentemente da minha nacionalidade oficial. Aliàs o Arrête tal como me foi mostrado é omissos quanto à minha nacionalidade. O polcia [sic] na fronteira escreveu que eu tinha um passaporte com a nacionalidade argelina mas que era português de origem.

II- Operação “Mosaico”. Tem dado agua pela barba. Tem havido grossa oposição da parte de quem calculas, que aliás ficou danado por eu ter levado o Major a aderir e a apresentar ele próprio o plano. Continua a discussão mas terá de ser adiada porque ele vai novamente para fora, estará ausente cerca de uma semana. Não sei se a viagem á motivada pelo plano e que va procurar directivas. Eu penso o seguinte:

a- Não desistir da ideia o continuar a fazer pressão.

b- Conseguir uma mensagem do interior dando o seu apoio e ameaçando até romper a unidade se a coisa não fôr por diante. Talvez um papel vindo propor a unidade se a coisa não fôr por diante. Talvez um papel vindo do Carlos ou de gente do Horta tivesse grande influência. Isto vindo do Carlos ou de gente do Norte tivesse grande influência. Isto é difícil porque não podemos dar a conhecer os projectos a muitas pessoas.

c- Continuar com os preparativos mesmo fora de quadro da FPLN o que exige um encontro nosso a breve prazo e se possível com o Fontes.

Preciso por isso saber ao certo quando vais ao Algarve mas a meu ver tens de te decidir duma vez para sempre. Eu iria la ter contigo e talvez levasse o Fernando para o que desse e viesse. andei pedir ao Carlos que aparecesse também o que reforça a tua démarche.

Quanto ao reconhecimento local talvez seja mais facil arranjar alguém ca fora. Eu tenho em vista uma pessoa que periodicamente la vai, passar férias, mas não possuo informações politicas suficientes. Pensei que também poderíamos tentar um natural do Canadá e que não levantaria a mínima suspeita, mas não sei se sera possível.

5- Viagem a Itália – Fico aguardando notícias com mais pormenores.

4- Recebi também uma carta do V.B. em que me conta mais ou menos o que me transcreves, também este assunto precisa ser esclarecido [sic] pois está um pouco nebuloso, ele lá no fundo ainda acredita no homem [sic]. aliás dizem-me que tu ainda continuas a ser o meu representante...

5- Tens um “fraquinho” por este professor... Vão receber – ou já receberam – uma carta da Junta a pedir notícias. É desoladora a inactividade vossa depois da reunião cheia de promessas que aí se realizou. E tanto que podiam fazer.

6- Viagem ao Canadá – A Junta pensa lá enviar uma delegação em princípios do próximo mês. Querem que eu faça parte desta delegação mas não [sic] estou muito interessado. Por outro lado penso que deves preparar as tuas coisas para lá ires na mesma altura, “acidentalmente”. Será possível? O momento não é dos mais oportunos depois dos desastres eleitorais do Labor, mas eles talvez se recomponham. Voltarei a escrever-te sobre este projecto quando houver resoluções tomadas. Entretanto devemos encontrar-nos.

7- Tenho insistido com o Fontes no sentido de se remodelar a Junta. Temos de arranjar [sic] um presidente que não pode ser o RLG em que alguns pensam.

Mandei-lhe [sic] um recado neste sentido e insisto para que apareçam. O Victor mandou-me cópia duma carta que te escreveu onde sugeria uma reunião no exterior de forças socialistas. Parece-me a ideia de aproveitar e não teria grandes dificuldades de execução. Além de outras vantagens seria uma reunião capaz de impulsionar as resoluções tomadas em Portugal na Conferência [sic] a que o Carlos se refere. Que te parece? Vamos meter mãos à obra? Esta ideia de adiar para a altura das eleições, isto é, fim do ano a publicação das decisões dessa reunião não a percebo! Até parece que se pretenda travar toda a actividade.

Veremos o que vai sair disto tudo. A reunião que sugiro poderia ter lugar no Carnaval em local “conveniente”.

Não fiques tanto tempo sem dar notícias e confirma a tua ida ao Algrave [sic] em tempo. Saudades nossas. Um abraço do muito amigo

Tito

101.

Alger 7 de Fevereiro 1965

Querido Chico

Envio-te juntamente estas cartas pedindo-te o favor de as remeteres urgentemente para Portugal.

Uma delas, é a que li hoje pela Rádio endereçada ao Ministro do Interior. A minha filha Maria Teresa foi presa pela pida, já dentro do avião tomara para me vir visitar! Receio, como calculas, receio imenso, as consequências desta prisão e se não conseguir uma enorme movimentação de apoio, internacional, aos estudantes, não sei o que acontecerá, não sei o que acontecerá. Apelo para ti, para todos, para que me ajudem, tanto mais que me recuso a aceitar a “chantaje” que já se desenhara. Talvez tenhas forma de transmitir este apelo para Portugal, embora eu esteja certo que os nossos amigos não deixarão de fazer o puderem para salvar a minha filha.

A movimentação no campo estudantil internacional esta-se a fazer, mas eu julgo que se podia fazer mais.

Talvez tu, através das relações que criaste junto de franceses [sic], belgas e ingleses possas levar a interessar sobre o assunto, discretamente, os [...]

A repressão sobre os estudantes tem sido brutal, como sabes, e o caso da minha filha tem sido o expectro éprobel du chantage, do refem de que se apoderaram.

É um atentado contra a moral [...] que talvez leve certos meios a considerarem o assunto. Dentro da Junta estamos fazendo também démarches a acção possível directa, pode às vezes obter melhores resultados.

Não sei de momento que outras medidas se podem tomar que não sejam as de denunciar publicamente o crime de tentar que alguns países se movimentem e façam pressão no sentido de se arrancar da cadeia os jovens presos.

Manda-me dizer o que fores fazendo e se alguns resultados obtiveres. Mas é urgente, Chico.

Recebeste a minha carta?

Um abraço do muito amigo

Tito

A carta para o Conceição Silva deve ser posta ao correio em [...], as outras manda expresse de Paris.

Manda as cartas registadas.

102.

Paris, 9 de Fevereiro de 1965

Meu querido Tito:

Hoje às sete e meia da manhã fui acordado pelo correio com a tua carta e hoje mesmo seguiram devidamente registadas as cartas que me enviaste.

1- Mudei o envelope da carta do general Mira Delgado porque na lista que aqui tenho vi a sua morada – Avenida 5 de Outubro 190-26- que em meu entender será mais segura do que o Comando de Aeronautica.

2- Já tinha conhecimento da prisão [sic] da tua filha e na sequência doutros que praticámos (ajuda material, envio de advogados, acção junto da imprensa, etc.) e, por meu lado, especialmente, tratei do caso da tua filha junto de amigos com influência que aqui tenho. Ontem mesmo procurámos que uma entidade altamente colocada diligenciasse levar as autoridades francesas a tomarem uma actividade pública, dado que o governo e a Pide diz que o liceu Charles Lepierre em Lisboa é um alfarrobo de comunistas.

3- Também já escrevi, utilizando os elementos que me enviaste ao Daneil Mayer, sobre o teu caso. Há medida que forem chegando informações uteis comunica-las-ei.

4- Numa reunião que fizemos após o almoço de 31 de Janeiro em que alisámos o que se passou, ficou encarregado o VP. de redigir um rapport sobre o que se passou para vos informar devidamente.

5- Vamos modificar a vida do Comité, acabando com a presidência vitalícia do Guerreiro. Todos querem que seja eu o futuro presidente, mas em meu entender não sou a pessoa mais indicada por motivo da minha militância política activa e do meu estatuto emigrante não radicado em Paris. O meu candidato seria o A. e mas encontro grande oposição e não sei se poderei escusar-me próxima da reunião do Comité veremos.

6- Tenho em meu poder uma lista telefónica do Porto que o Fernando pediu à ML e aguardo oportunidade de a enviar para aí, mas go [sic] Selimno não me tem aparecido. Deve estar à espera de para liquidar uma pequena divida comigo e por isso não

Um abraço amigo Chico

Paris, le 8 Fevrier 1965

Monsieur le Président Daniel Mayer

J n'ai pas répondu toute de suite à votre lettre au sujet du cas de Mr.Tito de Moraes pour lequel j'avais intercédé près de la Ligue Française pour La Defense des Droits de

l'homme et du citoyen parog que j'attendais d'Alger où se trouve notre ami et compagnon les éléments qui vous m'avez demandés pour votre renseignement.

Les viola arrivés et je me presse à vous les transmettre:

Sujet: EXPULSION DE FRANCE DE MR. TITO DE MORAIS

Tito de Morais a été solvante en France à titre prive, come turiste, séjournant seulement pendant quelques jours à Paris.

Il serait inecacte de dire qu'il y a eu une activité politique, d'ailleurs il n'a jamais été appelé par la Police Française pour preter des déclarations ce qui est arrivé déjà à quelques portugais antifascistes résidant en France.

Le 8 Décembre 1964 étant à Genève il voulait rentrer en Algerie, où il habite, en passant par Paris. A la gare de Genève il a été notifié d'un arrêté ministérial en date du 17 Septembre 1964 l'expulsant de France. Aucune explication lui a été dohné justifiant cette mesure arbitraire.

Tito de Morais était porteur d'un passeport en règle, delivre par le Gouvernement Algerien avec son état-civil exact.

Etat-civil:

Nom: TITO DE MORAIS

Prénoms: MANUEL ALFREDO

Né le: 28 JULLIET 1910, À LISBONNE, PORTUGAL

Profession: ENGENIEUR

En vous remereiant d'acance tous vos soins, monsieur le Président, pour que justice soit faits à notre ami, je vous presente, l'expression de mès sentinements les meilleurs.

a) F. Ramos da Costa

5, Rue, J.J. Rosseau

Paris-le

103.

Alger 14 de Fevereiro 1965

Meu querido Chico

Obrigado pela tua ultima carta, pelas noticias que me dás. Peço-te o favor de enviases a carta Junta ao Prof. Azevedo Gomes o que poderás talvez fazer através do Mario.

A minha filha continua em Caxias mas já foi visitada o que em certa medida nos tranquiliza. Não sei francamente o que deva fazer. Falei aqui com o Embaixador do Brasil, o Cardeal recebeu-me e prometeu fazer qualquer coisa, seguimos movimentos associações estudantis, em Inglaterra e na Holanda, na Italia, tem havido varios protestos, mas os tipos não dobram. Vamos a ver! Se a acção interior os poderia fazer recuar. Vejo que possuis os textos enviados ao Tomaz e o do C. Leal ao Cerqueira, manda-nos.

Escrevi ha dois dias ao V.B. dizendo-lhe que queria la o para tratar de assuntos que considero muito importantes. Pedia-lhe que fizesse com que o “pescador” la fosse tambem pois ja que o Carlos se não decide eu vou tentar forçar as coisas por todos os meios. Tu não poderás mais uma vez apertar o crito [sic] e dar la um pulo tambem? Era tão importante assentarmos uma linha de acção! Vê lá se consegues e insiste com o Carlos. Tem agora o Carnaval e de certeza a Princesa preciosa dele. Ela fez em Italia um encantado enorme! Toda a imprensa falou na sua prisão!

É triste, muito triste, que o Carlos não tenha feito nada, mas nada, daquilo que se combinou! Nem ao menos arranjou quem quizesse fazer!

A Operação “Mosaico” tem de ir para deante [sic] mas sozinho não posso. Ninguém me quererá ajudar?

Não te parece que é um objetivo que merece que nos empenhemos nele a fundo?

Lembrei-me agora duma pessoa que seria capaz de nos dar uma ajuda. O Moura era homem para tratar de certas coisas muito importantes. Que te parece?

Não lhe podes mandar um recado para que ele se encontre conosco [sic]? Outro caapz [sic], seria o Raul.

Chico, temos de descobrir alguém que na Belgica trate a sério deste assunto. Tu não te interessas por ele a sério! E era preciso agarra-lo, agarra lo com todas as mãos pois não vejo outra alternativa!

Não tem aparecido por aí ninguem ultimamente?

O Palma parece que se ausentou. Com esta agitação estudantil cheira-lhe qualquer coisa e não quer perder o comboio. Não sei para onde foi. Tu sabes?

A vida por aqui não vai bem. O Araujo só funciona em termos de propaganda, não lhe interessa mais nada, faz obstrução a tudo o resto. Tem chegado líricos em barda e como o Fontes não se interessou pelo pedido que lhe fizemos de arranjar gente a coisa torna-se cada vez mais carregada. Os da imprensa que aqui estão não servem para nada, como sabes.

Querido Chico, se tivesses a consciência de que tudo, quasi tudo, depende neste momento da tua acção, a coisa andava!

Recebe um grande abraço do muito amigo

Tito

104.

Paris, 22 de Fevereiro de 1965

Meu querido Tito

Recebi a tua carta de 14 do corrente e fiz seguir para o Prof. Azevedo Gomes a que lhe juntavas.

Desta vez não é por falta de agitação do caso dos estudantes junto da imprensa, na radio-televisão, etc. etc. que a opinião publica internacional ignora o que se passa em Portugal. Ontem mesmo redigimos e vai ser enviado ao presidente-fantacho um documento em nome do Comité que espero seja assinado pela totalidades dos seus membros, embora alguns levantassem escusas pessoais e espera para meditação. O documento está bom e é energético e será largamente expandido no interior e no estrangeiro.

Falei com o embaixador Josué de Castro que me recebeu muito bem, falámos da situação portuguesa e creio tê-lo trazido a uma posição activa de aproveitar o seu prestígio e influência para nos ajudar junto das muitas personalidades com quem está em contacto. Ele vai partir no fim do mês para uma viagem pela América do Sul, Mexico e está [sic] em S. Francisco para assistir à reunião do aniversário da carta da ONU.

O governo português tinha feito junto dele uma diligência que depois da minha conversa, estou certo, terá como resposta uma nega. Depois te direi pessoalmente quando viermos a encontrarm-nos [sic].

Quanto [sic] ao embaixador do Brasil aí, diz-me que é pessoa com muito pouca influência junto do seu governo e como não pode fazer nada a nosso favor endossou-lhe a tarefa. Também acha que o tal escritor Figueiredo é pessoa de pouco peso.

Chegou-me ontem o documento enviado ao Tomaz que tem grande nível; é longo, mas espero poder copiá-lo dentro de dois dias para te enviar. o original. Esta carta segue pelo correio normal e estou em crer que o mesmo sucederá ao documento porque o jovem nunca mais me apareceu. Julgo que o motivo é de me não poder pagar uma pequena importância que me pediu, o que acho tolo pois preferia não perder o correio e a massa.

Aliás, entendo, que que não devas dizer nada ao pai, pois o rapaz apesar de tudo parece-me sério.

Fiz recentemente duas viagens à Belgica em missão da RReS para estabelecimento de ligações internacionais, as diligências tiveram bom êxito, tanto no plano sindical como político. Terei agora de descolar-me A Londres e à Alemanha para o mesmo fim. Oportunamente dar-te-ei conhecimento detalhado desta trabalho. Todas as despesas tem corrido de minha conta com desfalque apreciável das parcas economias por isso compreenderás que a viagem a Marrocos só por essa razão a não poderei fazer.

Quanto à operação “mosaico” fiquei com a impressão, depois da leitura da tua carta, que em Aler ninguém te apoia na ideia, a não ser o major. Será assim?

Por meu lado comuniquei ao Carlos o que pedias, mas até agora estou sem resposta. O Moura tem prometido dezenas de vezes a sua vinda aqui, mas falta sempre. Quanto ao Raul sei apenas que faz parte da Comissão Organizadora da ASP., mas das suas possibilidades para esta tarefa só o Carlos nos poderia dizer. Ora este nosso amigo recebeu indicação minha para escolher o homem mais ajustado à missão para vir aqui encontrar-nos e depois colheira in-loco as informações de que necessitamos. Em assunto tão importante não vejo que possamos fazaer [sic] “chavalier soul”.

Do Palma não tenho noticias directas. O Roberto diz que êle continua esperançado a curto prazo, mas êste cada vez está mais aldrabão. Imagina que, recentemente, numa reunião do Comité, dramatizando o caso, dizia ocultando a origem da informação que o governo argelino pensava correr com todos os portugueses. Por sorte, nessa manhã, também eu recebera de Belgrado uma carta do JR com a seguinte alusão ao caso: “Que sabe do Delgado”. Um dirigente angolano responsavel que aqui esteve deixou entender que o governo argelino estava a ficar cansado dos nossos arraias e encarava a hipótese de correr com todos os portugueses. “Saltei-lhe em cima e obriguei-o com a minha carta na mão a repetir os precisos termos da vaga referência e a denunciar a fonte onde bebera a informação. Está à vista a desonestidade do processo usado pelo Roberto, que só não surtiu porque pude desmascara-lo e ele teve de meter a viola no saco.

A carta para o Daniel Mayer seguiu imediatamente depois de receber os elementos daí mas até hoje não tive resposta.

105.

11-3-65

Meu querido Chico,

Conforme te disse ao telefone tens realmente um geito [sic] especial para despertares a curiosidade...! De tal forma que até supões teres me dito coisas que ficaram no tinteiro. O que vale é que vou lendo nas entrelinhas e fazendo os meus juízos. Vejamos então os acontecimentos à luz das tuas informações e das minhas.

Palma – Parece realmente tratar-se dum bluff em grande estilo. Convem-nos contudo procurar saber quem está metido no assunto. Daqui ja te informei, de Marrocos resume-se – pelo que sei – ao Cerqueira.

Convinha-nos saber exactamente o que se passou nas duas reuniões do Comité, mas, com pormenor, Chico. Quem esteve, as atitudes que tomaram, o que se discutia, como está a agir o PC, etc.

O bureau do Telemly (do general) vai deixar de existir. É um tumor que caba, volte ele ou não.

A nossa atitude também te disse. Nada faremos, mas nada, sem termos informações absolutamente exactas.

Como se passou a conversa telefonica do Roberto para Lisboa?

Qual foi a reacção deles?

Representação – O documento é muito digno, cheio de coragem. Há contudo duas coisas que não percebo. A primeira, o Carlos comprometera-se a não assinar mais papeis do MDS. A segunda, o cheiro anti que num paragrafo aparece. Este aspecto, embora seja so “cheiro” dificulta a minha acção aqui. Aliaz os amigos continuam nas tintas para o que aqui se passa...e é pena.

Vou tentar reproduzir a ciclostilo o que seja lido na Radio (foram lidos grandes extrato) É para mim evidente que na luta desenvolvida pelos estudantes ha muito de PC, mas também ha muito de não PC e sobretudo dos que saô [sic] PC por não poderem ser outra coisa.

Esta manifestação vem provar a pouca “prise” que o partido tem nas massas operarias... Que é incapaz de mobilizar, mesmo quando lhe lança apelos directos, como fez desta vez. Paralelamente a FPLN também não conseguiu mobilizar outras classes para apoiarem a luta, ficando-se na “colaboração a alto nivel”.

Este desaire deve-se a meu ver a duas circunstâncias: 1º a inexistência duma direcção interna ligada às forças democráticas. 2º a falta de representatividade da Junta no exterior.

Enquanto a 1a. deficiência é difícil de remediar, a 2a. é só porque não querem. Há meios financeiros, há condições práticas, há meios logísticos, há tudo, só falta a compreensão da necessidade, da vantagem, e a vontade de o fazer.

Colocar uma direcção válida, representativa, dinâmica, ao abrigo da acção policial, com meios reais para intervir no interior, parece-me uma coisa elementar na luta, mas ninguém acredita.

Há projectos de deslocações a Inglaterra (nada me respondeste sobre isto) a Itália, à Dinamarca, com programa de entrevistas com responsáveis à escala de Governo e para serem feitas por quem? Poir [sic] nós, pois não há outros!

Há possibilidades financeiras que nos tiram desta mediocrice.

Há possibilidade de apoio diplomático real em nações de todas as crenças.

Há possibilidades de apoio militar.

E quem é que se vai aproveitar disto tudo? Vamos esperar a morte lenta do ditador?

Que o homem morra na cama de morte natural, com designação do herdeiro?

Ainda acreditam num Craveiro, que agora se chama Sarmiento Rodrigues e que depois terá outro nome qualquer.

É triste, Chico! E seria tão fácil, se quizessemos!

Mas, continuando...

ASP – Dizes-me que te tens deslocado a varios sítios, procuras outros encontros e eu fico sabendo que falas com pessoas muito importantes, mas não faço ideia da linha de actuação, sequer.

Da parte da RFA houve aqui umas aproximações, muito cuidadosas, mas foram eles que procuraram. Isto tem significado. Aliás sinto que certas nações ocidentais procuram saber o que nós pensamos, adeanto [sic] voltarei ao assunto.

Dizes-me no programa, actualizar o da Democratização?

Pensou-se em editar cadernos RRS, pensou-se em enviar certos textos para o interior através do “pescador”, pensou-se em editar circulares, textos, etc. Eles lá dentro não os fazem nem querem que a gente os faça! As tuas ligações com o interior quando as consegues, morrem em ti! E continuamos a fingir que desenvolvemos uma grande actividade política para quando o salazarismo cair por si!

O tempo vâa Chico. E o velho vai viver mais naos do que nós. Tem boa vida, bons médicos, não tem preocupações. Não te iludas. Tem mais anos de vida do que nós.

Peço-te que me digas se posso pôr o Sertorio ao corrente do pouco que sei sobre a ASP.

Posso mostrar-lhe a carta do Carlos? Responde rápido.

Tu não teras paciência para me responderes a esta carta ponto por ponto, mas eu apesar de não ter tempo para me coçar, vou escrevendo. E uma maneira, a única, de desabafar! É evidente que a minha posição aqui é insustentável.

Ainda ha mais de um ano a dizer que me quero ir embora, que me devem substituir e são capazes – de julgar que eu gosto disto! Quando estupidamente continuo a acreditar nos amigos, a considerar da maior importância a acção que estamos desenvolvendo, a acreditar que nos não podemos desligar desta acção, a ver este trabalho o unico capaz de derrubar o fascismo.

E estupidamente, porque penso assim, continuo.

AS? Outro nome, outra sigla? O que é afinal?

O C.R. propunha uma reunião larga no exterior.

Tinha muita importância. Alguém pensa nisso? Parece-te que se fara? Se perdermos as perspectivas das eleições presidenciais e legislativas, la se vão as melhores oportunidades e tudo volta ao zero.

Se prometeres que pagamos as passagens ao Moura ele não se resolve a vir até cá? Aqui, alem das passagens dou-lhe casa e cama e comida, mas hotel não posso pagar. Caramba, não são caapzes [sic] de perceber que se se perde uma oportunidade é necessario recomeçar tudo desde o principio?

Mozaico – Contrariamente ao que supões, so ha resistência do PC e do Cabeçadas. Nós 3 estamos de acordo. O sertorio, só amanhã saberei na reunião que vamos ter. (Continuamos a discutir. No Sabado talvez a hora fique decidida.

Esta operação era o fim, Chico! E talvez nem chegasse a ser preciso ir até ao fim.

As operações escalonadas dariam desde logo tamanho abalo, que o regime talvez não resistisse.

Mas era preciso trabalhar, trabalhar a sério. Era preciso que ½ duzia de pessoas se interessassem la dentro pelo assunto e que nos todos aqui fora funcionássemos em unísono!

Era preciso que se não pensasse em outra coisa e que nos dedicássemos a levar por diante [sic] a tarefa.

É que chega a ser criminoso, Chico. Temos todos os meios, todos. E não temos “militantes”.

Eu sei que o PC fera travão. Mas vou-lhes afirmar que “amigo não empata amigo” e tenho a certeza que acabarão por aderir. Mas é preciso falar com uma pessoa responsavel do interior, uma. Caramba!

Brasil – Tive aqui larga entrevista com o director do “Jornal do Brasil”. Chama-se o homem Cleso Sousa e Silva. E um alto funcionario do Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Foi umamissão de esclarecimento. Convenci o homem que não eramos todos comunistas, que tínhamos sim que derrubar o Salazar e que o Brasil nos podia, nos devia ajudar. Falamos do futuro, da Africa, do mundo da língua portuguesa, etc. Prometeu ajudar.

Vai escrever sobre a FPLN no jornal que põe à minha disposição para contestar as cartas da Embaixada. Procurara influenciar o Itamarati. Vamos a ver. Que se passou com o Josué? Devias aproveitá-lo para entrar no Governo Francês.

A minha expulsão, a prisão da minha filha, podiam ser textes [sic]. Os brasileiros estão interessados em dialogar connosco. Para eles a saída do general significa que ha outra oposição. Devemos aproveitar no quadro FPLN e no quadro RRS.

Comité – Contas-me que numa reunião o Roberto informou que seríamos todos corridos! Noticia vinda pelo CR!!!

Também não percebo este moço! A la. pessoa, a única pessoa que ele devia informar do boato era eu! Não me disse nada. Cada um faz a sua politicazinha. Serão todos ministros...

Há dois dias fomos recebidos na Presidência onde nos reafirmaram todo o apoio. Foram tratados assuntos muito importantes, superiores às nossas forças e eu sinto-me mal! Acreditam em nós! E nós não saberemos corresponder! Temos tudo nas mãos e não o sabemos aplicar.

É triste, Chico. Mas as pessoas não acreditam. Tu mesmo não acreditas. As pessoas julgam que so elas é que sÂo capazes de fazer, de conseguir, etc. Julguem ou fingem que julgam!

Eu estou desabafando...

Tentou-se formarai [sic] um núcleo capaz de colaborar, de funcionar em termos orgânicos. Que se fez Chico?

Ha uns 15 dias mandaste-me dizer que o VP ficara de nos enviar um relatório sobre o 31 de Janeiro. Escreveste tu? Assim escreveu ele! Eu queixo-me de ti, mas comparando-te com os outros és extraordinário!! Ainda és o unico que me mandas noticias [sic] e mesmo quando não mandas funcionas. Mas perdes, claro, algumas energias porque não funcionas “engrenado”.

JRP – Continuo a insistir em que é preciso remodelar. É preciso trazer para aqui 2,3 elementos verdadeiramente [sic] representativos, eficazes. Bolas! Não ha? Eu so queria apanhar 2 a geito [sic]!

Temos amanhã a primeira reunião com o Sertorio. Vai ser uma reunião importante, pois vão ficar assentes grandes linhas de actuação. Vai haver grossa discussão e eu mais uma vez me vou encontrar em inferioridade porque represento e não represento, porque sou e não sou, porque nem uma linha de orientação, de conduta, recebo. E todo o peso que sinto podia e devia ter, não o utilizo, pois não vou com a mistificação alem de limites estreitos. E isto é assim ha dois anos, Chico! Há dois anos que aqui estou!

Como sabes o PC tem mandado vir para aqui muita gente e como o Carlos não cumpriu promovendo a vinda para ca de elementos RRS e os maristas queimaram, o panorama é o que imaginas. Não é que a coisa me apoquete muito, mas tem influência, pesa nas decisões.

Mas se nós estamos a dormir! Ou se nós não existimos!

E contudo somos os mais fortes, os que temos mais possibilidades de influir na vida politica do pais! Era so preciso um bocadinho de organização, caramba!

O rascunho desta carta foi escrita há mais de 8 dias ma levou tempo a passar à máquina. Segue hoje e ainda é actual.

Seria interessante que assistisses a uma Conferência que Mohamed Harbi dá no dia 17 na [...] e que o fosses cumprimentar. Trata-se dum jovem com influência aqui, foi director da Revolution Africane e ajuda-nos muito. É um amigo. Vai lá.

Mando esta carta em duplicado, talvez o Carlos gostasse de a ler. Sei que te mandou um recado. Que disse?

Por enquanto desisti de ir a Marrocos, sem tu la ires não adeantava [sic]. Junto- muito confidencial – resumo duma reunião da Junta. A discussão continua. Sabes maisa [sic] gluam [sic] coisa do Palma? Um grande abraço do muito amigo

Tito

106.

Alger 12 de Março 1965

Meu querido Chico

Mandei-te hoje uma grande carta Expressse cm várias informações confidenciais e aqui estou a escrever-te novamente.

Tive conhecimento de que o Virgílio de Lemos está fixado aí, trabalhando para várias revistas.

Tens tido contacto com êle?

As apreciações do Fernando tem de ser bem filtradas, mas era bom que te informasses. Por outro lado – a não se conferir – morrem as suspeitas do Fernando – era uma pessoa que te poderia dar a ti especialmente e a mim indirectamente, uma grande ajuda.

Como estou realmente decidido a fazer os impossíveis para pôr a funcionar o plano “mosaico” preciso de ajuda. Tenta por o Lemos ao corrente – de maneira nenhuma – ele poderia colher-nos informações úteis.

Que se passa com o General? O teu amigo Roberto não voltou a dizer nada?

A propaganda jornalística vai fazendo o seu barulho, orquestrada pelo Cerqueira e com um apoio velado do Figueiredo de Londres.

Que noticias tens do Fontes?

Não consegues arrancar um tipo de lá?

A discussão que vamos ter amanhã na Junta, vai ser um caso sério mas a falta de ligações que tenho dificulta imenso a minha acção

Segundo me mandaram dizer o Professor A.G. gostou da minha carta. Enviaste alguma cópia da outra que escrevi ao Ministro?

A minha filha continua presa e parece que a querem comprometer como de costume, envolvendo-a em ações comunistas, baseados nas declarações dum tipo estudante que se fez com a pide. Não sei que pensar, nem o que posso mais fazer.

Sobre a minha expulsão de França, sabes mais alguma coisa?

Escreve. Um grande abraço do

Muito amigo

Tito

107.

Paris, 13 de Março de 1965

Meu querido Tito:

Esta tem por objecto enviar-te os recortes do “Observer” e do “Express” que referem o caso do desaparecimento do General Delgado e acrescentar algo do que sei sobre o assunto.

1) Informei o Carlos em carta detalhada do que se passa e pedia resposta pelo portador que de novo regressava a Paris do que constava ali sobre o assunto. Também pedia conhecimento sobre a contribuição pessoal para o “Mosaico” e o andamento dos trabalhos da ASP. Marcou hora ao portador para lhe dar a resposta, mas com grande pesar meu e sacrifício do meu amigo, faltou ao encontro e o avião não esperava.

2) Entretanto chegou a Paris a tua cunhada Teresinha, que veio aqui a casa como seu companheiro de jornadas futuras, médico com bolsa aqui em Paris, ao que creio bom rapaz um tanto ligado ao MAR: Dr. Fernando Loureiro. Estão noivos e foram com a tua sogra a Manheimer, onde se encontra o Rodrigo. Veio especialmente com carta de prego do Carlos para me pedir a minha intervenção junto do Roberto, a fim de que êste evite fazer mais telefonemas daqui para êle, sobre o caso Delgado. O Roberto tem andado numa roda viva para expandir o caso ao interior do país, onde se a falar dele sob a versão: do “desaparecimento” “preso” e ultimamente “assassinado pela PIDE”. O nosso amigo é já informado pela minha carta está esclarecido sobre a hipótese que tenho por verosímil duma mise en scène em grande escala, de pura publicidade, para o transformar em D. Sebastião do século XX:

Telefonei de seguida ao Roberto a comunicar-lhe , *ipsis-verbis*, o recado recebido pela Teresinha, e êste com ar dramático e simulando fadiga moral e tédio pela política de que diz: “se reformou”, e afirma-me que só o move [sic] um impulso humanitário a favor dum anti-fascista “preso”. “Preso não, desaparecido”. Acho esta correção do lapsos-lingue precipitadamente lançada um tanto comprometedora [sic] da participação do Roberto em toda esta história. Aliás, logo de seguida, veio uma catadupa de palavras do estilo “Cerqueira” contra a Frente de Alger que, “covardemente” aproveitou a oportunidade para assantar [sic] o bureau do general!”. Nesta altura desliguei – dizendo-lhe – que a minha missão era dar-lhe o recado do Carlos e tão somente isso.

Do interior nada se asbe [sic] a não ser o que vai do estrangeiro, sempre com origem em Rabat-Cerqueira. Em Paris, o nosso grupo, coligindo e ponderando friamente as informações inclinamo-nos pelo bluff, embora muito distantemente aceitemos a possibilidade do Delgado ter caído numa esparrela. e esteja preso ou sequestrado de policia ou falsos amigos. Aqui, quero acrescentar um raciocínio de que assuo inteira responsabilidade: Em face da nossa descrença o Roberto caíu [sic] numa atitude desolada de homem que se move somente por razões humanitárias e diz que o dia da reunião do Comité em que êle pretendeu enfiar-nos o barrete do prisão do general e arrastar-nos para uma campanha publicitária, porque ninguém o acreditou ou o seguiu na manobra, foi o

termo da sua carreira politica. Claro que ninguem o acreditou. Esta atitude moderna onde a uma reacção é muito [...]

3- Hoje precisamente elaborei as bases nos novos estatutos que vou submeter a uma comissão encarregada de os redigir em definitivo de que faço parte e que constitui a primeira reacção séria contra uma existência do Comité que se nao podia definir em função da certidão de registo, por de facto nao existir. A titulo confidencial vou enviar-te antes mesmo de a dar a ler aos meus colegas da comissão.

4- O Partido em relação ao Delgado gaurda [sic] uma expectativa [sic] assaz curiosa e em relação ao Roberto também não quiere aproveitar a vantagem que os seus recentes destrambelhos oferecem. Acha que êle se liquidará por si.

Também me pareceu deduzir duma conversa que tive com o cabeça-mor daqui que eles não querem dar à JRP de Alger o papel directivo que ela efectivamente deve ter. Acham que os laços da Delegação da Frente em Paris não devem ser de subordinação a Alger, mas pelo contrário devem manter certa autonomia. Por seu lado o VP diz-me que o Mar está em desacordo com o PC em relação às arefas [sic] da Frente, estando mesmo a pensar na hipótese de retirar o seu representante de Alger. Por nosso lado, como sabes, no interior não há colaboração prática dos nossos amigos com o Executivo, com quem não reuniram ainda. A nossa situação é um tanto falsa e esta coabitação dentro da frente toma muitas vezes o aspecto dum adultério complacentemente tolerado.

Esta ja estava escrita quando me chegou hoje a massa via carta bem recheada. Vou lê-la o mais rápido possível para não fazer te esperar e esta segue ja

Um abraço amigo

Chico

P.S. Tenho estranhado a falta de noticias do V.B. e escrevi-lhe ja duas cartas que estão sem resposta.

Chico

108.

14 de março de 1965

Meu querido Chico,

Alguma coisa de importante se vem passando no seio da J.R.P. como podemos apreciar pelos documentos que te enviei e pelos que junto a esta carta.

Passo a narrar a sequênciac dos acontecimentos:

Em discussão o Departamento Militar;

1º assunto – Pedidos concretos a formular [sic] ao G. Arg. Deu como resultado um documento sem nenhuma concretização, repetição mais ou menos integral do que fôra apresentado em outubro.

Enviei-te copia do “resumo da reunião”.

2º assunto – objectivos de acção do D.M Deu lugar a uma grossa discussão em que o plano “Mosaico” foi o centro das atenções. R.A. certo de uma maioria, pela tangente, manifestou uma posição [sic] cerrada, foi votado e lançados ao cesto dos papeis.

Deste resultado final resultou a minha carta de que junto copia e uma carta do Major em que se demite de responsavel do D.M. mas não da J.R.P.

Na reunião seguinte (ontem 16) todos consideram que a situação é muito grave – R.C. diz em todo o caso que não considera tragico se eu me fôr embora – e resolvem todos recuar. R.A. entrega uma declaração de fidelidade aos princípios da III Conferência e como prova de boa vontade, aprova (sujeito a confirmação superior) que alguém vaa local informar-se.

Agradeço o esforço de compreensão e mantenho as minhas posições até chegar a confirmação.

Tudo isto tem nexos, tudo isto que me tem esgotado física e intelectualmente tem alguma vantagem, se lhe dermos continuidade.

Vou tentar enviar-te alguém com elementos concretos que julgo não poder nem dever transmitir por carta.

O plano “mosaico” na sua fase de preparação exige a realização de fases preparatórias para as quais nos devemos debruçar no sentido de as resolvermos, a saber:

- 1- visita ao local
- 2- Criação de um D.M. a sério, o que obriga à vinda de certos elementos do interior.
- 3- Realização do plano “andorinha”.
- 4- Recrutamento imediato de quadros
- 5- Vinda urgentíssima do Carlos para promovermos um encontro geral.

Como de realização mais urgente considero os números 1 e 3 o que envolve encontrarem-se em Portugal 6 pessoas em determinado meio, decididas a darem um passeio.

Caramba! sera que não ha?

Por outro lado, R.A. fala agora muito no alargamento da J.R.P., aquilo que eu sugiro há aís de um ano. Parece que se farão pressões em Portugal, para virem pessoas. Considero que seria muito mau que fossem eles a escolher como pretendem e acontecera, se nos não fizermos nada.

O Carlos não tem realmente [sic] a noção das suas responsabilidades [sic] e esquece assim tão facilmente a que se comprometeu no nosso último encontro?

So inventam coisas para se distraírem dos problemas principais.

A vinda de MS para aqui está de momento a ser mais um elemento de confusão, com a sua política individual, mas penso que uma vez mais assente, vira a ser útil a sua actuação. Toda a nossa posição, toda a nossa influência, toda a possibilidade de passarmos a ser os impulsionadores da acção de resolver os 5 pontos [sic] que indico atrás e já ninguém nos agarra ou então é a falência completa.

Mais uma vez, uma grande parte do sucesso do teu trabalho. Eu estou convencido que se mandares um ultimatum ao Carlos, ele aparece.

E uma reunião resolve estes problemas.

Por outro lado vê, que qualquer [sic] dos 5 pontos se integra no plano “mosaico” mas são válidos para todo outro plano.

Assim entendo que deves procurar já 2,3 ou 4 elementos (no interior ou no exterior) que funcionem RRS e que estejam dispostos a receber certos treinos.

Lembraste-te da proposta do Carlos referente aos 100 desertores. Pois bem que desses 100 mandem para já 5, ou 10 pelos meios normais [sic] se tiverem a documentação, ou então poderemos tira-los de lá.

Nunca mais me deste notícias do Cp. Domingues. Que é feito desse homem? Foi preso? Era muito importante voltar a estabelecer o contacto. Não está a fazer nada em Portugal e aqui seria imensamente útil.

As minhas ligações contigo são mais difíceis – o que é absurdo – do que as tuas como interior.

Recebi agora a tua carta de 13. Chamo a tua atenção para que deves insistir com o Carlos para vir. Ele prometeu, caramba! E é urgente! Se realizássemos o pre-plano “andorinha” (de que te darei pormenores) era uma bomba! E o Carlos pode fazê-lo se quiser mexer-se. Calro [sic] que me serve o Carlos ou outro qualquer. É indecente ele ter faltado ao encontro, mas insiste.

Quero prevenir-te que não tenho confiança no Loureiro e que a Teresinha é uma “cabeça tonta” que serve para recados de menos importância como o que te trouxe. Não te podes abrir com eles.

Aproveito para te dizer que muito provavelmente não voltarás a ver a “massa” que emprestaste ao meu ajudante. É bom rapaz mas é assim...Espero que te não [sic] tenhas alargado. Se te pagar não caias noutra.

Sabes se o Roberto também fez telefonemas para o Norte? A quem? É um tipo bastante sujo não achas? Mas que se lixe.

A atitude do partido face a vários assuntos também a não percebo bem. De momento acredito que cedera sempre que vir em perigo a existência da Frente. Por nosso lado julgo que nos devemos colocar na posição de: nos é que estamos na Frente, eles, se não cumprem são eles que têm de sair não nos. Percebes?

Dizes-me que o MAR está em desacordo como PC em relação às tarefas da Frente, mas não me explicas qual [sic] é a posição do MAR.

Aqui RC afina em uníssono com R.A. mas dizem-me que há grossas divergências [sic] na direcção exterior MAR. vê se me podes dar mais esclarecimentos sobre este assunto. O nosso “adultério” parece-me evidente, como dizes, mas a posição que devemos tomar é a que refiro atrás: quem está na Frente somos nós. Os outros põem-se à margem se não aceitarem os compromissos tomados nas conferências.

A Frente é uma arma que se não pode abandonar nem aos amigos.

Responde-me rápido, com os teus comentários ao que aqui se passou e está passando.

Não podes aqui dar um salto? Nós precisamos encontrara-nos mesmo que o Carlos não venha.

Saudades nossas. Um abraço do muito Amigo,

Interessava-me saber como te chegou às mãos o papel da “cívica da juventude”. O Fernando já tinha um e é preciso [sic] conhecer a origem. Já se faliu na Rádio. Tu devias ouvir as emissões.

24.3.65

Esta carta foi escrita aos bocadinhos e acaba por ir por mão própria.

Resolvi mandar-te este portador a expensas minhas e dele. Tentarei telefonar-te hoje outra vez, oxala te encontre.

Parto na 6a. feira para Rabat e conto regressar 2a. A não ser que possas lá dar um salto como seria extremamente vantajoso e isso me obrigue a esperar-te.

Há muitos assuntos no quadro MRSS que deveríamos tratar.

Chico! Devíamos fazer um esforço!

Comunica com o Fontes, vê se o arrancas e apareçam lá os dois.

O número do telefone do V.B. é Rabat 262.91 Avisa-me.

Mais um grande abraço do

Alger 28 de Março de 1965

Meu querido Chico

Penso que já tens conhecimento duma mensagem dirigida ao Tomás assinada por inúmeras pessoas, enviaram-nos 129 assinaturas, e onde em termos muito firmes se reclamava uma amnistia para todos os presos políticos. É um bom documento e que nesta altura me vem ajudar bastante. É pena que não tenhamos recebido directamente. Estão lá todos os nossos amigos, encabeça a lista o Azevedo Gomes, seguido do Cunha [sic] Leal, advogados, engenheiros, escritores, etc, de todas as tendências. Um documento valioso.

Sobre o assunto fizemos um comunicado em francês e outro em português que te enviarei logo que estejam passados à máquina.

É uma pena que esta gente se não queira organizar convenientemente e se não aperceba do enorme [sic] reforço que viria para a luta e para o futuro se quisessem funcionar em termos de verdadeira organização.

Cheguei à conclusão que eles lá dentro são incapazes de tomar a iniciativa a sério de se organizarem mas que nós podemos daqui dar um grande impulso à coisa. Era essa ideia que me levava a Marrocos. E é urgente fazer-se qualquer coisa nesse sentido. Meti-me por isso no comboio ontem às 5 da manhã mas ao chegar a Oran informara-me que a fronteira estava fechada do lado marroquino e voltei para trás. Este adiantamento [sic] permitirá talvez organizar um pouco melhor as coisas. Como sabes considero que seria extremamente útil que tu lá fosses também, ganhava-se um tempo precioso e era possível tomar desde logo muitas decisões que dificilmente poderão ser expostas por carta.

Queria pois pedir-te, meu querido Chico, que fosses ter a Rabat conosco [sic]. Os problemas financeiros são o diabo. Eu sei. Mas era possível dividir o mal pelas aldeias. Estou certo que VB está de acordo. Logo que a fronteira reabra eu meto-me a caminho, aviso-te e tu vais lá ter. posso confiar?

A carta que te queria mandar [sic] por mão própria teve de seguir pelo correio pois o portador foi-se sem me procurar na véspera...

Terá resultado alguma coisa desta visita? Se conseguíssemos obter os apoios que precisamos no interior para levar o plano apra [sic] deante [sic] dava-mos a machada final. Escreve, mada dizer o que resolves.

Saudades nossas e um grande abraço do muito amigo

110.

Paris, 28 de Março de 1965

Querido Tito:

Recebi hoje a carta do Carlos que junto depois de tirar cópias assim como das bases. Dediquei-te o domingo como vês na função de dactilógrafo para te não faltar com a prosa que esperas há tanto tempo.

A carta deve ter sido escrita, de facto, em Fevereiro, porque só assim compreendo a alusão à falta de carta minha. Tem uma carta em que o ponho de sobreaviso contra as maquinações do general e um comunicado verbal em cifra para nos mandar gente para o “mosaico” e procurar alguém que se desloque ao objectivo.

Vou escrever-lhe uma longa carta de que te enviarei cópia em farei o resumo da conversa que tenho aqui tido como o nosso amigo.

Já tenho portador.

111.

Alger 30 de Março 1965

Meu querido Chico

Acabo de receber a carta que me enviaste com as bases. É o documento mais infeliz, mais medíocre, mais incompreensível que tenho visto.

Estou certo que concordas comigo! isto para não pensar em desonestidade!

É triste! Será que é ainda possível salvar alguma qualquer coisa? Será que sou eu, realmente que não sei o que ando a fazer?

É preciso que venhas cá, Chico. É indispensável tomar certas resoluções que se tornam mais urgentes ainda com o aparecimento deste desgraçado papel.

Disseste-me que poderias vir na 2ª feira com a Maria do Carmo. Não adies mas telegrafa-me ou telefona a confirmar pois, como sabes, é necessário pedir a autorização de entrada e pode levar dois ou tres dias.

Partiamos depois daqui de automovel e fazíamos um encontro mais largo com V.B. que alias me disse ter aberto certas perspectivas durante a ultima viagem que fez, mas estamos todos a trabalhar e a sacrificar-nos para o boneco.

Ate breve! Não deixes de vir.

Saudades nossas e um grande abraço do muito amigo

Tito

Querido Chico,

O Tito tem estado agora um pouco melhor mas esteve bastante em baixo. Ontem com a tua carta ficou bem abatido. Eu pergunto? Vale a pena estarmos a envelhecer assim?

Venham até cá, os dois. Ao menos a vossa estadia dá-nos um pouco de alento!

Abraços amigos da MEMília

112.

Paris, 8 de Abril de 1965

Meu querido Tito:

Quando do teu último telefonema disse-te que me era impossível seguir para aí imediatamente, mas que o poderia fazer na semana seguinte, isto é a partir de segunda feira próxima. Não foi capricho ou menos consideração por ti e pelo objecto da viagem que me impedia de partir imediatamente. Compromissos já assumidos com Bruxelas e Lisboa não eram compatíveis com a minha saída naquele momento, além de que tenho actualmente obrigações profissionais que se não coadunam com uma total liberdade de movimentos, posso deslocar-me sim, mas depois de dispor a minha vida e solicitar autorização para o fazer.

Por outro lado não creio que a viagem a Marrocos fosse tão imperiosa que não pudesse aguardar oito dias, tanto mais que a próxima semana tem normalmente muitos feriados e portanto mais consentânea com a nossa ausência.

Se de facto não partiste para Marrocos e o queres fazer na próxima semana, poderei acompanhar-te daqui na próxima segunda feira ou terça, desde que, calro [sic] está, daí comuniquem à embaixada para que esta nos dê os vistos, o meu e o da Maria do Carmo Coelho.

Até hoje não tive noticias nem do Carlos nem doutro amigo a quem pedi que viesse, mas ainda não desesperei de que de de [sic] os ver por cá.

Um abraço amigo para ti e para a Maria Emilia
do Chico

113.

Alger 25 de Abril de 1965

Querido Chico

Espero que tenham dado um bom passeio e que tenham regressado cheios de genica para o trabalho que vos espera.

Penso ter resolvido o nosso problema localmente o que no meio do azar é uma certa sorte sobretudo sob o ponto de vista financeiro.

Oxalá agora a vossa medicação seja eficiente para o futuro, embora me digam que só o em 95%...há ainda 5%!

Da minha netinha tenho tido boas noticias, ja está em casa em convalescença, mas coitadita calculem que apareceu com varicela.

Consegui por-me em contacto com VB pelo telefone e combinei encontrar-me com ele a meio caminho, ficou de me confirmar o dia.

Entretanto escrevi-lhe uma carta “confidencial” pelo processo que ele tem ensinou e onde lhe contava o que tínhamos decidido quanto à “Flecha”. Vamos ver ele quere e pode dar andamento ao assunto.

Pelo que por cá ouvi depois de chegar, parece-me cada vez mais urgente andar para deante [sic]. Existo uma tal confusão, involuntária ou propositada que é impossível funcionarmos como deve ser. A “Flecha” ajudar-nos-ia a resolver muitos problemas. É necessário [sic] que comeces desde já a fazer o que eu já comecei tambem, preparar tudo para depois nos [sic] não faltar material. Se fosse possivel iniciar nos primeiros dias do mês que vem a data era feliz e poidias [sic] mesmo mandar já ao VB um trabalho sobre o 1º de Maio. Eu parto da hipotese de que ele estará mesmo de acordo conosco [sic].

Para meu governo manda-me dizer se vês algum inconveniente em appareceres com o teu nome. Eu julgo que só haveria vantagens e que facilitaria certas coisas, mas obviamente nisto só tu podes ser juiz. Facilitaria a troca de correspondencia.

Ja li o teu trabalho, alem de o achar bem feito acontece que – salvo pequenas passagens e inexactidões [sic] – estou de acordo com a essencia do que dizes.

O “problema” General está a aquecer outra vez. Não haverá forma de se esclarecer o assunto? O Guerreiro esteve aqui. Não sei o que veio fazer nem o que pretendia. Diz que ja gastou 1 milhão e 200 mil francos como caso... (Como sabes sou daltónico e só agora a Mª Emilia medisse que estava a escrever a vermelho! Desculpa.)

Talvez te fôsse possivelarranjar uma pessoa que explorando a vaidade do homem lhe arrance [sic] o segredo e nos esclarecesse. Pensa nisso.

Tres dos membros da JRP partiram para Roma em viagem oficial. Outro em viagem particular. Fiquei eu e PS. Consta-me que haverá encontro MAR com vistad [sic] ao PS

e talvez esteja presente algum RRS. Sabes alguma coisa sobre isto? VP e LC estão aí? Trata de investigar.

Mas manda dizer o que souberes.

Em princípios do mes que vem debes receber a visita daquele que costumás chamar o “inteligente” e mais tarde dum mensageiro nosso que aí vai com missão definida – arrancada a ferros – e a quem poço preste toda a colaboração. Ha aí elementos RRS que poderão estar disposto à tarefa e talvez através do Gervásio se possa fazer qualquer trabalho na emigração económica. Dá-lhe ajuda e mostra do que és capaz.

Em fins de Julho realiza-se o IX Festival Internacional da Juventude, aqui em Alger. Pensa-se na vinda de muitos jovens portugueses e em meu entender havia que misturar côres. Não haverá maneira de trazer uns tantos de Portugal sem ser pela via habitual?

Se ainda aí está o nosso amigo poderias falar-lhe no assunto.

Tinha muito interesse apresentarmos uma boa delegação, esta absolutamente assegurado o aspecto segurança.

Vê se dás notícias rápidas. Saudades nossas à M^a do Carmo e um abraço do muito amigo

Tito Morais

114.

Paris, 4 de Maio de 1965

Escrevo-te logo a seguir ao teu telefonema para te enviar a carta do VB sem mais demora, certo de que me enviarás depois a fotocópia.

Segue também junto cópias dos comunicados que fizemos para a imprensa sobre a morte do Delgado. O comunicado é como verás sucinto e foi elaborado praticamente por mim pelo Mar e JR, o delegado do PC que não pôde comparecer nesta primeira reunião apareceu no dia seguinte com um documento bastante longo era tudo menos um comunicado. Mantivemos o que tínhamos feito pois o delegado concordou que tudo o que nele estava escrito era justo, simplesmente queria que se dissesse mais. Propuz e foi aceite por todos que o documento que ele trazia depois de revisto e alterado nalguns pontos poderia ser distribuído ao mesmo tempo que o comunicado.

Um grande abraço de parabéns pela libertação de tua filha e também pelo resto... Agora cuidadinho e segue o exemplo da Maria do Carmo.

Quanto ao jornal – FLECHA – acho que ele deve ser o órgão da organização política FReS e quando aos nomes julgo que não devem figurar nenhuns no cabeçalho, isto é,

como director ou editor; quando for oportuno qualquer de nós assinará artigos ou editoriais.

Não precebo [sic] qual dos membros da RReS estaria presente em Roma com a delegação da Frente tal como dizes na tua última carta e muito menos que tal se pudesse dar sem nosso conhecimento. Quem te disse isso?

VB

Como verás pela carta extraviou-se um exemplar da Declaração da ASP de que te envie um exemplar e ainda presente os odores da tua opinião sobre o papel, se puderes no entanto agradecia-te quando lhe escreves, lhe dares prèviamente a tua opinião.

Quanto ao festival da juventude como sabes pouco se tem feito para atrair os jovens ao nosso movimento e eles proprios por ignorancia, radicalismo proprio da idade e viciados [sic] por outros que os querem caçar não nos procuram, mas se aparecermos com soluções práticas para a cção [sic] poderemos recrutar [sic] independentemente da filiação anterior.

115.

Paris, 26 de maio de 1965

Meu querido Tito:

Esta é curta porque o Rui que aqui esteve em contacto connosco e com os problemas que a complexa e ensimesmada personalidade do Guerreiro nos cria, certamente vos fará relato circunstanciado e lúcido do que por cá viu.

Quanto ao Carlos espero que o tenhas aí em Alger conforme é seu intuito dentro do muito pouco tempo, a menos que o governo o não autorize a deslocar-se à Algèlia [sic], mesmo que seja no cumprimento dos seus deveres profissionais de advogado da viúva do general. Junto a resposta às minhas últimas diligencias junto da Liga dos Direitos do Homem e do Cidadão, para que vejas os seus termos e ao mesmo tempo archives o documento para o utilizar ulteriormente se maré mais auspiciosa surgir.

Junto também os dois papeis que já fizemos relacionados com o assassínio do Delgado, havendo ainda um terceiro para ser assinado por intelectuais franceses que ainda não está acabado e depois te enviarei.

Conforme já te disse a RReS deixou de existir como entidade politica independente fundido-se [sic] na ASP; esta organização não ostiliza [sic] a FPLN, não tomará quaisquer posições contra ela, mas a maioria determinou-se pela não participação na orgânica na

Frente, embora admitam a colaboração e aliança para a acção. Fiz ver ao Carlos que a nossa situação necessitava ser esclarecida a fim de oficialmente tomarmos uma decisão e, sobretudo, impunha-se que nos escrevessem preto no branco o que sobre o assunto resolveram. Fiquei com a promessa de que tudo viria rapidamente! E eu que não creio em Deus, apesar de tudo acredito no [sic] homens.

116.

Alger 27 de Maio de 1965

Querido Chico

Acabo de receber a tua carta de ontem e venho já escrever-te para distender os nervos... Quando há dias me disseste pelo telefone que o RRRS teria deixado de existir não atribuí à informação uma importância de maior considerando-a um desabafo teu. Pois se o Carlos aí estivera há cerca de 20 dias, se recusara – bem sei – a encontrar-se comigo mas apresentando razões plausíveis e não se vira na obrigação de me comunicar o facto, nem mesmo pelo telefone, como poderia ser isso real? Não. Tratava-se de um desabafo. Afinal tinha existido alguma vez? Eu sei que temos [sic] uns documentos de adesão à FPLN assinados, redigidos, inspirados, pelo “Carlos e seus amigos” que no fundo tinham significado para nós. Chegamos mesmo a julgar que não se tratava de bluf [sic], com ninho feito atrás da nossa orelha. E forte da nossa organização eu começava já a poder impor os nossos pontos de vista, a afastar radicalmente a ideia duma subordinação ao PC em oposição à propaganda fascista, acabaríamos mesmo por ser nós a comandar o barco [sic]. E fazia-o a níveis elevados, com interlocutores com responsabilidade de governança de países, que nos olhavam já com outros [sic] olhos e que acreditavam no que eu lhes dizia. E tu possivelmente ias fazendo o mesmo.

Há dias tive por exemplo entrevistas com os Embaixadores da Índia e da Dinamarca. Dentro de dias terei outras, Itália, França, Suécia, Finlândia, Brasil, etc. Normalmente [sic] o acolhimento é mais do que favorável. Falamos uma linguagem que eles entendem. Claro que não discutimos na Rua do Ouro, mas procuramos interpretar os pensamentos que supomos honestos de quem dizia em nós confiar.

Que devo pensar agora? Que fui, que fomos burlados? Mas por quem? Precisamente por aqueles em quem julgámos poder confiar?

Quando me enviaste o projecto da ASP tornou-se-me evidente, conforme te disse, que se tratava de uma manobrasita para uns tantos saírem da FPLN sem se sujarem muito, pois a única diferença que havia nos textos... Mas simultaneamente diziam-nos que nos

devíamos considerar ligados à nova organização. Diziam isto com a facilidade dos inconscientes. Mas o facto de nos quererem manter ligados opunha-se aparentemente à minha ideia de abandono da Frente.

Afinal era mesmo isso, mas nem a coragem houve para mo dizerem. Talvez ainda se possa aproveitar este resto de vergonha. Aguardemos a confirmação escrita, mas pedia-te que me disseses o que devo fazer, o que pensas tu fazer. Achas que desde já eu devo comunicar o facto na Junta e portanto sair dela (estou lá a titulo de representante e não pessoal, como sabes), ou devemos aguardar e ir desmentindo a noticia que se tornará mais ou menos publica dentro de pouco tempo?

Aguardamos a volta do Carlos? Acreditas que ele volta nestes tempos mais próximos?

Ele disse-me que voltaria ca fora dentro de 15 dias a um mês quinze dias já la vão ou quasi, esperemos um mês.

Aqui a Alger não acredito que venha, o que não significa duvidar da coragem que tem mostrando sempre ter. Mas se vier talvez eu só venha a saber depois...

Õ triste meu querido Chico é que não arranjamos mesmo, outros interlocutores. Pelo menos não os temos procurado, amigos fieis e muito ingénuos.

Falei ao Carlos nas possibilidades que haviam sido abertas para a formação dum verdadeiro P.S. que contaria desde logo com o largo apoio duma serie de partidos por esse mundo fora. Não sei se ele te chegou a falar no assunto. Pensava-se na organização do 1º Congresso e para isso viriam de la uma tantas pessoas interessadas. A coisa fazia-se com a ajuda dum dos partidos socialistas mais importantes que estaria disposto a promover e patricinar [sic]. Era uma autentica bomba e talvez fosse possivel celindrar [sic] os inpetos [sic], os oportunistas, etc, e pôr de pé a unica organização capaz de derrotar o fascismo nesta altura. Prometeu tratar do assunto, mas tratará? Esta notícia que me dás faz-me duvidar. Tambem, como tu, não creio em Deus mas acredito muito poucos nos homens... Estou farto, Chico! E para quê? Os filhos a pouco e pouco vão organizando a vida no estrangeiro, os netos não conhecem sequer aquela terra. Para quê?

Mas é um crime o que se está fazendo. E seu eu deixo isto sem ser substituido, que restará da Frente?

Fico esperando as tuas notícias. Tinha-te pedido que me contasses as conversas que haviam tido com o Rui – tu e o Carlos – para as não conhecer através dele. Não o fizeste e eu agora nem sei se lhe disseram ou não que por decisão não sei quem, a RR havia desaparecido. Até massas ja havia arranjado, caramba!

Apetece-me mesmo dizer um nome muito feio. Paciência!

Escreve breve. Um grande abraço do amigo certo

Tito

117.

Paris, 31 de Maio de 1965

Querido Tito:

Acabo de ler a tua carta de 27 e vou interromper [sic] uma serie de trabalhos para não demorar uma resposta que se me afigura com privilégio sobre o demais, para evitar que não seja por falta do meu aviso que precipites qualquer decisão.

1º) É meu parecer que deves manter-te na frente na situação em que te encontras, até que nos seja comunicado por escrito o que sobre o assunto da representação da RRS tenham resolvido no interior.

Não deves antecipar-te a comunicar aos membros da Junta o conteúdo das minhas [sic] cartas ou das conversas havidas com o Carlos.

Acho que deves persistir no trabalho que estás realizando dos contactos diplomáticos, semelhantemente ao que eu por meu lado estou fazendo, pois constitui já um activo que não podemos desperdiçar e podemos vir a transformar em capital para o futuro PS.

2º) A organização da ASP que ao que parece tem feito progressos e se está implantando organicamente em todo o país, assenta em homens de formação ideológica vária, aceitando todos uma solução socialista para o país, que será aquela os elementos mais dinâmicos sejam capazes de formular. Pretende [sic] ser, embora o não tenha declarado desde logo, o núcleo embrionário do PSP da segunda república. Tal projecto porém, não é a longo prazo e os seus dirigentes pretendem apresentar-se como tal no decorrer da futura campanha eleitoral, intuito êste em que estão entendidos com os católicos do “Tempo e Modo” e organizações laicas do catolicismo, que por sua vez também querem forçar o reconhecimento dum partido democrático-cristão ou coisa que o valha.

A constituição das listas de deputados será feita já com base no acordo estabelecido. Não têm a intenção de excluir o PC das listas, mas a participação do elementos comunistas será negociada no plano local e tendo em vista o prestígio pessoal independentemente da filiação partidária.

3º) Estas foram em resumo as informações que me trouxe o Carlos, quanto à atitude futura da ASP e depois do PS em relação à FPLN, êle diz-me que a maioria se determina por uma colaboração com ela, mas não encontram necessidade de que tal colaboração implique representação orgânica na Frente. Claro que aqui surge o caso da nossa situação

peçoal, tua e minha, que não pode deixar de constituir um engulho para os que definem para a ASP uma estratégia política oportunista com vista a colher vantagens dos ventos do ocidente, porque assim se lhe afigura o caminho mais rápido para derrubar o fascismo salazarista.

O Carlos por mim instado sobre este ponto responde que poderíamos continuar como membros permanentes da Conferência, embora sem a representação que ali temos mantido da RReS, que na realidade deixou de existir com a transferência dos seus elementos para a ASP.

Esta tomada de posição é quanto a mim mais por motivos estratégicos do que doutrinários, pelo menos no que toca aos nossos amigos que são indiscutivelmente os elementos mais activos e prestigiados dentro da nova organização. Há no entanto que ter em vista que de cambulhada com eles entraram para a ASP um certo caciquismo local que não enjeita o socialismo, mas quer por ignorância, quer por sujeição a interesses capitalistas, não creio que possam ser companheiros doutra jornada que não seja a liquidação do salazarismo.

A tua ideia duma grande reunião no exterior ou mesmo dum congresso para a formação do PS. apresente-a [sic] sem procuração tua ao Carlos, mas este diz-me que não podemos ter ilusões sobre a maioria dos nossos amigos quanto à vinda do estrangeiro em quantidade e qualidade correspondente ao fim em vista. Na verdade temos de reconhecer que ele é o único que ainda nos aparece com regularidade e não tenho dúvidas que seria dos que não faltavam a uma reunião desse [sic] tipo, a menos que a Polícia o impedisse.

4º) Praticamente o Carlos não falou como Rui e muito menos lhe deu a conhecer o que te deixo dito. Por meu lado, só conversei com ele numa reunião que tivemos na Junta de Paris a que ele assistiu e pouco adiantou nas informações que nos deu, aliás, de Alger pouco há a dizer e de Itália onde estivera recentemente só generalidades sobre o ambiente de apoio e boa vontade.

Aqui tens por hoje. O Guerreiro acaba de me telefonar para me dizer que o Dr. Cavaliere da Comissão de Inquérito, lhe comunica de Roma já averiguou com toda a segurança que foi o amigo do Carvalho, o tal Dr. Bisonho, italiano suspeitíssimo que entregou [sic] o General à PIDE.

V.S F R

118.

Paris, 7 de Junho de 1965

Meu querido Tito:

À tua carta de 1 do corrente, recentemente chegada às minhas mãos, vou responder sucintamente como pedes, e porque estou de partida para Londres.

1- É impossível ir aí antes da viagem a Inglaterra em virtude de compromissos já tomados. O Carlos que me mandou dizer que ia a Madrid e de lá me telefonaria fez com que eu demorasse a partida por 2 dias, inultimente [sic]. Agora já não posso adiar mais. Quando voltar te direi dos resultados do contacto com o Labor.

2- Até hoje não chegaram as cartas de que falaste, portanto só depois do meu regresso poderei procurar portador.

3- O Carlos pode ser que apareça por cá e até se desloque aí como já disse, de qualquer modo estou certo que vai haver uma possibilidade de conversarmos. Quanto ao homem do norte de que falas é pura ilusão tua supores que ele queira encontrar-se com V. aí em Alger ou msmo [sic] noutro lado. Do nosso grupo o melhpr [sic], mais identificado connosco e capaz de sacrificios e dialogo [sic] é ainda o Carlos. O Homem do norte de que falas, ademais, quando vem a Paris, entrega-se ao Guerreiro e muitas vezes creio bem que influenciado por êste não me procura ou fá-lo à última da hora. No entanto se êle aparecer por aqui, não deixarei de lhe dar o teu recado.

4- O Rui, quando aqui esteve, falou muito com o MAR e pouco com a Junta de Paris, que aliás existe, está fazendo bom trabalho para se explorar o caso Delgado, apesar do hostilidade do Guerreiro e da meia hostilidade de pessoas como a MI, oJR eo AJS, permeaveis às intrigas do Guerreiro contra a Frente e babosos com a adulação dos jovens da FAP.

A Junta de Paris vai enviar novo relatório das ultimas actividades em se que esclarecerão as obscuridades do relato do Rui.

5- Já deves ter recebido a minha carta de 31 e por ela verás eu estamos de acordo em continuar a funcionar, até que o problema seja esclarecido por escrito. E mesmo depois é caso apra [sic] ver!

6- Conseguimos que no congresso do SFIO fosse lido e francamente aplaudido o vosso telegrama. Depois pedimos outro idêntico para o congresso do SPU, que não chegou ainda. Ontem estivemos lá em delegação composta por RdaC, SC, LC e VP, e redigimos a saudação de que envio cópia junto. Não mandaste até hoje a cópia da carta do Victor Balnc [sic] que prometeste devolver logo de seguida. Tirei cópia a resposta que lhe envie a mais para ti que segue junta.

Junta 1) Copiada carta Victor Blanc

2) Mensagem ao PSM.

3) [...]

P.S.2) Está um parto dolorso [sic] esta carta; quando saía para a por [sic] no correio chegou uma do Mario escrita em adrid [sic] em que me anuncia a sua chegada a Paris na 5ª Feira 10, e diz-me que se pode encontrar contigo de preferência em Itália onde êle tem que ir por causa do processo do Delgado

Portanto debes preparar as tuas coisas para estares em Roma na proxima segunda feira (?). Ele depois te confirmará. O melhor será telefonares-lhe para o Hotel St. Pierra 6ª feira pela manhã (DAN.63.88)

Eu não posso deixar de sair hoje para Londres pois tenho uma serie de coisas marcadas que os dois congressos me fizeram adiar já duas vezes. Só verei o Mario quando ele regressar de Italia.

119.

Geneve [sic] 19.6.65

Querido Chico

Só duas linhas para te pedir que envies por mão própria para Portugal, a carta junta.

O portador poderá meter a carta no correio em Portugal.

Ja te encontraste com o Carlos e sabes portanto as novidades. aguardo com muito interesse os teus comentários.

Parece-me que do mal a menos, e apesar do oportunismo do Carlos eu aguardo ate 15 de Julho a confirmação do que ficou combinado. Se não vier, acabou-se.

Parto hoje para Alger, de la te escreverei novamente. Foi pena não teres vindo.

Um abraço do amigo certo

Tito

Como correram as coisas na Albion?

120.

Querido Chico

1- Embora a situação não esteja sob o ponto de vista interno, inteiramente esclarecida, no que nos diz respeito nada foi alterado e espero que não o virá a ser.

Entretanto fazemos o possível para não sermos apanhados desprevenidos se as coisas vierem a tomar outros aspectos.

A correspondência começa a chegar normalmente e vamos poder recomeçar com as nossas trocas de impressões.

2- Finalmente o Carlos foi rápido!

O prazo fixado era 15 do corrente. Ontem escrevi ao Xico, que como sabes está em Clermont, para ele insistir pela resposta, tão habituados estamos ao esquecimento.

A solução encontrada que tem inconvenientes tem também as suas vantagens.

Eu não posso perceber que se pretenda desprezar qualquer areia contra o fascismo e muito menos esta aqui que fabricamos e que justamente poderá começar agora a ser mais eficiente.

Não me dizes se recebeste umas cartas que te pedia enviases para Portugal. Uma delas era destinada ao Carlos, suponho que a terá lido.

Em principio ficou também combinado que ele insistiria porque realizaremos brevemente um encontro com alguns amigos que costumam vir passar as férias cá fora. Considerava muito importante podermos discutir todos os assuntos que temos pendentes tendo mais interlocutores do que o Carlos que evidentemente só pode valer-se da memória para transmitir nossos pontos de vista.

A táctica que eles resolveram adoptar parece-me inteiramente absurda, completamente fora da realidade, mas eles la sabem.

Não correspondas a inscrição enquanto se não formar um partido a sério, com bases sérias, bem definidas e isso seria possível se eles quisessem.

Ainda não perceberam que é preciso encontrar novas formas de luta para os quais o fascismo não esteja preparado, contra os quais não tenha 40 anos de experiência.

Vamos a ver, se conseguirmos o encontro a uma escala razoável, o que será possível construir de novo.

Eu tenciono e julgo poder contar com a tua ajuda eficiente como sempre, renovar a bandeira RR e procurar dar-lhe uma projecção maior. É no fundo uma ajuda indirecta à ASP.

Vou aproveitar um jornal do Brasil “Semana Portuguesa” que penso estará disposto a acolher as nossas coisas.

O VB já entrou em relações com o Luso Canadiano, que nos será também guardada. Outros parceiros será possível encontrar enquanto não pudermos fazer um. Que te parece?

3- Conferência da CONCP – Fomos convidados a assistir como observadores à Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas que começa no dia 18 em Dar es Salaam com a presença de representantes de diversas nações africanas e do 3º Mundo.

Ainda não está assente quem vai.

É uma noticia que podes mandar ao Carlos, e que me parece importante. Uma delegação da Junta (M.S. – R.A. – P.S.) está agora na Bulgária a convite da Frente da Patria Bulgara. Deve regressar brevemente.

Viagem a Inglaterra- Não me contas nada da tua estadia na Albion.

Como te mandei dizer em devido tempo a junta pensa ha muito em mandar la uma delegação sobretudo para termos um contacto directo com os portugueses, mas tambem para se “apalpar” [sic] o terreno junto dos ingleses.

Embora la tenhas ido em missão especial (segundo julgo) seria util sabermos se falaste na frente e quais as reacões.

Por outro lado, procuramos como te disse, que tu pudesses acompanhar a delegação da Junta porque, com as relações que la tens ficaríamos um pouco independentes da “prata da casa”.

Podias tambem dizer-me o que pensas se se aproveitar a viagem para dar uma volta maior, Bélgica, Holanda, Dinamarca.

4 – O problema dos jovens militares foi-nos posto directamente por um emigrante.

Não sei o que o Victor te mandou dizer mas devia-te mandar o nome de alguns que dizem correr esse perigo e talvez voces se pudessem por em contacto. Verei o assunto “oficialmente”.

5 – Cerqueira. Já sabíamos, pelo Luso-Canadiano, que o homem estava no Canada com a Mª Helena. É realmente uma coisa inconcebível e tambem não percebo como é que encontraram acolhimento sendo que ja comunicamos para toda a parte as nossas suspeitas. Ela serve-lhe de “escudo” mas mesmo assim não se percebe. No que se refere ao Amilcar Cabral não sei se se poderá fazer alguma coisa. Agora na Conferência pode-se experimentar.

6 – Ha muito que não recebo carta do V.B.

Escreve-lhe pedindo uma resposta urgente, sei que me telefonou enquanto estive fora, mas não me respondeu.

Tratava-se de lhe perguntar particularmente se estava de acordo em nos representar junto da CONCP. Houve a ideia do Dores, mas parece que as relações não são muito boas e na Junta foi então sugerido o V.B.

Como estes dois são amigos e para não surgirem complicações, reservei a minha opinião até saber o que o V.B. pensa mas até hoje não me respondeu.

7 – Tenho andando a fazer uma força enorme para que se reúna uma grande Assembleia de democratas no exílio. A ideia nasce numa sugestão do Cunha Rego e parece-me que teria o maior interesse se lhe pudermos dar uma grande *éclat* com a presença dos diversos intelectuais, professores, etc que andam por esse mundo fora.

O assunto ainda está na fase confidencial, não o divulgues portanto.

Depois de certa reserva o R.A. concordou e quando me zanguei e disse que desistia ele declarou que então retomava o assunto. Os principais “Reformistas” são o RC e PS, mais aquele do que este, por razões que nós conhecemos.

Parece-me que seria uma iniciativa política de grande alcance, que permitiria acertar muitas agulhas, se fosse bem feita e se as pessoas não viessem aqui com a ideia de se sobreporem à Conferência mas de construir qualquer coisa. Veremos. Manda dizer o que pensas sobre isto.

- Não te devolvi ainda a carta do V.B. – admiro a tua persistência – porque está infelizmente misturada no monte da minha papelada e tenho de ir procura-la expressivamente e tem-me faltado o tempo. Como não é um assunto urgente tenho adiado. Vou tentar manda-la juntamente.

9 – Não poderei passar à máquina este rascunho, desculparás. Mas como não fico com cópia responde aos diferentes parágrafos [sic] duma vez.

10 – Viste o Xico Mendes? Tive uma grande alegria quando recebi uma carta [sic] ele de Clermond. Volta no dia 10 mas pensa vir cá em Outubro outra vez.

11 – Saudades nossas para vocês dois. Quando voltamos a Geneve [sic]?

Um abraço à Maria do Carmo e outro para do amigo certo

Tito

Ha ultimahora pude mandar por mão própria –

121.

Paris, 2 de Julho de 1965

Meu querido Tito:

1- Como podes calcular tive alguns momentos de ansiedade provocada pela falta de notícias directas sobre a vossa situação em face dos últimos acontecimentos, embora soubesse que estando V. alheio aos assuntos internos nada vos poderia suceder. Posteriormente recebi informação de que tudo se manterá no que nos concerne e que todos se encontram bem. Aguardo as tuas notícias sobre êste assunto.

2- Recebi hoje carta do Carlos em que me diz: “Podes comunicar ao M. Alfredo que toda a gente aceitou a solução dúctil que encontrámos aí. Pelo nosso lado não quebraremos o statu quo. Precisamos não obstante duma informação detalhada do que se passa e de quais as possibilidades que restam à luz recentes acontecimentos”.

3- Na tua carta de 19.6 que acompanhava outra para enviar por mão própria para Portugal, nesta última o teu genro esqueceu de indicar o endereço, felizmente que aqui a Paris o Belo que a levou de novo a Genève onde procurou o Tito para remediar a lacuna e êle próprio levou para Lisboa a carta já devidamente endereçada. Este nosso amigo abandonou Genève e regressa a penates em situação de reforma. Vamos aproveitá-lo para reforçar a equipe para o que tive com êle conversações bastante extensas.

Como podes calcular fiquei satisfeitíssimo quando o Carlos, de regresso de Roma, me trouxe a notícia de que tu tinhas concordado com a situação ambígua mas única possível nas circunstâncias actuais em face da estratégia política que ele te defeniu [sic]. Quero no entanto dizer-te, a propósito, que tanto êle como os nossos amigos do interior estavam arreigados à ideia do abandono puro e simples mas deixei-lhe aqui uma carta em que defendia a solução ambígua com que tu virias a concordar e agora o Carlos diz-nos que conquistou o apoio lá em baixo. Foi o melhor que se pôde conseguir.

Vamos lá ver se êle resolve com os amigos que lá em baixo se opõem o problema da filiação internacional que julgo indispensável fazer-se. Como a maior oposição vem dos meus amigos pessoais das cooperativas e dos sindicatos independentes êle levou daqui carta de prego minha para os convencer, mas nesta carta que me escreveu não alude ao assunto.

4- Recebi ontem uma carta do VB na qual refere o contacto em que está com o director dum jornal do Canada o “Luso-Canadiano” que o VB julga individuo muito aproveitável pelas posições que tem assumido, inclusi [sic] processou o órgão fascista “Voz de Portugal” que a emigração pro-salazarista ali publica pelos ataques pessoais que lhe dirigiu e os tribunais do Canadá deram-lhe razão.

Eis o que me escreve o VB:

“Na última carta que me escreveu, datada de 20 do corrente, diz-me ele, a certa altura: Encontra-se em Toronto um sr. Henrique Cerqueira que se diz representar a “Frente Portuguesa de Libertação Nacional” e que veio acompanhado da sua senhora Maria Helena Cabral. Fui informado pelo meu correspondente naquela cidade que aquele senhor fez uma conferencia de imprensa na qual atacou publicamente a “Frente Patriótica” etc.etc. e acrescenta: Achei por bem não qualquer referência (no seu jornal julgo eu) ao assunto pois as afirmações feitas nessa conferência só servem para dividir ainda mais a Oposição Portuguesa.”

Diz o VB: “Peço-lhe que transmita as noticias da estadia do Cerqueira e da Helena Cabral aos nossos amigos de Alger, pois eu não estou certo de que eles recebam mesmo uma carta que daqui deve ter mandado outro amigo nosso pondo-os ao corrente de tais factos. Segundo qui [sic] disse a Helene [sic] Cabral, que já voltou, o cerqueira teria ficado no Canada para daí fazer um périplo pela America Latina (Venezuela, Brasil, e não sei que mais. Creio que haveria todo o interesse em avisar os amigos de tai paises para que se preparassem para o estampar numa conferência de imprensa”.

Isto meu caro Tito é inacreditável.O facto deste tipo se ter feito acompanhar da helena Cabral deve ter tido o objectivo de fazer cohonestar [sic] com a presença da mulher dum líder respeitável e prestigiado da luta contra o colonialismo português, um safado que nunca se averiguou ao serviço de quem está, quem o paga, etc. À causa da Oposição Portuguesa é bem evidente quanto nos é nefasto. Não haveria possibilidade duma diligência junto do Amilcar Cabral para que ele ponha cobro a esta colaboração, que eu julgo não seja só politica? A segunda parte é lá com ele mas a primeira é connosco.

Tive o trabalho de copoiar [sic] esta parte da carta, porque até ao presente não me devolvesre [sic] a última carta do VB que te remti [sic] para que tomasses dela conhecimento. Continuo a esperar a sua devolução.

122.

Paris, 12 de Julho de 1965

Querido Tito:

Recebi a tua carta que acompanhava 2 da Maria Emília que fiz seguir, a de Portugal foi levada por mão própria e a da Terezinha pu-la no correio, pois só acidentalmente nos encontramos aqui em Paris.

2-Não percebo porque escreveste ao Xico Mendes a insistir pela resposta se eu na carta que te escrevia a 2 do corrente te dizia já ter recebido a confirmação de que o nosso ponto de vista fôra aceite.

Como a tua última carta não tinha data quando nela escreves “ontem” não posso localizá-lo no tempo. Mas isso tem pouca importância.

3- Recebi as cartas a que aludes e entreguei [sic] ao Mario a que lhe escreveste que foi lida em conjunto.

4 – O encontro a que te referes que ele diligenciará convencer os nossos amigos a fazê-lo conosco no estrangeiro, seria ótimo que êle conseguisse demovê-los, mas pelo certo, teremos de contentar-nos com uma nova visita do Carlos.

5- Sobre a colaboração que me pedes “para arvorar a bandeira da RR” acho que não estás a ver o tipo de utilização que devemos fazer da RR neste período interinário [sic] em que ela existe no exterior para efeito da manutenção do statu quo existente [sic] com a Frente, mas no interior de facto, fundiu-se na ASP, aliás o núcleo da RR é dentro da ASP o elemento moto e em grande parte o cérebro. Por nosso lado, ao contrário de lhe “dar uma projecção maior”, devemos mostrar certa discrição ao aludirmos a ela e, sobretudo, quando falamos com entidades estrangeiras. Eu por meu lado nas relações que mantenho e se estão desenvolvendo deixei de falar dela, porque fá-lo em nome da ASP, e é óbvio que se o fizesse como dizes, suscitaria dúvidas em quem não conhece os nossos embriões [sic] políticos, Em reforço do que aqui deixo escrito vou enviar-te uma copia da carta que escrevia ao VB na qual aludo a êste assunto.

6- Vejo a maior vantagem no turismo político a que te referes mas só se poderá medir essa vantagem pelos resultados, e esses até ao presente tem sido bastante pobres ou vocês mantem-nos na ignorância dos tesouros que trazem.

123.

Alger 13 de Julho de 1965

Querido Chico

Acabo de receber tua carta datada de ontem que trazia anexa cópia da que escreveste a V.B. com data de 10. Agradeço ambas e vou enviar a cópia desta ao nosso amigo comum V.B. sistema que realmente facilita muito.

A tua carta e sobretudo a que escreveste ao V.B. foi para mim um autentico balde de agua fria [sic]! Mas vamos por partes.

1 – Como é obvio escrevi ao Xico antes de receber a tua carta com a resposta do Carlos que, como te confessei, não [sic] esperava tão cedo.

2- Dizes-me que entregaste a minha carta ao Carlos, que a saborearam em conjunto, mas nada me dizes quanto às vossas reacções nem se fizeste seguir as outras. Considero aliás inútil que o faças se ainda não o fizeste. Pedia-te que a assinasses em conjunto mas pelas tuas ultimas noticias verifico que me enganei na possibilidade.

3- Vamos agora à questão principal. Na carta em que me comunicavas a decisão [sic] d [sic] acabarem com o MRRS para o substituírem pelo sinónimo ASP julguei perceber que não estarias de acordo com a solução, não por uma razão de posição pessoal em que nos viríamos a encontrar mas porque terias concluído que a FPLN era na realidade uma arma que tínhamos na mão e que seria criminoso destruir.

Mais uma vez te interpretei mal pois consideras que a [sic] Frente é a “Frente de Argel”, que nos entretemos a fazer renda, explicas com enfase masgestática [sic] a tactica do PC e nós burros como aqui em Alger lhes facilitamos a tarefa com uma submissão [sic] exemplar.

Não quero deixar de te agradecer pela parte que me toca.

Informas-me que deixaste de falar em nome do MRRS para passares a falar em nome da ASP para não suscitares dúvidas em quem não conhece os nossos embróglis [sic] políticos. Isto quer significar que te demitiste de membro da Conferência da FPLN, que desistes de dar o teu apoio à Frente, de lhe imprimires – ou de te esforçares por isso – aquela orientação que nós consideramos ser a mais justa e seríamos capazes [sic] de fazer se tivéssemos a noção da nossa verdadeira força política, sem abdições mas tambem sem intrasigências [sic] injustificadas, coerentes com nós próprios e sem andarmos a saltitar [sic] de ramo em ramo como mêdo de perder o comboio ou à espera que o Salazar se comova com as nossas ansiedades?

Eu que julgo conhecer-te não acredito que eja [sic] esta a orientação que queres imprimir à tua acção [sic] política.

A solução que encontrei com o Carlos e que recebeu a “aceitação de toda a gente” pode resumir-se como segue:

O MRRS mantem-se como organização política no interior do país que deu a sua adesão à FPLN onde credenciou delegados para a Conferencia e para a JRP. Em nada altera a sua posição e não se recusa à colaboração orgânica no interior sempre que ela seja possível. A acção do MRRS desenvolve-se no campo clandestino.

A adesão decidida à ASP, de que foi segundo dizes o “Deus ex machina” da formação, refere-se à actividade [sic] legal e não obriga por um lado todos os aderentes da ASP apoiarem a Frente e por outro também os aderentes do MRRS não são obrigados a aderir à ASP.

A situação não é assim tão confusa e dúbia como poderia parecer à primeira vista e não permite que se dedusa que todo o trabalho político do MRRS no interior tenha desaparecido, como me pareceu deduzir a tua carta ao V.B. O resultado dessa actividade é que dependerá da maior ou menor entusiasmo que os nossos amigos lhe dedicarem. Estou de acordo contigo em não acreditar num entusiasmo delirante [sic], até verificarem o falhanço da iniciativa da ASP que quer ser partido mas não é partido, que quer ser legal ou tolerado por condescendência do fascismo e aceite internacionalmente como partido sem ser partido, etc,etc. Isto é, mantendo a confusão, sem se definir de forma inequívoca ideologicamente, nem claramente declarar que só considera interesses legítimos de Portugal nas colónias, aqueles que não colidam com os dos africanos na sua própria terra, sem procurar apoio nas massas populares, no proletariado, etc, que só eles podem caracterizar a formação como socialista, que por contemporização seja omissa ou extremamente prudente no anúncio de programa, na esperança [sic] de não assustar ou mesmo de atrair certos sectores que não são carne nem peixe. Esta tática perceb-se [sic] numa Frente, não se admite a meu ver num partido nem mesmo numa organização com ambições de se transformar no Partido Socialista Portugues.

Claro que estes comentários façp-os [sic] entre nós os três e ainda por cima porque não fui procurado nem acahdo [sic] para a gestação, não me cabe o direito de crítica embora ma tenham solicitado.

É evidente que o regime atravessa uma crise enorme, que não podrá [sic] manter-se por muito tempo tal como hoje se apresenta mas não lhe apressamos a queda – nem nos braços dum Santos Costa ou outro ultra semelhante – abdicando daquilo que somos. Apressariamos sim, se nos fortalecêssemos com basae [sic] ideológica segura até ao ponto de impormos a nossa presença e não de a solicitarmos. E a nossa presença não assustaria os yanques que ja têm engulido [sic] pílulas bem mais amaras. Eram até capazes de correr m nosso auxilio [sic] logo que nos vissem suficientemente fortes.

Por meu lado e até que me digam que não estou interpretado [sic] correctamente o pensamento daqueles que me indicaram como representante na JRP do MRRS, vou mesmo tentar dar-lhe a maior projecção que me fôr possível e lá. O encontro que se

realizará o mais tardar até fins de Setembro – como me foi afirmado – esclarecerá em definitivo esta situação.

Junto te envio cópia da informação que dei na Junta e que corresponde ao que acordei com o Carlos.

4- Os tesouros que trazemos do que chamas “turismo político” não se traduzem infelizmente em moeda corrente, mas tu podes pela tua experiência pessoal destes contactos apreciar a importância que eles têm. Aliás em carta anterior incitavas-me a não os desprezar pelo que não percebo o remoque.

E aqui tens querido Chico o que por agora estou pensando acerca de toda esta muito triste situação.

Abraços nossos para ti e Maria do Carmo do sempre amigo

Tito

Junto também copia carta que enviei Semana Portuguesa

124.

Paris 21 de Julho de 1965

Querido Tito:

Desculpa a linguagem telegráfica, estou de abalada por 15 dias e não quero deixar sem resposta a tua carta de 13 do corrente, embora os pontos de substância tenham de aguardar a minha chegada – 8 de Agosto – para terem a resposta condigna.

1- Recebi e concordo com a carta que enviaste à “Semana Portuguesa” de S. Paulo assim como o texto que em nome da RR dirigiste à JRP.

Acho mesmo que a felicidade que te acompanhou ao expores a situação da RR perante a Frente, não esteve sempre presente nos remoques que dirigiste a propósito da minha posição perante o problema. Mas isto ficará para contos mais largos como prometi. Para já, quero dizer-te no entanto, que o Carlos quando veio da última vez trazia a intenção e carta de prego para cortar com a Frente e nós sairmos. Estou certo que foi a minha intransigência, que aliás lhe expuz por escrito e verbalmente, que o levou a mudar de ideia e a levar lá para dentro a solução ambígua que nós três aceitámos e que ele agora nos confirma conseguiu fazer aprovar por todos os amigos. Esta ambiguidade, porém, não a podemos esconder, porque dela resultam implicações que não são as que tu tiras. Aliás, ao próprio patrão-mpr do PC, daqui, o Acrlos [sic] não a escondeu e ele próprio

reconhecey [sic] a sua necessidade política uma vez que a ASP não podia aderir à Frente. Voltarei a êste assunto com mais tempo.

2- Quando te disse que a RReS deixou de existir no interior como entidade independente não te estava a transmitir nada da minha lavra, mas sim tão somente a comunicar o que o Carlos me dissera: *ipsis-verbis*. Não percebo, portanto, como depois das conversações de Roma tenha ficado no teu espirito a ideia da sua sobrevivência no interior, e até a possibilidade de manter lá relações orgânicas com a Frente em contradição com os seus compromissos com a ASP, que aliás se não recusa ao diálogo para a acção mas sem que daí resulte *qauqlieur* [sic] obrigação [sic] de organicidade.

3- Recebi do Carlos a comunicação que copiei na integra para te enciar [sic] e dela tomares conhecimento.

4- Acho que devias mandar uma critica à “Declaração” para eu juntar à do VB e à minha, a fim de remeter as três para os nossos amigos.

O que me dizes na última carta sobre o que pensas da ASP não corresponde ao tipo de julgamento que nos pedem.

5- Quanto ao encontro em Setembro, como verás, o Carlos está impedido de comparecer, vamos lá ver se nos mandam outro ou outros que possam sair.

6- Que sabes duma tábola-redonda sobre Portugal e o problema colonial que o PSUP itailaino [sic] de colaboração co a Mar pensa organizar em Roma? Como soube disso via francesa e interpelei os nossos amigos do Mar, estes disseram que só por lapso e imaturidade do projeto ainda não me tinham comunicado, mas disseram-me que já o tinham feito à JRP.

7- Preciso de me deslocar à Roménia, mas não é, como compreenderás, em missão política.

8- Continuo sem ter outro conhecimento sobre a Assembleia dos democratas portugueses residentes no estrangeiro, além do que bebi na tua fonte. Estranho que o Cunha Rego, por hábito tão prolixo nas suas cartas, me não tenha falado no assunto. Aqui em pAris creio que todos ignoram a incubação do projecto.

9- A revista de que o Carlos fala um prjecto [sic] em que tenho andado metido mas como ainda não consegui a confirmação dos meios que me prometeram não te falei ainda no assunto, porque de promessas e nados mortod [sic] políticos vou tendo náusea. Seria qualquer coisa de semelhante a uma que os espanhois publicam em Paris e remetem para o interior com o nome “Mañana” de que vais receber os números que se publicarem a partir de agora porque te inscrevi. Trata-se dum top-secret que ainda não é realidade, fi o

plano técnico e as linhas gerais da orientação política que foram aceites numa conferência que tive em que me prometeram os meios financeiros para a sua realização.

Um abraço para ti e para a Maria Emilia da Maria do Carmo e do teu Chico

Beijinhos às crianças

MCarmo

14 de Julho de 1965

Querido Xico:

Duas palavras muito à pressa para aproveitar o portador.

1- Recebi o teu último reacdo [sic] escrito. É necessario não nos deixares sem noticias, mesmo durante o period [sic] de férias.

2- Transmite ao Guerreiro:

a) Não se consegue saber quem é o tal coronel Marcos;

b) A D. Iva não se resolve a dizer-nos o queu [sic] ele pretende saber.

c) Fizemos toda a sorte de tentativas, através das pessoas mais variadas, e sempre em vão.

c) A Pide proibiu-me de sair de Portugal. Depois de muita insist~encia [sic] talvez consinta em me deixar ir a Bdajós [sic] (com um salvo-conduto).

d) Tencionamos fazer a remoção do cadáver para Portugal tão depressa se terminem os exames politiciais ao corpo que se vão fazer em Espanha.

e) É preciso não deixar morrer o caso no interesse internacional, tanto mais agora que a Espanha pediu a colaboração da Interpol.

3- Projecto do jornal: luz verde. Vamos passar a enviar-te a partir de Setembro colaboração regular. Mas atenção; nada de esquerdismos. Para ser uma coisa representativa do interior há que ser muito moderado.

4- Vê se conegues [sic] arranjar massa – é o paioio [sic] que mais necessitamos.

5- Eleições presidenciais – limitar-nos-emos a fazer uma conferência de imprensa, denunciando o sistema [sic]. Cremos que o facto terá muito eco entre grande parte dos situacionistas, descontentes com a falta de prespectiva [sic] que representa para o regime a continuação do Tomaz.

6- Estamos a preparar o nosso concurso ás eleições de deputados. As coisas estão bem encaminhadas.

7- Saiu um manifesto do novo partido católico, enviar-to-ei por outra via. É importante e tem tido éco. Quando nos mandam vocês as vossas críticas para publicarmos o nosso? O tempo urge.

8- Informa concretamente como estão as coisas com Londres e com o meu colega belga. Que apoio nos darão se aparecermos publicamente como nosso agrupamento?

9- Quanto ao movimento europeu-manda minuta do texto que pensas útil que aqui subscrevamos: será melhor forma de por [sic] a ideia em amrcha [sic].

Grandes e fraternais abraços

Podes enviar para a direcção da minha maiga [sic] livros e jornais (Nouvel Observateur)
Tem chegado tudo.

125.

Paris, 23 de Julho de 1965

Querido Tito:

Chegou entretanto o manifesto dos católicos, não tenho tempo para o copiar e julgo do maior interesse que vocês tomem conhecimento e o aproveitem, embora em meu entender seja muito vago e o contrario duma declaração programática. Ataca o regime é certo mas é bastante impreciso na classificação do clero oficial, relativamente ao apoio que dá a Salazar. Trata-se de seara alheia e portanto dele só temos que aproveitar o que é útil.

Espero que mo devolvas logo que possas e se tirarem cópias manda uma ou duas. Valeu?

Um abraço amigo do Chico

126.

Alger 8 de Agosto [sic] de 1965

Querido Chico

De acordo com a tua carta penso que já estarás de volta a Paris.

Junto relatório e cópia da carta para VB. farás seguir o primeiro como costume, Gostaria de receber as tuas impressões sobre as reacções governamentais ao manifesto dos católicos e às perspectivas da legalização de partidos políticos.

Agradeço a cópia da comunicação do Carlos, que em parte não percebi por não estar coerente.

A Junta aprovou uma sugestão minha de protesto contra a proibição de saída do Mario – com a abstenção do RC – mas não sei ainda se a farei. Pensava integra-lo numa campanha de lembrança do crime Delgado.

Tens algumas noticias la de dentro? Aparece alguém?

Tive de deixar guardado no estrangeiro o exemplar do ASP o que me impede de fazer os comentários que me pedes. No relatório falo no assunto.

A revista de que falas teria o máximo interesse, não desanimes mas não contes com muita colaboração interna apesar das promessas. Obrigado por me teres inscrito para receber “Mañana” li um numero que apareceu na Junta e que me não pareceu mau, mas directamente ainda não recebi nenhum.

Estamos em vésperas de partida. Eu consegui arranjar 8/10 dias de férias, a M^a Emilia e os pequenos estarão fora cerca de um mês. Saimos daqui na próxima 5^a feira e seria ótimo se nos pudessemos encontrar. Contamos ir à Itália e Suíça portanto se tu e a M^a do Carmo quiserem dar uma passeata nesta altura, encontravamo-nos todos. Se estiveres de acordo telefona-me depois das 21 horas ou antes das 8 para combinarmos dia e local (antes de 5^a feira, claro).

Esta carta ainda é mais telegráfica do que a tua mas falta-me o tempo em absoluto. Vê se apareces. Temos muito que conversar.

Saudades nossas à Maria do Carmo e um grande abraço do sempre amigo

Tito

127.

Alger 20 de Setembro 1965

Meu Caro Chico

Na minha carta de ontem não me referi a um assunto que muito nos preocupa. Trata-se da prisão do Mário e dos outros amigos.

A Junta enviou, como te disse pelo telefone, vários telegramas a umas tantas entidades e eu por meu lado enviei um ao Vittorelli e acabo de lhe escrever uma carta sobre o assunto. Contudo penso que embora já haja reacções, não podemos ficar por aqui. Não sei o que terás feito pelo teu lado.

Talvez fosse possível fazer um protesto público, dirigido ao Ministro de Justiça e assinado por uns tantos de nós. Que pensas?? Encarregas-te disso?

As intervenções mais eficazes seriam sem dúvida as que pudessemos obter de governos. Os teus amigos ingleses, e belgas e dinamarqueses não poderão fazer nada? Não poderão pressionar os respectivos governos para que eles tomem uma atitude? Não poderiam apresentar este acto escandaloso, que confessa a intervenção do Governo Português no assassinio do Delgado, junto dos governos da Nato?

Eu receio muito pela integridade física dos nossos amigos. O Mario é particularmente visado e se não se conseguir uma grande movimentação internacional, nunca mais sai de lá.

Manda-me dizer o que pensas, como poderemos eventualmente coordenar os nossos esforços.

Aguardo as tuas notícias. Recebe um abraço do sempre amigo

Tito

128.

Paris, 27 de Agosto de 1965

Querido Tito:

Creio que já terás regressado da viagem que me anuncias te na tua carta de 8 de Agosto. Não pude comunicar contigo para Alger como pedias, porque, após o meu regresso a Paris tive conhecimento da estadia do Teófilo em Espanha e puz-me em contacto telefónico com êle pra [sic] o convencer a vir encontrar-se connosco. Consegui apenas que se deslocasse à fronteira – Bayonne – para conversarmos. Fiz uma viagem de 800 quilómetros para uma horas de conversa, porque de seguida regressou a Espanha e no dia seguinte embora eu continuasse em Bayonne não pôde comparecer. Falei-lhe da possibilidade e necessidade de nos encontrarmos na Suíssa [sic] ou na Italia, mas tudo em vão. Estava com a família [sic] a águas numas termas – Cestona – onde tinha que regressar para seguir depois para Portugal.

A conversa decorreu sob os tópicos que o Mario já tinha acentuado comigo e contigo, embora com outro brio e genica. Achei-o um pouco caído, velho e menos apaixonado politicamente, mesmo pelo putch que foi sempre o seu jogo predilecto, pois vê hoje poucas possibilidades de encontrarmos eco nos militares que se instalaram na guerra colonial com a qual governam a vidinha sem que ela até ao presente lhe exija grandes sacrifícios. É de opinião, no entanto, que estes acabarão por fazer um golpe contra Salazar, mas para eles, e só quando verificarem que ele já os não serve ou quando surja qualquer acontecimento grave para o país de que eles queiram limpar a testada.

Em seu entender tal acontecimento poderia ser a perda da Guiné ou outra provincia ultramarina, mas aquela sobretudo porque é onde os rebeldes tem mais condições de êxito. Conforme comuniquei à Frente tinha a intenção de aceitar o convite do advogado Mariano Robles para me deslocar a Espanha com salvo conduto do juiz a fim de depormos obre o

que soubéssemos do crime contra o General, mas como o convite foi dirigido [sic] ao Guerreiro e a mim e aquele não está com a mesma decisão de o fazer, é possível que nos desloquemos à fronteira para falarmos com o advogado e o juiz ou estes virão a Paris. Ainda não nada decidido.

Quanto ao protesto aprovado pela Junta respeitante ao impedimento à saída do Mario. Acho bem, mas é preferível não lhe darem publicidade radiofónica.

Junto com esta segue uma carta do Manuel Mendes endereçada ao Paço d'Arcos que o mimoseia como verás com palavras merecidas pela indignidade que cometeu, pedindo a dmissão [sic] de presidente da Sociedade de Escritores, depois de ter consentido na concessão do prémio a Luandino Vieira, deu dito por não dito no tal pasquim que distribuiu [sic] com fundamento num patriotismo inspirado na gamela da Companhia Zambézia.

Também segue um exemplar do Recurso do Dr. Eduardo de Figueiredo contra a decisão do ministro da educação.

Nada seu da reunião dos antifascistas portugueses exilados de que até agora tesn [sic] sido a única pessoa a falar.

Quanto à IV Conferência da Frente acho que te não debes empenhaar [sic] em apressá-la; o balanço dos resultados dum ano de actividade é tão pobre e à a nossa situação de ambiguidade dentro dela não nos dá grande autoridade para críticas, a não ser no sentido duma reforma profunda e estrutural que colhe o meu melhor apoio, mas em que não sou acompanhado pelos nossos amigos do interior.

129.

Alger 18 de Setembro de 1965

Meu caro Chico

Continuamos a ser ultrapassados pelos acontecimentos, como é costume velho, e dois factos recentes vieram reforçar a minha ideia – se acaso ainda fosse necessário – de que o esquema construído não pode funcionar. Esta ineficiência é mais culpa dos homens do que do próprio esquema, mas a realidade é que a coisa não funciona e o qualquer esquema tem forçosamente de se adaptar à matéria prima existente.

Mas estão em curso dois importantes acontecimentos que aproveitados convenientemente [sic] poderiam transformar-se em duas violentas farpas no fascismo. A Junta não o pensa assim e vai aborda los no quadro habitual lançado para o grande publico uns lindos

comunicados, fazendo umas belas declarações de princípios muito anti-imperialistas, muito anti-colonialistas.

Os dois casos são o assassinio do Delgado e a questão da Rodésia do Sul. Não devíamos a meu ver deixar fugir uma única ocasião para agravar os atritos que se manifestam entre o fascismo e os seus aliados, neles devíamos estar sempre presentes para actuar lançando achas na fogueira.

Tu assim o compreendeste pois que afrontando riscos reais não quizesse deixar fugir a ocasião que se apresentava, mas se não receberes apoio, se não se acompanhar a tua acção, tudo voltará a cair no esquecimento, terá perdido os teus passos.

Pois não seria estupendo que o Franco se zangasse com o Salazar? Uma zanga destas não nos abriria certas perspectivas? Tendo como temos a consciência de cumplicidade dos dois regimes em muitos e muitos crimes? Nem todos pensam assim.

Ao discutir-se o assunto MS e RA não concordaram por razões diversas, com a ida a Madrid de PS. Este em principio aceitava a ideia mas queria o acordo da Junta. Eu nem emiti opinião. Para quê?

Adiaram a discussão para 2ª feira a fim de aguardarem a resposta à carta que o Fernando te escreveu. Nem perceberam sequer que não querias ser mais explicito por carta e nem sequer abordaram a sugestão que eu havia feito antes da reunião – durante achei inútil repeti-la – de te chamarmos aqui.

O assunto só interessa para se escrever mais um papel a denunciar o fascismo ibérico!

Quanto à Rodésia do Sul resolveram escrever um papel explicando às Nações da Anta que em Portugal existe um regime fascista e colonialista com o qual a Junta não esta de acordo e que pode constituir um perigo para a paz mundial.

Na minha completa ignorância eu vejo que esta bulha, que é acompanhada por referências ao regime, na BBC, muito desagradáveis [sic], nos poderia de algum modo facilitar a vida em Inglaterra. Mas a Junta não pensa assim, não vê as perspectivas ou não as quero aproveitar. E deste modo eu penso que nós podíamos, ou melhor devíamos, fazê-lo.

A tua ida neste momento a Londres parece-me que se impunha, para fazeres pessoalmente entrega duma carta do MRRS dirigida [sic] ao teu amigo Wilson. Para melhor perceberes a minha ideia junto uns tópicos do que penso se poderia dizer nessa carta e que poderão eventualmente servir-te para a redacção do texto definitivo, que escreverias em nosso nome, se concordasses com a ideia.

Talvez te dosse [sic] possível discutir este problema com o VB, para quem inclui cópia desta carta, e que aí se deve encontrar. Poderias mesmo evitar a tua deslocação pois

segundo julgo o VB tenciona ir a Londres e poderia, levando apresentações tuas, encarregar-se da tarefa. Ou então, o que seria melhor, vão os dois.

Responde logo que possas e recebe um abraço do amigo certo

Tito

TÓPICOS

O MRRS é uma organização política antifascista, de tendências socialistas, que abriga elementos com uma ideologia política que em muitos aspectos os aproxima do trabalhismo ingles.

No quadro geral da luta contra o regime salarista [sic] sobrelva a sua acção pois conta entre os seus dirigentes elementos de grande prestigio entre as massas populares.

O Partido Trabalhista ingles por diversas vezes se afirmou anti-salazarista através de declarações de muitos dos seus responsaveis, o que nos permite esperar da sua aprte [sic], um apoio concreto à nossa luta.

A política estrangeira do governo fascista português tem provocado as mais graves divergências com os seus próprios aliados, sobretudo no que se refere à política colonial e muito recentemente com o problema da “representação diplomática” da Rodésia.

O governo fascista desnvolve [sic] uma política oportunista, no peor [sic] sentido da palavra, que tem como unico objetivo criar um emaranhado de interesses, que sendo prejudiciais aos interesses do Povo Portugues, assegura ao regime o apoio externo de que necessita para se manter no poder. A queda do regime fascista é contudo uma certwza [sic] que se verifica’ra [sic] a prazo mais ou menos curto.

Parece ao MRRS que seria chegado o momento de poder estabelecer um contacto officiosos com as autoridades britanicas – Governo ou Partido Trabalhista – que permitisse um esclarecimento de posições que seria sem dúvida util para as futuras relações entre os doiis [sic] países. O MRRS é sem sobra de dúvida o conjunto politico portuguesonde se encontram os interlocutores com mais probabilidades de virem a assumir no país as maiores responsabilidades. Tudo o que desde ja pudesse ser feito no sentido duma aproximação de pontos de vista, abriria perspectivas favoraveis ao futuro das elações entre os dois povos.

Sugerimos ao Governo Ingles que nos proporcione um encontro onde assuntos [sic] de interesse mutuo poderiam ser abordados. Este encontro teria lugar sob o mais absoluto segredo se isso fosse o desejo deels [sic].

A delegação do MRRS seria constituída por 2 ou 3 elementos responsáveis, que poderiam eventualmente fazer-se acompanhar de auxiliares. Sem prejuízo de outros assuntos com cuja discussão se acordasse, sugeriamos [sic] um [sic] troca de pontos de vista sobre os seguintes:

- a) Explicação da luta antifascista em Portugal. Organizações políticas existentes. MRRS.
- b) Perspectivas de organização política futura em Portugal
- c) Política colonial e interesses estrangeiros nas colónias. Posição Britânica e posição MRRS.
- e) Apoio que o MRRS poderá eventualmente receber das autoridades britânicas. Instalação em Inglaterra duma delegação MRRS a título officioso.

Isto é escrito, como vês, ao correr da pena. Tera de ser pensado se valer a pena fazer qualquer coisa e acrescentando, alterado, etc, conforme julgarem conveniente.

130.

Alger 20 de Setembro 1965

Meu Caro Chico

Na minha carta de ontem não me referi a um assunto que muito nos preocupa. Trata-se da prisão do Mário e dos outros amigos.

A Junta enviou, como te disse pelo telefone, vários telegramas a umas tantas entidades e eu por meu lado enviei um ao Vittoreli e acabo de lhe escrever uma carta sobre o assunto. Contudo penso que embora já haja reacções, não podemos ficar por aqui. Não sei o que terás feito pelo teu lado.

Talvez fosse possível fazer um protesto publico, dirigido ao Ministro de Justiça e assinado por uns tantos de nós. Que pensas? Encarregas-te [sic] disso?

As intervenções mais eficazes seriam sem dúvida as que pudéssemos obter de governos. Os teus amigos ingleses, e belgas e dinamarqueses não poderão fazer nada? Não poderão pressionar os respectivos governos para que eles tomem uma atitude? Não poderiam

apresentar este acto escandaloso, que confessa a intervenção do Governo Português no assassinio do Delgado, junto dos governos da Nato?

Eu receio muito pela integridade física dos nossos amigos. O Mario é particularmente visado e se não se conseguir uma grande movimentação internacional, nunca mais sai de lá.

Manda-me dizer o que pensas, como poderemos eventualmente coordenar os nossos esforços.

Aguardo as tuas noticias. Recebe um abraço do sempre amigo

131.

Paris, 24 de Setembro de 1965

Querido Tito:

1- Já terás conhecimento da carta que escrevi ao Fernando pois ainda não tinha chegado à data em que me escreveste a tua de 18 em que me dás a informação sobre o que pensam os componentes da Junta acerca da deslocação a Espanha. Depois da leitura da minha última carta mudaram de opinião?

2- O VB que tem aqui estado e parte amanhã para Londres e Escandinavia tem falado longamente comigo sobre os nossos assuntos. Entreguei-lhe as cópias da tua carta e apreciamos os teus tópicos que efectivamente êle aproveitará, pois vou dar-lhe uma carta de apresentação para o Labour Party, a fim de, em Londres, continuar com eles o diálogo que iniciei. Há no entanto aqui um esclarecimento a fazer mais uma vez o VB vai empossado da qualidade de representada da Ação Socialista Portuguesa e não da RReS, pois tem sido sempre e daquela que tenho falado aos ingleses e toda a correspondencia trocada a ela se refere. Aliás, já conheces a nossa opinião sobre este ponto.

3- Precisamos com urgência duma fotografia do Cerqueira e fui informado que o LC vos mandou para aí uma, há tempos, Essa ou outra que tenham enviem-ma porque prometi remetê-la para Madrid o mais rapidamente possível.

4- O VB. entregou ao RA, em Rabat, um fita gravada com uma conversa telefónica [sic] de 2 horas que êle tivera com o Cerqueira. Nela há passagens que nos interessaria conhecer, sobretudo relacionadas com o EG. Vê se ma fazes chegar às mãos para podermos apreciar o que nela se diz.

5- Fui convidado para assistir ao Congresso do Movimento Europeu que se realiza em Cannes nos dias 1,2 3 3, por isso não poderei assistir à comemoração do 5 de Outubro que se realiza a 3, aqui em Paris. Ontem, numa reunião do Comité, chegou-se a uma

plataforma de acordo com o Guerreiro, para que tal reunião se faça num espírito de unidade contra o inimigo comum.

Um abraço para ti e para a Maria Emilia Chico

132.

Paris, 13 de Outubro de 1965

Meu querido Tito:

1º) Do que foi a manifestação do 5 de Outubro já tens conhecimento. Eu não estive presente porque fui convidado para assistir ao Congresso Extraordinario do Movimento Europeu que se realizou em Cannes nos dias 1, 2, e 3 de Outubro. Deixei para ser lida uma saudação de que te envio cópia.

2º) A presença no Congresso do Movimento Europeu teve a maior importância, porque nele se discutiu o Alargamento da Comunidade Europeia e se propunha fazer um convite aos países da EFTA para se integrarem ou associarem ao Mercado Comum. Como os países da Zona de Comercio Livre (EFTA) a que pertence Portugal são todos democráticos à excepção do nosso. Falava-se da entrada dos 7 sem referir a necessidade prévia de Portugal reformar as suas estruturas políticas e económicas para entrar numa comunidade cujas instituições supranacionais estão submetidas ao princípio da eleição democrática e não de culminar num parlamento europeu cujos membros serão eleitos por sufrágio directo. Levantarei o caso da nossa excepção e consegui que fosse inscrita a necessidade previa da reformas das estruturas em Portugal como condição para a sua entrada.

Precisamos agora organizar a Secção Portuguesa do Movimento Europeu antes do Congresso próximo no começo de 1966. Tenho insistido com o Mario a quem enviei todo o formulário para recolher assinaturas de personalidades solicitantes que representem as três correntes políticas: liberais, democráticas-cristãs e socialistas. Relatei-lhe por carta o que se passou no Congresso para o entusiasmar, agora estou aguardando. Isto é tanto mais importante quanto é certo fui informado que o governo português solicitou um convite para assistir ao congresso que lhe não foi enviado.

Digo-te isto a titulo de informação particular pois não convém aludir ao facto na Rádio.

3º) Quanto à minha ida aí ficou combinado com o VB que se eu aí fosse iríamos ainda ter com êle a Oudja para conversarmos sobre os n/ problemas. Aguardo que me digas se a Junta está ainda interessada em ouvir-me. Sobre a ida a manda do Fernando

133.

Alger 24 de Outubro de 1965

Queirido [sic] Chico

Respondo à tua carta de 15, que agradeço.

1º) Ignoro em absoluto, contrariamente ao que supões, o que se passou por aí no 5 de Outubro. De meu conhecimento só aqui recebemos cópia duma mensagem que se leu na rádio e agora cópia da tua.

2º) Considero, como tu, muito importante o trabalho que foste fazer no Congresso do Movimento Europeu e como tu também penso que seria muito util organizar-se a secção portuguesa antes do próximo Congresso, mas pouco ou nada te posso auxiliar – se ajuda fosse precisa por não conhecer os passos que será necessário dar. Pensas numa Secção de portugueses do estrangeiro? Só de Portugal? Ou incluindo de cá e de lá? A Secção pode criar-se por vontade própria ou precisa de agrément do Movimento? Neste ultimo caso ja o obtiveste?

3º) Achava ótimo que aqui viesses e depois nos encontrássemos com VB. Não sei como responder-te sobre o interesse da Junta em te ouvir acerca da ida eventual do F. a Espanha. Este e eu temos interesse, os outros não se mostram interessados e pensam que d'vias [sic] ter talvez discutido o assunto antes de la [sic] teres ido.

Ha o receio de se dar uma caução à Justiça fascista espanhola na qual por principio se não pode acreditar. Por mim estou convencido do que dizes. Que os espanhóis estão interessados em lavar as mãos e que se não nos poderem atirar com as culpas para cima – o que não poderão, pois será difícil inventar- não hesitarão em as atirar para cima da Pode. E disso ja em certa medida se mostraram capazes. Mas é evidente que só discutindo o assunto contifo [sic] se poderia escolher uma linha de actuação.

Quanto ao problema das massas eu ja o puz na Junta sem grande sucesso. Acontece Chico, que alem deles se não esclarecerem quanto ao interesse que ligam à tua viagem, tu nunca disseste nada sobre um dinheiro que tinhas para certas despesas e quando me perguntam não sei responder. Penso que se esclarecesses este assunto [sic], o que te não é difícil [sic] dado o que tens dispendido [sic] do teu bolso com inúmeras deslocações que fizeste para tratar de assuntos ligados com a Frente, a coisa seria mais simples. Eu sou um desageitado [sic] a falar nestas questões, mas tu comprehendes-me.

Quanto à tua vinda aqui, julgo que se justifica mesmo por conta da RRS ou da ASP, como preferires. Podias aproveitar a tua ida a Toulouse e saíria a coisa mais barata. Nós aqui poderíamos arranhar-te cerca de 200 francos e tu combinando com o VB poderias arranjar o resto. Manda dizer se concordas com sugestão para te enviar a massa.

4º) Pelo telefone disseste-me que irias a Toulouse [sic] fazer uma Conferência, o que em principio acho estupendo e significa que estás em plena actividade. Mas não te parece Chico que nós teríamos toda vantagem em coordenar um pouco aquilo que fazemos? Tu és um homem de “roda livre” e és certamente ultrapassado pelas coisas que vais deixando pelo caminho, por falta de tempo, por impossibilidade de as acompanhares todas. Tudo isto merecia uma conversa séria que aqui poderíamos ter e por isso te peço que aceites a minha sugestão anterior. Estou certo que VB concorda com ela. Para que o nosso trabalho possa render é preciso criar condições para funcionarmos em termos partido.

5º) Vem a propósito falar em eleições e ASP.

Quando estava a dirigir uma “mensagem” aos micros da Voz da Liberdade [sic], fui interrompido com a notícia de que os nossos amigos tinham desistido. Foi um verdadeiro balde de água fria. Tu nem podes imaginar o que foi aqui a minha luta para travar as investidas contra os que não se não falasse a linguagem PC, para que se não tomassem atitudes capazes de estabelecer ainda uma maior confusão lá dentro. Em resumo bati-me como um leão e consegui bastante.

Quando aparecerem as candidaturas embaixo em arco. São maus são isto, são aquilo, mas o que é verdade é que são os únicos. O argumento que tinha nas mãos era de fora e abria-me largas perspectivas. E no fim de tudo, desistem! Acabaram assim com as poucas possibilidades de aproveitamento da campanha. Resta a lista de Braga, que não percebo porque se mantêm.

Gostaria de receber o documento da desistência que certamente veio publicado nos jornais. Não mo podias mandar? Tinha urgência.

As candidaturas aparecem sob a inspiração da ADS o que me faz crer que a ideia de se apresentar a ASP não foi por diante [sic] e que regressaremos à única hipótese viável que é a do partido clandestino deixando de pensar em utopias. Mas agora que o Carlos não pode cá aparecer não vejo ninguém com quem manter diálogo. Os outros recusam-se sistematicamente como se tivéssemos lepra ou coisa parecida. E é preciso dar um empurrão nisto. Aliás penso que o Carlos devia muito simplesmente fazer as malas pois o que de mais certo é ir parar com os ossos na cadeia logo a seguir às eleições, como [sic]

é costume. E desta vez vão conserva-lo lá. Se o pudesses prevenir deste meu receio, que lhe lembraria a hipótese, talvez se resolvesse. Que pensas?

Tu desligaste do Gervásio? Parece que está desenvolvendo certa actividade util nos Sindicatos. Não achas que teria interesse chegar com ele a um acordo [sic] que nos permitisse formar uma base socialista entre a emigração capaz de constituir a base inicial dum partido socialista. Não conheço o homem. Só sei que estava ligado com o PS mas parece que agora não pucham [sic] na mesam [sic] direcção. Mas tudo isto só de viva voz se pode discutir.

Eu penso que devíamos tentar dar daqui de fora o ponta pé de saída para a formação dum autentico partido socialista, que deveríamos reunir [sic] uns tantos e tomar certas resoluções ja que a coisa não anda lá dentro. Que essa reunião era urgente. Que devias tomar a iniciativa de a convocar dirigindo-te a uma duzia de pessoas que sabes estão dispostas a trabalhar nesse sentido e que pensam todas mais ou menos como nós. Dirás que tenho a mania das conferencias, mas a única forma de fazer trabalho util é fazer trabalho colectivo e para isso há que integrar uma organização. Era uma tentativa, era mais uma tentativa, mas talvez desse resultado. E nós ja não temos muito tempo na nossa frente. EU pelo menos.

Se estivesses disposto a enviar um convite a amigos nossos que se encontram espalhados por esse mundo fora e que aguardam que alguém tome essa iniciativa. Se quizesse estudar o assunto a sério e andar com ele para deante penso acabaríamos por criar realmente a força politica capaz de combater o fascismo e de se impor na direcção da luta como se torna necessario. Tu dirás.

6º) Quando o Mário esteve preso escrevi a diversas pessoas e entre elas ao Vittorelli do PSI. Falava-lhe na necessidade do PSI interceder no assunto das prisões e sugeria-lhe que fossemos convidados para assistir ao próximo Congresso que eles realizam em Novembro.

Diz-lhe que o convite poderia ser enviado por teu ou por meu intermédio. Até hoje o sujeito [sic] não me respondeu. Não queres insistir com ele. Eu falava-lhe em nome RRS contudo ele está mais ou menos ao corrente, pelo Carlos, do que se decidira quanto à ASP. Isto agora claro que vai ser uma nova trapalhada que só se esclacera [sic] de vez com a formação dum partido que se chame Partido. Ele alías mostrou-se disposto em conversa como Sertório a ajudar à formação dum Partido Socialista mesmo no estrangeiro mas entendia indispensavel a presnça [sic] operária e aqui Gervásio poderia ser util.

Queres escrever-lhe a falar no Congresso, referindo-te à minha carta para ele não dar erros de interpretação?

7ª A reunião dos portugueses antifascistas parece que vai para diante [sic]. Tenho-me posto um pouco à margem, pois não estou vendo claro. Entretanto gostava de saber se pesnas [sic] que devo indicar nomes para serem convocados e quais. Tu vais certamente receber uma carta explicativa. Queriam que eu fizesse parte da Comissão organizadora mas furtei-me. É constituída pelo RA e PS. No fundo é uma deturpação daquela que eu sugeri, pois limita-se à Europa e Marrocos, apresenta-se com aspecto de sessão de trabalho, na qual participaram só pessoas dispostas a ajudar, a tomar iniciativas dentro do quadro FPLN.

Voltarei ao assunto. Aliás o Poeta deve ter falado contigo sobre isto.

8º) Espero que tenhas paciência para ler esta carta até ao fim. Ela é uma amostra dos problemas que devaríamos [sic] discutir a fundo. São três páginas e poderiam ser vinte. Fico aguardando a tua resposta. Saudades nossas para ambos e um abraço amigo do

Tito

134.

Paris, 28 de Outubro de 1965

Querido Tito:

Afinal se o teu telefonema tem vindo 24 horas mais tarde eu já teria eu meu poder a resposta do PSI que me acaba de chegar às mãos.

Envio-te, para que o leias, o convite oficial, e aguardo que mo devolvas o mais rapidamente possível com a indicação da decisão que tomas quanto à tua ida ao congresso. Embora só nos paguem a estadia em Roma eu acho que não debes exitar: é mais um sacrifício para as cordas do sino, as despesas da viagem a Roma, mas valerá a pena não só porque poderemos falar de viva vós dos nossos problemas mas ainda porque teremos a possibilidade dum contacto com as delegações dos principais partidos socialistas incluindo o inglês que costuma mandar importante delegação.

Na carta que o Vittorelli me escreveu para acompanhar o convite oficial, diz-me que não serão lidas mensagens na triouna [sic] doutros partidos, abrindo-se apenas a excepção para a delegação portuguesa e espanhola.

Dessa carta a parte que te diz respeito:

“Cette invitation vous est adressée au titre de “Acção Socialista”, mais vous pouvez faire accompagner si vous l’estimer utile et si les camarades de l’intérieur sont d’accord d’un représentant de “Acção Socialista” au sein du Front Patriotique de Alger”.

Meu abraço e até [...]

Chico

135.

Alger 30 de Outubro 65

Querido Chico

Junto devolvo o corrente do PSI.

A confusão que arranjaram com ASP e RRS é uma coisa triste. Enfim falaremos.

Pela parte da carta do Vittorelli, que me transcreves, vê-se que eles não querendo comprometer-se a um convite directo à Junta arranjam um detor. Já é qualquer coisa.

Falei com V.B. que em principio está de acordo em ir também, mas só pode confirmar em meados da próxima semana. Penso que poderias incluí-lo na delegação e depois se não perder a paciência.

Insisto na vantagem que haveria em incluir um operário e o Gervásio, na sua qualidade de Sindicalista teria interesse. Eu não conheço o homem, só tu podes avaliar, mas ele ou outro, tinha interesse.

No corrente pedem a qualidade dos delegados, penso que deves dizer que tu presides a delegação e nós seremos somente delegados da ASP.

Como vês, vou fazer das tripas coração e vou!

Quero propor-te o seguinte programa: Eu partiria daqui com V.B. (eventual) no domingo 7 e encontrava-te em Geneve onde ficaríamos até 2ª a noite.

Tomaremos o comboio e chegávamos 3ª feira de manhã a Roma.

Teríamos assim tempo de conversar antes e de afinar agulhas. Em Genève, como sabes, não fazemos despeza para ti fica até em caminho, salvo erro.

Deves levar já feita a tua intervenção que eu sugiro foque problemas concretos: eleições, Delgado, posições dos nossos amigos, como do apoio Salazar Rodéisa [sic], NATO, necessidade de recebermos [sic] ajuda eficaz das dos socialistas do mundo inteiro, nossos esforços organizativos dentro das dificuldades existentes, etc.

Tu conheces o latim e isto são só lembranças. Falar no movimento operário e cooperativo. Referir Varela Gomes como socialista preso. Estudantes expulsos, necessidade de bolsas.

Como vês, vou escrevendo, à medida que me lembro. Se puderes, leva contigo correspondência que tenhas trocado que julgas de interesse nós conhecermos e trocamos impressões.

O Mario Ruivo deve ai estar, mas regressa a Roma a 10, segundo que disse a mulher a quem telefonei há dias. Podias combinar com ele uma pequena reunião a 11 para darmos uma tournée [sic] geral sobre os nossos problemas.

O que foi a tua conferência?

És sucinto até ao desespero...!

Saudades vossas, responde se concordas como programa de viagem, até breve.

Um abraço do sempre amigo

Tito

136.

Alger 31 de Outubro de 1965

Querido Chico

Penso que estarás de acordo comigo de que devemos tentar aproveitar ao maximo a nossa presença no Congresso PSI. É salvo erro a primeira vez que uma delegação portuguesa participa num congresso dum partido italiano, desta importância, que faz parte do Governo.

Sendo assim vou tendo ideias e mando-tas para tu escolheres entre as absurdas e as aproveitáveis, e quanto a estas dar-lhes seguimento sem mais discussão, alterando até se fôr caso disso.

Como me dizes que fazem uma excepção relativamente às delegações portuguesas e espanhola, perimitindo [sic] que falem numa sessão, isto já uma grande coisa mas que precisa ser explorada.

Assim penso que deviammos [sic] tentar fazer aprovar uma moção mais ou menos nos termos da minnuta [sic] que mando junto. Não sei se seria boa tactica dares a conhecer ao Vittorelli esde ja a intenção ou seria preferível só depois de la estarmos. Esta ultima hipotesetem as suas vantagens mas permite dizer que é impossível por não haver tempo para se pensar no assunto. Por outro lado parece-me que seria mais correcto mandar-lhe desde ja o texto para que ele o altere se entender que o deve fazer para garantia do sucesso. Tu farás como achares melhor.

Não vem ninguém cá fora agora? Era fácil garantir o segredo da presença, da pessoa, e seria muito importante se comparecesse alguém do interior. Não podes dar um grito neste sentido?

Por hoje é só isto.

Esclareço que puz a questão ao VB em termos condicionais, isto é, que não havia ainda a certeza do convite mas que era quase certo. Isto para te dar margem, pois não sei até que ponto estamos autorizados a alargar a representação, embora o convite não [sic] ponha restrições quanto a número e mais um menos tanto faz. Não sei se o Vittorelli te diz alguma coisa sobre o assunto.

Um grande abraço do sempre amigo

Tito

Sugestão de “última hora”:

Não te parece que poderíamos distribuir no Congresso um papel que chamaríamos “Resistencia Socialista” e um sub-título “Órgão da Acção Socialista Portuguesa”? Uma folha impressa dum lado e o outro lado com uma saudação aos Congressistas e Delegações (1/2 página) e do outro lado com certos [...] sobre a nossa política? – se levarmos a coisa preparada, mesmo em Roma se faria a tiragem a ciclostilo.

Mais um xi do Tito

137.

Paris, 2 de Novembro de 1965

Querido Tito:

Chegado de Toulouse vim encontrar a tua carta de 30 de Outubro a que respondo brevemente por falta de tempo e não por falta de consideração, tanto mais que dentro de dias estaremos [sic] em Génève e depois Roma. Espero chegar a Génève no dia 7 num comboio que parte daqui pela manhã. Telefonarei a teus filhos logo à chegada.

Respondi hoje ao Vittorelli [sic] incluindo abusivamente o nome do Victo Blanc, porque êle na carta que me escreveu apenas falava no meu nome e no do nosso representante em Alger. Como são eles que convidam e pagam a estadia em Roma, era natural que nós tivéssemos que cingir ao número que indicaram. Vamos lá ver se não dá bronca!

Portanto está combinado que ficaremos dois dias em Génève para discutir os assuntos da ASP. Daqui não possibilidade de ir mais ninguém. Se do interior, entretanto, deitar cá algum farei tudo para que nos acompanhe.

Sobre a posição do Gervasio e trabalho que temos feito depois falaremos.

Tomei nota das sugestões para a intervenção e para a ordem de trabalhos da reunião da ASP.

Amanhã devo encontrar-me com o Mario Ruivo que já está em Paris mas a quem ainda não falei.

A conferência em Toulouse realizou-se a convite do Athenco Espagnol daquela cidade que dominado pelos socialistas e sindicalistas versou o tema de Portugal e o Ocidente em desenvolvimento dum artigo que acaba de sair no número de Outubro na revista da CISL que é publicada em varias línguas e tem expensão em todo o mundo. Levarei um exemplar. Agradou muito e o órgão do Partido ociliasta [sic] “El socialista” fez-me depois uma longa entrevista que vai ser publicada. Depois te contarei com mais permonores [sic] o que se passou.

Do interior não tem chegado correspondência e estou sem resposta a três cartas minhas que tenho a certeza foram entregues por mão própria.

Um abraço para ti e para a Maria Emilia do Chico

138.

Paris, 2 de Dezembro de 1965

Meu querido Tito:

1- Também eu insisti para eu viesse cá alguém e disseram-me que durante as férias da quadra natalicia cá viria o JRS. Este não veio mas apssou [sic] por Paris o VGF com quem pude falar durante 2 dias. Informou-se do meritoso trabalho do Carlos para conseguir que a ala direita do Directório assinasse o manifesto, no que revelou grande habilidade política e até audácia nos progressos utulizados [sic]. Felizemnte [sic] a coisa resultou, porque o governo apesar de ter açulado dos cães dos ultras para que levantassem o povo com a exploração da demagogia patrioteira, estes viram-se isolados, pois as manifestações organizadas foram um fiasco. Se assim não tivesse sucedido, os nossos melhores amigos teriam sido alvo de ultrages [sic] violentos na sua pessoa moral e física, e alguns dos que tinham assinado o manifesto tê-los-iam abandonado. Isto é o próprio VGF que mo diz, sublinhado que a desistência a curto prazo em presença da nega do governo a satisfazer o ultimato, impunha-se por muitas razões, mas a principal, afirma êle que é insuspeito porque pertence ao número dos que em politica colonial puxa à direita dos nossos amigos, é que, se a campanha se prolongasse e tivessem havido as costumadas entrevistas muitos dos perguntados teriam afirmado posições em contradição com a política de

autodeterminação, tal como foi defenida [sic] no manifesto e eles próprios subscreveram. Estás a adivinhar as explorações que o governo faria de tais contradições!

Não és só tu que estás em maus lençóis [sic] aí em Alger com a precaridade do nosso contacto com o interior, eu não estou menos, quer em relação aos membros da frente aqui em Paris, quer em relação aos contactos que estabeleci com organizações estrangeiras e internacionais.

Quanto às nossas relações com a Frente acho que devemos acabar com a situação de ambiguidade de representantes da RRS que realmente não existe, e afirmar, que foi a própria JRP que preferiu a situação ao corte que estava eminente [sic] a quando da visita do Carlos.

Continuaremos com membros da Conferência, se assim o quiserem, mas exigindo o pleno respeito da nossa qualidade e não permitindo [sic] provas de desconfiança como essa que o P. te acaba de fazer, e em que estavam evidentemente coniventes RA e MS, de te esconderem o nome do candidato a deputado a convidar.

Quanto ao que P. chama o meu corneamento [sic] da Frente, tal afirmação resulta somente de eu lle [sic] não ter respondido às perguntas insidiosas sobre a minha actividade no âmbito da ASP. Aliás, nem o MAR nem o PC me dão conta de actividades idênticas, que concernem à vida das próprias organizações. Há apenas uma diferença [sic] entre mim e eles; é que eu afirmo sans ambages a minha atitude e eles, ou são omissos, ou fingem uma lealdade para com a Frente que efectivamente não existe.

O plano do P. é por demais claro: pretende agora voltar à carga com a velha ideia de fazer da Frente um superpartido, atitude esta que se compreende, uma vez que no interior está muito desacreditado e são por demais conhecidas as suas habilidades, intrigas e total deslealdade para com os amigos: quem o tomar por companheiro tem de jornada tem de precaver-se contra as caneladas mais inesperadas.

2- Do encontro nada sei além do optimismo dos que nele participaram – refirmo-me aos dirigentes – pois a falange da base não partilha dele com o mesmo entusiasmo, e alguns me tem afirmado [sic] que era bom que eu lá tivesse ido para quebrar o coro de falsa concórdia e ambiente de passa-culpas em que decorreram os trabalhos. O CR que me escreveu, disse-me que foi agarrado pelos cabelos pelo P, em Gênêve, que à fina força insistia para que êle viesse assistir: uma sessão bastou para se desiludir e, alegando doença, não voltou a comparecer. Aquando da organização do encontro não foi levantada oposição a que êle fosse convidado?

Pometeram [sic] em carta assinada pelo RA que me enviariam as conclusões dos trabalhos mas até hoje não apareceram, embora eu saiba que outros já [sic] as receberam.

Aquando da insistência do P. para que eu viesse a Roma, afirmei-lhe que não compreendia que tu sendo o encarregado do pelouro dos núcleos da emigração não fizesse parte da delegação da JRP; respondeu-me que foste tu que não quiseste participar e um membro do PC daqui disse-me que a tua tarefa foi a de organizar o Encontro e com missão vieste a Geneve com despesas pagas pela Frene. É verdade?

3- Deves escrever aos amigos italianos do PSI a insistir no que ali combinámos, para que consigam arranjar o lugar

Eu tomo a responsabilidade pela opinião do interior, porque os informei da decisão e lhes disse que a patrocinava. Aliás, disse ao VGF para lhes transmitir verbalmente aquilo que já lhes dissera por escrito, e este de acordo comigo é de opinião que deves tomar já como resolvido o apoio à tua vinda e seguires nas tuas diligências junto dos italianos.

4- Claro que continuo interessado na reunião, mas para que ela tenha significado é indispensável a presença dalguém do Interior com quem possamos dialogar.

5- Gostaria que te explicasse melhor quanto ao convite ao Carlos para fazer conferencias na Europa e também da “orientação recente” que opõe o P. ao PC.

[...]

Abraça-te como sempre o velho amigo

Chico

139.

Paris, 3 de Dezembro de 1965

Querido Tito:

Depois que nos separámos em Roma não tive ainda oportunidade de escrever-te. Chegou agora o momento.

Recebi uma carta de Lisboa (JRS) a que respondi logo de seguida para aproveitar o regresso do portador. Pela cópia da resposta que te envio julgarás do seu conteúdo.

Também segue com esta cópia da carta que escrevi ao Piteria [sic] quando regresssei a Paris, para que fiques informado do que lhe disse, pois ignoro se êle te mostrou o original. Ele passou por aqui e procurou que eu fosse à reunião de Trabalho que ao que parece se realiza em Itália no fim desta semana. Ao chegar a Paris uma operação importantíssima ligada com o assassinato do General Delgado de origem alemã, mas da qual serei um ele

importante tornou-se praticamente viavem [sic] com a presença das pessoas qui aqui vim encontrar. Partiram já para Portugal e Espanha e eu, entretanto, tenho de manter-me em Paris para estabelecer determinadas relações. Era, portanto, impossível deslocar-me ao Encontro. Mas acresce também que analisando politicamente o problema em função da forma como foi organizado, da qualidade dos convites feitos e da agenda dos trabalhos, acho conveniente estarmos ausentes principalmente tendo em atenção o local onde vai realizar-se o Encontro.

O Dores escreveu-me, assim como o Victor, e ambos se colocam na minha posição. O Andrade e Silva também não irá, jantei com êle esta semana e disse-me que só iria ee [sic] eu tomasse a resolução de ir. Creio que o MAR estará representado com as figuras mais gradas.

Após as conversas que tive como Morgan recebi uma carta de Londres bastante esperançosa o nosso caso vai ser posto ao secretario geral do LP e eles pedem que me desloque a Londres para acentarmos [sic] nos laços de colaboração a estabelecer com eles. Logo que a operação em curso, de que te falei acima, estiver conclusa, partirei para a verde Albion.

De Italia já te escreveram? Eu recebi o extrato duma intervenção do Vittorelli no Senado a que aludo na carta para o Zé, feita já depois da nossa saída.

Um abraço para ti e para a M. Emilia do Chico

140.

Alger 4 de Dezembro 1965

Meu querido Chico

Recebi hoje a tua carta datada de ontem que acompanhava cópia de duas outras. Obrigado.

1. havia-se dito antes de partir que recebera uma carta tua, mas discreto como sempre não ma mostrou nem referiu o conteúdo. Curioso, numa carta que me escreveu daí queixava-se com ironia mordente dos “nossos segredos”. Eu, porque lhe não contara o nosso encontro com C. Rego que ele veio a conhecer pelo próprio em Genève, tu, guardavas um segredo “de Estado” imponente nas tuas pantufas, sentado na poltrona...

Ontem soube pela Estela, que recebera a notícia do marido, que o Chico Mendes estava em França! Eu sabia que ele contava por aí passar perto do Natal, mas ignorava inteiramente que já tivesse chegado.

Sentei-me à mesa e comecei a escrever-lhe uma carta, mas não persisti e ha poucos minutos fiz uma chamada telefónica para C.Ferand na esperança de o encontrar. Eu sou no fundo um sentimentalão, amigo do meu amigo, e esperava poder aproveitar a estadia dele por aqui para o abraçar. Soube com surpresa, e com desgosto que estava em França desde os princípios de Outubro! Caramba! Será que tenho peste?

Claro que já não lhe propuz um encontro, dado que o desejo unilateral não chega. Tenho francamente pena, mas que se há-de fazer?

Por outro lado também não percebo porque tu me não informaste.

Ele soube por exemplo que tínhamos ido a Roma. Paciencia!

1- Não tenho conhecimento da intervenção do Vittorelli. Se tiveres uma cópia manda-ma. A Voz da Liberdade de com destaque a noção aprovada no Congresso e a noticia da nossa presença. Eu enviei, apesar de tarde, cópias para vários jornais e agências estrangeiras.

2- Escrevi uma carta ao Ayelo agradecendo a forma como tínhamos sido recebidos e pedindo que transmitisse os agradecimentos a todos os outros. Pedia-lhe ao mesmo tempo que pelos meios de que dispõe ou que arranje, fizesse chegar uma outra carta aos amigos. Nesta carta tratava de dois assuntos. Falava-lhes na minha ideia de me transferir para ali a fim de podermos acompanyar [sic] mais de perto, naquele importante local, os nossos assuntos. Vejo pela tua cópia que voltaste a insistir também, mas fiquei sem perceber muito bem se puzeste o caso como de interesse politico, principalmente, ou se o apresentaste como de necessidade pessoal. Como sabes o ultimo caso não se verifica embora me agradasse a ideia, principalmente porque estou farto disto ha muito tempo, como por diversas vezes vos disse.

O segundo assunto era o velho assunto. A necessidade imperiosa de falar! De assentar ideias, de definir as coisas, apoiava aliás um pedido que daqui fora feio no mesmo sentido e dizia que se poderia aproveitar a ocasião para tratarmos também dos nossos próprios problemas.

Pedia ao Ayelo que me informasse com urgência [sic] caso não pudesse por qualquer razão fazer seguir a carta. Até hoje, já la vão cerca de oito dias, não me respondeu. Penso por isso que a carta terá seguido.

Julgo que pensas como eu, que se impõe fazer o balanço de tudo o que se passou e tomar certas decisões quanto ao futuro e que isto se não consegue nem por carta nem com dialogo, ainda por cima, pode colocar-nos em situações difíceis por adnarmos [sic] a fazer acreditar em coisas que existem mais do nosso desejo do que na realidade. É pelo menos uma situação levada da breca. Não concordas?

3- Na impossibilidade dum encontro geral – ou se este fôr atirado para as calendas gregas – eu volto a insitir [sic] contigo para tomares a iniciativa de promoveres um encontro entre gente cá de fora.

Tens hoje gente capaz para, pelo menos, alinhar decisões que facilmente se enviariam à consulta dos nossos amigos. Isto se quisermos realmente tirar de todo o nosso trabalho aqui, o proveito, as vantagens que as actuais condições nos proporcionam. E, se os nossos amigos se interessam alguma coisa pelo trabalho externo, continuo e eficiente eu só acessoriamente o consideram util.

Pensa neste assunto. Lembra-te que era possível juntar em termos partidários, um J.R. – um A.S – um C (não me lembro do 1º nome) – um C.R. um V.B. e outros ainda de quem te lembrasses. Penso que até o Sertório seria util. Se te convencesse como eu estou convencido da necessidade duma reunião deste tipo à falta de melhor, era facil organiza-la. Enquanto será pouco mais do que inútil. Manda ao menos dizer o que pensas sobre esta sugestão.

4- nada sei do que se está passando sobre o encontro previsto. Como tive ocasião [sic] de te dizer desinteressei-me do assunto por razões semelhantes às tuas e aguardo os acontecimentos. Comunicarei o que se passar.

5- Ja sabes exactamente quando vais a Inglaterra? É importante prepares bem o que vais fazer. O momento é dos mais oportunos, tanto mais que apesar do que nos foi dito, eles apoiaram o Salazar na ONU. Era uma boa cunha que se metia se ali conseguíssemos algo.

6- Sempre gostava de saber quais foram as atitudes e os documentos que subscrevi em “discrepância com a nossa política”?

Tambem não percebo bem a confusão que fazes entre nós e o Directório. Esqueces-te que contrariamente ao que dizes não foram publicados em Boletim da Frente, cirticas [sic], mas – é certo que abusivamente – fizeram publicar opiniões pessoais em papel com uma FPLN. A censura prévia a estas coias [sic] é impossível. E se tens razão quando dizes que me isolaram, ja não é tão verdade dizeres que mesmo assim Vocês me dão força, que bem melhor podia ser aproveitada se o quizessem.

Saudades nossas da Maria do Carmo e um abraço do sempre amigo

Tito

141.

Paris, 10 de Dezembro de 1965

Meu querido Tito:

No mesmo dia em que te enviei para aí um exemplar do órgão do Partido Socialista Espanhol com uma entrevista que lhe dei, aquando da minha visita a Toulouse, pra fazer a conferencia que te anunciei recebia a tua carta de 4 do corrente a que respondo.

1º) Precisamente porque conheço o P. é que te enviei cópia da carta, porque admiti, e com razão, que êle, aludisse à sua recepção sem ta mostrar. A referência que me faz simbolizada nas “pantufas” e no “segredo de Estado”, não me aquece nem me arrefece, conheço-o demasiado bem para saber que a doçura de trato afectuoso que na minha presença não tem a solidez dum sentimento de amizade forte m euse [sic] pode confiar. Quanto mais amigo é íntimo é d’alguém mais versátil, injusto e inconveniente se torna nas suas reações. Por isso cultivo hoje nas minhas relações com êle um distanciamento que, cada vez mais se acentua.

2º) Do encontro nada sei por enquanto, mas limitou-se ao PC e ao MAR. Quando os peregrinos da verdade funcional e disciplinada chegarem, te direi do que souber. Por teu lado esepro [sic] que faças o mesmo.

Um ponto há que gostaria conhecer e tu estás em condições de me esclarecer.

As despesas com o Encontro ficaram a cargo da FPLN?

3º) Não te posso remeter para aí a intervenção do Vittorelli no Senado, porque a enviei para os nossos amigos do Interior.

Quando disse aos nossos amigos que tu “podias fazer um trabalho útil em Roma” é óbvio que me referia a trabalho político.

4º) Quando o XM por aqui passou a primeira vez, a caminho de Clermont, não o vi porque estava ausente. Da segunda disse-lhe que tu gostaria de ouvi-lo e pedi-lhe para que te telefonasse. A cada um as suas faltas!

5º) Quanto ao encontro dos quadros da ASP no exterior, pois que só êste depende de nós exclusivamente, concordo que êle tenha de fazer-se logo que possível, isto é, logo que do Interior nos dêem mais informações do trabalho realizado e prespectivas [sic] e mesmo um ou mais presenças idóneas. Disseram-me que até ao fim do ano cá viria alguém de substância.

6º) Estou aguardando que os amigos ingleses me avisem conforme prometeram em carta que escreveram recentemente, da data para o encontro em Londres.

7º) Quanto ao Sertório, porque me sugeres na tua carta que seria útil a sua presença na reunião da ASP, acho que êle conhece perfeitamente a nossa existência e até hoje não fez um passo da sua iniciativa para juntar-se-nos. Bem pelo contrário, êle cujo passado é bem

minguado, atreveu-se e atreve-se a referir aos nossos amigos comm [sic] um desdém que resulta a seus olhos da falta de revolucionarismo teórico e pratico que se referem aos nossos amigos, apelidando-os de “burgueses e pouco decididos, já cá tenho a minha conta e o Sertório, que mal lhe cheirou a chamusco, deu às de Vola Diego para a embaixada a exemplo doutros grandes leaders, não está muito habilitado a fazer-se requestar como donzela particularmente dotada e virtuosa. Se quiser que venha, a porta está aberta, mas não acho que devas mendigar a sua adesão. Aliás os nossos amigos do interior pensam tambem assim.

8º) Não vale a pena entrarmos em polémica quanto à discrepância da politica da FPLN com a nossa em mais dum ponto: politica ultramarina, hierarquia dos meios e seu tempo de utilização óptima para a liquidação do salazarismo, apreciação realística das forças em presença dá Oposição, expressão dum radicalismo verbal inconsequente e irresponsável, etc. Quando me dizes que as infelizes declarações pessoais dos membros da JRP não foram publicadas no Boletim mas em papel comum sob capa da FPLN, onde se criticam os nossos amigos, acho que estás a levar longe a tua ingenuidade. E se é certo que tu não figuras entre os declarantes e fazes excepção honrosa, a verdade é que a opinião pública do interior e do exterior ignora a razão da tua ausência, e só esticando muito a boa vontade, poderá interpretá-la como discordância. Eu sei, porque tu me disseste, que tinhas escrito um papel de teor bem diferente, mas o publico ignora esse facto.

Com a [...] um Natal feliz para todos vós, vai o abraço amigo do Chico

142.

Alger 26 de Dezembro de 1965

Meu querido Chico

Tenho para responder a tua carta de 10. Recebi o jornal do PS Espanhol com a tua entrevista, que agradeço. Embora não possamos concordar em tudo, acho bom trabalho.

1- Sei que ja foi entregue aos destinatários a carta que lhes enviei, devem te-la recebido entre 10 e 12 deste mês. Sei que a tua mensagem sobre o mesmo assunto tambem ja a receberam. Quanto a resposta por meu lado, nada.

Dois pontos essenciais eu tratava: a minha transferência e a necessidade que se me afigura imperiosa de aqui vir alguém. A falta de resposta, até para dizer que existem e que conhecem a minha, a nossa, existência, leva-me a pensar que alguma ou todas das seguintes hipoteses se verificam:

a) que lhes não interessa a acção que estamos desenvolvendo aqui, que se desinteressam em absoluto da FPLN.

b)- Que lhes não interessa o trabalho que eu eventualmente poderia vira a fazer, ido para deante com a hipótese que apresentamos.

c)- Que não tiveram tempo... de estudar a questão.

Qualquer destas hipóteses levam-me a tomar a decisão que a seguir te vou comunicar, mas antes:

2- Tens provavelmente mais informações sobre o encontro do que eu. Para mim ele apresenta-se como a intenção da criação duma “nova JAPPA de Alger” agora à escala internacional. Do relato que te farei da última reunião da Junta, tirarás as tuas conclusões. Do que se Passou aí em Paris sei aquilo que P. me quis dizer. E entro outras coisas acusou-me de te divulgar segredos da Junta, particularmente que estamos a abarrotar de dinheiro, que tu depois referes em público. Alguma coisa lhe terás dito sobre isto que ele agora pretende aproveitar para rodear de segredos as suas actividades.

Respondendo ao ponto que te interessa (2º da tua carta) informo que uma grande parte das despesas correram por conta da Junta.

Ficou resolvido [sic] constituírem-se nos vários países comissões de trabalho destinadas à execução de tarefas concretas que duma forma geral oram defenidas [sic]. Dizem respeito sobretudo à criação de condições para se actuar junto das grandes reuniões internacionais, exemplo OIT, para se estabelecerem contactos com partidos e organizações nos diferentes países europeus, para se facilitar a publicação de boletins, etc. para se promover um estreitamento de relações da Junta com os vários elementos da emigração.

No aspecto exterior os resultados foram aceitáveis. Uma coisa porem se verificou e que foi facilitada pela minha intervenção no assunto, nós estamos e com agrado dos outros fora desta carroça. Somos muito reaccionários...mas servimos para cobertura. O P puxa por um lado, o PC por outro com a ideia de se comerem mutuamente as papas na cabeça. Digo-te que se trata duma orientação recente.

No quadro destas resoluções vão ser escritas diversas cartas para aí, sugerindo a vinda aqui para conversas, de diversas pessoas. Considero a medida util. Entre outras contam-se JR, ML, CM. e AS.

Se eles vierem gostava que antecipadamente me confirmasses qual a posição destes em relação a nós, para eu saber como agir.

3- Na reunião de ontem da Junta que terminou às 6 da manhã, concordei em deixar de responder pelo departamento dos “Nucleos de Emigração”. É ilógico, na situação em que Vocês me deixam, que tenha quaisquer responsabilidades específicas nas tarefas da Junta, isto até a abandonar definitivamente.

P. propôs que se aceitasse a hipótese de se ter um contacto com uma pessoa – ex candidato [sic] – que se recusou a nomear. MS e RA aceitaram,, eu opuz-me sem saber de quem se tratava embora me não ponha ao principio de se falar com toda a gente. P. justifica encobrir o nome porque pretende que a pessoa venha, dando assim a entender que eu o iria comunicar – a ti? – e que haveria o risco de divulgação. É evidente que com o ambiente de trabalho que se pretende novamente criar, não poderemos andar juntos. Vou portanto demitir-me com uma carta de que te enviarei cópia.

Tinha dois caminhos a seguir, ou fazer isto ou tentar fazer sair os outros. Mas nesta ultima hipótese só eu poderia estar interessado pois vocês todos não avaliam o interesse para a nossa luta desta arma que se fabricou e eu sósinho, não vale a pena. Tu dize e espalha-se que “conceias [sic] a Frente”, os outros estão-se nas tintas.

Nestas condições o melhor que tenho realmente a fazer é deixar isto e tratar da minha vida por outro lado. J estou tambem um bocado farto de ser bombo da festa. Que se arranjem [sic]!

4- Do XM nada sei. Telefonei-lhe, disse-me que gostou muito de me ouvir [sic] e que escreveria. Até hoje.

5- Não sei como te poudes [sic] passar pela cabeça que eu mendigasse a adesão do Sertório! Considero-o um elemento politicamente válido, com uma formação socialista de qualquer modo coerente mas daí a mendigar, bolas, vai uma grande distância. Nem ele nem ninguém!

6- Chegou-nos uma sugestão, vinda de fora, para que o Carlos viesse fazer na Europa umas conferencias sobre o General. Recusei-me a transmitir o convite.

7- Quanto às discrepancias políticas, temos conversado!

8- Junto à reunião que te sugeri, não estas interessado. Esperas que te caia alguém do ceu em vez de tratares do assunto por carta o que te seria facil. Paciência. Vocês é que devem ter razão.

Querido Chico, até à vista. Aqui vão os nossos votos para um próximo ano cheio de felicidade.

Abraço-vos com muita amizade o

Tito

ÍNDICE REMISSIVO

1. 20 de Fevereiro de 1962, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
2. 4 de Março de 1962, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
3. 6 de Março de 1962, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
4. 6 de Abril de 1962, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
5. 7 de Abril de 1962, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
6. 20 de Maio de 1962, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
7. 6 de Junho de 1962, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
8. 8 de Junho de 1962, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
9. 15 de Junho de 1962, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
10. 22 de Junho de 1962, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
11. 23 de Junho de 1962, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
12. 13 de Agosto de 1962, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
13. Sem data, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
14. 16 de Setembro de 1962, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
15. 4 de Outubro de 1962, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
16. 26 de Outubro de 1962, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
17. 7 de Novembro de 1962, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
18. 15 de Novembro de 1962, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
19. 11 de Dezembro de 1962, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
20. 28 de Janeiro de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
21. 4 de Fevereiro de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
22. 6 de Fevereiro de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
23. 11 de Fevereiro de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
24. 14 de Março de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
25. 26 de Março de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
26. 9 de Maio de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
27. 13 de Maio de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
28. 17 de Maio de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
29. 24 de Maio de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
30. 25 de Maio de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
31. 5 de Agosto de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
32. 11 de Agosto de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa

33. 13 de Agosto de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
34. 17 de Agosto de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
35. 29 de Agosto de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
36. 10 de Setembro de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
37. 19 de Setembro de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
38. 29 de Setembro de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
39. 10 de Outubro de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
40. 10 de Outubro de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
41. 26 de Outubro de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
42. 2 de Novembro de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
43. 11 de Novembro de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
44. 18 de Novembro de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
45. 1 de Dezembro de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
46. 5 de Dezembro de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
47. 9 de Dezembro de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
48. 15 de Dezembro de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
49. 22 de Dezembro de 1963, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
50. 23 de Dezembro de 1963, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
51. Sem data, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
52. Sem data, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
53. Sem data, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
54. 3 de Janeiro de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
55. 17 de Janeiro de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
56. 22 de Janeiro de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
57. 22 de Janeiro de 1964, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
58. 24 de Janeiro de 1964, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
59. 11 de Fevereiro de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
60. 17 de Fevereiro de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
61. 22 de Fevereiro de 1964, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
62. 3 de Março de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
63. 5 de Março de 1964, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
64. 23 de Março de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Moraes
65. 24 de Março de 1964, de Tito de Moraes para Ramos da Costa
66. 29 de Março de 1964, de Tito de Moraes para Ramos da Costa

67. 30 de Março de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
68. ? de Março de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
69. 12 de Abril de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
70. 15 de Abril de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
71. 26 de Março de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
72. 8 de Maio de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
73. 14 de Maio de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
74. 19 de Maio de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
75. 26 de Maio de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
76. 1 de Junho de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
77. 5 de Junho de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
78. 8 de Junho de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
79. 11 de Junho de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
80. 13 de Junho de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
81. 17 de Junho de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
82. 20 de Junho de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
83. 23 de Junho de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
84. 5 de Agosto de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
85. 12 de Agosto de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
86. 25 de Agosto de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
87. 30 de Agosto de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
88. 1 de Setembro de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
89. 3 de Setembro de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
90. 12 de Setembro de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
91. 23 de Outubro de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
92. 10 de Novembro de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
93. 12 de Novembro de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
94. 9 de Dezembro de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
95. 19 de Dezembro de 1964, de Ramos da Costa para Tito de Morais
96. 20 de Dezembro de 1964, de Tito de Morais para Ramos da Costa
97. 3 de Janeiro de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
98. 11 de Janeiro de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
99. 12 de Janeiro de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
100. 24 de Janeiro de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa

101. 7 de Fevereiro de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
102. 9 de Fevereiro de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
103. 14 de Fevereiro de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
104. 22 de Fevereiro de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
105. 11 de Março de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
106. 12 de Março de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
107. 13 de Março de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
108. 14 de Março de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
109. 28 de Março de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
110. 28 de Março de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
111. 30 de Março de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
112. 8 de Abril de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
113. 25 de Abril de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
114. 4 de Maio de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
115. 26 de Maio de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
116. 27 de Maio de 1967, de Tito de Morais para Ramos da Costa
117. 31 de Maio de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
118. 7 de Junho de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
119. 19 de Junho de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
120. Sem data, de Tito de Morais para Ramos da Costa
121. 2 de Julho de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
122. 12 de Julho de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
123. 13 de Julho de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
124. 21 de Julho de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
125. 23 de Julho de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
126. 8 de Agosto de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
127. 20 de Setembro de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
128. 27 de Agosto de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
129. 18 de Setembro de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
130. 20 de Setembro de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
131. 24 de Setembro de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
132. 13 de Outubro de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
133. 24 de Outubro de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
134. 28 de Outubro de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais

135. 30 de Outubro de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
136. 31 de Outubro de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
137. 2 de Novembro de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
138. 2 de Dezembro de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
139. 3 de Dezembro de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
140. 4 de Dezembro de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa
141. 10 de Dezembro de 1965, de Ramos da Costa para Tito de Morais
142. 26 de Dezembro de 1965, de Tito de Morais para Ramos da Costa

